

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Tese

Apelles Porto Alegre (1850–1917): a trajetória de um intelectual mediador

Chéli Nunes Meira

Pelotas, agosto de 2022.

Chéli Nunes Meira

Apelles Porto Alegre (1850-1917): a trajetória de um intelectual mediador

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Eduardo Arriada

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M479a Meira, Chéli Nunes

Apelles Porto Alegre (1850-1917) : a trajetória de um intelectual mediador / Chéli Nunes Meira ; Eduardo Arriada, orientador. — Pelotas, 2022.

255 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Apelles Porto Alegre. 2. Intelectual mediador. 3. Parthenon literário. 4. Jornal a imprensa. 5. Movimento republicano. I. Arriada, Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 370

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Chéli Nunes Meira

Apelles Porto Alegre (1850-1917): a trajetória de um intelectual mediador

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 30 de agosto de 2022

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Arriada (Orientador)

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr^a. Marcia Janete Espig

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr^a. Patrícia Weiduschadt

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho aos meus pais Delmar e Jandira por tudo que fizeram por mim para que eu pudesse realizar os meus sonhos.

Agradecimentos

*Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.
Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.
(BARROS, 1999)*

Inicialmente, quero agradecer a meus pais, Delmar e Jandira, que sempre me apoiaram em todas as minhas escolhas.

A minha filha Roberta e ao meu marido Roberto, que, por diversos momentos, abdicaram do lazer para me incentivar.

A minha irmã Scheila, pelo apoio de sempre.

A minha afilhada Eduarda, aos seus irmãos Helena e Pedro e a tia Marcininha. Vocês fazem parte desta história.

A todos os professores e colegas do CEIHE, em especial, às minhas companheiras de orientação, Andrea, Eneusa, Jaqueline, Liziane e Simôni.

Às amigas de todas as horas, Anna Beatriz, Carmem, Caroline, Mônica e Renata, que me apoiaram e incentivaram durante este processo.

Aos amigos Amanda, Leonardo e Viviam, pelo companheirismo.

À professora Eleonora Sobreiro Jaime, pela correção atenta do português.

A Jerusa, pelo suporte com os mapas.

Às professoras Eliane Peres, Vânia Thies e Maria Helena Abrahão.

Aos professores da banca de qualificação e defesa, Elomar Tambara, Marcia Espig, Patrícia Weiduschadt, Paulo Pezat, pela leitura atenta.

Ao meu orientador, professor e amigo Eduardo Arriada, pela paciência, o apoio e a dedicação durante todo este difícil processo. Sem a sua ajuda, não conseguiria ter chegado até aqui.

À CAPES, pelos dois anos e meio de financiamento.

A todas as instituições, arquivos e bibliotecas que consultei.

À Universidade Federal de Pelotas, por todos os anos de aprendizado.

E por fim, a todos que, devido ao ciclo da vida, não vão poder assistir a este momento, por diversos motivos, entre eles, a pandemia do Coronavírus. Em especial, ao Beto (Carlos Roberto da Costa Leite) amigo e incentivador.

Muito Obrigada!

[...] Se uma pessoa acredita que o valor da vida está nas pequenas surpresas, na causalidade das descobertas, no choque de algo novo, essa pessoa deve ir correndo ao arquivo (histórico ou intermediário) mais próximo. [...] (COX, 2017, p. 179).

Resumo

MEIRA, Chéli Nunes. **Apelles Porto Alegre (1850-1917):** a trajetória de um intelectual mediador. Orientador: Eduardo Arriada. 2022. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Esta tese de doutorado tem como objetivo investigar a trajetória de vida e o papel de intelectual mediador desempenhado pelo professor Apelles Porto Alegre. Para tanto, procura responder à seguinte problemática de pesquisa: Como se constituiu a trajetória do professor Apelles Porto Alegre e o seu papel de intelectual mediador? Apelles foi professor, diretor de escola e da Instrução Pública, jornalista, escritor. Esteve envolvido com a educação, a cultura e a política do Rio Grande do Sul, da segunda metade do século XIX até o início do século XX. Apelles estava envolto por uma rede de sociabilidade composta por seus irmãos Apolinário, Achylles e Lucio Porto Alegre e um grupo de indivíduos que se uniam em prol da sociedade, com a criação de instituições culturais, de escolas e clubes republicanos. O recorte temporal desta pesquisa deu-se entre os anos de 1850 e 1917, período de duração da vida do pesquisado. Para a construção teórica desta pesquisa, buscou-se refletir sobre os arquivos, trajetória, história de vida e biografia. Também buscou-se compreender questões referentes ao conceito de intelectual mediador e os estudos sobre imprensa. A metodologia utilizada é inspirada na micro-história. As fontes consultadas neste trabalho incluem o arquivo pessoal do professor Apelles Porto Alegre e de seus familiares, como anotações, boletins, cartões de visita, correspondências, recibos, telegramas, textos e um poema. Além dessas fontes, foram utilizados exemplares do jornal *A Imprensa*, o qual foi de sua propriedade, sendo ainda editor e escritor. Na Revista do Parthenon Literário, diversos textos de sua autoria foram publicados. O conjunto das fontes permitiu entender que Apelles, durante a sua trajetória atuando como professor, escritor, editor, orador e ator político na organização do movimento republicano, oportunizou que ele se constituísse como um intelectual mediador. Apelles, enquanto intelectual mediador, conseguiu transmitir seus conhecimentos, seja em seus discursos como orador, ou nos textos publicados em jornais e revistas ou mesmo em sala de aula, nos tantos colégios em que lecionou ou, ainda, nas reuniões do movimento republicano. Mesmo com tensões, Apelles, manteve-se atuante na sociedade e foi ator ao comunicar o seu saber, recebendo, para isso, o reconhecimento de seus alunos.

Palavras-chave: Apelles Porto Alegre. Intelectual Mediador. Parthenon Literário. Jornal *A Imprensa*. Movimento Republicano.

Abstract

MEIRA, Chéli Nunes. Apelles Porto Alegre (1850-1917): the path of an intellectual mediator. Advisor: Eduardo Arriada. 2022. 255 f. Thesis (Doctorate in Education) – Education College, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This doctorate thesis has as its goal to investigate the life and role of intellectual mediator performed by teacher Apelles Porto Alegre. In order to do so, it wants to answer the following researching question: How was done the life and work of teacher Apelles Porto Alegre and what is his role as an intellectual mediator? Apelles was a teacher, school principal and also from Instrução Pública, journalist and writer. He was involved with education, culture and politics from Rio Grande do Sul, since the second half of XIX century to the beginning of XX century. Apelles was surrounded by a social network made of his brothers Apolinário, Achylles and Lucio Porto Alegre, as well as a group of people that united to benefit the society, with the creation of cultural institutions, schools and republican clubs. The period in time of this research is from 1850 to 1917, Apelle's lifetime. To the theoretical construction regarding this research, it was sought to reflect upon files, life path, life history and biography. In addition it was worked to understand the concept about intellectual mediator and studies about the press. The methodology applied is micro-history. The sources studied in this work include the personal files from teacher Apelles Porto Alegre and his relatives, such as notes, bulletins, business cards, mail, receipts, texts and a poem. Besides those sources, it was used some samples from the newspaper A Imprensa (The Press), which was his own, and he was also editor and writer. In Revista do Parthenon Literário (Literature Parthenon Magazine), many texts made by him were published. The set of sources allowed to understand Apelles during his lifetime acting as a teacher, writer, editor, orator and political actor in order to organize the republican movement, giving him opportunity to make him as an intellectual mediator. Apelles, as an intellectual mediator, was able to pass his knowledge through his lectures as an orator, or by his texts published in newspaper and magazines, or even in classroom, in many schools in which he taught, or even in the meetings of the republic movement. Even with some tensions, Apelles kept working in the society and was a historical actor in the transmission of knowledge receiving due to it the acknowledgement of his students.

Keywords: Apelles Porto Alegre. Intellectual Mediator. Literary Parthenon, The Press newspaper. Republican Movement.

Lista de Figuras

Figura 1 - Organograma com a descrição da catalogação do arquivo pessoal do Professor Apelles Porto Alegre	45
Figura 2 - Listagem dos materiais guardado na casa branca pertencente a Delfina e Flora.....	54
Figura 3 - Boletim do Colégio Rio-Grandense	56
Figura 4 - Carta enviada por Diamantina Silva a Apelles Porto Alegre, em 8 de janeiro de 1905, na cidade de Porto Alegre.....	58
Figura 5 - Frente e verso do cartão de visita de Afredo da Costa Leite indicando sua cunhada para matricular-se no grupo escolar de Amélia Porto Alegre.....	62
Figura 6 - Recibo do pagamento de Apelles a João de Deos Gomes referente ao prêmio de sua letra	64
Figura 7 - Poema intitulado Página Negra, assinado com pseudônimo Velledo.....	67
Figura 8 - Imagem da lápide do professor Apelles e sua esposa Sinhá localizada no Cemitério de São Miguel e Almas da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre .	72
Figura 9 - Mapa da cidade de Porto Alegre com a delimitação do centro histórico - Mapa do Estado do Rio Grande do Sul com a delimitação da cidade de Porto Alegre - Mapa do território brasileiro com a delimitação do Estado do Rio Grande do Sul..	80
Figura 10 - Recorte do jornal <i>A Imprensa</i> com propaganda do Colégio União.....	86
Figura 11 - Imagem de Apolinário Porto Alegre.....	89
Figura 12 - Imagem de Achylles Porto Alegre	96
Figura 13 - Recibo de valor emprestado a Lucio Porto Alegre por Apelles Porto Alegre	98
Figura 14 - Recorte de notícia publicada no jornal <i>A Reforma</i> em 1876 solicitando o pagamento de dívida do Sr. Lucio Porto Alegre	99
Figura 15 - Imagem da capa da Revista do Parthenon Literário, de jan. de 1875. .	103
Figura 16 - Imagem do recibo do aluguel de uma casa pelo Club Republicano referente ao mês de julho de 1878.	109
Figura 17 - Imagem de recorte do jornal <i>A Imprensa</i> , do dia 12 de julho de 1881 .	110
Figura 18 - Imagem do cabeçalho da capa do jornal <i>A Imprensa</i> , do dia 1º de dezembro de 1881.....	111
Figura 19 - Imagem de Apelles Porto Alegre (<i>Foto: Candace Bauer/CMPA</i>)	123

Figura 20 - Parte da genealogia de Apelles Porto Alegre	124
Figura 21 - Imagem do busto erguido em homenagem ao professor Apelles Porto Alegre	129
Figura 22 - Imagem de um cartão postal da rua Duque de Caxias da cidade de Porto Alegre	132
Figura 23 - Mapa da cidade de Porto Alegre, com sobreposição de planta do centro histórico de 1864	133
Figura 24 - Fotografia da casa que possivelmente tenha pertencido a Apelles Porto Alegre e onde se localizou o Colégio Rio-Grandense após a virada do século XX	134
Figura 25 - Recibo de pagamento de mensalidade do Colégio Rio-Grandense	137
Figura 26 - Carta avisando que um aluno será retirado da escola como forma de castigo	139
Figura 27 - Carta enviada a Apelles por José Francisco Dias em 16 de novembro de 1887.....	141
Figura 28 - Bilhete avisando que um aluno temporariamente não retornará para o Colégio Rio-Grandense.	144
Figura 29 - Cartão de visita de Apelles Porto Alegre com recado para João de Deus Gomes	145
Figura 30 - Verso do cartão de visita de Apelles com resposta de João de Deus para Apelles.....	146
Figura 31 - Imagem do boletim do aluno Alindo d'Oliveira Porto de janeiro de 1896	149
Figura 32 - Imagem do verso do boletim do aluno Arlindo d'Oliveira Porto com a reclamação do seu pai quanto às notas do seu filho.	150
Figura 33 - Recorte de anúncio de aulas particulares oferecidas pelo professor Apelles.....	195

Lista de Quadros

Quadro 1 - Descrição das fontes pertencentes ao Arquivo pessoal do prof. Apelles Porto Alegre	46
Quadro 2 - Transcrição da figura 1	55
Quadro 3 - Transcrição da figura 2	56
Quadro 4 - Transcrição da figura 3	59
Quadro 5 - Transcrição da figura 4	62
Quadro 6 - Transcrição da figura 5	64
Quadro 7 - Transcrição da figura 6	68
Quadro 8 - Descrição dos documentos encontrados após busca nas instituições de Porto Alegre	69
Quadro 9 - Descrição dos textos publicados pelo professor Apelles Porto Alegre na Revista do Parthenon Literário entre os anos de 1869 a 1877	73
Quadro 10 - Transcrição da figura 8	86
Quadro 11 - Transcrição da figura 11	98
Quadro 12 - Transcrição da figura 12	99
Quadro 13 – Descrição das tipografias utilizadas pela Revista do Parthenon Literário	104
Quadro 14 - Transcrição da figura 14	109
Quadro 15 - Transcrição da figura 15	110
Quadro 16 - Transcrição da figura 16	111
Quadro 17 - Descrição dos valores cobrados no Colégio Rio-Grandense.....	135
Quadro 18 - Transcrição da figura 22	137
Quadro 19 - Transcrição da figura 23	140
Quadro 20 - Transcrição da figura 24	141
Quadro 21 - Transcrição da figura 25	145
Quadro 22 - Transcrição da figura 26	146
Quadro 23 - Transcrição da figura 27	147
Quadro 24 - Transcrição da figura 28	149
Quadro 25 - Transcrição da figura 29	151
Quadro 26 - Descrição das modalidades de valores cobrados pelos exemplares do jornal <i>A Imprensa</i>	175
Quadro 27 - Transcrição da figura 30	196

Lista de Abreviaturas e Siglas

A.D.F.	Associação dos Federados
ASPHE	Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEIHE	Centro de Estudos e Investigações em História da Educação
Dr.	Doutor
HISTEDBR	Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”
Prof.	Professor
IHGRS	Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
PRR	Partido Republicano Rio-grandense
PUC/RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RS	Rio Grande do Sul
R.M.S.P.L.	Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario
R.P.L	Revista do Parthenon Litterario
s/d	Sem data
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

Sumário

1 Introdução	14
2 O Sabor dos Arquivos: procedimentos teórico-metodológicos	22
2.1 Construindo os alicerces da pesquisa	22
2.1.1 O Intelectual Mediador	26
2.1.2 Biografando uma vida	30
2.1.3 A Micro-História	34
2.2 A construção metodológica: a captação de fontes	42
2.2.1 Arquivo Pessoal	43
2.2.2 Numa busca pelas fontes	68
3 O homem e seu tempo	78
3.1 A cidade de Porto Alegre	79
3.2 A Família Porto Alegre	87
3.2.1 Apolinário José Gomes Porto Alegre	88
3.2.2 Achylles José Gomes Porto Alegre	92
3.2.3 Lucio José Gomes Porto Alegre	96
3.3 A Sociedade Parthenon Literário	100
3.4 As Ideias Republicanas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: o Partido Republicano Rio-grandense (PRR)	105
3.5 O Positivismo no Rio Grande do Sul	117
4 Anos de Atuação: Apelles Porto Alegre panfletário e polemista	122
4.1 Vida de professor: o Colégio Rio-Grandense	127
4.2 A Revista do Parthenon Literário: na escrita do professor Apelles Porto Alegre	152
4.3 Criando um jornal e divulgando seu ideário: o jornal <i>A Imprensa</i>	172
5 Conclusão	199
Fontes de Pesquisa	206
Referências	215
Apêndice	226
Anexo	254

1 Introdução

Esta tese se insere na Linha de Pesquisa em Filosofia e História da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas e propõe a realização de uma investigação sobre a trajetória do professor Apelles José Gomes Porto Alegre. Esta pesquisa pretende responder a seguinte problemática: Como se constituiu a trajetória do professor Apelles Porto Alegre e o seu papel de intelectual mediador?

Este estudo buscou entender como se deu o papel de intelectual mediador durante a trajetória de Apelles Porto Alegre, analisando, para isso, o seu ofício enquanto professor, diretor, escritor, jornalista, editor, orador e articulista. A pesquisa também procurou apontar nuances do seu posicionamento político e, desse modo, demonstrar que, muitas vezes, um intelectual não percebe a importância da sua atuação enquanto homem público e privado.

Como objetivo geral, buscou-se investigar a trajetória de vida e o papel de intelectual mediador desempenhado pelo professor Apelles Porto Alegre. Por sua vez, nos objetivos específicos, pretendeu-se: i) identificar os elementos e as disputas envolvidas na construção da identidade de intelectual mediador; ii) identificar as relações que contribuíram para a construção de sua identidade enquanto professor, editor e escritor; iii) compreender o processo familiar na formação da profissão docente; iv) analisar as relações entre os setores público e privado para a História da Educação e v) analisar o arquivo pessoal do investigado e o seu processo de guarda da documentação.

Diante disso, buscou-se defender a seguinte tese: A trajetória de Apelles Porto Alegre foi constituída pelos seus ofícios de professor, jornalista e escritor, o que permitiu que ele se tornasse um intelectual mediador auxiliado por uma rede de sociabilidade formada por familiares e amigos.

O professor Apelles foi privilegiado por ter nascido em uma família que o incentivou, numa cidade que proporcionou o seu envolvimento com a educação e a cultura e uma rede de amigos que tinha, assim como ele, interesses republicanos, abolicionistas e culturais, o que fez com que ele pudesse desenvolver a sua aptidão para o ensino e a escrita.

Para a construção teórica desta pesquisa, recorreu-se aos trabalhos de Le Goff (2013) e Prost (2008) para refletir sobre a escrita da história e de Bellotto (2006), Farge (2009) e Hobbs (2018) para pensar sobre arquivos. Para compreender história de vida e biografia, Abrahão (2010), Delory-Momber (2018), Dosse (2015), Loriga (2011) e Pineau (2006). Para refletir sobre as relações dos intelectuais mediadores, Gomes; Hansen (2016), Gomes (2020) e Sirinelli (1998, 2003); e de Zicman (1985) e Luca (2006) para os estudos de periódicos. Sobre a metodologia, cabe destacar as contribuições de Davi (1987), Espada Lima (2006; 2012), Ginzburg (1989; 2006, 2007), Lepetit (1998), Levi (1992, 2016, 2017) e Revel (1998) no que se refere à micro-história.

O intelectual mediador é um indivíduo da transmissão do conhecimento, nem sempre reconhecido ou, às vezes, até inferiorizado. Pode ser um jornalista, editor, tradutor, professor, político, etc. Este profissional mobiliza a comunidade em que vive, transforma de alguma maneira o seu meio e as pessoas que o rodeiam (GOMES, 2020). O intelectual mediador, normalmente, atua em rede com seus pares e com a comunidade de forma geral, ou até mesmo de forma familiar, atuando no âmbito social e político (GOMES; HANSEN, 2016).

A delimitação temporal do estudo deu-se em 1850 como marco inicial, por ser este ano de nascimento do professor Apelles Porto Alegre, até 1917, a data do seu falecimento, fechando, assim, um ciclo em torno de sua vida.

Vale ressaltar, contudo, que as fontes pessoais encontradas extrapolam a delimitação temporal, indo de 1855 a 1934. Sem dúvida, estas fontes podem enriquecer a pesquisa, contribuindo para uma compreensão mais ampla. Destacam-

se, entre essas fontes: anotações; correspondências, como cartas e bilhetes trocados por sua filha Amélia e a esposa Ernestina, além de outros familiares; documentos referentes ao colégio Rio-Grandense, como: recibos, telegramas, boletins e correspondências.

Vindo de uma família de professores, Apelles tinha três irmãos: Lucio, Apolinário e Achylles. Os irmãos Porto Alegre, como ficaram conhecidos, estiveram à frente da fundação de várias instituições culturais, como jornais e associações, entre os quais o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, o Parthenon Literário¹ e diversos colégios, onde, além da fundação, atuaram como diretores e professores. A temática desta tese acerca da trajetória do professor Apelles auxilia a escrita da História da Educação e reforça o papel dos irmãos nos meios educativos da cidade de Porto Alegre nas décadas finais do Império e iniciais da República.

O campo da História da Educação² tem ampliado suas investigações para diversos tópicos relacionados à temática, com isso, direcionando seus estudos para novos objetos, como história das disciplinas escolares, da alfabetização, história das práticas escolares, história da leitura. Além disso, velhos objetos retornam, mas agora com novas lentes de análise. Desse modo, investigar as trajetórias de professores, suas vidas profissionais, tendo como suporte os estudos da micro-história, pode contribuir com perspectivas instigantes, profícuas e relevantes sobre esse objeto de estudo. Ao retomar “velhos” objetos do campo da História da Educação, mas agora incorporando novas categorias de análise, no caso presente, a categoria – intelectual mediador, amplia-se a compreensão de certos acontecimentos pretéritos.

¹ A Sociedade Parthenon Literário foi criada na cidade de Porto Alegre em 18 de junho de 1868, e tinha uma “intenção clara de investir no desenvolvimento das letras rio-grandenses, a proposta e o programa do grupo [...] eram ambiciosos” (BOEIRA, 2009, p. 79). E, ainda foi uma estratégia criada por um grupo de intelectuais para “[...] terem sua voz ouvida e sua literatura divulgada” (AGUIAR, 2011, p. 21). “[...] o Partenon Literário efetivamente obteve enquanto associação literária, [...] o caso mais bem-sucedido de associativismo cultural na província durante o Oitocentos (BOEIRA, 2009, p. 78).

² Diversas sociedades foram criadas; entre elas, salienta-se a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (1978), Associação Sul Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação - ASPHE (1995), logo após a Sociedade Brasileira de História da Educação (1999). O HISTEDBR foi criado no ano de 1986, inicialmente formado como um grupo de pesquisas interno da UNICAMP sendo que, no ano de 1991, foi institucionalizado. Estas instituições possuem periódicos que auxiliam na divulgação das pesquisas no âmbito nacional tais como: Revista Brasileira de Educação (1995), Revista História da Educação (1997), Revista Brasileira de História da Educação (2001), Revista HISTEDBR (2000).

Ao iniciar a busca por fontes e bibliografias, um dos primeiros passos da pesquisa foi realizar um levantamento de possíveis trabalhos realizados sobre o professor Apelles e sua família. Contudo, no decorrer dessa busca, foi-se percebendo como, por exemplo, a família carregar o sobrenome Porto Alegre criava muitas dificuldades, o que fez com que um grande volume dos trabalhos encontrados estivessem relacionados ao nome da cidade, capital do estado do Rio Grande do Sul, e não ao objeto de estudo desta tese de doutorado.

Inicialmente, buscando pelo estado do conhecimento no Google Acadêmico com o descritor “Apelles Porto Alegre”, foram localizados sete trabalhos que, de alguma forma, citam o nome do professor de forma superficial. São eles: de Arriada (2011), que abordou de forma bem abrangente o ensino secundário do Rio Grande do Sul, apontando o envolvimento dos irmãos Porto Alegre com a educação e a cultura no Estado. Silveira (2008) discutiu as relações entre literatura e política na Associação Parthenon Literário. Aguiar (2011) realizou um estudo sobre diversos poemas escritos por Apolinário Porto Alegre. O trabalho de Barbosa e Ott (2013) buscou as origens da contabilidade no Rio Grande do Sul e, frente a este tema, destacou-se o Colégio Rio-Grandense. Em outro momento ainda, Ott e Barbosa (2011) apontam a evolução do estudo da contabilidade no estado do Rio Grande do Sul. Perin (2017) apresentou a visão do jornalista Roque Callage sobre Porto Alegre e suas desigualdades sociais. E, por sua vez, Torres (2014) abordou, na sua pesquisa, a Guerra do Paraguai na visão do jornal literário *Arcádia*, editado na cidade de Rio Grande.

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, com os descritores “Apelles Porto Alegre” ou “Aquiles Porto Alegre” ou “Apolinário Porto Alegre”, aparecem mais de 8000 mil documentos em cada busca, o que dificultou a pesquisa. Contudo, analisando o buscador “Apolinário Porto Alegre”, surgiram pesquisas que puderam ser aproveitadas neste trabalho por trazerem elementos que contribuem para a constituição da vida do professor pesquisado.

Alguns dos que foram selecionados no catálogo do Banco de Teses e Dissertações da Capes como significativos para a pesquisa não foram encontrados em nenhuma plataforma digital. Contudo, pelo título, identificou-se como sendo relacionados ao tema, e são eles: Bertussi (1991), Paust (1997), Fuão (2004).

Becker (2001) escreve sobre as mulheres na cidade de Porto Alegre, delimitando sua pesquisa entre os anos de 1858-1908, na escrita de quatro autores que escrevem na revista do Parthenon Literário, entre eles Apolinário Porto Alegre. Utilizando-se da mesma linha, Gomes (2006) procurou, na literatura, estudar a construção do regionalismo, assim como perseguir os termos “rio-grandense” e “gaúcho”, termos que foram construídos a partir de guerras e que tiveram a intenção de formar a identidade do gaúcho e, entre os autores escolhidos, estava Apolinário Porto Alegre. Campos (2008) apresentou um trabalho baseado no livro “O Vaqueano” de Apolinário Porto Alegre, que, na sua opinião, fundou o regionalismo no estado. A pesquisa de Fuão (2009) apresentou a “construção da memória”, especificamente trabalhando os monumentos erigidos ao General Bento Gonçalves da Silva na cidade de Rio Grande e ao General José Gervasio Artigas na cidade de Montevideu. Para tanto, uma seção é reservada a Apolinário Porto Alegre, pois seus escritos são referidos como construtores de uma identidade regional e da construção do General Bento Gonçalves como uma figura heroica. Menez (2015) procurou identificar, na escrita de Apolinário Porto Alegre, além do regionalismo, o nacionalismo, utilizando os textos publicados na revista do Parthenon Literário. Em outro momento, Menez (2017) apresenta ainda Apolinário Porto Alegre, mas agora unindo a história e a literatura e buscando uma escrita mais crítica no que se refere a Apolinário ter fundado o regionalismo de caráter separatista e demonstrar uma posição nacionalista de maneira integralista. Por fim, Araujo (2018) buscou biografar Apolinário Porto Alegre de forma mais abrangente, trabalhando sua história e seus escritos, aprofundando questões relacionadas a sua vida. Este trabalho de Araujo (2018) aborda alguns fatos dos irmãos Porto Alegre.

Após o estado da arte realizado, pode-se identificar que Apolinário Porto Alegre foi bastante estudado, pois muito se encontrou sobre ele, nos cursos de História e de Letras. Contudo, o mesmo não ocorreu com o professor Apelles Porto Alegre, que necessita de um estudo que evidencie o seu papel de educador, jornalista, escritor e orador. Ainda que não tenha sido alvo de estudo específico, o professor Apelles é citado na maioria dos trabalhos que tratam dos seus irmãos, demonstrando a relevância de sua figura para a história do Rio Grande do Sul, uma vez que esteve envolvido nas diferentes esferas sociais, tais como a educação, a

cultura e a política do Estado. Nesse sentido, este trabalho se faz relevante pela falta de investigações sobre o professor Apelles e o seu papel de destaque na sociedade gaúcha, envolto por sua família e por amigos que integram uma intelectualidade rio-grandense.

Em homenagem a Apelles, foi erguida uma estátua na Praça Duque de Caxias, em Porto Alegre, a qual, atualmente, está desaparecida. Há uma Escola Estadual de Ensino Básico Apelles Porto Alegre na capital. E existem três cidades que possuem ruas com seu nome: Alvorada, no bairro Formosa³; Rio Grande, no bairro centro⁴; e Porto Alegre, no bairro Navegantes⁵. Todas as três ruas são pequenas; nas cidades de Porto Alegre e de Rio Grande, elas possuem uma quadra. Esse fato ressalta a desvalorização do professor e um movimento criado ainda em vida de desprestígio da sua figura como o irmão menor, insignificante, promovido pelo jornal *A Federação*.

Para a realização desta pesquisa foi utilizado um conjunto diversificado de fontes documentais, sendo estas: arquivos pessoais, institucionais, jornais e revistas, uma documentação que faz parte dos acervos particulares e públicos do Estado do Rio Grande do Sul. O arquivo pessoal do professor Apelles, pertence ao acervo particular do Prof. Dr. Eduardo Arriada, que futuramente será doado ao Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE/UFPEL)⁶. Esta documentação caracterizada por itens do dia a dia como correspondências, impostos, recibos com despesas da família e do Colégio Rio-Grandense, assim como boletins, regulamento da instituição, entre outros. Supõe-se que este material, inicialmente, tenha sido guardado pelo professor Apelles e, após sua morte, por

³ Google maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/R.+Apelles+Porto+Alegre+-+Formosa,+Alvorada+-+RS,+94814-050/@-30.007266,-51.0703456,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x95197596f5370551:0xb7996c4ce223ff8f!8m2!3d-30.007266!4d-51.0681569> acessado em: 02/07/2022.

⁴ Google maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/R.+Apelles+Porto+Alegre+-+Rio+Grande,+RS,+96200-060/@-32.0405181,-52.0981609,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x95119c0d699b8eeb:0x8474ab92580c8a8e!8m2!3d-32.0405181!4d-52.0959722> acessado em: 02/07/2022.

⁵ Google maps. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/@-29.9975276,-51.2000117,3a,75y,127.92h,88.43t/data=!3m6!1e1!3m4!1snCJs5d2V4MvKytvo4V7v_g!2e0!7i16384!8i8192 acessado em: 02/07/2022.

⁶ Este é um grupo formado por professores e alunos vinculados à Faculdade de Educação com ênfase nos estudos em História da Educação da Universidade Federal de Pelotas. O CEIHE está dividido em dois setores: o centro de pesquisas e o centro de documentação. Para saber mais, ver: Arriada; Tambara; Teixeira (2015). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ceihe/inicio/> acessado em: 25/10/2022.

seus familiares. Devido a esse cuidado, atualmente podemos utilizá-los nesta pesquisa. Estes documentos apresentam um perfil individual, quem sabe mais humano, ou familiar, que doa dinheiro a um amigo necessitado, empresta dinheiro a outros, tem problemas de atrasos nos pagamentos das mensalidades do colégio, de doenças com alunos e reclamações de notas, castigos, demandas diárias que envolviam um homem da virada do século XIX para o XX.

Após o contato com este arquivo pessoal, foi realizada uma busca pelos arquivos particulares e públicos da cidade de Porto Alegre. No Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, encontrou-se uma coleção do jornal A Imprensa de propriedade de Apelles, do qual também foi editor. Este material auxiliou o entendimento de alguns posicionamentos políticos e ideias defendidas pelo professor Apelles. Além deste material, ainda na Revista do Parthenon Literario, um número significativo de textos publicados de autoria de Apelles, como poemas, contos, crônicas e novelas. Estes tiveram mais o intuito de entender como foram as publicações literárias do autor.

Diante disso, este trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo que o primeiro e o quinto são: a Introdução, que pretende apresentar a pesquisa e a conclusão, que finaliza o todo. Os três capítulos restantes foram assim organizados: o segundo capítulo: O Sabor dos Arquivos: procedimentos teórico-metodológicos. Esse capítulo foi dividido em duas seções I) Construindo os alicerces da pesquisa, do qual se buscou entender o processo teórico-metodológico, que por sua vez, foi dividido em três subseções: i) O Intelectual Mediador; ii) Biografando uma vida; iii) Micro-História. Por sua vez, na outra seção II) Construção metodológica: captação de fontes a qual se dividiu em duas subseções: i) Arquivo pessoal; ii) Numa busca pelas fontes.

No terceiro capítulo, intitulado O homem e o seu tempo, contextualizando a pesquisa, o objetivo foi apresentar a cidade em que viveu o professor Apelles, assim como seus irmãos, e as instituições das quais ele participou. Este capítulo foi dividido em cinco subcapítulos: I) A cidade de Porto Alegre; II) A família Porto Alegre, III) A Sociedade do Parthenon Literário, IV) As ideias republicanas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: o Partido Republicano Rio-grandense (PRR); V) O positivismo no Rio Grande do Sul.

O quarto capítulo, Anos de atuação: Apelles Porto Alegre panfletagem e polemista, busca entender a sua atuação ao longo dos anos no colégio Rio-Grandense, na Revista do Parthenon Literário⁷ e no jornal *A Imprensa*⁸, onde o professor Apelles dedicou um enorme esforço para divulgar as ideias do abolicionismo, do positivismo e do republicanismo. Este capítulo está dividido em três subcapítulos: I) Vida de professor: o colégio Rio-Grandense; II) A Revista do Parthenon Literário: na escrita do professor Apelles Porto Alegre e III) Criando um jornal e divulgando seu ideário: o jornal *A Imprensa*.

E, por fim, encaminhando este trabalho para as conclusões, o último capítulo, que tem como objetivo encerrar este estudo, mas não encerrar as pesquisas e discussões sobre o professor Apelles Porto Alegre, onde muitos pontos ainda podem ser explorados e outros enfoques abordados.

⁷ As revistas do Parthenon Literário encontram-se digitalizadas para consulta e download no site da Editora PUCRS. Disponível em: <http://editora.pucrs.br/acessolivre/livros/partenon-literario/index.html#revistas>. Acessada em: 5/04/2019.

⁸ O jornal *A Imprensa* pode ser consultado, atualmente no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

2 O Sabor dos Arquivos: procedimentos teórico-metodológicos

Neste capítulo, procurou-se discutir o percurso teórico-metodológico e as relações dos arquivos com o trabalho do pesquisador em História da Educação, como um investigador precisa ir em busca de vestígios para auxiliar a sua pesquisa. Seguindo as ideias de Farge (2009), “o sabor do arquivo” está nos pequenos momentos da pesquisa, quando se encontra o documento procurado ou mesmo no simples fato de mexer naqueles documentos que há anos estão imóveis à espera de um pesquisador.

Considerando que existe uma relação entre documento, arquivo e imprensa na construção desta pesquisa, foi realizado um esforço para compreender onde esses conceitos se inter cruzam. Os impressos são ferramentas que auxiliam a pesquisa histórica, e no caso deste estudo foram essenciais para entender a vida do professor Apelles Porto Alegre, tanto no jornal A Imprensa, na Revista do Parthenon Literário e no seu arquivo pessoal, com boletins e demais documentos que ressaltam o comportamento e as suas ideias individualmente.

2.1 Construindo os alicerces da pesquisa

Trabalhar com arquivos é também uma forma de imersão na documentação e na história (FARGE, 2009). A pesquisa em arquivos, com documentos antigos, fascina o pesquisador, como se entrasse em um túnel do tempo e, ao ler aquela

documentação, ao tocar o material, pudesse ser transportado para outro período histórico.

Verão ou inverno, é sempre gelado; os dedos se entorpecem ao decifrá-lo ao mesmo tempo em que se tingem de poeira fria no contato com seu papel pergaminho ou *chiffon*. É pouco legível a olhos mal exercitados ainda que às vezes venha revestido de uma escrita minuciosa e regular. Encontra-se sobre a mesa de leitura, geralmente em pilha, amarrado ou cintado, em suma, em forma de feixe, os cantos carcomidos pelo tempo ou pelos roedores; precioso (infinitamente) e danificado, manipula-se com toda delicadeza por medo de que um anódino princípio de deterioração se torne definitivo. Ao primeiro olhar, é possível saber se já foi ou não consultado, uma única vez que seja, desde sua conservação. (FARGE, 2009, p. 9 grifos da autora).

O trabalho nos arquivos é lento, vagaroso. As dificuldades com a letra, os erros ortográficos e a degradação do papel tornam o trabalho mais árduo e, por vezes, até insalubre. Contudo, fica difícil explicar, mas são esses os detalhes que marcam o “sabor do arquivo” (FARGE, 2009), horas e mais horas copiando, cada letra, pontuação, em diferentes ortografias sem que exista uma preocupação com correções. O que se busca é a proximidade com o original.

Neste sentido, Luchese (2014) salienta que a pesquisa histórica é constituída do conjunto de documentos encontrados no presente, que serão ordenados para a montagem escrita. Por isso, faz-se necessário atentar para o momento histórico em que foi produzido, seu suporte, sua intencionalidade e circulação.

Sendo assim, para Bellotto (2006, p. 264), “a história não é a ressurreição do passado; é o torná-lo inteligível, sem deformá-lo. O procedimento para alcançar esse objeto é a pesquisa histórica”. Com isso, nas pesquisas, não encontramos o passado, mas sim uma versão do que ele tenha sido. Ainda segundo Bellotto (2006, p. 263), o documento é “como [uma] ponte para o passado”. Pelo documento, podemos observar um recorte do tempo histórico que queremos entender.

Seguindo estas mesmas ideias, Prost (2008) alerta para o fato de que o pesquisador jamais poderá ocupar o lugar do outro. O historiador carrega consigo outras vivências que estão entrelaçadas no seu olhar para às fontes. Para Prost (2008, p. 150), “a história é o re-pensamento, a re-ativação, a re-ação no presente, pelo historiador, de coisas que, outrora, haviam sido pensadas, experimentadas e praticadas por outras pessoas”.

Desta forma, Le Goff (2013) também afirma, o que encontramos atualmente sobre o passado é uma representação do que existiu. O que permanece do passado são vestígios deixados intencionalmente ou não, mas quem escolhe o que vai estudar é o próprio historiador.

Para Le Goff (2013, p. 495), “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Ainda para o autor, “o documento é monumento” (LE GOFF, 2013, p. 497), ele foi fabricado, com ou sem intenção de contar a história para gerações futuras.

E assim, também é o arquivo pessoal que contém documentos do dia a dia dos indivíduos: contas, correspondências, diários, agendas, tudo que pode contar a intimidade, ou o cotidiano de uma pessoa (HOBBS, 2018). Conforme a mesma autora, os arquivos pessoais “documentam a vida e a personalidade desses indivíduos” (HOBBS, 2018, p. 263). Seguindo esta mesma perspectiva, Bellotto define o arquivo pessoal como sendo,

[...] o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade [...]. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para a ciências, a arte e a sociedade (BELLOTTO, 2006, p. 266).

A documentação encontrada nos arquivos pessoais retrata os interesses do indivíduo, “seus gostos ou sua personalidade” (HOBBS, 2018, p. 264). Neste sentido, um arquivo pessoal pode ter indícios de como aquele indivíduo se inseria na comunidade. Em alguns casos, o proprietário do arquivo é quem o entrega, ou algum parente próximo, podendo assim ter um relato oral acompanhando os documentos.

O arquivo pessoal do professor Apelles, provavelmente, foi guardado por ele e sua família. Ao longo do tempo foram acrescentados documentos de sua filha Amélia e da esposa Sinhá. Esta documentação abrange os anos de 1855 a 1934. Os documentos pessoais referente ao século XIX são muito raros, e mais ainda quando se pensa em um professor, estes materiais não costumam chegar aos

nossos dias, menos ainda agrupados como no caso do arquivo pessoal do professor Apelles.

As produções localizadas em periódicos jornalísticos, como os textos publicados na Revista do Parthenon Literário, também se configuram como documentos escritos, assim como os periódicos na sua totalidade, como foi o caso do jornal *A Imprensa*, editado pelo professor Apelles. Segundo Zicman (1985), Martins; Luca (2006), os impressos auxiliam a pesquisa histórica sobre a imprensa. Vale destacar que na segunda metade do século XIX e início do XX a imprensa esteve em pleno desenvolvimento, período em que viveu o professor Apelles (1850-1917), recorte temporal desta pesquisa, conforme apontado por Martins; Luca (2006):

[...] pela ordem política republicana, com programas de alfabetização e remodelação das cidades; pela agilidade introduzida pelos novos meios de comunicação; pelo aperfeiçoamento tipográfico e avanços na ilustração, enquanto as máquinas impressoras atingiam velocidades nunca vistas. A imprensa mais profissionalizada passou a figurar como segmento econômico polivalente, de influência na melhoria dos demais, visto que informações, propaganda e publicidade nela estampadas influenciavam outros circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas. O jornal, a revista e o cartaz – veículos da palavra impressa – potencializavam consumo de toda ordem (MARTINS; LUCA, 2006, p. 37-38).

Apesar desta profissionalização da imprensa e das maiores tiragens, o jornal se popularizou então para a história como uma fonte menor, inferiorizada. Foi apenas na terceira geração da *Escola dos Annales*, com os “novos temas e as novas abordagens”, que esta ideia começa a se modificar (LUCA, 2006, p. 112).

A partir de 1968, iniciou-se o que chamamos a terceira geração dos *Annales*. Este foi um período de maior abertura na historiografia ocidental, com novos temas, novas influências e as mulheres foram incluídas (BURKE, 1997). E, por sua vez, a história cultural buscou uma aproximação principalmente com a antropologia, deixando de lado o objeto e valorizando o método.

A História da Educação, desde 1960, assumiu um papel no qual influencia outras disciplinas. Este reconhecimento vem depois de anos de exclusão, em que a consideravam uma disciplina menor. Diversas outras áreas e principalmente os historiadores não avaliavam a prática pedagógica como relevante para se entender a História da Educação (LOPES e GALVÃO, 2001).

Ainda conforme Lopes e Galvão (2001), a História da Educação vem buscando cada vez mais seu espaço com a ampliação de suas pesquisas e fontes, assim como a realização de eventos específicos sobre as temáticas. Outra ferramenta que fortalece a área são os espaços de guarda da memória escolar, com documentos de todas as tipologias, como por exemplo o CEIHE/UFPEL, onde encontram-se materiais didáticos, instrumentos de uso de ensino e aprendizado, assim como jornais e revistas, entre outros. Atualmente, faz-se necessário, cada vez mais, entendermos como se deu a construção da educação no Brasil. Dessa forma, esta pesquisa pode ser uma contribuição importante para a História da Educação.

São os lugares de memórias, arquivos, bibliotecas e instituições de guarda que permitem a preservação da mais vasta documentação. Os arquivos abrem a possibilidade de pesquisa do passado, e na documentação encontrada o pesquisador pode ter um contato com o vivido, com personagens e fatos históricos. Na próxima seção será apresentado o conceito de intelectual mediador que pode ser um profissional de várias áreas, mas a educação dá ferramentas para que o docente transmita os seus conhecimentos.

2.1.1 O Intelectual Mediador

O conceito de intelectual, para Marletti (1992, p. 637), aponta que é “[...] uma categoria ou classe social particular, que se distingue pela instrução e pela competência, científica [...] que compreende aqueles que exercem atividades ou profissões especializadas”. O intelectual é aquele que conhece sobre algum tema, que muitas vezes escreve, aquele que estuda, que se destaca em uma área, devido a seu conhecimento científico, específico de determinado seguimento.

O conceito de intelectual mediador⁹, nesta pesquisa, segue as ideias do francês Jean-François Sirinelli (2003, 1998) e das brasileiras Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (2016). Para os autores, o intelectual mediador

⁹ Existem outras teorias que abordam o conceito de intelectuais de formas diferentes como o intelectual mentor, os intelectuais operadores, os intelectuais obreiros. Para saber mais: TAMBARA; ARRIADA, 2016.

modifica o meio em que vive de alguma forma, ainda que, por vezes, possa não ser identificado como tal em vida, mas seu envolvimento e sua dedicação, de alguma maneira, motivam as pessoas ao seu redor e transformam o seu entorno. Contudo, o intelectual não necessariamente transmite seu conhecimento, não precisa estar envolvido com a comunidade em que vive, diferente do intelectual mediador que busca compartilhar, transmitir, dividir o seu conhecimento, auxiliar e, quem sabe, melhorar a sociedade.

Sirinelli (2003, p. 242) afirmou que o intelectual mediador tem um “engajamento” com a comunidade em que atua. Além disso, este intelectual mediador possui uma “[...] capacidade de ressonância e de amplificação, noutros termos, de um poder de influência” (SIRINELLI, 1998, p. 261). O intelectual mediador modifica a vida das pessoas que têm contato com ele, envolve-se com elas de tal forma a transformar este entorno, ele modifica a sociedade em que vive, seja com educação ou com a cultura.

Para Sirinelli (2003, p. 232), o estudo de intelectuais mediadores é algo novo, porém independente, “[...] longe de se fechar em si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural”. O intelectual possui uma rede de apoiadores, (SIRINELLI, 2003) e, por sua vez, o professor Apelles possuía seus irmãos, que compartilhavam das mesmas ideias. Existia, ainda, um grupo que pode ser identificado nas publicações da revista do Partenon Literário e do jornal *A Imprensa*.

Diante disso, buscou-se entender que papel o professor Apelles teve na comunidade em que viveu, não apenas pelas profissões que exerceu, lecionando em diversas escolas, mas também pelo seu envolvimento com a comunidade, na criação do jornal e associações como o Parthenon Literário e pela fundação do Colégio Rio-Grandense, no legado que deixou com os seus textos e discursos. Sobre esse conceito de intelectual mediador, Gomes e Hansen (2016) argumentam:

[...] as práticas de mediação cultural podem ser exercidas por um conjunto diversificado de atores, cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém, nem sempre reconhecimento. [...] Outros mediadores culturais podem ser identificados nos leitores, contadores de histórias, guias de instituições, pais e outros agentes educadores encarregados da socialização de crianças e jovens em diversas situações (GOMES; HANSEN, 2016, p. 9).

O intelectual mediador pode ser um professor, advogado, assistente social, mas não necessariamente precisa ter uma formação específica. Contudo, ele tem um papel de motivar a sociedade que está em seu entorno. Ele talvez não tenha sido reconhecido como tal no período em que viveu, mas esteve incluído na sociedade em questão, foi ator de seu tempo, participou efetivamente da comunidade em que existiu. Para Gomes e Hansen (2016) também pode-se dizer que os intelectuais mediadores,

[...] são homens da produção do conhecimento e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social (GOMES e HANSEN, 2016, p. 10).

A partir do excerto, é possível entender que o conceito de intelectual mediador não está ligado a uma elite propriamente dita, mas a uma posição de enfrentamento das dificuldades na produção do conhecimento tanto cultural, como político e educativo. Para tanto, o intelectual mediador precisa interagir com a comunidade, dividir seu conhecimento, compartilhar com as pessoas o que sabe, na intenção de melhorar o seu entorno, seja com a educação, em escolas, reforço escolar, leitura, com a cultura, com a música, a dança ou o teatro.

No caso do professor Apelles e de seus irmãos, é possível observar suas relações com a criação da escola, como professores e fundadores de jornais. Desse modo, eles foram destacados e reconhecidos no seu tempo, mesmo que contrários a muitas ideias do período, pois seguiam a ideologia republicana. Em um período em que o Brasil vivia uma monarquia, que se estendeu até o ano de 1889, ser republicano era estar contrário ao regime político vigente, mesmo eles sendo considerados membros de uma elite intelectual para o período.

Sobre o conceito de elite, Bobbio (1992, p. 385) afirma que “[...] em toda a sociedade, existe, sempre e apenas, uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privada”. Ainda segundo Bobbio (1992), o conceito de elite está ligado as ideias políticas, e pertence a uma minoria de pessoas.

Neste sentido, pode-se afirmar que o professor Apelles e os seus irmãos pertenciam ao Partido Republicano, eram homens, brancos e faziam parte de uma elite intelectual e política minoritária. Eram detentores de um conhecimento restrito a poucos – o saber ler e poder transmitir este conhecimento, já que grande parte da população não tinha acesso a escolas e ao saber.

Neste sentido, Sirinelli (1998) alertou para os cuidados de se estudar intelectuais que sabem manipular a palavra e podem ter reconstruídas suas memórias. Este alerta de Sirinelli (1998) serve para pensar nestes homens que buscavam por reconhecimento e que, como possuíam o domínio da escrita, tinham consciência de seu “legado”, de que algo sobre eles ficaria para as gerações futuras, como mostra uma anotação deixada por Apolinário e publicada por Álvaro Porto Alegre (1954, p. 7): “À minha família cabe a glória de ter sido a inspiradora da reação atual em favor da liberdade. Fomos os mestres da mocidade rio-grandense. Filhos de farrapos, não interrompemos jamais a evolução tradicional”.

A família Porto Alegre tinha orgulho de sua posição social, e seus documentos, talvez, foram preservados devido a esta consciência de deixar registradas suas ideias, que também ocorrem com a publicação de textos nos jornais, revistas e de livros da época. Além, da memória dos seus alunos, registrado em livros, como a homenagem ao professor Apelles realizada por Torelly; Carvalho (1944) e o relato das suas aulas feita por Pilla (1949).

O conceito de intelectual mediador busca perceber quais ferramentas que o estudado utilizou-se para mobilizar a comunidade em que atuou. No caso do professor Apelles com a docência, na edição do jornal A Imprensa, nos textos publicados na Revista do Parthenon Literário, mas também no envolvimento com a política no movimento republicano, e com sua rede de sociabilidade que o envolvia na família e com os amigos. A seguir, realizou-se uma distinção dos conceitos de autobiografia, biografia e história de vida e trajetória.

2.1.2 Biografando uma vida

Ao iniciar este estudo, foi necessário um aprofundamento dos conceitos de biografia, história de vida, (auto)biografia e trajetória no intuito de compreender quais deles dariam mais suporte a esta pesquisa. Após entender cada um, a trajetória foi considerado o conceito mais apropriado. Contudo, a seguir, encontra-se um breve diálogo na tentativa de expor algumas características que aproximam e afastam estes conceitos, pois em alguns momentos eles são confundidos como sendo sinônimos.

Para Pineau (2006), a história de vida se cruza com a biografia, a (auto)biografia, e os relatos de vida. Estes encontram-se próximos e relacionados, porém possuem algumas diferenças que lhes dão características importantes. No modelo biográfico, é evidente a separação do pesquisador e do indivíduo estudado. Nele, a obra é construída pelo profissional, apesar de receber informações do biografado ou de fontes que falam por ele. (PINEAU, 2006, p. 341).

No entanto, no modelo autobiográfico, o indivíduo assume o papel de pesquisado e pesquisador, não existe um “interlocutor” (PINEAU, 2006, p. 341). O pesquisador também é o seu objeto de pesquisa. Sendo assim, o autor entende a história de vida como sendo uma “construção de sentido temporal, sem prejudicar os meios. A determinação desse objetivo [...] mobiliza alguns e imobiliza outros. Ela abre um horizonte ambicioso que pode ser uma miragem ilusória” (PINEAU, 2006, p. 341).

Os estudos biográficos não possuem regras predefinidas e rígidas. A biografia está muito próxima à literatura e à história. Segundo Loriga (2011, p. 17), “o termo ‘biografia’ só aparece ao longo do século XVII, para designar uma obra verídica, fundada numa descrição realista”, contrariando a tradição da escrita de si inventiva, que criava um personagem e situações vividas. Ainda segundo a autora, os biógrafos geralmente são guiados por fatores cronológicos, “como nascimento, a formação, a carreira, a maturidade, o declínio e a morte” (LORIGA, 2011, p. 18). Contudo, esta não é uma regra, a criatividade do escritor é que determina a forma da escrita.

Para Pineau (2006, p. 339), a biografia é “um espaço de pesquisa interdisciplinar nas ciências humanas e sociais” e tem uma proximidade com a antropologia. Ainda para Pineau (2006), a biografia é uma escrita do outro, assim esta é influenciada pelo pesquisador.

Neste mesmo sentido, Delory-Momberger (2018) afirma que a biografia não é o passado, mas sim uma construção deixada pelo biografado e influenciada pelo pesquisador em seu tempo. Assim, concorda-se com Delory-Momberger (2018) quando esta apresenta a definição de biografia:

Por ‘biografia’ entendemos que esta não é a realidade factual do vivido, mas sim o campo de *representações* e *discursos* pelos quais os seres humanos constroem a percepção de sua existência e a torna inteligível. [...] É [a biografia] um objeto construído que não tem outro campo de validade que a situação na e pela qual produz essa história de si; quando é aquela do pesquisador e a de seus objetos, [a biografia] se transforma e se reescreve no olhar da atualidade de seu próprio desenvolvimento: ela revisa seus fundamentos, redireciona as suas evoluções, reavalia suas perspectivas, em um ajuste constante dela com ela mesma através do tempo (DELORY-MOMBERGER, 2018, p. 137 grifos da autora).

Para a mesma autora, a “atividade biográfica” está ligada à narrativa que o biógrafo vai construir diante do seu objeto; é o conjunto de ações já vividas pelo indivíduo e a forma com que o pesquisador vai dar sentido a esta escrita. De forma geral, a biografia deve construir uma narrativa baseada na “subjetividade individual e na objetividade social”, sem que haja uma separação do “eu” pessoal para o social (profissional) evidenciando a experiência vivida (DELORY-MOMBERGER, 2018, p. 189).

O ser humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história em curso (algo começa, algo está em andamento, algo termina): história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida.

Portanto, a *atividade biográfica* não está mais confinada a um *discurso*, apenas para formas orais ou escritas de um verbo realizado, mas é principalmente uma questão de atitude mental e comportamental, uma forma de compreensão e estruturação da experiência e da ação que se exerce de forma constante na relação do homem com a sua vivência e com o mundo que o rodeia (DELORY-MOMBERGER, 2018, p. 178 grifos da autora).

Neste sentido, destaca-se que esta pesquisa não necessariamente será uma biografia, mas sim a escrita de sua trajetória, unindo o cotidiano familiar, amigos e a

sua profissão em uma narrativa que possa entender a sua vida em sociedade. Com isso, para entender história de vida, seguiram-se os pressupostos de Abrahão (2010, p. 53-54) quando esta afirma que,

[...] História de vida diz respeito ao estudo de caso referido a uma dada pessoa (ou grupo de pessoas), compreendendo não somente seu relato de vida, mas qualquer outro tipo de informação ou documentação adicional que permita a reconstrução de uma trajetória de vida e seu significado da forma mais exhaustiva possível (ABRAHÃO, 2010, p. 53-54).

Segundo Dosse (2015), a biografia busca aprofundar o íntimo da vida dos biografados, procura trazer os grandes intelectuais mais próximos a indivíduos comuns, com suas falhas, defeitos e curiosidades sobre seus hábitos diários, formas de vestir e comer. Segundo Barros (2007), ao se estudar a trajetória de um indivíduo busca-se perceber aspectos da sociedade em que este vivia.

Desta maneira, a trajetória do professor Apelles auxilia no entendimento do contexto social do período, do movimento republicano e de suas disputas, ou mesmo na História da Educação, pois ele foi professor por quase cinquenta anos. E, para tanto, é necessário um modo de fazer, uma forma de olhar para as fontes, reduzindo a escala de observação e intensificando o modo de observar essas fontes (BARROS, 2007).

Ainda conforme Barros (2007), a trajetória se difere da biografia, porque, nesta o foco é o indivíduo e a trajetória tem um perfil mais sociológico, as questões do seu entorno são observadas, o contexto em que aquele indivíduo viveu. Este contexto social foi determinante na formação do professor Apelles, que cresceu em uma família diferenciada, em cidades culturalmente efervescentes, principalmente a capital da Província. Estar próximo de agentes sociais intelectualizados, que juntos fundaram associações culturais, clubes republicanos e colégios foi um fator determinante para a construção da sua identidade, um homem envolvido com a educação, a cultura e a política no Estado do Rio Grande do Sul.

Para Alves (2019), perseguir indivíduos pela sua trajetória auxilia a entender o micro, as regiões em que eles viveram e suas escolhas, mas também o macro, em uma mudança constante de escala para entender melhor questões mais gerais de contextos, que em outra metodologia não poderiam ser percebidas. Nesse sentido, incluiu-se os irmãos Porto Alegre porque os seus posicionamentos políticos auxiliam

a um entendimento do contexto brasileiro de transição do regime monárquico para a república. Sobre contexto, Levi (1992) argumenta:

A teoria de contexto mais coerente é a funcionalista, cujo aspecto mais característico talvez seja aquele de se focalizar o contexto para explicar o comportamento social. Para o funcionalismo, não são tanto as próprias causas do comportamento que constituem os objetos de análises, mas antes a normalização de uma forma de comportamento em um sistema coerente que explica aquele comportamento, suas funções e o modo como ele opera (LEVI, 1992, p. 154).

Os irmãos Porto Alegre se engajaram, na Província de São Pedro, em um movimento que era nacional, que lutava pela abolição da escravidão, pelo fim da monarquia e a implementação da república. Após o estabelecimento da República, em 1889, reagiram negativamente aos desmandos de um grupo ligado a Júlio de Castilhos, não seguindo os seus ideais republicanos. Com isso, um grupo de apoiadores ao movimento ficou descontente e houve uma cisão no partido republicano.

Neste sentido que a trajetória está diretamente ligada à micro-história, devido ao seu modo de analisar o indivíduo, “inserindo-os em distintos contextos e relações sociais, percebendo semelhanças e, principalmente diferenças” (KARSBURG, 2015 p.32). Um indivíduo possui muitas relações ao longo de sua vida e são essas relações que a trajetória quer entender, assim como neste estudo sobre o professor Apelles.

Os conceitos de biografia, história de vida, autobiografia e trajetória possuem diferenças e semelhanças, não tem um melhor que outro, está diretamente relacionado ao interesse dos pesquisador e de suas fontes. Para tanto, entender o que cada conceito oferece é fundamental para uma melhor adaptação ao estudo. Assim também é com a metodologia utilizada, após entender o que a pesquisador quer responder com a pesquisa esta escolha é fundamental, como se pode perceber a seguir com a micro-história.

2.1.3 A Micro-História

A micro-história foi desenvolvida na década de 1970 por um grupo de historiadores italianos, acima de tudo pensadores que, incomodados com as teorias da época, buscavam uma solução que fizesse sentido para as suas pesquisas (ESPIG, 2006; REVEL, 1998). Segundo Espada Lima (2006), o grupo de historiadores era heterogêneo, assim como suas pesquisas. Havia muita diversidade nas temáticas, mas o modo de olhar o material é que dava a unidade para o grupo.

Para Jacques Revel (1998, p. 16), a micro-história é muito “empírica [...] não constitui um corpo de proposições unificadas, nem uma escola, menos ainda uma disciplina autônoma”. Ainda segundo Revel (1998), a micro-história está diretamente ligada ao ofício do historiador. E, neste sentido, Lepetit (1998, p. 77 grifos do autor) argumenta que “os métodos da *microstoria* são diversos, suas implicações teóricas são analisadas com mais prolixidade”. O autor quer dizer que os micro historiadores não se prendem tanto a historiografia existente sobre um assunto. Eles buscam, na investigação empírica, as respostas para as suas pesquisas, e às vezes são incompreendidos pela sua largueza na escrita e diversidade teórica.

A micro-história é uma prática metodológica. Os seus pensadores, a partir de 1970, após muitos anos de estudos, leituras e discussões, propuseram este novo método de escrever a história e olhar para as fontes. O grupo possuía temáticas diferentes, teorias diversas, o foco estava na descrição intensiva das fontes, na mudança da escala do macro para o micro, em um olhar mais sociológico para os objetos que seriam estudados, modificando, assim, o fazer histórico. Neste sentido, Levi (1992) explica:

A micro-história é essencialmente uma prática historiográfica em que suas referências teóricas são variadas [...] O método está de fato relacionado [...] aos procedimentos reais detalhados que constituem o trabalho do historiador, e assim, a micro-história não pode ser definida em relação às microdimensões de seu objeto de estudo (LEVI, 1992, p. 133).

A micro-história pode ser dividida em duas vertentes: uma proposta por Ginzburg, baseada no “paradigma indiciário”, e a outra como uma “interrogação sobre a história social e a construção de seus objetos” (REVEL, 1998, p. 15).

Para Ginzburg (1989, p. 179), o paradigma indiciário possui um “rigor flexível”. Ao observar o fato por este método o autor orienta para um olhar cuidadoso com as fontes, observando-as num contexto mais amplo, mas também afastando essas do controle social. O paradigma indiciário pode estar em algo oculto, que precisa ser intuído, percebido, um “faro, golpe de vista” do historiador, que observa pelas entrelinhas (GINZBURG, 1989, p. 179). Esta é umas das grandes críticas enfrentadas pelos micro-historiadores, por ser de difícil entendimento. Porém, este “golpe de vista” é a percepção de que, ao analisar as fontes, alguns dados, apenas são encontrados após a observação intensiva, muita dedicação e o entendimento do contexto a ser estudado, afastando o objeto do olhar comum.

O paradigma indiciário pode ser deduzido, levantado como uma possibilidade, levando em consideração o contexto, mas nunca uma invenção. Os fatos nem sempre estão aparentes, as fontes muitas vezes escondem as suas informações. É a observação do pesquisador e o seu modo de olhar para as fontes que dão o aporte à micro-história.

Por sua vez, Levi (1992) segue uma perspectiva mais sociológica, que procura perceber o ser humano no seu meio. Para isso, precisa entender a sua conduta, suas escolhas frente às leis e normas instituídas pela sociedade. Nesta perspectiva, o que interessa são as escolhas individuais de cada um, não descolado da sociedade em que viveu, mas no contexto existente. Deste ponto de vista, as escolhas realizadas por cada sujeito, mesmo com limitações, são fruto de uma ação nem sempre consciente, mas talvez possa ser o enfrentamento aos limites impostos.

A micro-história busca formar uma rede de sociabilidade que auxilia o entendimento do indivíduo estudado. As estratégias e desafios enfrentados durante a vida, assim como as aproximações e as rupturas enfrentadas pelo indivíduo, são ferramentas que podem contribuir para a “formação” do ator histórico. Para Levi (1992, p. 135), “[...] toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões [...] diante de uma realidade normativa [...] oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais”.

Ao se estudar a história social, Revel (1998) alerta para o cuidado de não apenas reproduzir a fala do ator; pelo contrário, o pesquisador deve utilizar esta fala

para entender as questões sociais, as aproximações e distanciamentos. Para isso, ressalta a necessidade de uma análise mais densa e a aproximação do olhar aos discursos dos indivíduos. Nesta perspectiva, o que interessa é entender as variáveis simbólicas que existem ao redor do indivíduo estudado, além do meio familiar, o pessoal e o profissional.

Essas redes de sociabilidade nem sempre são positivas, as desavenças devem ser perseguidas, o indivíduo, além de agregar, também cria intrigas. As pessoas não são apenas boas e seguem todas as regras. Existem desvios, disputas, insatisfações que às vezes podem não estar claras nas fontes encontradas. A variação da escala contribui para que essas nuances dos comportamentos possam surgir.

Este trabalho se insere na perspectiva sociológica. O professor Apelles esteve envolvido com a sociedade porto-alegrense de diversas maneiras: como docente, com a publicação de um jornal diário, participando de associações culturais, escrevendo as suas ideias para diversos meios de comunicação, como revistas e jornais, e também exercendo um papel de cidadão e amigo estando presente em velórios, que, de certa forma, era um encontro social. Também esteve envolvido em muitas desavenças, causando cisões e inimizades, principalmente no Partido Republicano Rio-grandense.

Sustentando-se nesta metodologia, compreende-se que a micro-história auxilia a concepção da história social, na qual o professor Apelles estava inserido. Para tanto, pode ser uma ferramenta importante para entender o meio em que ele estava inserido utilizando da variação de escala.

A variação de escala não é o estudo de um objeto pequeno, mas sim a experimentação metodológica de um objeto que pode ter diferentes dimensões (ESPADA LIMA, 2006 e LEVI, 1992). Para Revel (1998, p. 20), variar a escala “significa modificar a sua forma e a sua trama”. O autor cita a variação de escala cartográfica que pode variar o tamanho, contudo, salienta como relevantes as escolhas que serão representadas.

Para Levi (1992), o conceito de escala é principalmente metodológico no sentido de auxiliar os pesquisadores a observar objetos de qualquer dimensão. A micro-história, com a variação de escala, quer perceber o grupo social de forma

heterogênea. Mesmo seguindo um rigoroso sistema de normas, os indivíduos possuem uma autonomia que talvez somente com a redução de escala possa ser percebida (ESPADA LIMA, 2006).

O indivíduo possui uma rede de relações, e tem liberdade de escolhas e interesses. Para Lepetit (1998, p. 88), o sujeito “opera escolhas num universo caracterizado por incertezas e obrigações que dependem, particularmente, da distribuição desigual das capacidades individuais de acesso à informação”. E, neste sentido, observa-se o professor Apelles, um homem privilegiado, ativo nas suas escolhas, mas também diferenciado se o foco da análise for o contexto de saber que o circundava.

“O princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados” (LEVI, 1992, p. 139). Ao aproximar a lente de observação, o pesquisador percebe nuances que, ao afastar a lente, não consegue perceber. A variação de escala não é um dever do pesquisador e sim um procedimento utilizado para melhor se entender a pesquisa.

Com a variação de escala, quer-se entender “os sistemas de contextos nos quais se inscrevem os jogos sociais” (LEPETIT, 1998, p. 88). O que a micro-história busca é perceber os diversos contextos sociais existentes que envolvem o indivíduo (como no caso desta pesquisa) que está sendo estudado. Novamente, ao variar a escala, a descrição intensiva se torna uma ferramenta importante para que o leitor se conecte à pesquisa e ao pesquisador, sem perder de vista o contexto para montar o quebra-cabeça.

Contextualizar o tema da pesquisa ao período que se está estudando é uma prática indicada pela micro-história. Para Revel (1998), o contexto geral auxilia em explicações do particular. Contudo, a micro-história propõe que, a partir de diversos contextos, o pesquisador possa entender os comportamentos da sociedade, que existem particularidades que precisam ser compreendidas.

Ao contextualizar uma pesquisa, deve-se ter cuidado com as generalizações, pois cada indivíduo faz as suas escolhas. Apesar de viver em sociedade e seguir regras, o ser humano tem liberdade e quebra regras impostas. Sendo assim, uma sociedade não deve ser considerada homogênea (ESPADA LIMA, 2012). Conforme

Revel (1998), cada indivíduo participa da sociedade, mesmo que de diferentes níveis, com isso formando contextos diversos, e o que temos no presente são versões do passado.

A contextualização pode ser observada na escrita de Ginzburg (2006). Em seu livro “O queijo e os Vermes”, ao estudar um moleiro chamado Menocchio, ele apresentou, de forma detalhada, uma complexa parte da sociedade italiana. Apesar de não declarar, o autor explorou de modo profundo a sociedade da época e, com isso, tornou a leitura mais atrativa.

A variação de escala, mencionada acima, é relevante para se entender a contextualização, pois o que com outras práticas está dado, com a micro-história isso pode ser revisto, repensado. Como o caso de Menocchio, que poderia ser apenas um indivíduo perseguido pela Santa Inquisição. Contudo, alterando a escala, observou um homem inteligente, leitor, que, ao ler alguns livros, compreendia coisas que não estavam pré-estabelecidas para aquele momento, e na sua fala havia tanta propriedade que os inquisidores queriam ouvi-lo.

Da mesma forma, Davis (1987), ao escrever “O Retorno de Martin Guerre”, perseguiu seu objeto pela França e pela Inglaterra, conseguindo dessa forma contextualizar o período em que o indivíduo viveu, a sociedade, os costumes e hábitos do seu tempo, tornando assim a leitura instigante. Tanto Menocchio quanto Martin podem ser considerados indivíduos que, de alguma maneira, quebram a regra pré-estabelecida, mesmo que vivendo em sociedade.

De uma forma geral, ao contextualizar a realidade vivida no período, o pesquisador percebe as nuances do comportamento da época e as variáveis do indivíduo ou da comunidade a ser estudada. Contextualizar os objetos de pesquisas é um trabalho árduo e necessita de erudição e muito estudo. Contudo, deve ser perseguido por todos os profissionais.

Conforme Levi (1992), o contexto nem sempre aparentemente palpável é o que influenciou o meio, muito pelo contrário, a micro-história busca demonstrar que, por vezes, o que parece claro precisa ser investigado. Ao observar um acontecimento do passado sem a redução da escala, o pesquisador cai em erros que, ao observar mais de perto, reduzindo a escala, talvez não incorreria. Assim também acontece com a análise intensiva das fontes.

Com a lente da micro-história pretende-se enxergar o que não pode ser visto normalmente. As fontes são ricas de informações. Contudo, é o historiador que precisa interpretá-las, interrogá-las.

[...] a Micro-História lida com o fragmento como meio através do qual se pretende enxergar uma questão social ou um problema histórico ou cultural significativo. O fragmento é o que se apresenta ao historiador como caminho para realizar a sua ‘análise intensiva’ ou a sua ‘descrição densa’ [...]. São muito comuns as escolhas de ‘vidas’ ou trajetórias individuais para realização desta observação intensiva (BARROS, 2007, p. 174-175).

Em alguns trabalhos sobre os seus irmãos Apolinário e Aquilles, Apelles surgiu como uma nota de rodapé, sem significância. Esta pesquisa busca entender o papel do professor Apelles, na família e na sociedade em questão e, para isso, estudar a sua trajetória de vida inspirando-se na micro-história pôde auxiliar na observação das fontes. O pesquisador é como um detetive que, além de investigar e descobrir as “provas” (neste caso as fontes), precisa interpretá-las. A fonte, por si só, não fala. O olhar aguçado do historiador, o conjunto da documentação e as perguntas certas podem responder as indagações da pesquisa. Ainda neste sentido:

[...] a Micro-História propõe a utilização do microscópio ao invés do telescópio. [...] a Micro-História procura enxergar aquilo que se escapa à Macro-História tradicional, empreendendo para tal uma ‘redução da escala de observação’ que não poupa detalhes e que investe no exame intensivo de uma documentação. [...] o que importa para a Micro-História não é tanto a ‘unidade de observação’, mas a ‘escala de observação’ utilizada pelo historiador, que observa e o modo intensivo como ele observa o fato (BARROS, 2007, p. 170).

Os silêncios dos dados são interrompidos, unindo a análise intensiva das fontes e a observação exaustiva da documentação. Sendo assim, uma fonte ilumina a outra, a documentação se completa em um todo e pode ser observada de forma conjunta ao seu contexto.

Do ponto de vista metodológico, propunha-se o seu estudo intensivo e entrelaçado, em escala reduzida, à pesquisa extensiva sobre a documentação serial, própria da história quantitativa e estrutural, para reconstruir a complexidade das relações que ligam os indivíduos à sociedade (ESPADA LIMA, 2012, p. 212).

A micro-história não necessita de um número exaustivo de documentos nem tipologias diferentes, mas, se eles existem, devem ser esgotadas, pois contribuem para a construção histórica. O importante é dispor do maior conjunto de documentos possíveis que possam sustentar e responder às perguntas da pesquisa. E, assim, existe uma conexão de sentidos e complementos que demanda ao historiador atenção e um sentido aguçado para captar o máximo de informações da documentação, que sem um olhar intensivo e a atenção ao fragmento, podem permanecer ocultas (BARROS, 2007 e ESPIG, 2006).

Ao analisar as fontes, o pesquisador deve utilizar-se do método da experimentação, fazendo perguntas diversas e criando hipóteses variadas. Com isso, a fonte pode ser testada de formas diferentes (ESPIG, 2006). A escolha da teoria e da metodologia a ser utilizada na pesquisa são instrumentos importantes na busca pelas perguntas que se pretende responder para chegar ao objetivo final, - o entendimento do tema e a conclusão do trabalho.

Um dos pressupostos da micro-história é a descrição densa dos fatos para que o leitor identifique o método de análise intensivo das fontes e de como se chegou aos resultados finais, após as várias experimentações. A variação de escala e a contextualização dos fatos estão relacionadas a este olhar diferenciado para as fontes, que engloba este fazer historiográfico. Após essas etapas da pesquisa serem concluídas, inicia-se a narrativa histórica, parte importante do processo de construção da história.

Na busca por uma melhor contextualização, o formato da narrativa é algo relevante. Para Revel (1998, p. 36), “uma escolha narrativa decorre da experimentação histórica tanto quanto os próprios procedimentos da pesquisa”. Pode-se dizer que a micro-história é a união da redução de escala, com a análise e a descrição intensiva das fontes e a narrativa, formando com isso um texto que faz com que exista uma interação entre o leitor e o pesquisador.

A narrativa é uma etapa importante do fazer historiográfico para a micro-história, pois é neste momento que as escolhas aparecem, os erros e os acertos são expostos e devem surgir como uma gentileza ao leitor. O caminho percorrido deve aparecer na narrativa. Contudo, este não é um trabalho fácil e exige um esforço do

pesquisador, acolhendo o leitor, para que esse se envolva com o fazer histórico (LEVI, 1992). Neste mesmo sentido, Levi (2016) argumenta: a micro-história é

[...] uma tentativa de narrar sem esconder as regras do jogo que o historiador seguiu. [...] a declaração aberta do processo por meio do qual a história foi construída: os caminhos certos e aqueles errados, a maneira pela qual as perguntas foram formuladas e as respostas procuradas (LEVI (2016, p. 22).

Ginzburg (2007) afirma que pensou muito sobre as relações entre hipótese de pesquisa e estratégias narrativas e se os obstáculos da pesquisa deveriam aparecer na escrita do livro “O queijo e os vermes”, assim como os silêncios e as hesitações. Para Levi (1992, p. 153), esta maneira de narrar a história rompe com aquela “forma autoritária” que trazia os objetivos alcançados e na qual não existia uma possibilidade de discussão com o leitor, os desafios da pesquisa eram esquecidos. A micro-história buscou

[...] considerar a realidade histórica de um modo mais rico e complexo, olhando com intensidade analítica aspectos dessa realidade em escala reduzida e, com isso, sua ambição era a de fazer novas perguntas e encontrar respostas que permitissem qualificar a nossa compreensão geral dos processos [...]” (ESPADA LIMA, 2012, p. 222).

Para a micro-história, as fontes que nos chegam hoje são escolhas, não chegaram pelo acaso, os pesquisadores escolhem as fontes que vão utilizar nas suas pesquisas. Nunca alcançaremos o fato na sua plenitude, e a narrativa é a união dos procedimentos da pesquisa e da experimentação histórica (REVEL, 1998). Para tanto, a narrativa está como o ponto final de um processo complexo de busca e interpretação das fontes, da variação da escala, da descrição densa das fontes e do contexto.

Para Revel (1998, p. 37), a micro-história restaurou a narrativa histórica, pois este formato estava “desgastado”. Atualmente se entende que o real não pode ser alcançado e que a escrita da história é um conjunto de escolhas. A forma de narrar a história para os micro-historiadores é um passo importante no fazer historiográfico.

Dessa forma, as fontes localizadas para a pesquisa possuem diferentes tipologias e permitem entrecruzar informações e constituir a trajetória de vida de Apelles Porto Alegre. As cartas, por exemplo, evidenciam os contatos familiares

mantidos a distância e a comunicação com amigos e familiares de alunos. Os inventários e recibos de pagamentos de impostos nos auxiliam a mapear os bens da família Porto Alegre. Os textos publicados nos jornais e revistas apresentam um escritor e jornalista que defendia posições fortes. Todas estas versões formam a trajetória de um indivíduo que surgirá com o andamento da leitura. Para tanto, as fontes que foram acessadas para se construir a escrita deste trabalho serão apresentadas a seguir.

2.2 A construção metodológica: a captação de fontes

A pesquisa histórica é formada pelo conjunto de documentação que o pesquisador encontra sobre um determinado assunto, unindo-se a isso, a teoria e a metodologia para a escrita analítica do passado. Para Levi (2017, p. 168), ainda existe outra demanda: “a necessidade de comunicar os resultados, e não apenas uma pesquisa”.

O documento é fabricado no seu tempo, e a sua preservação também faz parte de uma escolha que nem sempre é consciente, mas que o pesquisador, primeiramente, precisa desconfiar do seu conteúdo aparente (LE GOFF, 2013). Ainda para o mesmo autor, o documento é “[...] uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos” (LE GOFF, 2013, p. 497).

Neste mesmo sentido, Bellotto (2006) afirma que o documento serve como uma passagem para o passado, é este portal que dá acesso ao saber histórico. Para a autora, existe um processo desde a fabricação do documento, o encontro com o pesquisador e a sua trajetória, que é carregado de outras vivências. Por sua vez, o documento encontra, no futuro, uma teoria analítica, uma metodologia de estudo e um pesquisador que não viveu o passado, desta forma se dá o fazer histórico (BELLOTTO, 2006).

O conhecimento histórico não tem a pretensão de ser uma verdade, mas compreende que pode ver uma versão do passado, somando-se o objeto histórico, as fontes encontradas, as leituras e a escrita do pesquisador. Esse processo historiográfico é carregado de subjetividade, assim como o montante de fontes que surgem ao longo da pesquisa, numa busca investigativa por caminhos tortuosos e numa inquietação de algo ter passado despercebido. Desta forma que as fontes foram surgindo no caminho desta pesquisa e, a seguir, serão apresentadas.

2.2.1 Arquivo Pessoal

Inicialmente, foram localizadas duas pastas-catálogo pretas com um número significativo de fontes no arquivo particular do Prof. Dr. Eduardo Arriada, em Pelotas/RS. Esses documentos foram adquiridos de um colecionador de Porto Alegre e não se conhece a história da sua origem. Cabe destacar o papel importante dos colecionadores para a preservação de documentos, pois, sem eles, muita história se perderia ao longo dos anos. O colecionador cuida do documento ou bem histórico, adquirindo, higienizando, conservando, e este ato, muitas vezes, salva coleções inteiras de serem descartadas.

As duas pastas continham, respectivamente, 20 e 29 sacos plásticos com os documentos arquivados, alguns sacos com um documento, outros com vários. Estas pastas são compostas de diversos documentos pessoais de Apelles. Alguns contêm a sua assinatura, além de documentos do Colégio Rio-Grandense e correspondências de seus familiares. Como alguns documentos são posteriores à sua morte, mas pertenceram a sua esposa Sinhá e a sua filha Amélia, pode-se deduzir que tenham sido organizados por Apelles, então vivo, depois guardados por sua esposa e passados a sua filha, que acrescentou a documentação dela.

Após o manuseio e digitalização do material, cada documento foi colocado no seu devido lugar em uma tentativa de futuramente se entender a organização que a princípio não fazia sentido. Os documentos estão em bom estado de conservação, mas exigem muito cuidado no manuseio e manutenção, pois alguns possuem

aproximadamente cento e cinquenta anos. Todos eles são do suporte papel, tendo diversos tamanhos e espessuras. Muitos ainda possuíam grampos, que foram retirados.

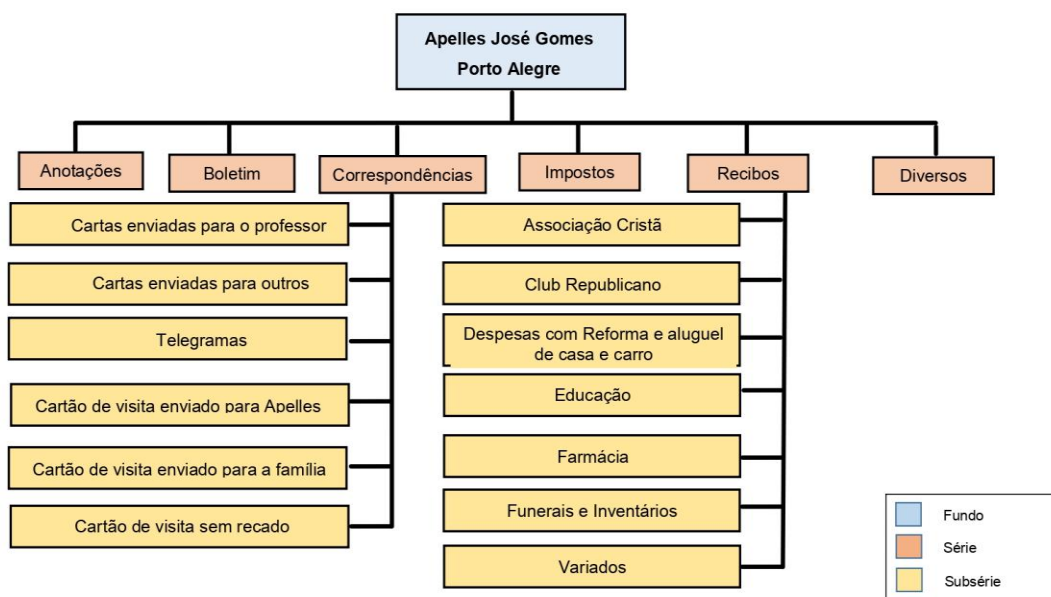
Ter em mãos esta documentação rara do século XIX, de um professor, o que a torna mais rara ainda, documentos de um colégio, cartas dos pais dos alunos, boletins, encontrar sua assinatura e o cartão pessoal, despertam no pesquisador uma sensação de aproximação e, por vezes, até palpável, de um tempo que já passou, que é inalcançável. Segundo Farge (2009, p. 18), “o arquivo petrifica esses momentos”, mesmo que por segundos, como se encontrar estes documentos e os vestígios deixados pelo passado pudesse aproximar-nos do indivíduo ou de sua vida. Cox (2017) menciona o fascínio de poder tocar num documento antigo de um ou dois séculos e afirma que esta sensação é ocasionada também pela quantidade de documentos digitalizados que se encontram atualmente.

Após um primeiro contato com a documentação, ela foi digitalizada na tentativa de preservar e diminuir o manuseio dos documentos, o que poderia levá-los à deterioração. Em seguida, pensou-se numa separação¹⁰ que, de alguma forma, pudesse dar sentido àqueles materiais. E, para isso, eles foram sendo separados digitalmente, em forma de séries e subséries¹¹. Para melhor exemplificar, a catalogação que foi feita digitalmente com este material construiu-se um organograma, onde as séries e subséries ficam melhor visíveis como pode-se observar a seguir:

¹⁰ A classificação do material em séries e subséries ocorreu apenas no material digitalizado. A ordem original significa olhar a documentação existente e entender a organização e a relação entre os documentos já estabelecida pelo produtor. Nesta organização, pode existir muito mais que um simples sistema de arquivamento, mas características do produtor do arquivo. Neste sentido, “[...] a ordem original serve, mais ou menos, como uma abordagem do particular para o geral [...]”. Contudo, caso a documentação chegue sem uma organicidade pré-estabelecida, a ordem original pode ser do “geral para o particular” relacionando os documentos e suas atividades (MEEHAN, 2018, p. 314-315). Na documentação pessoal do professor Apelles, estes dois significados foram respeitados. No material físico, a organização nas pastas se manteve e, no digital, foram experimentadas outras formas de organicidade pela tipologia e proveniência do documento.

¹¹ É importante ser dito que a autora deste trabalho não é arquivista, e sim formada em História bacharelado e licenciatura, com interesses e atuação em arquivos, desta forma aqui foi realizada uma divisão para auxiliar no entendimento das fontes baseada em autores como Bellotto (2006), Cox (2017), Hobbs (2018), Meehan (2018).

Figura 1 - Organograma com a descrição da catalogação do arquivo pessoal do Professor Apelles Porto Alegre



Fonte: Arquivo pessoal professor Apelles Porto Alegre
Acervo Prof. Dr. Eduardo Arriada
Elaborado pela autora

Estas ferramentas auxiliam na fase de análise das fontes, agrupar e separá-las faz com que o pesquisa perceba detalhes que talvez sem esta organização não possa ser percebida. Com o organograma as escolhas feitas durante a divisão das fontes ficam mais aparentes. Mesmo assim, outras ferramentas foram utilizadas na descrição das fontes. O quadro a seguir foi pensado de uma forma que a descrição por assunto e por data fosse classificada de modo geral para que não ficasse muito repetitivo, evitando as recorrências:

Quadro 1 - Descrição das fontes pertencentes ao Arquivo pessoal do prof. Apelles Porto Alegre

Séries	Subséries	Período	Assunto
Anotações		S/D	Bloco de anotações; Lista de compras e pertences; Lista de atividades.
Boletim		1896	Contem notas e observações, no verso texto do pai do aluno.
		S/D	Colégio Rio-Grandense, em branco.
Correspondências	Cartas enviadas para o professor Apelles	1881	Pedido de envio de um discurso para ser lido em uma festa de carnaval.
		1886	Motivos pelos quais ainda não foi acertar a dívida.
		1887	Explicando os motivos pelos quais ainda não foi acertar sua dívida; Pedido de explicação pelo castigo severo aplicado ao aluno.
		1888	Retirada de aluno da escola
		1890	Orientação de pai de aluno sobre seus filhos e a comunicação de que um não retornará aos estudos; Encaminhamento de aluno para o Colégio; Pedido de dinheiro emprestado; Pedido que retire dinheiro do banco para enviar à família em Rio Grande; Doação da bandeira da Escola Normal; Notícias da viagem a Rio Grande; Notícias da família em viagem a Rio Grande; Notícias de Rio Grande.
		1891	Explicando os motivos pelos quais desconfiou que Elisa não estava bem.
		1892	Enviando notícias da revolta ocorrida na Estrada de Ferro da Central do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro;

			Pedido de dinheiro; Explicando a falha na cobrança do pagamento do pão do mês.
		1893	Carta enviada por Lucio Porto Alegre contando da plantação e pedindo mantimentos.
		1894	Pagamento de dívida e aviso de que logo enviará o restante; Convite para ser padrinho de um bebê.
		1895	Notícias da cidade de Ouro Preto; Pai de aluno reclamando das lições extras que foram cobradas e autorizando saída do outro filho.
		1896	Enviando notícias do desempenho escolar na cidade de Ouro Preto
		1897	Comunicando a retirada de aluno do Colégio; Enviando notícias da Bahia e agradecendo a ajuda financeira.
		1899	Enviando notícias e agradecendo a ajuda financeira; Pedido de opinião sobre livros didáticos.
		1901	Carta ilegível; Envio de procuração para recebimento de valor na Capital.
		1902	Envio da procuração para recebimento de valor na Capital.
		1903	Envio da procuração para recebimento de valor na Capital
		1905	Explicando porque aluno não foi mais às aulas e pedido de que, neste ano, ele possa retornar, assim como acertar os valores em aberto.
		1916	Pai de aluno comunicando que o filho está doente e precisa se recuperar em casa.
		1917	Orientações médicas sobre sua saúde.
		S/D	Enviando notícias da Bahia e dos estudos; Acusando o professor Apelles de ter roubado utensílios de uma casa alugada;

			Pai de aluno afirmando que seu filho não cometeu erro; Pedido de dinheiro emprestado.
	Cartas enviadas para outros familiares	1921	Carta para Sinhá enviando notícias, escrita por Maria, provavelmente de Santana do Livramento; Carta para Sinhá enviando notícias sobre um cachorro, escrita por João Varella de Venâncio Aires.
		1923	Carta para Sinhá com notícias de São Jeronymo.
		1924	Carta para Sinhá, pedindo e enviando notícias, escrita por Amélia de São Jeronymo.
		1925	Carta para Sinhá, com agradecimentos de Honório Lemos da Silva.
		1926	Carta para Sinhá, convidando-a para visitar Alice na cidade de Cidreira.
		1927	Carta para Sinhá, enviando notícias, escrita por Amélia da cidade de São Jeronymo.
		1929	Carta para Sinhá, contando notícias, escrita por Amélia da cidade de São Jeronymo; Carta para Sinhá, contando notícias e reclamando da demora da sua transferência, escrita por Amélia da cidade de São Jeronymo.
		1930	Carta para Amélia, agradecendo os exercícios enviados, escrita por Cecília Vargas da cidade de Erechim.
		1932	Carta enviada pelo Dr. A Brasil Vianna da cidade de Itaquí, contando das dificuldades e pedindo o dinheiro que lhe devem; Carta enviada para Amélia, reclamando do valor descontado da previdência, escrita pela professora Dina da cidade de Caxias do Sul.
		1933	Carta enviada para Amélia, confirmando a data de uma festa de casamento, escrita por Dejanira.
		S/D	Carta enviada para Sinhá, com notícias e a possível transferência

			para a Capital, escrita por Amélia; Carta enviada para Sinhá, contando e pedindo notícias, escrita por Amélia; Bilhete enviado a Amélia, enviando um recado para dona Sinhá, escrita provavelmente por Vicencia.
	Telegramas	1890	Pêsames pelo falecimento de Arttur.
		1891	Alípio pergunta pela saúde de Elisa.
		1897	Mãe pede que se seu filho doente deva tratar-se em Porto Alegre
		1899	Pergunta se recebeu cinco contos que lhe foram enviados.
		1904	Comunicando que produto continua retido.
	Cartão de visita enviado para Apelles	S/D	Pedido para entregar a sua mala; Pedido que ensine o filho; E ajude um amigo nos seus estudos; Envio de pagamento; Apelles envia a João de Deus o pedido que assine a sua letra e João de Deus responde parabenizando-o por assumir a direção da Escola Normal; Comunicando que o filho não retornará ao Colégio temporariamente.
	Cartão de visita enviado para Apelles	1895	Retirada de aluno do colégio.
		1898	Pedido de pagamento de custas de taxas com o escrivão; Envio do dinheiro para pagamento das custas do escrivão.
		1900	Felicitação de aniversário; Pedido para interceder com o prof. Meyer sobre notas.
	Cartão de visita enviado para a	1927	Envio de cunhada para estudar no Grupo Escolar que Amélia era diretora.

	família	1934	Arieta agradece a Amélia e Maria.
		S/D	Ernestina agradece a Sinhá e Amélia
	Cartão de visita sem recado	S/D	Apelles Porto Alegre; Targino de Senna Ferreira da Cunha; Francisco Varella.
Recibo	Associação cristã	1921	Recibos da Associação de Mães Christãs da Parochia da Sagrada Familia de janeiro a dezembro, associada efetiva dona Ernestina (sinha).
	Club Republicano	1878	Recibo do mês de julho de aluguel da casa na rua Senhor dos Passos, nº 25; Recibo do aluguel de trastes; Anúncios do Club Republicano publicados nos jornais: <i>do Commercio, A Reforma, Mercantil e Rio-Grandense</i> .
	Despesas com reforma e aluguel de casa e carro	1893	Recibo do pagamento de mil telhas.
		1904	Reparos na casa da Rua coronel Fernando Machado nº 73.
		1905	Reparos na casa da Rua do Arvoredo nº 67;
		1906	Contrato de aluguel da casa da Rua Coronel Fernando Machado nº 73; Recibo de falta de pagamento deste aluguel.
		1921	Conserto e troca de peças no carro;
		1928	Recibo da instalação de água e esgoto pela Intendencia Municipal na casa da rua Primeiro de Março nº 185.
	Educação	1878	Recibo do pagamento do prêmio da letra do mês de outubro
		1879	Recibo do pagamento do prêmio da letra do mês setembro.
		1883	Anotações de valores a serem pagos para d. Feliciano e João de Deos.

		1894	Mensalidade do aluno referente ao 4º trimestre; Mensalidade do mês de outubro.
		1906	Pagamento das lições efetuadas.
		S/D	Recibo de pagamento do Colégio Rio-Grandense em branco
	Farmácia	1895	Recibos com descrição dos medicamentos e valores.
		1899	Receituário de aluno
		S/D	Recibo para d. Amélia
	Funerais e Inventário	1897	Recibo do pagamento das custas do testamento
		1898	Recibo do pagamento das custas do testamento; Recibo do pagamento do funeral de Josefina da Costa Campello.
		1902	Recibo do pagamento do funeral de Josepha Leopoldina da Silva Guimarães
		1904	Pagamento do funeral provavelmente de Apolinário Porto Alegre.
		1920	Pagamento do jazigo do professor Apelles Porto Alegre
	Variados	1884	Recibo de pagamento de dívida
		1898	Empréstimo ao irmão Lucio Porto Alegre.
		1901	Recibo do correio.
		1921	Recibo da compra de café.
		1925	Recibo em branco com carimbo Sudameris.
		S/D	Procuração para receber um valor.
Impostos		1888	Imposto pago por Flora da Costa Campello
		1889	Imposto pago por Flora da Costa Campello e Delfina da Costa

			Campello
		1890	Imposto pago por Flora da Costa Campello
		1892	Imposto pago por Delfina da Costa Campello
		1893	Imposto pago por Delfina da Costa Campello
		1919	Imposto pago em nome de Apelles Porto Alegre
		1920	Imposto pago em nome de Apelles Porto Alegre
		1925	Imposto pago em nome de Apelles Porto Alegre
Diversos		1892	Programa dos Estudos e Regulamento do Collegio Rio-Grandense.
		1899	Contrato de serviço da reforma da casa da rua do Arvoredo nº73.
		1902	Convite para a posse da Associação dos Empregados no Commercio de Porto Alegre.
		1921	Participação do casamento da Alice.
		1923	Título para sorteio de loteria
		1924	Título de um clube de Sorteios.
		S/D	Convite para que o Colégio Rio-Grandense participe das festividades em comemoração à Proclamação da República; Copo Hygienico de papel; Discurso proferido na inauguração de um prédio; Lista com nomes; Poema; Texto em Francês assinado por Elisa; Texto sobre a Guerra no Rio do Prata contra Oribe e Rosas; Texto em homenagem a Pátria.

Fonte: Arquivo pessoal de Apelles Porto Alegre – Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada. Quadro elaborada pela autora.

Como se observa a partir do quadro 1, fazem parte deste acervo um total de duzentos documentos aproximadamente, contagem feita incluindo uma folha de trevo seco de quatro folhas, alguns envelopes avulsos, e a documentação contada individualmente. Esta contagem mais aprofundada permitiu realizar um agrupamento formando séries, as quais ficaram assim descritas: Anotações; Boletins; Correspondências; Diversos; Impostos e Recibos. Estes documentos datam de 1855 a 1934, porém, trinta e quatro não possuem datação. Apesar de o professor Apelles ter falecido em 1917, a documentação se estende até 1934, porque possui cartas de sua filha Amélia que ajudam a entender a sua relação com a mãe e com a docência e os pagamentos de impostos referentes às casas de propriedade da família.

Para Cox (2017), os arquivos pessoais auxiliam o conhecimento do indivíduo, de sua família, mas também do período daquela documentação. Olhando para este tipo de documentação entende-se também a história de forma geral, como viviam e como se davam as relações pessoais.

Na série Anotações, nenhum documento possui data. Contém listas de compras de materiais e os seus respectivos valores, caderneta com nomes, endereços e telefones, listagem de utensílios guardados, anotações de viagem e rascunho de documento para se inscrever nos exames preparatórios. O documento denominado anotações de viagem possui três folhas costuradas com uma linha, sobre o relato de um passeio, sem que seja possível identificar o escritor, porém que estava em companhia de Amélia, e encontrou Alice e Cecy, na cidade de Cidreira e Tramandaí, descrevendo as atividades efetuadas, como cerimônias religiosas, festividades, visitas, as quantidades de banhos de mar e a viagem de carreta tocada por cinco bois. Possivelmente, este documento tenha sido escrito a partir de 1925, porque, no verso da página, está impresso aquele ano. Estes dados ajudam a perceber o contexto da época, as vivências e os encontros familiares da família Porto Alegre.

A seguir, a imagem da lista de objetos deixados por Delfina e por Flora, que estavam guardadas na casa branca¹², mesma casa em que Apolinário se recolheu após a morte da sua mulher Elisa e de sua filha no ano de 1891.

¹² A Casa Branca localizava-se em Porto Alegre no morro Santana. Foi quartel general dos farrapos e hospital farroupilha. Foi comprada por Apolinário Porto Alegre em 1885, onde ele morou. Em 1972, foi destruída para a construção de um empreendimento imobiliário. (SPADONI, 2016). Disponível em: <https://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2016/10/casa-branca.html>. Acessado em: 29/02/2020.

Figura 2 - Listagem dos materiais guardado na casa branca pertencente a Delfina e Flora

Objectos pertencentes as giradas
minha mãe e irmã Flora. e
estão na Casa Branca.

- 1 Cammisa de jacarandá,
- 2 corsets.
- 1 frigideira grande.
- 1 chafariz grande (nova)
- 2 tálias,
- 1 guarda roupa.
- 1 commoda.
- 1 salta de prata.
- 1 portatênis de prata.
- 2 pedras de prata.
- 1 bandeirinha de prata.
- 1 espaldadeira de prata.
- 4 cartões de prata.
- 3 caixas de madeira.
- 1 oratório de jacarandá, con-
tendo o São Leopoldo, São
D. de Carmo, S. D. da Concei-
ção, S. João e Santo An-
tônio, um S. Antão me-
nor e 2 quadros com ima-
gens. (em pequeno relevo).

Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular do Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 2 - Transcrição da figura 1

1-Objetos pertencentes as finadas
 2-minha mãe e tia Flora, q[ue]
 3-estão na caza branca.
 4-1 commoda de jacarandá.
 5-2 tachos
 6-1 frigideira grande.
 7-1 chaleira grande (nova?).
 8-2 tachos.
 9-1 guarda roupa.
 10-1 commoda.
 11-1 [ilégivel] de prata
 12-1 palliteiro de prata.
 13-2 dedais de prata.
 14-1 bandeijinha de prata.
 15-1 [ilegível] de prata.
 16-4 [ilegível] de prata.
 17-3 caixão de madeira.
 18-1 oratorio de jacarandá con-
 19-tendo o S[e]n[ho]r [ilegível] Nosso
 20-S[enhora] do Carmo, N[ossa] S[enhor]a da Concei-
 21-ção, S[ão] João e Santo An-
 22-tônio; um Santo Antônio me-
 23-nor e 2 quadros com [ilegível]
 24-gesso (em pequeno relevo).

A série Boletins, como o nome diz, foi formada por boletins de alunos do Colégio Rio-Grandense originais. Um encontra-se preenchido e três estão em branco. Os boletins que estão em branco possuem dois formatos diferentes, porém, a mesma tipografia, a Livraria do Globo, e foram usados nas primeiras décadas do século XX. E, por sua vez, o preenchido pertenceu a Arlindo d'Oliveira Porto, e data do final do século XIX, mais precisamente janeiro de 1896. A seguir, a imagem do modelo que possui dois exemplares:

Figura 3 - Boletim do Colégio Rio-Grandense

COLLEGIO RIO-GRANDENSE
 EM PORTO ALEGRE
 Travessa 1º de Março n. 28 **BOLETIM** Travessa 1º de Março n. 28

CURSO PRIMARIO Mez de de 191.....

Alumno

Aproveitamento	Conducta	Faltas	Observações

Porto Alegre, de de 19.....
 O DIRECTOR

Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
 Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 3 - Transcrição da figura 2

- 1-COLLEGIO RIO-GRANDENSE
- 2- EM PORTO ALEGRE
- 3-Travessa 1º de Março n. 28
- 4-BOLETIM
- 5-Curso primário Mez de de191.....
- 6-Alumno
- 7-Aproveitamento / Conducta / Faltas / Observações
- 8-Porto Alegre, de de 19
- 9-O Director

A série Correspondências contém cartas, bilhetes e telegramas enviados ao próprio pesquisado ou a seus familiares, como a esposa Ernestina, apelidada de Sinhá e a filha Amélia. Esta série contém oitenta documentos, sendo que quarenta e um formam a subsérie Cartas enviadas para o professor Apelles. Destas, trinta e sete estão entre os anos de 1881 a 1917, ano de seu falecimento e ainda quatro documentos sem data. Encontram-se cinco telegramas. E outra subdivisão refere-se a cartas enviadas para seus familiares, sendo na grande maioria para Sinhá, sua esposa, e algumas para a

filha Amélia, totalizando treze, que se dividem entre os anos de 1921 a 1933, sendo que três não possuem data. A subsérie Cartões de visita foi dividida em quatro. Destas, onze foram enviados para o professor Apelles, sendo que cinco possuem datação e seis não. Três cartões foram enviados para a Amélia ou a Sinhá e, quatro estão em branco, não possui recado.

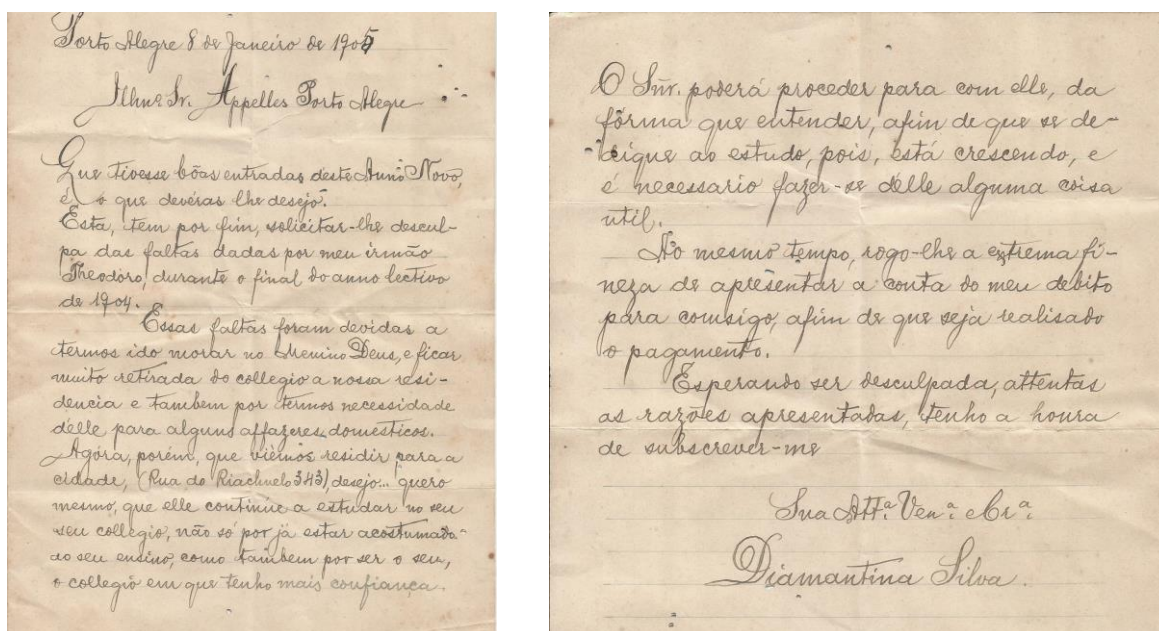
Estas divisões foram realizadas para que melhor se pudesse visualizar os documentos utilizando-se de escalas diferentes de observações, pois, em um primeiro momento, a documentação não respondia às perguntas da pesquisa. Sendo assim, na série Correspondências, na subsérie Cartas enviadas para o professor Apelles, foi encontrada uma diversidade de assuntos, como no ano de 1881, em que Liberato escreveu solicitando que lhe fosse enviado um discurso para ser lido em um baile carnavalesco. Este deveria ser enviado no mesmo vapor para que chegasse a tempo. Algumas cartas tiveram como perfil a explicação do porquê estar em atraso os pagamentos das dívidas. Recorrentes aparecem os pedidos de dinheiro como empréstimo, e o caráter de urgência chama atenção: “no caso affirmativo podes remettel-os pelo portador” (PEDRO, 22/05/1890. Bilhete). Algumas cartas referem-se aos alunos, como a preocupação com um castigo excessivo aplicado, mesmo “que não é de seu costume” (DIAS, 16/11/1987. Carta). Outras cartas explicam os motivos que vão tirar os alunos da escola e estes são variados, desde “dar lhe um castigo” ou a falta de gosto pelos estudos, ou porque necessitava dele em casa ou em um trabalho. Outro motivo de comunicação foram as indicações do Colégio, ou dos seus serviços como professor.

As cartas têm grande relevância para os arquivos pessoais, já que, em uma correspondência, seja ela pessoal ou comercial, pode-se encontrar “tomadas de decisões com as quais buscam descobrir os segredos dos eventos históricos – as cartas muitas vezes revelam perspectivas sinceras, detalhadas e reveladoras de nossas atividades” (COX, 2017, p. 198). Em uma correspondência, pode-se encontrar detalhes do indivíduo que escreveu, ou de seu destinatário, assim como a história da comunidade, dos seus costumes e modos de vida.

Apelles recebia cartas da família enviadas das cidades de Santana do Livramento e do Rio Grande pedindo favores, como receber quantia de dinheiro

no banco, envio de mercadorias pelo vapor ou apenas contando as notícias familiares. Apelles ajudava financeiramente, acompanhado de outros amigos, o estudante José Luiz, que estudava na cidade de Outro Preto e depois transferiu-se para a Bahia com intenção de concluir os seus estudos. O proprietário da “A Nacional”, uma tipografia da época, convidou o professor para dar seu parecer referente aos livros de ensino primário e secundário da editora. E, por fim, no ano de 1917, Apelles recebe orientações quanto a sua saúde, prescrição médica e a opinião de outros médicos que o atenderam, e neste ano ocorreu o seu falecimento. A seguir, uma carta enviada pela irmã de um aluno justificando as faltas ocorridas no final do ano de 1904, devido a mudança de bairro, solicitando retorno às aulas no próximo ano e os valores da conta a ser paga.

Figura 4 - Carta enviada por Diamantina Silva a Apelles Porto Alegre, em 8 de janeiro de 1905, na cidade de Porto Alegre



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 4 - Transcrição da figura 3

1-Porto Alegre 8 de janeiro de 1905 2-III[ustrissí]m[o] S[enho]r Appelles Porto Alegre 3-Que tivesse boas entradas deste Anno Novo, 4-é o que devéras lhe desejo. 5-Está, tem por fim, solicitar-lhe descul- 6-pa das faltas dadas por meu irmão 7-Theodoro, durante o final do anno lectivo 8-de 1904. 8-Essas faltas foram devidas a 9-termos ido morar no Menino Deus, e ficar 10-muito retirada do collegio a nossa resi- 11-dencia e tambem por termos necessidade 12-delle para alguns afazeres domesticos. 13-Agóra, porém, que viemos residir para a 14-cidade, (Rua Riachuelo343), desejo quero 15-mesmo, que elle continue a estudar no seu 15- seu collegio, não só por já estar acostumado 15-ao seu ensino, como tambem por ser o seu, 16-o collegio em que tenho mais confiança.	1-O S[e]n[ho]r poderá proceder para com elle, da 2-fórma que entender, afim de que se de- 3-dique ao estudo, pois, está crescendo, e 4-é necessário fazer-se delle alguma coisa 5-util. 6-Ao mesmo tempo, rogo-lhe a extrema fi- 7-neza de apresentar a conta do meu debito 8-para consigo, afim de que seja realizado 9-o pagamento. 10-Esperando ser desculpada, attentas 11-as razões apresentadas, tenho a honra 12-de subscrever-me. 13-Sua Att[ent]a Ven[erador]a e Cr[iad]a 14-Diamantina Silva.
---	---

Neste exemplo da figura 3, pode-se observar a caligrafia da Senhora Diamantina, uma escrita clara e legível, mas esta não é uma constante. A paleografia¹³ é um desafio no trabalho com os arquivos pessoais. Alguns documentos são ilegíveis ou de difícil compreensão, porém as técnicas de

¹³ “A paleografia abrange a história da escrita, a evolução das letras, bem como os instrumentos para escrever. Pode ser considerada arte ou ciência. É ciência na parte teórica. É arte na aplicação. Porém, acima de tudo, é uma técnica. [...] tem por objetivo o estudo das características extrínsecas dos documentos e livros manuscritos, para permitir a sua leitura e transcrição, além da determinação de sua data e origem. [...] O documento paleográfico é manuscrito e pode ter como suporte papel, tecido ou matéria branda, isto é, pergaminho e papiro” (BERWANGER; LEAL, 2008, p. 16). Acima de tudo, para o pesquisador transcrever o documento, permite entender o seu tempo o que aquele indivíduo queria expressar, é também um ato de desvendar o documento.

paleografia auxiliam muito nestes momentos e a satisfação de decifrar uma palavra complementa o trabalho.

A subsérie Telegramas foi formada por cinco documentos que possuíam uma forma reduzida e rápida de comunicação. O valor dependia da quantidade de palavras enviadas. Por sua vez, na subsérie Enviadas para outros familiares, pode-se observar uma variedade de doze correspondências enviadas para dona Sinhá e quatro para Amélia. Destas, algumas foram enviadas por Amélia, que morava em São Jerônimo, onde lecionava, para sua mãe Sinhá contando as novidades, reclamando da demora da sua transferência, que enfim veio a conseguir no intervalo dos anos de 1929 a 1930. Sinhá recebia cartas com teor familiar enviando e pedindo notícias da família e de animais de estimação, assim como de agradecimento e convites para que a fossem visitar. Amélia, em duas cartas, recebeu pedidos de confirmação de festa e um aviso de que o almoço não poderia ser entregue, além da reclamação de uma colega que não concorda com o desconto da previdência e do agradecimento de outra pelo envio de atividades para auxiliar no ensino das crianças.

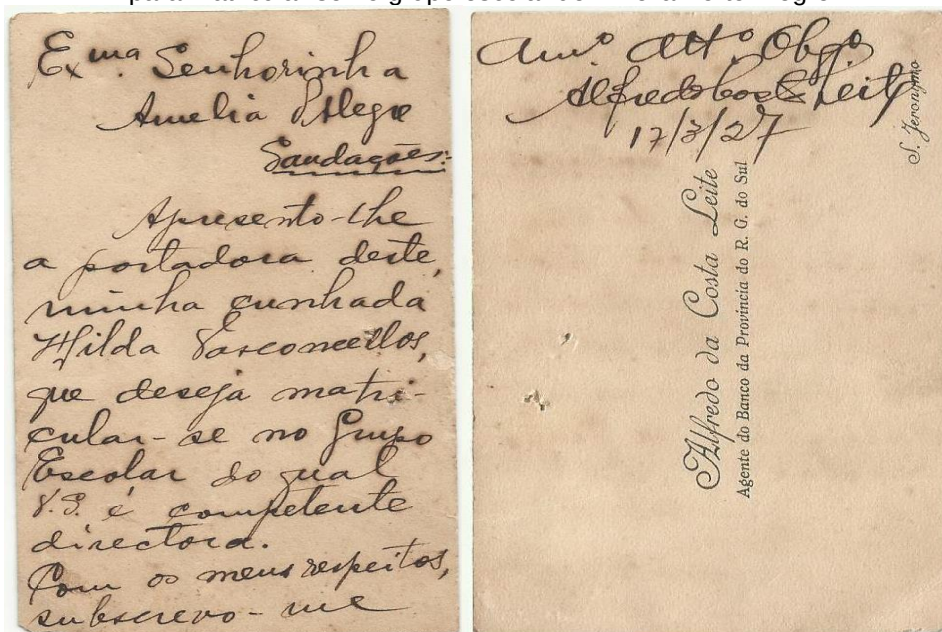
A subsérie Cartões de visita é composta por dezoito cartões que possuem o mesmo formato e estilo de apresentação e material em papel cartonado. Em alguns casos, além do nome, também contém recados. Destes, cinco foram destinados ao professor Apelles e possuem data. Outros seis não contêm datação, quatro não possuem recados, sendo que destes dois são do próprio pesquisado, e dois foram enviados a sua filha Amélia, e possuem datação.

Os cartões enviados ao professor Apelles com data circulam entre cinco anos, de 1895 a 1900, e referem-se ao pedido de José Soares Junior para que Apelles faça o pagamento ao escrivão Evaristo a respeito de custas: Um dia após este contato, outro chega ao professor Apelles do mesmo José Soares pedindo que Apelles entregue a quantia de 290\$000 ao escrivão João Vianna. Outro refere-se à mãe de uma aluna pedindo que Apelles converse com o professor Meyer para revisar o engano nas lições de sua filha. Ainda o pai de um aluno avisa que vai retirar seu filho do Colégio Rio-Grandense, pois encontrou uma “arrumação” para ele. E, por fim, Carlos Saturnino Pinto envia felicitações pela passagem do seu aniversário no ano de 1900.

Os cartões enviados ao professor Apelles sem data aparentemente são informais, pedindo que entregue a sua mala ao portador do bilhete, avisando que vai aceitar a oferta de ensino ao filho, pedindo que ajude a um amigo que está na capital para realizar um exame nos seus estudos. De pais de alunos, dois bilhetes: um refere-se ao pagamento de dívida que parte está sendo enviado pelos filhos e logo o restante será quitado, e outro comunicando que o filho não regressará aos estudos por necessitá-lo em casa, mas que assim que for possível continuará no seu colégio. Curiosamente, temos um enviado pelo professor Apelles que escreveu a João de Deos pedindo que assine sua letra, que precisa ser entregue no dia seguinte. No mesmo cartão, João de Deos responde parabenizando pela nomeação de diretor da Escola Normal. Assim, temos um único documento que foi enviado e recebido por ele.

Três cartões de visita foram enviados para a família. Neste caso, um sem data foi dirigido a Amélia e sua mãe Sinhá, de agradecimentos pelos pêsames oferecidos a Ernestina Dutra Vianna, outro com agradecimentos de Arieta no ano de 1934. E um datado de 17 de março de 1927, enviado por Alfredo da Costa Leite da cidade de São Jerônimo, solicitando a matrícula de sua cunhada Hilda Vasconcellos, que gostaria de estudar no grupo escolar em que a Amélia era diretora. Pelo documento a seguir, verificou-se que atendia uma clientela da alta sociedade, afinal, o Alfredo da Costa Leite é agente do Banco da Província.

Figura 5 - Frente e verso do cartão de visita de Alfredo da Costa Leite indicando sua cunhada para matricular-se no grupo escolar de Amélia Porto Alegre



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 5 - Transcrição da figura 4

1-Excelentíssima Senhorinha
2-Amélia Alegre
3- Saudações:
4-Apresento-lhe
5-a portadora deste,
6-minha cunhada
7-Hilda Vasconcellos,
8-que deseja matri-
9-cular-se no Grupo
10-Escolar do qual
11-vossa Senhoria, é competente
12-directora.
13-Com os meus respeitos,
14-subscreevo-me

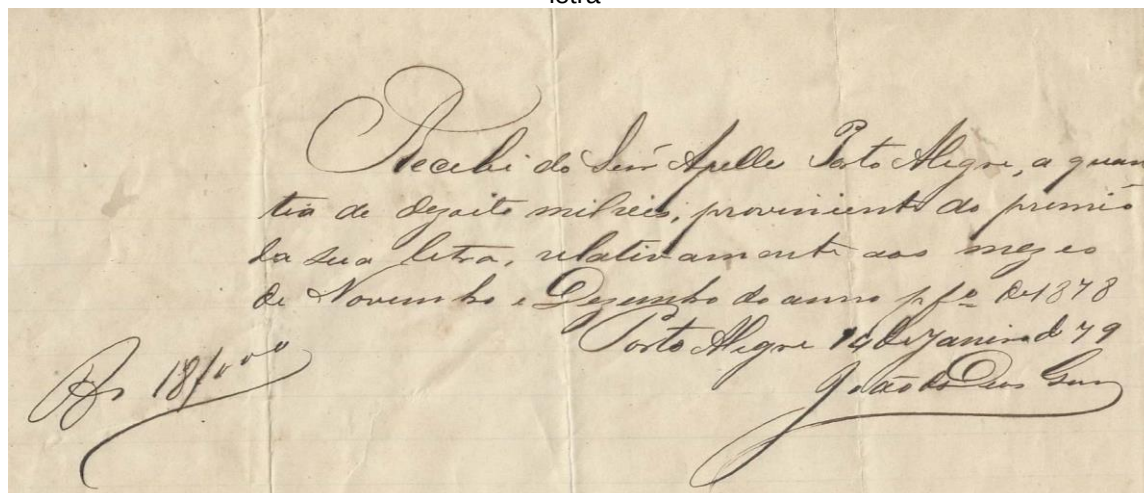
1-Amigo Atenciosamente obrigado
2-Alfredo da Costa Leite
3-17/3/27
4-Alfredo da Costa Leite
5-Agente do Banco da Província
do R. G. do Sul
6-S. Jeronymo

Na série Recibos, foram agrupados todos os recibos de despesas ou pagamentos de valores com o aluguel da casa ou com as aulas. Para Cox (2017), uma das formas mais antigas de arquivamento é o financeiro. Os primórdios da escrita surgem da necessidade de registro nas transações econômicas. Para melhor visualização, foram criadas sete subséries, que são: Associação Cristã, Club Republicano, Despesas com Reforma e Aluguel de casas e carro, Educação, Farmácia, Funerais e Inventários, Variados.

Na subsérie Associação Cristã, há três recibos do pagamento da mensalidade do ano de 1921 da Paróquia da Sagrada Família, em nome de Ernestina Franco Porto Alegre (Sinhá) no valor de dois mil réis (2\$000) cada mês. Na subsérie Club Republicano, são dois recibos, de aluguel da casa e de móveis, outros sete de anúncios publicados em quatro jornais da cidade: *do Commercio, Mercantil, Reforma, Rio-Grandense*. A subdivisão: Despesas com Reformas e Aluguel da Casa e Carro refere-se a oito documentos: três recibos relacionam-se a reforma e pintura da casa, que era para aluguel, na rua Coronel Fernando Machado, nº 73, nos anos de 1904 e 1905, e mais um contrato de aluguel desta mesma casa, assim como uma promissória da que seria uma dívida por falta de pagamento. Por sua vez, no ano de 1921, outra despesa refere-se a consertos no carro da família e ainda a instalação de água e esgoto pela Intendência Municipal, na casa na rua Primeiro de Março nº 185, em que provavelmente a família tenha morado após a virada do século XX (FRANCO, 1992). Em 1893, o professor Apelles comprou mil telhas.

Na subsérie Educação, os recibos são todos relacionados ao ensino, seja na forma de pagamento do prêmio de sua letra a professores, seja no pagamento das mensalidades pelos alunos do Colégio Rio-Grandense. Os recibos são referentes ao pagamento de dona Feliciano Ignacia Luiza e a João de Deos Gomes dos anos de 1878 e 1879. Quatro recibos são de alunos, dois referentes às suas lições, e dois são de mensalidades do Colégio e um recibo encontra-se em branco. A seguir, um exemplo de recibo, referente ao pagamento de Apelles efetuado em 1879 a João de Deos Gomes, referente ao prêmio de sua letra, no valor de dezoito mil réis (18\$000).

Figura 6 - Recibo do pagamento de Apelles a João de Deos Gomes referente ao prêmio de sua letra



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 6 - Transcrição da figura 5

- 1-Recebi do S[enho]r Apelles Porto Alegre, a quan-
- 2-tia de dezoito mil reis, proveniente do prêmio
- 3-da sua letra, relativamente aos meses
- 4-de Novembro e Dezembro do anno p[resente] p[róximo] de 1878
- 5-Porto Alegre 14 de Janeiro de 79
- 6-R\$18\$000
- 7-João de Deos Gomes

A subsérie Farmácia refere-se a treze documentos divididos entre recibos da farmácia e atendimento médico. Para Amélia, em específico, foram dois recibos da Farmácia Esperança e um atendimento médico em que o Dr. Saturnino foi até a casa e cobrou a quantia de dez mil réis (10\$000). Dez recibos são do Colégio Rio-Grandense, provavelmente despesas de alunos, que depois eram cobradas de suas famílias. A maioria possui a assinatura do Dr. Saturnino e o timbrado ou carimbo da Farmácia Alemã.

A subsérie Funerais e Inventários possui cinco documentos: dois recibos de pagamento das custas e certidões do testamento de Flora Joaquina da Costa Campello no valor de cento e quarenta e oito mil e quatrocentos réis (148\$400) e o outro de setecentos e setenta e oito mil e seiscentos réis (778\$600) pagos pelo professor Apelles ao escrivão. Um recibo da funerária com as despesas pagas pelo caixão, vestimentas, aluguel de quinze carros, escrivão, cera e encomendação no falecimento de dona Flora, no ano de 1896 no valor de seiscentos e nove mil réis (609\$000). Outro recibo de funeral foi

pago a Vasco Araujo Silva pelo funeral de sua avó. O recibo do funeral de Apolinário está na documentação, porém em nome de Alencarino Jose Gomes Porto Alegre, seu filho. O recibo tem data de 30 de abril de 1904, pouco mais de um mês após a morte de Apolinario, contendo um caixão coberto de belbutina preta dourada guarnecido de galão entrefino, sapatos de verniz, registro de óbito e cera para encomendação, totalizando cento e trinta mil réis (130\$000). No ano de 1920, Ernestina Franco Porto Alegre paga o título de uso por cinco anos do túmulo do professor Apelles a quantia de cem mil réis (100\$000) ao Cemitério São Miguel e Almas, pertencente à Santa Casa de Misericórdia, onde se encontra ainda hoje.

E, por fim, a subsérie Variados corresponde a documentos que não se encaixaram em nenhuma das outras. Contém dois recibos referentes ao pagamento a João Mineiro nos meses de janeiro e julho de 1884, sem especificar a que se refere, apenas que era uma conta de maior valor. No ano de 1898, Lucio Porto Alegre pede uma quantia emprestada ao irmão e eles fazem uma espécie de promissória para comprovar. Ainda há um recibo do correio, e outro documento que descreve a compra de café mensal do período de maio de 1920 a março de 1921, feito por dona Sinhá. No ano, o valor do quilo do café não foi alterado, permanecendo dois mil e duzentos réis (2\$200). Do ano de 1925, são três recibos do banco Sudameris de São Paulo, em branco. E, por fim, sem assinatura e sem data, uma procuração para que alguém receba a quantia do exercício de 1900.

Na série Impostos, constam vinte e um documentos, dos anos de 1888, 1889, 1890, 1892 e 1893 referentes a impostos pagos por dona Flora e dona Delfina, suas tia e mãe, dos quais têm registro três imóveis, um na rua Duque de Caxias¹⁴, o outro na rua Coronel Fernando Machado e o terceiro na rua General Auto¹⁵. Nos anos de 1919 e 1920, o imposto de três casas estava em nome de Apelles Porto Alegre. Duas se localizavam na rua Avaí¹⁶ e uma na

¹⁴ A Rua Duque de Caxias está entre as ruas mais antigas e tradicionais da cidade de Porto Alegre. Também foi chamada de Rua Formosa, Rua Direita da Igreja, Rua da Igreja, Rua São José, Rua Alegre, e Rua do Hospital. Segundo Franco (1992), estes nomes não foram oficiais.

¹⁵ Antigamente conhecido como Rua de Belas (FRANCO, 1992).

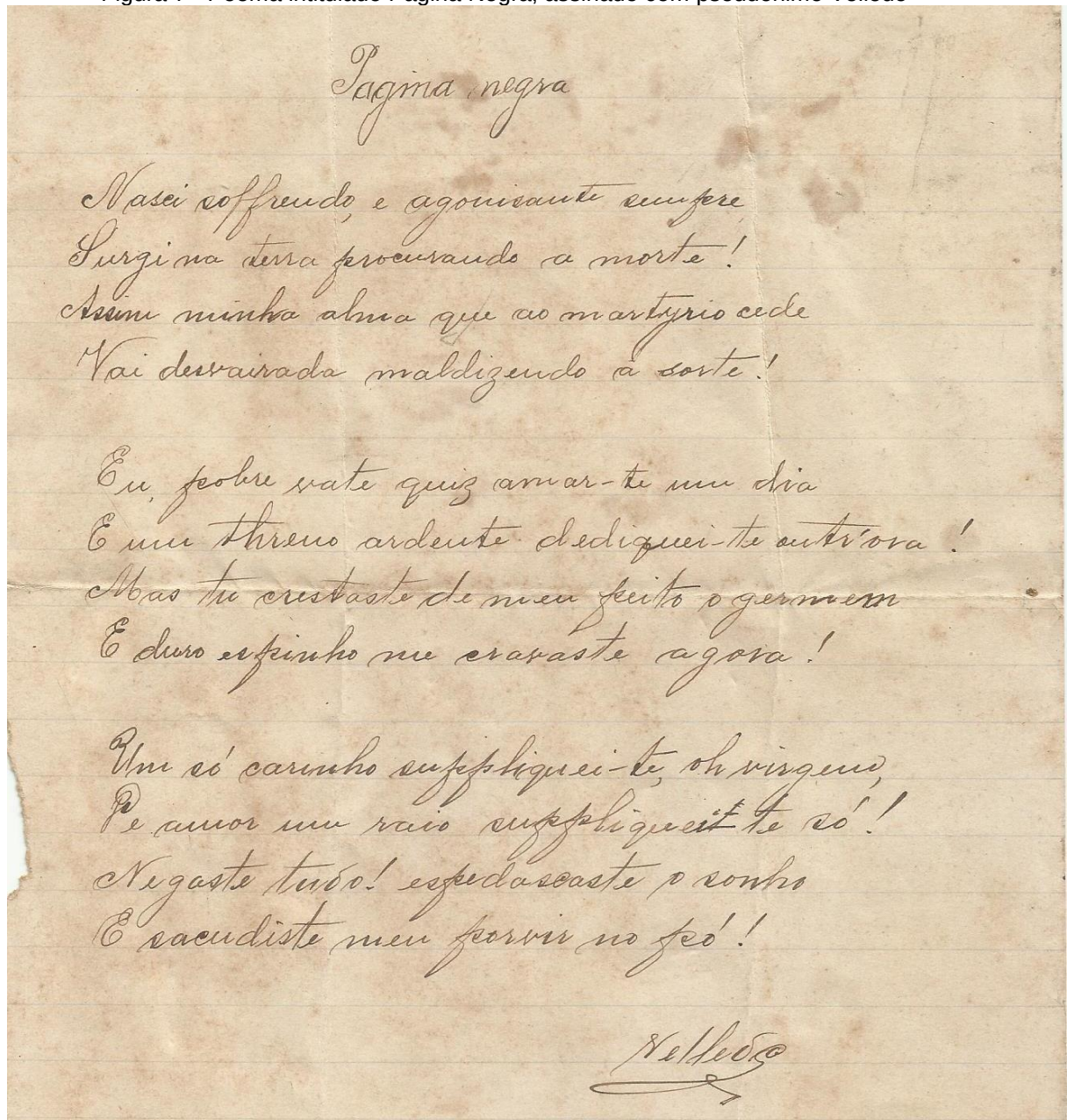
¹⁶ Atualmente a Rua Avaí "se acha reduzida a um pequeno segmento entre a Avenida João Pessoa e a Primeira Perimetral" (FRANCO, 1992, p. 49).

Travessa Primeiro de Março¹⁷. Por sua vez, no ano de 1925, foi cobrado o imposto de quatro casas, três na rua Avaí e um na rua Primeiro de Março.

E, por sua vez, a série Diversos contém treze documentos que não se encaixavam nas outras séries, sendo um convite ao professor Apelles para a posse da Associação dos Empregados no Comércio de Porto Alegre no ano de 1902; a participação do casamento de Alice Porto Alegre com Ildefonso Carlos de Figueiró; quatro textos (um sobre a Guerra no Rio do Prata contra Oribe e Rosas); um discurso na entrega de um prédio na cidade de São Jerônimo; outro referente a uma homenagem à Pátria; e o último está escrito em francês e assinado por Elisa. Ainda contém um contrato para a reforma de uma casa na rua do Arvoredo, onde a família morou; um convite ao Colégio Rio-Grandense para participar das homenagens à Proclamação da República e mais um copo higiênico individual de papel para proteger contra a tuberculose; um título de um Clube de Sorteios denominado Club Excelsior; e outro título da loteria estadual; uma lista com quarenta e nove nomes. E, por fim, um poema denominado “Página Negra” e assinado com o pseudônimo de Velledo, que pode ser observado na imagem a seguir:

¹⁷ A Travessa Primeiro de Março atualmente é chamada de Rua Sarmento Leite, mas foram popularmente chamada de: Beco do Juca da Olaria, Beco do José de Souza Costa, Beco do Israel Paiva e Travessa da Olaria (FRANCO, 1992).

Figura 7 - Poema intitulado Página Negra, assinado com pseudônimo Velledo



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
 Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 7 - Transcrição da figura 6

1-Pagina negra 2-Nasci soffrendo, e agonisante sempre 3-Surgi na terra procurando a morte! 4- Assim minha alma que ao martyrio cede 5-Vai desvairada maldizendo a sorte! 6-Eu, pobre vate quiz amar-te um dia 7-E um threno ardente dediquei-te outr'ora! 8-Mas tu crestaste de meu peito o gremem 9-E duro espinho me cravaste agora! 10-Um só carinho supliquei-te só! 11-Negaste tudo! Espedascaste o sonho 12-E sacudiste meu porvir no pó! 13-Velledo
--

Como se pode observar, nem todos os documentos, principalmente as correspondências, foram enviados diretamente para o professor Apelles. Algumas foram escritas por sua esposa ou filhas. Contudo, entende-se que estes materiais vão auxiliar para que se possa compreender o contexto familiar e mesmo profissional em que o pesquisado estava envolvido. A família Porto Alegre é constituída por docentes e suas histórias estão entrelaçadas, assim como as suas relações pessoais, profissionais, intelectuais e familiares.

Na próxima seção, será descrita a busca realizada em instituições da cidade de Porto Alegre durante o andamento da pesquisa.

2.2.2 Numa busca pelas fontes

Na busca por outras fontes ou algo que pudesse auxiliar o entendimento da vida do professor Apelles, foi-se à procura de novas pistas. Inicialmente, entrou-se em contato via e-mail com alguns arquivos e instituições públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. Após, visitou-se o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, o Arquivo Público do Rio Grande do Sul, a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, para realizar a visualização e captação de alguns documentos. Nestas instituições, foi possível

identificar um corpus documental e foi permitida a pesquisa, e a fotografia gratuita da documentação desejada.

A partir dessa busca, pode-se perceber que o arquivo pessoal do professor Apelles é onde se encontra o material mais robusto e agrupado a seu respeito. É com os documentos pessoais que sua intimidade pode ser percebida, mesmo que de forma superficial, já que as cartas¹⁸ que se encontram no material foram enviados para ele e não por ele.

No Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, não foi necessária a visita física, pois somente existia uma fotografia que foi enviada por e-mail. A seguir, foi elaborada um quadro com a descrição das fontes encontradas:

Quadro 8 - Descrição dos documentos encontrados após busca nas instituições de Porto Alegre

Arquivos/instituições	Documentação
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul	Correspondência enviada por Apolinário Porto Alegre ao diretório do Partido Republicano; Texto sobre o Clube Bento Gonçalves; Correspondência de Apelles Porto Alegre ao presidente da Província.
Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul	Inventário de Flora Joaquina da Costa Campello; Inventário de Delfina Joaquina da Costa Gomes ¹⁹ .
Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul	Livreto “À memória do professor Apeles Porto Alegre – Homenagem promovida por seus admiradores e antigos alunos”, 1944.
Cemitério da Santa Casa	Túmulo de Apelles Porto Alegre e de sua esposa ²⁰ .
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul	14 exemplares incompletos do jornal <i>A Imprensa</i> ²¹ .

¹⁸ No geral, as cartas são chamadas de correspondência ativa (aquelas enviadas), e passivas (as recebidas). Comumente, o que permanece nos arquivos pessoais, são aquelas recebidas. A tradição de escrita de cartas, perde-se no tempo, contudo, de longa data, aparecem os tratados dedicados ao tema. Como exemplo pode-se citar a obra de Francisco José Freire, *Secretário Português ou methodo de escrever cartas*. Lisboa: na Typografia Rollandiana, 1787. Com licença da Relação Meza Cenforia.

¹⁹ Inventariante foi Apelles Porto Alegre.

²⁰ Imagem da lápide.

²¹ Os jornais foram fotografados.

Museu da Comunicação Hipólito José da Costa	183 exemplares do jornal <i>A Imprensa</i> de 6 de julho de 1881 a 15 de fevereiro de 188 ²² ; livros e fichas com informações de Apelles, Apolinário e Aquiles.
Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo	Fotografia de uma casa em que possivelmente tenha morado Apelles Porto Alegre.

Quadro elaborado pela autora.

No Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul foi feita uma pesquisa local na instituição, porém a forma de organização do material dificulta a busca pelos documentos. Os catálogos de pesquisa estão organizados de forma muito ampla, sendo que o pesquisador precisa estar familiarizado com o material para encontrar as fontes. Os funcionários apenas auxiliam na busca interna, sendo que o pesquisador que não souber pedir o documento não consegue encontrar o que deseja.

Neste arquivo, foram encontrados dois documentos de Apolinario Porto Alegre: uma correspondência para o partido federalista e outro sobre o Clube Bento Gonçalves, além de uma correspondência de Apelles Porto Alegre em que ele pedia a exoneração do cargo de examinador das provas de História e Retórica dos exames preparatórios para o Ateneu Rio-Grandense, pois, entre os alunos, estavam alguns do Colégio Rio-Grandense.

No Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul foram encontrados alguns processos dos irmãos Porto Alegre, como inventários, processo criminal e judicial, licença de casamento, prestação de contas, tanto como requerentes, como requeridos e testemunhos. Neste arquivo, optou-se por consultar e fotografar dois inventários de Delfina Joaquina da Costa Campello e de Flora Joaquina da Costa Campello, mãe e tia dos irmãos Porto Alegre, totalizando 148 páginas que podem auxiliar na investigação familiar. O inventariante dos dois processos foi o professor Apelles.

Foram identificadas, na visita ao arquivo, alguns problemas, como a falta de documentos que não estão mais arquivados. Esta prática de retirada de documentos era autorizada, o que fez com que alguns se perdessem. Um exemplo de ausência de material é o inventário do professor Apelles Porto

²² Faltaram fotografar os exemplares de 16 de fevereiro de 1882 a 18 de maio de 1882.

Alegre, que foi retirado da instituição em 1979. No anexo A, segue o documento com a solicitação da retirada.

Na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul encontrou-se um livreto denominado “Homenagem promovida por seus admiradores e antigos alunos” (TORELLY e CARVALHO, 1944) para o professor Apelles Porto Alegre. O livro foi organizado por vários ex-alunos, e conta com um texto de sua filha Amélia Porto Alegre, a qual escreveu sobre o papel desempenhado por seu pai.

No cemitério de São Miguel e Almas da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre foi encontrada a lápide de sepultamento do professor Apelles e de sua esposa Ernestina Souza Franco, também conhecida por Sinhá. Na lápide do professor Apelles, consta a seguinte mensagem: “Ele foi bom e nobre e justo. Sua vida toda em bem se traduz. Segue ensinando através do tempo. Estrela que morre e fica a luz!”. Quando homenageado, o professor Apelles é lembrado como um professor que viveu para a educação. Contudo, as homenagens são realizadas por sua família e amigos, esta exaltação é esperada quando se trata de aproximações fraternas. Na lápide da dona Sinhá, não consta seu nome apenas o apedido, o que poderia remeter a uma reminiscência do escravismo, já que a denominação de sinhá era como os escravizados chamavam a sua proprietária. Contudo, atenta-se ao fato de que não há registro de escravizados pela família. A seguir a imagem do túmulo.

Figura 8 - Imagem da lápide do professor Apelles e sua esposa Sinhá localizada no Cemitério de São Miguel e Almas da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre



Fonte: Imagem do Arquivo Histórico – CHC Santa Casa

No Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRS, existe um acervo do professor Apolinário Porto Alegre com exemplares da Revista do Parthenon Literário e com as crônicas do professor Aquiles Porto Alegre, que pertencem ao acervo da professora Sandra Pesavento. No acervo da instituição encontram-se quatorze exemplares de *A Imprensa*, que foram de grande importância para a pesquisa, porque contêm os últimos números antes do encerramento das atividades do jornal, apesar de a coleção encontrar-se incompleta e deteriorada pelo tempo.

No Museu da Comunicação Hipólito José da Costa encontrou-se uma vasta coleção de jornais sobre a história do Rio Grande do Sul, entre eles, o jornal *A Imprensa*²³, datado de 6 de julho de 1881 a 18 de maio de 1882, além de anotações manuscritas e livros sobre a imprensa gaúcha. Uma dessas anotações, sem constar o autor, indica que o jornal tenha iniciado em janeiro de 1880, mas essa informação não procede, e atualmente sabe-se que foi em 19 de agosto de 1880. O jornal *A Imprensa* foi utilizado nesta pesquisa na

²³ No apêndice A encontra-se um quadro com a descrição dos jornais fotografados.

busca pelo Apelles editor, o seu posicionamento e suas ideias, não expressadas em outros documentos.

No Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo não foi necessário o deslocamento até a instituição, que enviou por e-mail uma fotografia de uma casa em que, possivelmente, o professor tenha morado e onde funcionou o colégio Rio-Grandense.

Ao saber do envolvimento do professor Apelles com a Revista do Parthenon Literário, uma busca deveria ser feita na tentativa de entender a sua participação na editoria do periódico e encontrar os textos de sua autoria que lá foram publicados. Para tanto, muitas instituições possuem exemplares esparsos, que poderiam ser acessados. Porém, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) publicou um *ebook* com todas as revistas liberadas para *download*. Este *ebook* contém noventa e um exemplares e destas, em vinte e seis edições foram publicados textos do professor Apelles, e destes em 3 edições saíram mais de um. Por exemplo, no ano de 1876, nº 4, 1877, nº 1, 1877, nº 2, foram dois em cada ano. A seguir, o quadro com a descrição dos textos publicados pelo professor Apelles na Revista do Parthenon Literário:

Quadro 9 - Descrição dos textos publicados pelo professor Apelles Porto Alegre na Revista do Parthenon Literário entre os anos de 1869 a 1877

Ano	Título	Categoria	Total de páginas
1º ano agosto 1869	Recordações	Conto	3
1º ano novembro 1869	A Aurora	Poema	1
2ª série agosto 1872	Tancredo (continua)	Novela	5
2ª série setembro 1872	Tancredo (continua)	Novela	5
2ª série outubro 1872	Tancredo (continua)	Novela	6
2ª série novembro 1872	Tancredo	Novela	11
2º ano julho	Phantasia	Crônica	4

1873			
2ª série setembro 1873	Georgina	Novela	10
2ª série outubro 1873	Georgina	Novela	12
2ª série novembro 1873	Georgina	Novela	9
2ª série dezembro 1873	Georgina	Novela	8
3º ano janeiro 1874	Georgina	Novela	14
3º ano fevereiro 1874	Georgina	Novela	6
3º ano abril 1874	Georgina	Novela	4
3º ano maio 1874	Sobre a these historica – A invasão paraguaya na Provincia – É justificavel?	Parecer	7
4º ano fevereiro 1875	Pronunciado no 17º sarao do Parthenon Litterario pelo Sr. Appelles Porto Alehre – Ensino Livre	Discurso	11
4º ano junho 1875	Pronunciado pelo SR. Apelles Porto Alegre na 7ª sessão anniversaria do Parthenon Litterario	Discurso	8
4º ano agosto 1875	Pronunciado pelo SR. Apelles Porto Alegre no funeral do DR. Manoel Pereira da Silva Ubatuba	Discurso	3
4º ano outubro 1875	Therezina – A' Caio Graccho	Conto	5
4º ano novembro 1875	Em Vão	Poema	1
4º ano dezembro 1875	Discurso proferido no funeral de João da Cunha Lobo Barreto pelo 2º orador do Parthenon Litterario Apelles Porto Alegre	Discurso	3
5º ano janeiro 1876	Ignez	Conto	7
5º ano fevereiro 1876	Sem título	Poema	2
5º ano abril 1876	Folha Solta – fragmento	Conto	3
	Pronunciado pelo 2º orador do	Discurso	3

	Parthenon Litterario o SR. Apelles Porto Alegre na sessão funebre em memoria do DR. Caldre e Fião		
3ª série agosto 1877 nº1	Chronica	Crônica	3
	Tribuna do Parthenon – Discurso Pronunciado pelo 2º orador Apelles Porto Alegre na sessão Magna de 18 de junho de 1876 (continua)	Discurso	4
3ª série agosto nº2 1877	Tribuna do Parthenon – Discurso Pronunciado pelo 2º orador Apelles Porto Alegre na sessão Magna de 18 de junho de 1876	Discurso	11
	Chronica	Crônica	2

Fonte: Revistas do Parthenon Literário. Disponível em: <http://editora.pucrs.br/acessolivre/livros/partenon-literario/index.html#revistas>. Acessada em: 5/04/2019.

Quadro elaborado pela autora.

Além destes escritos pelo professor Apelles, outro artigo da autoria de Kraemer, em agosto de 1873, refere-se à crônica “Phantasia”, intitulada “Phantasia – À Apelles Porto Alegre”, e que se pode considerar como sendo uma resenha sobre a crônica ou uma homenagem ao professor Apelles.

Ainda na busca por vestígios referentes ao professor Apelles, na Biblioteca Nacional Digital foram encontradas notícias no jornal *A Federação*, a partir de 1884 até seu falecimento em 1917. A busca neste jornal foi realizada pelo seu nome e foram encontradas 56 ocorrências.

Além da cidade de Porto Alegre, na cidade natal de Apelles, Rio Grande, na Bibliotheca Rio-Grandense, foi localizado o discurso em homenagem ao tricentenário de Camões no ano 1880.

Cabe destacar que esta busca por fontes não teve como intenção apenas localizar vestígios da memória de um homem da elite rio-grandense, mas analisar sua trajetória e sua rede de relacionamentos, que envolveram a criação de instituições, jornais e escolas e entrelaçou a docência, a cultura e as atividades políticas no período 1850 a 1917. Conforme Le Goff (2013, p.437) argumentou: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.” Dessa forma, este montante de fontes auxilia a escrita da História e ajuda a contar uma parte da História da Educação e do Estado do Rio Grande do Sul. A seguir, será apresentado no próximo capítulo o contexto em que viveu o Professor Apelles, entender estas questões do dia-a-dia também auxiliam na compreensão do

próprio indivíduo e de suas escolhas, como era a sociedade, a urbanização, as questões políticas e culturais que envolvia a comunidade.

3 O homem e seu tempo

Este capítulo busca compreender como estava estruturada a cidade de Porto Alegre no período correspondente à trajetória de vida do professor Apelles. Para isso, esta escrita tem o propósito de refletir sobre alguns questionamentos: Como se organizava a cidade? Como viviam seus habitantes? Como era constituída a família Porto Alegre?

Ao mesmo tempo, entende-se relevante a compreensão da formação do movimento republicano na Província, questão que não era apenas local, mas de âmbito nacional. Além disso, os irmãos Porto Alegre estiveram envolvidos em todo o processo de construção desse ideário. Entender a criação dos clubes, que deram origem a uma propaganda republicana, e então na formação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), também auxilia o entendimento das disputas após a Proclamação da República e a cisão de um grupo de republicanos antigos, incluindo os irmãos Porto Alegre, com uma ala nova do partido, que defendia as ideias positivistas.

Os ideários republicanos e abolicionistas podem ser percebidos na construção da Sociedade do Parthenon Literário, na qual os irmãos Porto Alegre, Apelles, Apolinário e Achylles, estiveram envolvidos desde a sua fundação. Por sua vez, na revista da sociedade, os irmãos estão entre os cinco que mais publicaram. Nessa revista, pela leitura dos diversos textos, podemos compreender o conjunto de ideias defendidas por essa associação.

Para este momento, o que se busca, ao invés da história da cidade de Porto Alegre ou de uma instituição, são os ambientes relacionados ao professor Apelles ou que circularam a sua trajetória. O professor Apelles nasceu no Rio Grande, e foi nessa cidade que realizou seus primeiros anos de

escolarização. Após o ano de 1859, com a mudança de seus pais para a cidade de Porto Alegre, nesta permanecerá toda a sua vida, casando, constituindo família, atuando em diversas instituições, e desenvolvendo uma carreira profissional de jornalista e educador.

Este capítulo foi dividido em cinco seções. Na primeira, serão discutidos aspectos da cidade de Porto Alegre. A segunda seção trata da família Porto Alegre, pois os irmãos Apelles, Achylles, Apolinário e Lucio eram muito próximos e, a todo momento, esta proximidade pode ser identificada na fundação de instituições culturais, na criação de escolas e jornais.

Na terceira seção, será abordada a criação do Parthenon literário e da revista da instituição, que teve como objetivo a divulgação do posicionamento dos associados. Na quarta seção, será abordado o movimento republicano com a criação dos clubes, culminando no Partido Republicano Rio-grandense (PRR). E, por fim, na quinta seção, será discutido o positivismo e seus principais ideários, que foram seguidas pelo PRR.

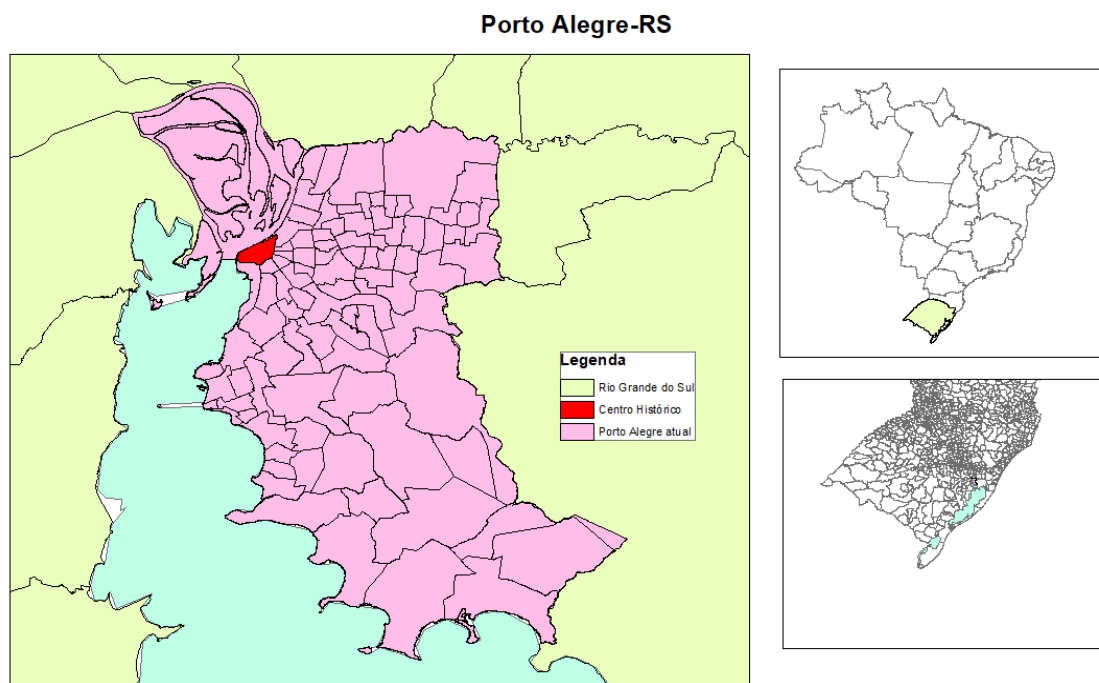
3.1 A cidade de Porto Alegre

Para Sandra Pesavento (2007, p. 164), a cidade é um aglomerado composto de diversidade concreta, “um espaço traçado, com suas ruas, avenidas, praças e bairros, seus prédios, monumentos e diversos equipamentos urbanos”. Contudo, também fazem parte da cidade os seus indivíduos, as pessoas que nela vivem ou que por ela passam diariamente. Existe uma rede de socialização que trabalha em harmonia e desacordo (PESAVENTO, 2007).

A cidade de Porto Alegre é a capital do Estado do Rio Grande do Sul e possui uma história rica, localizada no sul do Brasil, às margens do Rio Guaíba. Ficou conhecida como “Porto dos Casais” devido à chegada de uma leva de casais açorianos que vieram para iniciar o povoado (SPALDING, 1967). Segundo Arriada (2011, p. 39) “em 1741, temos a criação da capela de Viamão e surge o Porto dos Casais no ano seguinte”. Após este período que os

açorianos “espanharam-se pelo Rio Grande” e logo receberam “lotes de terras ao longo do vale do Jacuí e nas zonas litorâneas” (ARRIADA, 2011, p. 39). A seguir, pode se observar um mapa que identifica, em vermelho, o início do povoado, que atualmente chamamos de centro histórico, por onde circulava o professor Apelles. Em rosa, temos a demarcação do perímetro da cidade de Porto Alegre atualmente. E, por fim, um mapa do território brasileiro em que aparece delimitado o Estado do Rio Grande do Sul:

Figura 9 - Mapa da cidade de Porto Alegre com a delimitação do centro histórico - Mapa do Estado do Rio Grande do Sul com a delimitação da cidade de Porto Alegre - Mapa do território brasileiro com a delimitação do Estado do Rio Grande do Sul



Base Cartográfica:
Sistema de Coordenadas Datum Sirgas 2000. IBGE, 2020. Observatório Poa.
Elaborado por: ALMEIDA, J. C. de. 2022.
Autora do Projeto: Chéli Nunes Meira- Doutoranda em Educação (UFPel).

Para este momento, o que se busca entender é o contexto cultural, político e econômico na segunda metade do século XIX e não escrever uma história de Porto Alegre. No ano de 1859, a família Porto Alegre mudou-se para a capital do Estado por motivos profissionais do pai, Antônio José Gomes Porto Alegre, e lá permaneceram, cresceram e construíram suas famílias. É neste período de vivências familiares que se busca entender a história da cidade.

Na primeira metade do século XIX, a população sofreu com crises econômicas que ocasionaram a Guerra dos Farrapos²⁴ (1835-1845), agravando os problemas econômicos, paralisando as atividades educacionais, culturais e comerciais da Província (ARRIADA, 2011). Porto Alegre, no final da Guerra dos Farrapos, tinha aproximadamente 14.057 habitantes. Em 1861, eram 17.765 indivíduos e, em 1872, passou a contar com 43.998 pessoas (ABREU E SILVA, 1922, p. 29 *apud* ARRIADA, 2011). E, na virada do século XIX para o XX, a população chegou a 73.274 habitantes (MACEDO, 1993, p.75 *apud* PESAVENTO, 2007, p. 167). Esses dados apenas evidenciam o crescimento da cidade e a expansão que, ao longo dos anos, vinha ocorrendo.

Neste período, a desordem na cidade era motivo de insatisfação da população e era noticiado nos jornais da época: lixo jogado na rua, precária situação da água, crimes e arruaças formavam uma desordem generalizada. Os republicanos denunciavam o descaso da administração pública monárquica. Contudo, após a Proclamação da República, apesar de um projeto ser criado para a melhoria da cidade, as mesmas críticas ecoavam da oposição. Ao assumir o poder, o Partido Republicano Rio-grandense (PRR) não conseguiu solucionar essas dificuldades (PESAVENTO, 2007).

Uma elite abastada de políticos positivistas assumiu o poder após a Proclamação da República e muitos foram os problemas enfrentados pelos republicanos no Estado do Rio Grande do Sul, resultando em uma guerra civil – a Revolução Federalista (1893-1895). No entanto, algumas instituições foram criadas na tentativa de melhorar a situação da cidade de Porto Alegre como: a Companhia Hidráulica Guaibense em 1891; a Companhia Territorial Porto Alegrense em 1895 (PESAVENTO, 2007, p. 170).

Inicialmente, os republicanos perceberam que reformas mais profundas teriam de esperar. Contudo, alguns dispositivos legais foram sendo implantados, numa tentativa de melhorar a qualidade de vida na província,

²⁴ Guerra dos Farrapos iniciou ainda no período regencial em 20 de setembro de 1835 e terminou no Segundo Reinado em 1º de março de 1845. A Guerra foi um movimento separatista e republicano. Os rebeldes formados por estancieiros, militares, abolicionistas e por fim escravos, reclamavam dos altos impostos sobre o gado, as terras e o charque. O sentimento era de que a população sulina “[...] viam apenas como prestadores de serviços e defensores da fronteira”. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 261). A paz veio com a assinatura do Tratado de Poncho Verde onde várias reivindicações foram alcançadas. (SCHWARCZ; STARLING, 2018).

como a Lei Orgânica de Porto Alegre: Em 1892, foi assinado o decreto sobre a demarcação da cidade e seus distritos e foi criado em 1893 o Código de Posturas Municipais, que regulava toda a construção e reforma realizada a partir daquela data (PESAVENTO, 2007). Conforme a mesma autora, a cidade crescia rapidamente e ações que beneficiassem toda a população eram necessárias, como “o policiamento, o transporte e a iluminação pública” (PESAVENTO, 2007, p. 174).

Em 1896, foi criada em Porto Alegre a Polícia Administrativa, com o intuito de controlar a população considerada vulnerável, como: pobres, desempregados ou empregados informais, bêbados, prostitutas e infratores de forma geral (MAUCH, 1994). Segundo a autora, este foi um processo de “saneamento moral” (MAUCH, 1994, p.9) que ocorreu na cidade de Porto Alegre após a Revolução Federalista.

Era necessário controlar os becos da cidade que se situavam nas ruas paralelas às principais e nos arredores do povoado. Esses becos foram-se formando juntamente com a cidade, e seus moradores eram pessoas que não tinham condições de adquirir um terreno: a população empobrecida ou escravos libertos. Essa parcela da população era incômoda aos olhares dos habitantes mais abastadas e se incluía no projeto de melhoria que o Partido Republicano queria implantar (PESAVENTO, 2007). Este foi um movimento nacional de higienização das cidades.

Em 1897, um surto de varíola atingiu a cidade e, logo após, um de tifo. A higiene era precária, os dejetos eram descartados muito próximos à cidade e causavam, com isso, mau cheiro e proliferação de doenças.

Em 1893 no Conselho Municipal, [...] se acusava ser a capital gaúcha uma das cidades mais sujas do mundo. [...] Em 1894 foi criado o cargo de fiscal da Higiene para atender às necessidades da saúde pública e em 1895 um laboratório de bacteriologia e química para melhoria da saúde da cidade (PESAVENTO, 2007, p.174).

Houve uma força-tarefa: fiscais visitavam as casas e levavam os doentes quando necessário. Em 1896, foi aprovado o regulamento da higiene e de obras. Existiu um movimento para retirar do centro da cidade as pessoas indesejáveis, assim como destruir suas casas. Contudo, não existiu uma

preocupação com a moradia e a dignidade dessas pessoas (PESAVENTO, 2007).

Segundo a mesma autora, foi após 1897, na gestão do intendente José Montaury de Aguiar Leitão, que governou até 1924, que os diversos problemas enfrentados na cidade puderam ter assistência, devido muito ao período de estabilidade e à longa duração do governo. Em 1898, ficou a cargo do município o recolhimento do lixo e iniciaram as primeiras obras para a implantação do esgoto (PESAVENTO, 2007).

O programa do Partido Republicano, seguindo as ideias positivistas, era de modernizar a cidade de Porto Alegre. “A meta da modernidade urbana e da organização disciplinada do espaço, de acordo com os ideais do progresso econômico e da ordem burguesa” (PESAVENTO, 2007, p. 172). Entretanto, estas melhorias não eram tarefa fácil.

A capital tinha ares de cidade grande, recebia jovens em busca de trabalho e estudo, os imigrantes que chegaram, e por ali ficaram, construíram suas vidas profissionais e familiares. Alguns relatos memorialistas descrevem esta vinda para estudar na capital, como foi o caso de Martins (2008), que saiu do interior do Rio Grande do Sul para estudar no colégio dos padres Jesuítas.

A cidade prosperava: possuía fábricas, comércio, mas ao mesmo tempo, crescia a pobreza, pois existia uma mão de obra de ex-escravizados não inserida na sociedade após a Proclamação da República (PESAVENTO, 2007). A rua da Igreja e a rua Formosa, que depois foram denominadas rua Duque de Caxias, era onde se localizavam os prédios públicos, o Teatro São Pedro, a Catedral Metropolitana e também abrigavam os casarões das pessoas mais ricas da cidade (PESAVENTO, 2007). Com o melhoramento da cidade, também era necessário melhorar a instrução da população. Para isso, o Partido Republicano criou um programa baseado na doutrina positivista.

O início da instrução pública na capital da Província data do século XVIII, com a chegada dos primeiros professores, que ensinavam, muitas vezes, apenas em aulas avulsas, como, por exemplo, latim. Esses professores recebiam uma autorização provisória para lecionar, com uma periodização definida (KRAEMER NETO, 1969). No ano de 1800, chega à Província o

professor Antônio D'Ávila, que abriu “uma escola para ensinar a ler, escrever e contar, e doutrina cristã” (KRAEMER NETO, 1969, p. 22).

O professor Antônio D'Ávila pode ser considerado, pelo nosso olhar atual, como tendo fundado uma escola primária. E, nesta perspectiva, outras aulas isoladas foram sendo criadas, assim como professores que ofereciam mais de uma aula até se chegar à criação dos primeiros colégios, em que os alunos possuíam um conhecimento mais amplo e várias disciplinas eram oferecidas. No ano de 1855, ainda no Império, o vice-presidente Luiz Alves de Oliveira Belo escreve para o Barão de Muritiba, apontando a falta de conhecimento dos professores e o desleixo dos alunos como uma das causas para a precária condição do ensino na Província (KRAEMER NETO, 1969, p. 173).

Na Província de São Pedro, existem relatos da falta de uma adequada formação de professores²⁵, o que se reflete no ensino, em que docentes com pouco conhecimento ministravam as aulas. A Escola Normal da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul foi “instalada em 1º de maio de 1869, sendo nomeado para Diretor o Padre Joaquim Cacique de Barros” (ARRIADA; COSTA, 2009, p. 35). A instituição funcionou em uma parte do prédio localizado nas esquinas da Rua da Ponte com a Rua da Ladeira, prédio anexo ao Liceu de D. Afonso (ARRIADA; COSTA, 2009). As críticas seguem mesmo depois da fundação da Escola Normal, porém podem ser fruto de uma cultura de desvalorização do professor, a qual pode ser observada ainda nos nossos dias.

A cidade de Porto Alegre, na segunda metade do século XIX, teve um crescimento significativo no número de colégios. No âmbito educacional e no cultural, houve a criação de várias instituições e associações. A Capital contava, em 1866, com turmas de escolas para meninas e meninos das quais:

²⁵ Após a profissionalização do ensino no Brasil, para exercer a docência era necessário pedir autorização, que exigia certas condições “[...] como: habilitações, idade, idoneidade moral, etc. [...] Essa etapa decisiva do processo de profissionalização docente acaba forçando a criação de instituições formadoras, as quais aparecem no século XIX com a denominação de Escolas Normais (ARRIADA; COSTA, 2009, p. 32). Este movimento de profissionalização serviu para o profissional especializar-se e para um melhor controle do Estado (ARRIADA; COSTA, 2009).

*Escolas públicas para o sexo masculino, 4, com 513 alunos; para o sexo feminino, 6, com 381 alunas.

*Escolas particulares para o sexo masculino, 9, com 536 alunos; para o sexo feminino, 7, com 337 alunas.

*Total de alunos nas escolas de Porto Alegre: 1.049 do sexo masculino e 718 do feminino (APPENSO AOS QUADROS ESTATÍSTICOS E GEOGRÁFICO DA PROVÍNCIA DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL *apud* RIBEIRO, 2007, p.50).

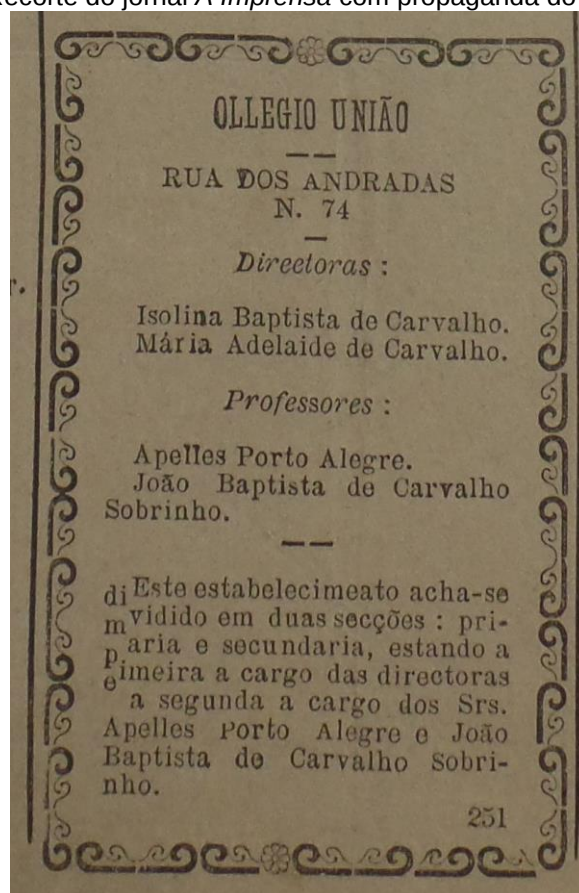
Anteriormente, a partir de 1853, o professor Fernando Gomes fundou e dirigiu o Colégio Gomes, uma aula de instrução elementar, localizado na rua da Praia, número 534 na cidade de Porto Alegre (ARRIADA, 2011). Contudo, com o falecimento de seu sogro e o andamento do inventário, o Colégio Gomes passou para a rua da Igreja, ao lado da sua residência (RIBEIRO, 2007). Segundo a mesma autora, esta mudança do Colégio ocorreu por volta da década de 60 do século XIX, sem precisar exatamente o ano (RIBEIRO, 2007).

O Colégio Gomes foi onde estudaram diversos nomes importantes da sociedade. Devido à excelência no ensino e a um melhor tratamento aos alunos, logo alcançou a preferência da elite gaúcha. Quando chegaram à capital, os irmãos Apelles, Apolinário e Achylles estudaram no colégio Gomes. Segundo Ribeiro (2007), também foram alunos do professor Gomes, Júlio de Castilhos, que chegou ao colégio com treze anos como interno, Joaquim Francisco de Assis Brasil, Borges de Medeiros, Protásio Alves, Barros Cassal, Carlos Maximiliano Pereira dos Santos, Graciano Alves de Azambuja, dentre outros tantos. Muitos dos membros da Sociedade do Parthenon Literário foram alunos do Colégio Gomes (SILVEIRA, 2008). De acordo com Arriada (2011), o Colégio contava com 170 alunos no ano de 1865 e funcionou até 1878.

Em 1870, o professor Apelles, com apenas vinte anos, abriu o Colégio Rio-Grandense em sociedade com seu irmão Apolinário Porto Alegre e seu amigo Vasco de Araújo e Silva²⁶ (ARRIADA, 2011). Segundo Arriada (2011), a partir de 1876, o professor Apelles ficou à frente do Colégio Rio-Grandense. Contudo, este fato não o impedia de trabalhar como professor em outros estabelecimentos. Na imagem a seguir, encontra-se uma propaganda onde consta o nome do professor Apelles integrando a equipe do Colégio União e que circulou nas páginas do jornal *A Imprensa* entre os anos 1881 e 1882:

²⁶ Vasco de Araújo e Silva foi professor no ensino particular, ocupou diversos cargos ligados à educação e à instrução pública, foi membro do Parthenon Literário, onde chegou a ser vice-presidente. Escreveu o livro didático "Noções de geometria pratica" (SILVA, 2019).

Figura 10 - Recorte do jornal *A Imprensa* com propaganda do Colégio União



Fonte: Jornal *A Imprensa* 5/7/1881.

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Quadro 10 - Transcrição da figura 8

- 1-OLLEGIO UNIÃO
- 2-RUA DOS ANDRADAS
- 3-N.74
- 4- Direetoras:
- 5-Isolina Baptista de Carvalho.
- 6-Maria Adelaide de Carvalho.
- 7-Professores:
- 8-Apelles Porto Alegre.
- 9-João Baptista de Carvalho
- 10-Sobrinho.
- 11-Este estabelecimeato acha-se
- 12-dividido em duas secções: pri-
- 13-maria e secundaria, estando a
- 14-Pimeira a cargo das directoras
- 15-e a segunda a cargo dos Srs.
- 16-Apelles Porto Alegre e João
- 17-Baptista de Carvalho Sobri-
- 18-nho.
- 19-251

O professor Apelles atuou em diversas escolas da Capital, este resgate nem sempre é uma tarefa fácil devido a falta de informações. A seguir, serão discutidas algumas questões sobre a família Porto Alegre e as especificidades dos três irmãos de Apelles: Apolinário, Achylles e Lucio.

3.2 A Família Porto Alegre

Os quatro irmãos Lucio, Apolinário, Achylles e Apelles eram filhos de Antônio José Gomes Porto Alegre e Delfina Joaquina da Costa Campelo²⁷. Nasceram na cidade do Rio Grande, sul do Estado do Rio Grande do Sul. O sobrenome Porto Alegre foi incorporado ao nome da família porque Antônio José queria evitar confusão com um homônimo em Rio Grande (PÔRTO ALEGRE, 1954).

Antônio não tinha uma grande fortuna financeira. Contudo, seu “reconhecimento e o prestígio político [...] [por] ter sido deputado na legislatura de 1858” o insere “entre as elites políticas provinciais” (SILVEIRA, 2008, p. 34). Era funcionário da Fazenda e foi transferido para a cidade de Porto Alegre quando foi nomeado para o cargo de inspetor da Alfândega, em 12 de outubro de 1859 (PÔRTO ALEGRE, 1954).

Segundo Silveira (2008), Antônio tinha planos para a educação dos filhos, que iniciaram suas primeiras letras no Colégio de Instrução Elementar Rio-Grandense, tendo como professor Sebastião Coutinho Santana (PÔRTO ALEGRE, 1954). Quando chegaram à capital, os irmãos Porto Alegre frequentaram o Colégio Gomes, de Fernando Ferreira Gomes.

Os irmãos Porto Alegre, como eram conhecidos, estiveram muito ligados à educação, à cultura e à política no Rio Grande do Sul, atuando como professores, escritores, poetas, jornalistas, além de criarem colégios e participarem de jornais e associações, como o Parthenon Literário.

²⁷ O casal Antônio de Delfina tiveram quatro filhos e destes três iniciaram com a letra A - Apolinário, Achylles e Apelles. Os três irmãos continuaram esta tradição e, seguiram dando nomes que iniciasse com a letra A para todos os seus filhos.

Dos quatro irmãos, o mais afamado por seus escritos e posicionamentos foi Apolinário. Contudo, esta seção buscou entender um pouco dos três irmãos do Apelles e para isso, foi dividida em três: a primeira trata da trajetória do Apolinário. A segunda relaciona-se à trajetória do Achylles e, na terceira, será apresentado Lucio que, até o momento, foi o menos estudado e poucas informações são encontradas a seu respeito.

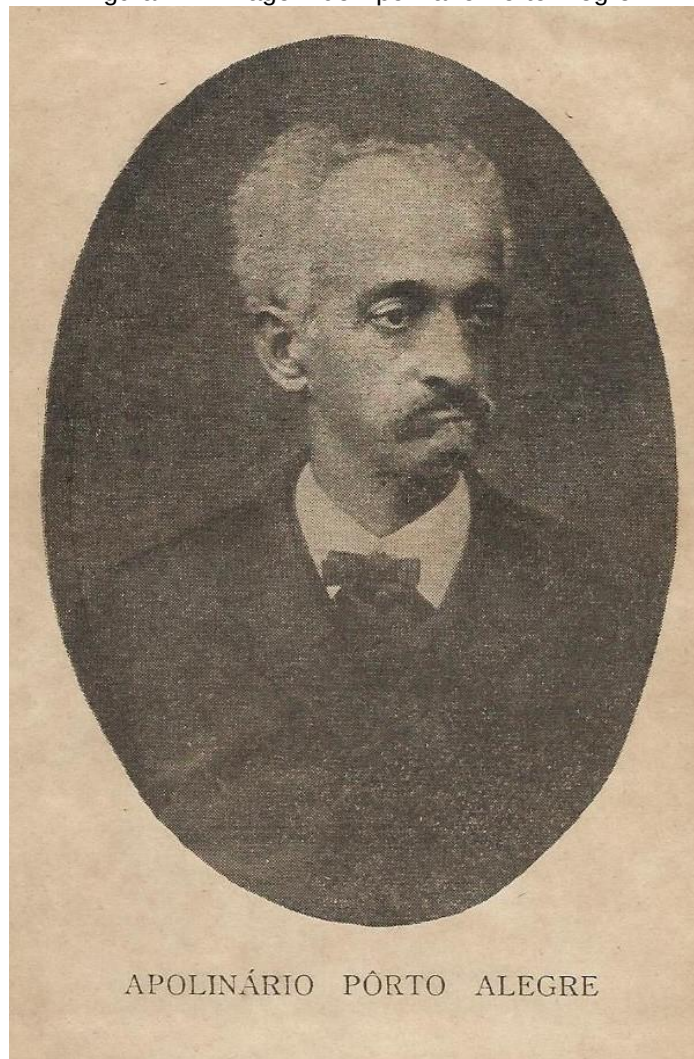
3.2.1 Apolinário José Gomes Porto Alegre

Apolinário José Gomes Porto Alegre nasceu em 29 de agosto de 1844 na cidade do Rio Grande e morreu em 23 de março de 1904 na cidade de Porto Alegre, aos 60 anos de idade. Casou-se com Elisa Gama, com quem teve nove filhos: Álvaro (1875-1969), Alencarino (1877-1908), América (1879-1891), Arminio (1881-?), Aracy (1883-?), Assahy (1885-1964), Apolinário (?), Angelin (1886-?) e Adalberto (1891-1891)²⁸.

A seguir, a única imagem a que se teve acesso, até o momento, de Apolinário Porto Alegre, onde se vê a representação de um homem sério de meia-idade, com olhar ao longe:

²⁸ As informações contidas na genealogia de Apolinário Porto Alegre foram retiradas de uma pesquisa em andamento elaborada pelos descendentes de Achylles Porto Alegre, divergem em alguns pontos da genealogia encontrada na página do site Family Search. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/person/details/MTZW-4KZ>. Acessado em: 21/6/2022.

Figura 11 - Imagem de Apolinário Porto Alegre



Fonte: PÔRTO ALEGRE, 1954, p. 3.

No ano de 1891, o falecimento de Elisa, sua esposa, e de América, sua filha, causou em Apolinário um grande sofrimento. Nesse mesmo ano, encerrou as atividades do Instituto Brasileiro e reclusou-se na Casa Branca²⁹ (MOREIRA, 1989). Dos filhos de Apolinário, Álvaro Porto Alegre é o que se tem notícias: foi escritor e publicou alguns livros, entre eles: “Apolinário Pôrto Alegre”, publicado em 1954 pela Editora Thurmman.

²⁹ A Casa Branca pertenceu a Apolinário, era uma chácara com uma casa em estilo açoriano localizada no Morro Santana, distante do centro da cidade na época, foi demolida na década de 70, na “Revolução Farroupilha serviu de quartel-general dos farrapos no cerco a Porto Alegre e em 1836 foi utilizada como hospital de campanha” (FRETTA, 2020).

Apolinário encontrava-se na cidade de São Paulo matriculado na Faculdade de Direito. Contudo, em 25 de outubro de 1863³⁰, a morte de seu pai interrompeu os seus objetivos e, ao final do ano, retornou para Porto Alegre para ajudar a sustentar a família (SILVEIRA, 2008 e ARAÚJO, 2018). Iniciou a docência no colégio do Dr. Ciro José Pedrosa e Padre Massa. Ainda neste período, ministrou aulas no colégio de José Ribeiro, pai de Hilário Ribeiro. Este último, mais adiante, tornou-se seu sócio (ARAÚJO, 2018).

No ano de 1867, com vinte e três anos, Apolinário colaborava com um jornal editado em Porto Alegre, o *Atualidade*, e, juntamente com seu irmão Achylles, abriu o Colégio Porto Alegre (MOREIRA, 1989). Apolinário, seus irmãos e um grupo de amigos, em 1868, fundaram a Sociedade Parthenon Literário e, com isso, o perfil republicado e abolicionista foi defendido nas páginas da revista publicada pela instituição, criada um ano após a Associação (MOREIRA, 1989). O professor Apolinário foi o autor que mais publicou na revista do Parthenon Literário, com cerca de oitenta e duas contribuições e utilizava os pseudônimos de Iriema e Boccacio (SILVEIRA, 2008, p. 170). De 1872 a 1873, o professor Apolinário participou de sessenta reuniões no Parthenon Literário (SILVEIRA, 2008, p. 173).

Apolinário, seu irmão Apelles e Vasco de Araujo e Silva fundaram, na cidade de Porto Alegre, no ano de 1870, o Colégio Rio-Grandense (ARRIADA, 2011). No mesmo ano, Apolinário foi diretor da revista *Murmúrios do Guaíba*, publicada mensalmente. No ano de 1874, lançou seu primeiro livro – “Bromélias” – e colaborou com o jornal *O Mosquito* (MOREIRA, 1989). E, em 1875, publicou o livro de contos “Paisagens”.

No ano de 1876, Apolinário, juntamente com Hilário Ribeiro, fundou a instituição de ensino denominada Instituto Brasileiro, que, segundo Moreira (1989), funcionou durante dezesseis anos. O jornal *A Federação*, no ano de 1884, traz, em suas páginas, um anúncio do Instituto Brasileiro em que constam as disciplinas ministradas pelo professor Apolinário: português,

³⁰ Existe uma contradição entre alguns autores sobre o período que Apolinário permaneceu em São Paulo não ficando bem claro o ano de sua ida, nem o seu retorno e se cursou um ou dois períodos do Curso de Direito (AGUIAR, 2011, ARAÚJO, 2018, PÔRTO ALEGRE, 1954, MOREIRA, 1989). Entretanto, Silveira (2008) afirma que Apolinário regressou no final de 1863 e, para tanto, apresenta uma carta escrita por sua mãe datada de maio de 1863. O que interessa nesta discussão é que Apolinário foi para São Paulo, numa tentativa de cursar a faculdade de Direito, porém este objetivo não foi alcançado.

francês, geografia e retórica (PORTO ALEGRE, 1885). Segundo Moreira (1989), ele também contribuiu para as publicações do jornal *A Imprensa* (1880-1882). Contudo, não se encontraram textos que indiquem a sua autoria nos 183 exemplares consultados de 6 de julho de 1881 a 15 de fevereiro de 1882. Em 1901, ele esteve juntamente com seus irmãos Apelles e Achylles na fundação da Academia Rio-Grandense de Letras³¹, onde foram relacionados entre os membros efetivos da instituição (RODRIGUES, 1904).

No ano de 1882, publicou a comédia intitulada “Epidemia Política”, em alusão às disputas políticas que vinham acontecendo no Partido Republicano, o que mais tarde vai gerar uma cisão, fazendo com que ele e seus irmãos saíssem do partido (MOREIRA, 1989). Devido a estas divergências, o professor Apolinário foi perseguido, preso, teve sua casa invadida, sua biblioteca revirada, precisou esconder-se e fugir da cidade. Inicialmente, foi para o Estado de Santa Catarina e, posteriormente, para o Uruguai, só retornando à Província com o fim da Revolução Federalista (MOREIRA, 1989 e AGUIAR, 2011).

Mesmo diante de adversidades e brigas políticas, a produção textual de Apolinário se manteve ativa, presumivelmente, tenha até se intensificado com estas disputas. Apolinário deixou uma vasta produção textual e é considerado o precursor do regionalismo rio-grandense. Sua obra pode ser dividida entre contos, historiografia, poesia, romance, teatro, estudos críticos e biográficos. Entre eles, estão cento e dezessete poemas, seis livros e diversas peças de teatro publicadas em vários jornais e revistas (AGUIAR, 2011, PÔRTO ALEGRE, 1954).

Naira Araujo (2018, p. 23) classificou algumas de suas obras: “*O Monarca das Coxilhas* (conto, 1870), *O Vaqueano* (novela, 1872), *O Umbu e Curruíra* (poesias, 1873), *Tobias - Episódio da revolução* e *Gabilia* (poesias, 1874), *O Crioulo do Pastoreio* (lenda, 1875) e *A Tapera* (romance, 1875).” Além das diversas publicações em jornais e revistas, ele publicou alguns livros que podem ser encontrados atualmente à venda, dentre os quais se destacam: “*O Vaqueano*”, “*Cancioneiro da revolução de 1835*”, “*Popularium sul-rio-grandense*” e “*Paisagens*”.

³¹ Para saber mais sobre a Academia Rio-Grandense de Letras ver: WOLOSKI (2013).

Apolinário, até o momento, foi dos irmãos o mais pesquisado, devido a sua representatividade para a escrita regionalista, e o seu posicionamento frente às adversidades, expressadas em textos publicados em jornais e revistas. Por sua vez, sobre Achylles encontram-se alguns trabalhos nas áreas da história e das letras, já que o autor se destacou na escrita de crônicas memorialistas sobre a cidade de Porto Alegre. A seguir, trata-se da trajetória do professor Achylles.

3.2.2 Achylles José Gomes Porto Alegre

O professor Achylles José Gomes Porto Alegre nasceu na cidade do Rio Grande em 29 de março de 1848 e faleceu em 21 de março de 1926, aos 78 anos, na cidade de Porto Alegre. Ao se referir à morte de Achylles, João Maia (1926, p.5) afirmou: “extingue-se por completo uma geração de intellectuaes riograndenses”. Dos quatro irmãos, Achylles foi o mais longevo.

Achylles Porto Alegre casou-se com Maria Luiza Guerreiro Lima em 6 de março de 1871 e tiveram doze filhos³²: Augusto (1871-1947), Affonso (1873-1902), Achylles Filho (1875-1926), Arminda (1876-1905), Alfredo (1878-1941), Alberto (1882-1933), Almerinda (1883-1962), Antonietta (1886-1972), Aracylia (1896-1917), Alaíde (?), Alice (?) e Angelina (?).

Ao chegar à cidade de Porto Alegre, estudou no Colégio Gomes e na Escola Militar (FERRER, 2015). Segundo Martini (2013), concluiu o preparatório na Escola Militar, onde também cursou o magistério. Foi pracinha com o objetivo de estudar, e esteve próximo ao campo de batalha com o Uruguai³³, mas não precisou combater (MARTINI, 2013). Segundo João Maia (1926), ainda era adolescente e, por motivos de saúde, não lutou no conflito, regressando para sua casa.

³² Os dados desta genealogia foram retirados de uma pesquisa, ainda em andamento, efetuada por descendentes de Achylles Porto Alegre, devido ao site Family Search ter as informações incompletas. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/person/details/L1HM-8CB>. Acessado em: 21/3/2021.

³³ Para Silveira (2008, p. 45), Achylles foi soldado na “guerra contra Aguirre, iniciada em 1864, fazendo parte das chamadas ‘questões platinas’”.

Por volta de 1880, iniciou sua atividade profissional como funcionário público do Império na “thesouraria da fazenda desta capital” (Maia, 1926, p. 6). Na imprensa, fundou o *Jornal do Commercio* (1884/1888), onde “era co-proprietário e redactor” e o jornal *A Notícia* (1869) de Porto Alegre (MAIA, 1926, p. 6; FERRER, 2015). Ao longo do tempo, ele escreveu inúmeros contos e crônicas. Além disso, “pertenceu ao ‘Clube Abolicionista’ de Porto Alegre; foi membro fundador da Academia Rio-Grandense de Letras (1901), da Academia de Letras do Rio Grande do Sul (1910) e sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul” (PÔRTO ALEGRE, 1917, p. 9).

Juntamente com os irmãos e outros companheiros, fundou o Parthenon Literário, do qual, em 1879, foi eleito presidente (FERRER, 2015). Na Revista do Parthenon Literário, Achylles teve “quarenta e nove” publicações, ficando atrás apenas de Apolinário em número de publicações (SILVEIRA, 2008, p.170). Ainda segundo a mesma autora, em algumas publicações utilizava-se dos pseudônimos Manfredo e Carnioli.

Em sua vasta produção, Achylles privilegiava a escrita de crônicas sobre a cidade de Porto Alegre, além de escrever sobre homens ilustres e populares (ANTONIOLLI, 2011). Conforme Arriada (2011), Achylles escreveu e editou poesias, crônicas, livros didáticos, relatos históricos e biografias. Seus escritos reforçam o olhar cuidadoso e perspicaz sobre as modificações ocorridas no município. Muito do que se conhece atualmente sobre o cotidiano da população encontra-se nos seus escritos e de viajantes que passavam pela região registrando suas percepções.

Achylles teve uma grande produção bibliográfica em jornais e na revista do Partenon Literário. Porém, também podem destacar-se livros que foram publicados e ainda circulam atualmente, como: “Iluminuras” (1884), “Esculturas” (?), “Flores de gelo” (?), “Val de Lyrios” (1910 - 2ª ed. 1921), que são versos; e “Phantasias” 1894, “Contos e perfis” (1910), “Folhas caídas” (1912), “Através do passado” (1920), “Flôres entre ruínas” (1920), “Jardim de saudades” (1921), “Paisagens mortas” (1922), “Noutros tempos” (1922), “Serões de inverno” (1923), “A’ sombra das arvores” (1923), “Noites de luar” (1923), Prosa Espartana (1925) e A Beira do Caminho (1925), estes em prosa. Achylles também escreveu biografias, que são: “Homens ilustres do Rio

Grande do Sul” (1916 - 2ª ed. 1917 ampliada), “Vultos e factos” (1919), “Homens do passado” (1922) (PORTO ALEGRE, 1925 e ANTONIOLLI, 2011). Sobre suas publicações, João Maia (1926) descreve questões do cotidiano do professor Achylles, como vendia seus livros, o horário em que costumava escrever:

Porto Alegre inteiro, com a movediça mole de forasteiros que a atopetam constantemente, conhecia o intrepido velhinho, na faina sem tregua de vender a uns e outros os livros que escrevia e editava. Do modo por que elle avançava através da *urbs*, não seria difficil ao observador concluir do esforço por elle dispendido n’esse movimento: elle caminhava aos poucos, em passos curtos, como que oppondo a fragil carcassa octogenaria a uma lufada tenazmente atormentadora da sua locomoção...

Entretanto, que somma de resistencia armazenava ainda aquelle organismo! [...] dolorosa para quem assistia á scena - de vender livros!

[...] A despeito de tudo, Achylles nunca perdeu os seus habitos de laboriosidade. Escrevia sempre, escrevia todos os dias. A’s quatro horas da manhã já estava abancado á sua mesa de trabalho. Pouco antes de morrer ainda traçou a biographia de um escriptor.

Seu estylo nunca perdeu a louçania, a frescura dos primeiros tempos. [...] soube ser sempre do seu tempo [...] (MAIA, 1926, p. 7-8, grifos do autor).

João Maia (1926) foi contemporâneo de Achylles e escreveu sua biografia de quatro páginas para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no ano de seu falecimento. O relato detalhado dos fatos ajuda a imaginação a fluir e identificar o personagem no seu tempo e ressalta a dimensão da dificuldade que um autor enfrentava para vender seus livros no início do século XX.

Quando se pesquisa sobre o professor Achylles, pode-se perceber que a atuação dele na docência foi pouco estudada. Por vezes, quando se fala do autor, ela chega a ser ignorada, como se somente existisse o escritor. Não raramente, Achylles surge como funcionário público e mais nada, apesar de se saber que trabalhou em diversos setores do serviço público. Após a sua aposentadoria, atuou como professor (MAIA, 1926). Anteriormente, no ano de 1867, na adolescência, com dezenove anos, fundou o Colégio Porto Alegre, juntamente com seus irmãos.

Sua dedicação para a escrita, seu trabalho em jornais, como escritor e diretor, deixaram um legado importante para a história do Rio Grande do Sul,

mas não se pode apagar uma carreira em detrimento de outra. Certamente que os seus textos merecem um destaque na literatura, mas, para entender Achylles, não se pode ignorar o educador que foi.

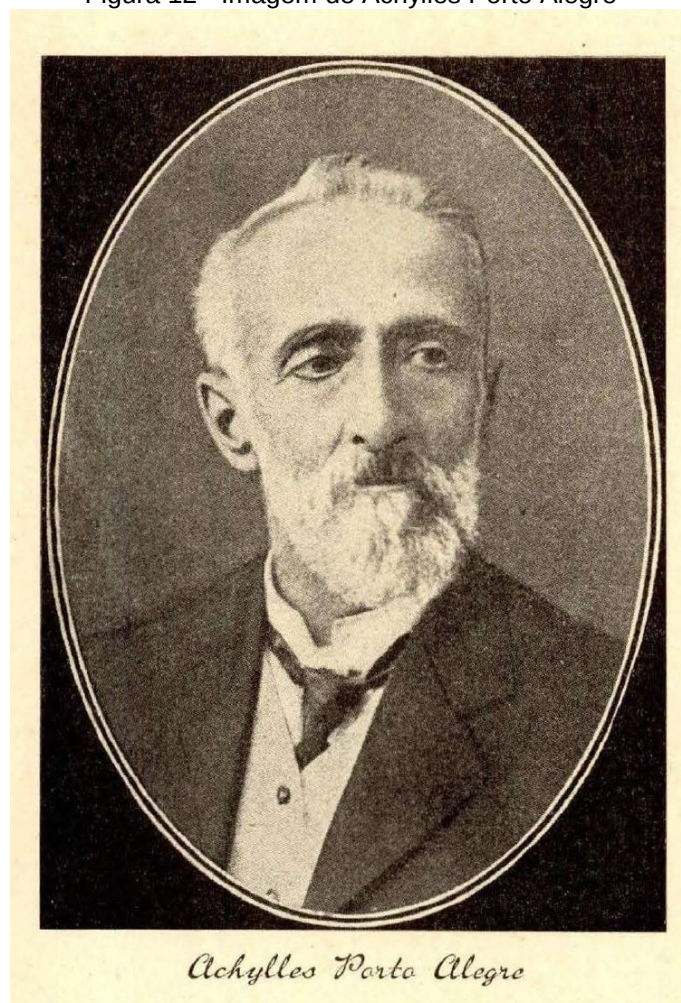
Após a Proclamação da República, em 1889, Achylles foi transferido para o norte do país devido a sua ligação com o jornal *do Commercio*, um periódico liberal, e com Silveira Martins. Contudo, antes de deixar a Província, reverteu a decisão e, ao retornar à capital, pediu sua aposentadoria (MAIA, 1926). Este foi apenas mais um movimento de perseguição sofrido pelos irmãos Porto Alegre com o advento da República e o rompimento com Júlio de Castilhos e seus aliados.

Dessa forma, Achylles pôde dedicar-se ao magistério após sua aposentadoria da Tesouraria, oferecendo aulas na sua casa para grupos de alunos e na rede particular de ensino, sendo que logo estava na rede estadual (MAIA, 1926). O professor Achylles, no ano de 1900, compunha o corpo docente da Escola Normal (RELATÓRIO, 1900, p. 189). Já em 1904, integrou o quadro de professores do colégio distrital de Porto Alegre, atuando no curso elementar, na seção masculina (RELATÓRIO, 1904, p. 69). No ano de 1909, foi relacionado no quadro de inspetores escolares da região de Porto Alegre (RELATÓRIO, 1909).

Nas buscas realizadas até o momento, sabe-se que um dos filhos de Achylles seguiu a docência, Achylles Porto Alegre Filho. Achylles Filho foi nomeado professor interino de primeira entrância do sexo masculino, em Sant'Anna do Rio dos Sinos, município de S. Sebastião do Cahy (RELATÓRIO, 1900, p. 177). Achylles Filho vem a falecer na localidade de Mormaço, onde era professor, em 1926, no mesmo ano do seu pai. Augusto e Afonso trabalharam em jornais como redatores e jornalistas, atuaram inclusive com seu pai no *Jornal do Comércio*.

A seguir, uma imagem de Achylles, com uma expressão séria como eram de costume as representações do período:

Figura 12 - Imagem de Achylles Porto Alegre



Fonte: Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Barcellos, Bertaso & Cia. - Livraria do Globo, 1º Trimestre, ano I, 1926.

A trajetória de Achylles foi a mais diversificada, pois foi funcionário público da fazenda do Império, estudou na Escola Militar, foi jornalista, publicou diversas obras com um cunho mais memorialista e, por fim, foi professor e inspetor de escolas. A seguir, alguns traços da trajetória de Lucio Porto Alegre serão apresentados.

3.2.3 Lucio José Gomes Porto Alegre

Na busca por vestígios de Lucio Porto Alegre, encontrou-se uma escassez de informações, mas, com um olhar minucioso e a análise intensiva das fontes, ele foi surgindo. Lucio José Gomes Porto Alegre, o primogênito da

família, nasceu em 1843³⁴, apesar de Álvaro Pôrto Alegre (1954, p.7) afirmar que Apolinário era o primeiro filho legítimo do casal Antônio José e Delfina Joaquina. Sem dar mais informações, Álvaro sugere que Lucio não seria filho do casal, o que até este momento da pesquisa não pode ser confirmado. Lucio casou a primeira vez em 1865 com Francisca Gonçalves Silva e teve um segundo matrimônio com Claudia Dias em 1868. Teve três filhos: Alcebíades (?), Izolina (1870-?) e Alcides (?).

Lucio, dos quatro irmãos, é o menos citado. Em algumas pesquisas, nem sequer é mencionado. Segundo Silveira (2008), Lucio foi diplomado em Direito. Contudo, não se tem notícias de sua formação. Por sua vez, Martini (2013, p. 123) afirma que Lucio foi um “rábula³⁵”. O que todos concordam, é que Lucio trabalhou com advocacia.

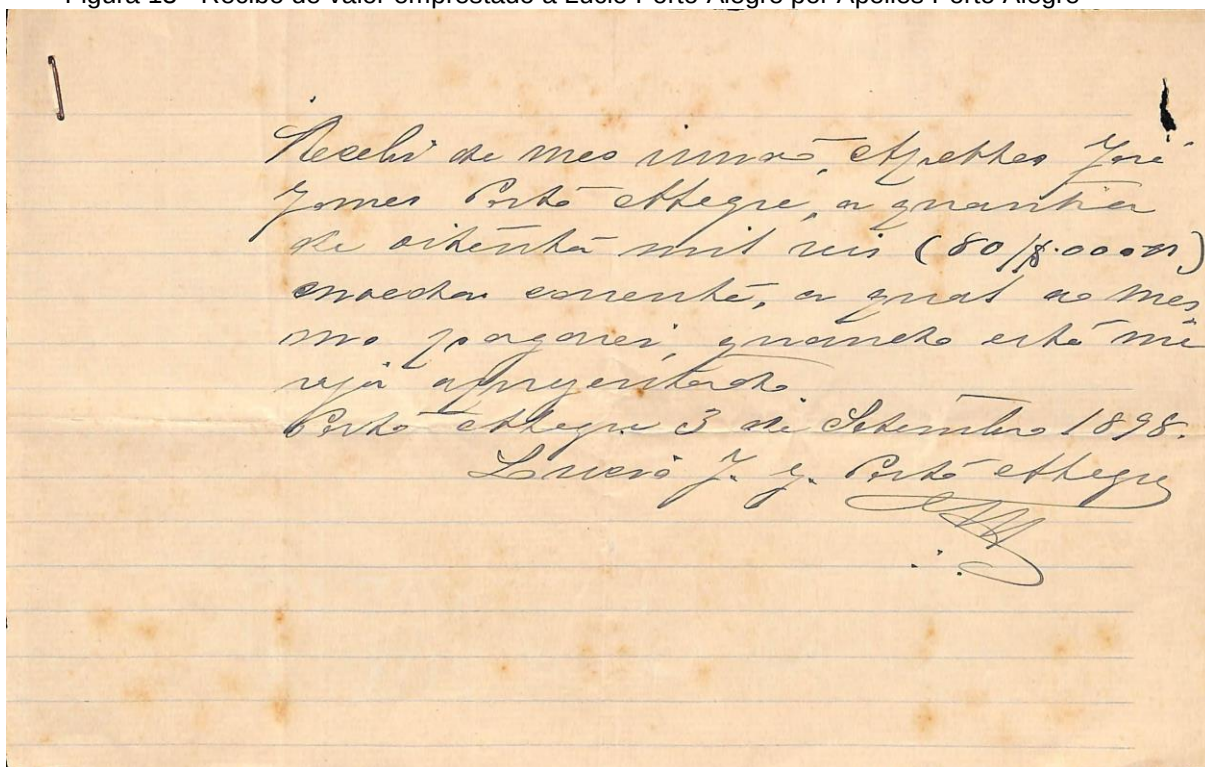
Até o momento, não se tem conhecimento de ter exercido a docência, atuado em algum jornal ou escrito algum texto. Contudo, auxiliou na fundação de instituições e associações, sendo sócio do Parthenon Literário. No ano de 1869, Lucio estava na comissão de redação da Revista do Parthenon Literário e fez um pronunciamento sobre as aulas noturnas, o qual foi citado nas atas de reunião (R. M. S. P. L., 1869). Entre os anos de 1872 a 1873, participou de vinte e nove reuniões, ficando à frente de Apelles, que estava presente em dezenove (SILVEIRA, 2008, p. 173).

Lucio participou, ainda no ano de 1869, da fundação do Gremio Litterario criado na cidade do Rio Grande, e compôs a comissão formada para a elaboração do estatuto para a instituição (ARCADIA, 15/2/1869, p.1). As informações sobre Lucio ainda são muito escassas. Contudo, existem processos-crimes, judiciais, prestação de contas e inventário localizados no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, textos que, neste momento não serão analisados. A seguir, um recibo em que Lucio declarou pedir uma quantidade em dinheiro a seu irmão Apelles.

³⁴ Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/descendancy/9J3N-WK2>
Acessado em: 04/02/2020.

³⁵ Rábula: advogado sem conhecimento ou competência; advogado sem ser diplomado; advogado sem notoriedade. Disponível em:
<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=r%C3%A1bula>. Acessado em: 10/10/2021

Figura 13 - Recibo de valor emprestado a Lucio Porto Alegre por Apelles Porto Alegre



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre.
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

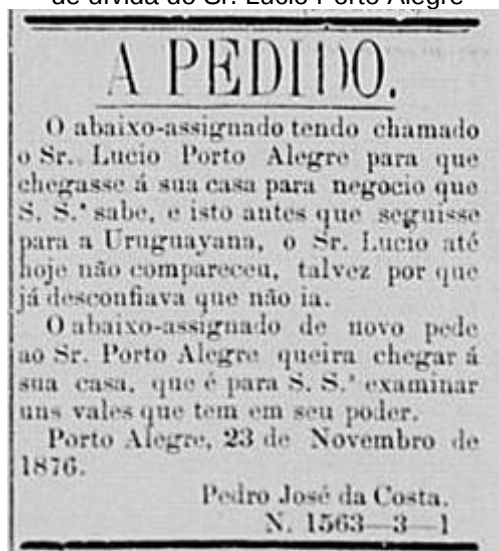
Quadro 11 - Transcrição da figura 11

- 1-Recebi de meo irmão Apelles José
- 2-Gomes Porto Alegre a quantia
- 3-de oitenta mil reis (80\$000)
- 4-moeda corrente a qual ao mes-
- 5-mo pagarei quando este me
- 6-seja apresentado.
- 7-Porto Alegre 3 de setembro 1898.
- 8-Lucio J G Porto Alegre.

No ano de 1898, Lucio pediu dinheiro emprestado a Apelles, sendo a quantia de oitenta mil réis (80\$000), que seria pago conforme a necessidade do seu irmão. Talvez este hábito de pedir dinheiro emprestado tenha sido uma constante na sua vida, pois, no ano de 1876, Pedro José da Costa reclamou, no jornal *A Reforma*, a falta de pagamento de alguns empréstimos, ou possivelmente possuía uma situação financeira menos favorecida. Até o momento, pouco se sabe sobre a vida profissional de Lucio, pois ele não figura como professor, nem como jornalista. A seguir, um recorte do jornal *A Reforma*

chamando Lucio para que comparecesse para acertar uns empréstimos que fez com Pedro José da Costa:

Figura 14 - Recorte de notícia publicada no jornal A Reforma em 1876 solicitando o pagamento de dívida do Sr. Lucio Porto Alegre



Fonte: Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira Disponível em:
http://memoria.bn.br/pdf/712337/per712337_1876_00264.pdf Acessado em: 27/08/2020.

Quadro 12 - Transcrição da figura 12

- 1-A PEDIDO.
- 2-O abaixo-assinado tendo chamado
- 3-o Sr. Lucio Porto Alegre para que
- 4-chegasse á sua casa para negocio que
- 5-S. S.^a sabe, e isto antes que seguisse
- 6-para a Uruguayana, o Sr. Lucio até
- 7-hoje não compareceu, talvez por que
- 8-já desconfiava que não ia.
- 9-O abaixo-assinado de novo pede
- 10-ao Sr. Porto Alegre queira chegar á
- 11-sua casa, que é para S. S.^a examinar
- 12-uns vales que tem em seu poder.
- 13-Porto Alegre, 23 de Novembro de
- 14-1876.
- 15-Pedro José da Costa.
- 16-N. 1563-3-1

Até o momento, não foram encontradas imagens de Lucio, nem pesquisas a respeito de sua vida profissional e pessoal. Apesar de acompanhar os irmãos em algumas atividades culturais, Lucio foi menos atuante na

sociedade do período. Porém participou da Sociedade do Partenon Literário e da Revista da instituição.

Os irmãos Porto Alegre, durante suas vidas estiveram envolvidos com a cultura, a política e a educação da Província. Apelles, Achylles e Apolinário de maneira mais intensa, atuaram como intelectuais mediadores, pois influenciaram toda uma geração, com suas ideias, textos publicados em jornais e revistas e na sala de aula como professores. Desta maneira, com uma rede de sociabilidade, os irmãos se destacaram na criação do movimento republicano na Província e pela disseminação de ideias que nem sempre foram bem recebidas, causando muitas vezes brigas e desavenças. A seguir, vamos entender melhor a criação do Parthenon Literário, instituição que foi de grande importância para o movimento cultural da Província e contou com a participação intensa dos irmãos Porto Alegre.

3.3 A Sociedade Parthenon Literário

A Sociedade Parthenon Literário³⁶ foi “a associação literária de maior duração e versatilidade [...] antes da República, [...] fundada por cerca de 50 intelectuais a 18 de junho de 1868 em Porto Alegre, e cuja existência se prolongou até 1885” (HESSEL, 1976, p.11). Esta associação foi fundada em um período de polarização política entre monarquistas e republicanos, em plena Guerra do Paraguai, onde não existia espaço para a cultura (MOREIRA, 2002).

A Sociedade Parthenon Literário foi criada “com o propósito de organizar a vida literária no Rio Grande, a entidade, contudo, cumpriria esse objetivo e assumiria uma posição de destaque, tornando-se o marco fundamental da literatura e da cultura regionais” (MOREIRA, 2002, p. 9). Conforme Moreira (2002), a Sociedade uniu um grupo de intelectuais rio-grandenses com ideias republicanas, que defendiam e divulgavam a abolição da escravidão e o fim da monarquia, revolucionando o mundo das letras.

³⁶ Silveira (2008, p. 54), revisando os sócios fundadores da Sociedade do Partenon Literário, chegou a um número de vinte indivíduos.

Sobre o Parthenon Literário, Antonioli (2011, p. 14), afirmou que os irmãos Porto Alegre foram “os principais mobilizadores da associação literária” do Rio Grande do Sul e,

Ainda que alguns eminentes veteranos das letras da província estivessem entre os fundadores do Parthenon, é certo que a iniciativa maior em liderança e entusiasmo coube a uma nova geração de cidadãos cultos nascidos após a guerra de 1835-45, em sua maioria também envolvidos com as instituições de ensino da província. Neste aspecto, foi emblemática a presença dos irmãos Apollinario, Apelles e Achylles Porto Alegre (LAZZARI, 2004, p. 62).

“A mocidade do Parthenon Literário”, como ressalta Boeira (2009), tinha por volta dos vinte anos e circulava entre a educação, a política e a imprensa da província. Estes jovens que se sentiam representando o ideário farroupilha, buscavam, de alguma forma, compartilhar com os pares suas ideias, divulgar seus pensamentos. Era um momento de posições fortes, acirramento do discurso político, fortalecimento de ideologias. Sobre a criação do Parthenon Literário, Apolinário Porto Alegre publicou um dos seus discursos no *Jornal Arcádia*:

Vós, Senhores, assistindo tão belo espetáculo, o movimento de idéias que se operam em toda a terra, não pudestes ficar indiferentes, também erguestes um monumento, que em tributo à civilização helenica, teve o nome de **Partenon Literário** (PORTO ALEGRE, 1868, p. 177-180 *apud* AGUIAR, 2011, p. 456-457).

A criação da instituição seguiu um movimento mundial de produção e divulgação das ideias na segunda metade do século XIX. Apolinário foi para a cidade de São Paulo com o objetivo de estudar, tendo com isso contato com esse “mundo das letras” que aqui na capital da Província ainda ocorria muito individualmente. Foi com a criação do Parthenon Literário que na Província de São Pedro ocorreu uma organização coletiva e estruturada de literatura rio-grandense, segundo Silveira (2008),

O *Parthenon* vinha, pois, para contemplar aqueles que desejavam um espaço de satisfação das ‘necessidades do espírito’, vinha para reuni-los. As luzes precisavam ser divulgadas, premiadas, ensinadas, produzidas e disputadas - e isso requeria espaços físicos e simbólicos nos quais a literatura pudesse se tornar uma prática, uma rotina na vida rio-grandense. Em primeiro lugar, era necessário produzir textos literários e arranjar meios, na escassa vida cultural da

província de São Pedro, para divulgá-los (SILVEIRA, 2008, p.68 grifos da autora).

Para que pudessem expressar suas ideias, além dos saraus, reuniões e discursos, esses intelectuais criaram um periódico para a sociedade. Além da revista, os seus associados ainda “criaram uma escola noturna gratuita (1872-1885), um museu, uma biblioteca própria com mais de 6000 volumes; alforriaram escravos, encenaram peças de teatro, propagaram os ideias da Abolição da Escravatura e os da República [...]” (HESSEL, 1976, p.11).

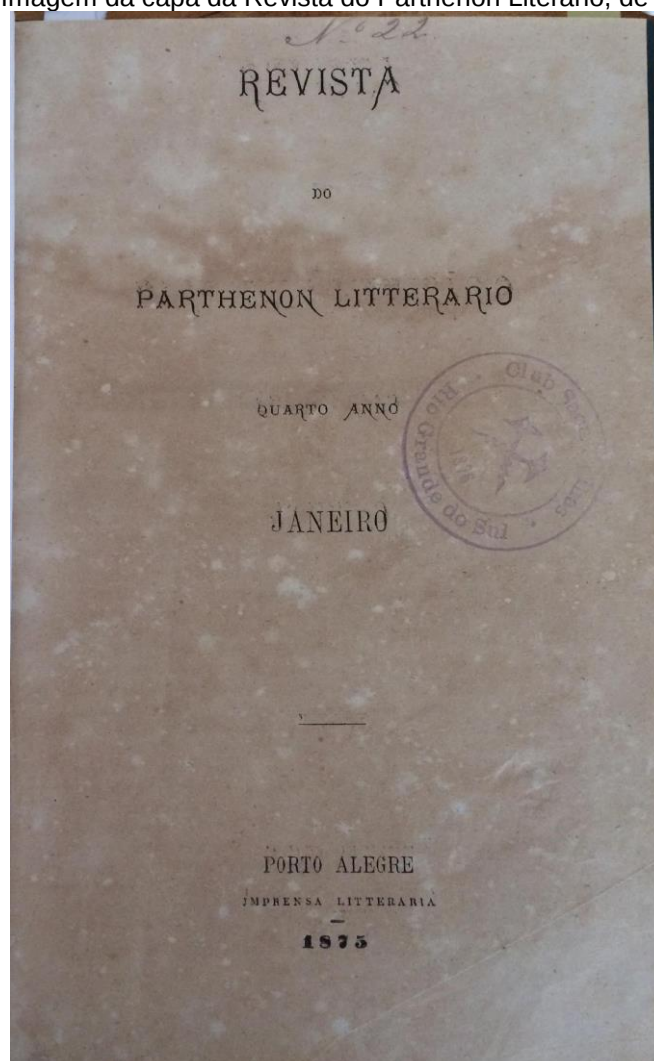
Conforme Piva (2002), os partenonistas realizavam eventos com o objetivo de arrecadar fundos para alforriar os escravizados e difundir as ideias republicanas. Para tanto, foi criada a “[...] tribuna oratória e se organizavam saraus literários, em cujos programas constava a tribuna de preleção, seguida de sessões líricas, musicais e literárias” (PIVA, 2002, p. 20). Segundo o mesmo autor, na sociedade ainda existiram grupos de estudos formados para aprofundar assuntos específicos como, por exemplo, literatura. Estes assuntos geravam textos que podem ser encontrados atualmente nas páginas da revista e, segundo Piva (2002), geravam muita discussão no período, ocorrendo contrariedades entre os próprios associados e também na comunidade.

Os irmãos Porto Alegre foram parte integrante destas discussões e tiveram uma participação importante durante toda a existência da associação e na organização e publicação do periódico, contribuindo significativamente para a escrita e a direção da revista. Conforme Silveira (2008, p. 173), nas reuniões que ocorreram nos anos de 1872 e 1873, Apolinário e Achylles estiveram presentes em sessenta encontros. Por sua vez, Lúcio participou de vinte e nove e Apelles, de dezenove. Diante desses dados, pode-se perceber a grande participação dos irmãos Porto Alegre nas reuniões, na qual apenas Augusto Rodrigues Totta esteve em mais encontros, totalizando sessenta e oito.

A revista circulou de março de 1869 a setembro de 1879, tendo algumas interrupções, como no “começo de 1870 até meados de 1872” (SILVEIRA, 2008, p.70) durante a presidência de Apolinário Porto Alegre. Inicialmente, o periódico foi chamado de “Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario”. Esta denominação permaneceu de março de 1869 a dezembro de 1873. Entretanto, em janeiro de 1874, o periódico passou a denominar-se “Revista do

Parthenon Litterario” até dezembro de 1877. Após um ano e quatro meses de interrupção, o periódico retorna em abril de 1879 com novo nome: “Revista Contemporanea do Parthenon Litterario: Consagrada a’s Lettras, Sciencias e Artes”. A seguir, a imagem de capa do ano 1875:

Figura 15 - Imagem da capa da Revista do Parthenon Literário, de jan. de 1875.



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular do Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Conforme Silveira (2008), a publicação, que era mensal, tinha aproximadamente trinta e duas páginas. Em geral, “consistia em um esboço biográfico, seguido de discussões históricas e filosóficas, e de romances, dramas e poesias. O ementário, ou crônica mensal, aparecia como último item” (SILVEIRA, 2008, p.71). A revista media aproximadamente 22 cm de comprimento por 14 cm de largura, era editada na cidade de Porto Alegre e foi impressa em diversas tipografias. Entretanto, apenas encontraram-se

alterações na formatação da fonte das letras, mantendo-se o mesmo formato. A seguir, pode-se observar o quadro em que ocorreram as trocas das tipografias.

Quadro 13 – Descrição das tipografias utilizadas pela Revista do Parthenon Literário

Data	Tipografia
Mar. 1869	Typ do Jornal do Commercio
Jul. 1869	Typographia do – Jornal do Commercio – de L. F. Cavalcanti de Albuquerque
Jul. 1872	Typographia da Reforma. – Rua General Andrade Neves N.51
Nov. 1872	Typographia do – Constitucional –
Jan. 1874	Imprensa Litteraria
Abr. 1879	Imprensa da Deutsche Zeitung

Fonte: Jornal A Imprensa
Quadro elaborado pela autora.

A revista possuía, na sua segunda página, a descrição de uma comissão de redação formada por um grupo de seis pessoas e incluindo o redator do mês³⁷, que era um dos seis citados na comissão. No primeiro número da revista, fizeram parte do grupo da comissão Lucio Porto Alegre e Apolinário Porto Alegre. Ainda nesta mesma edição, o redator foi Apolinário (R.M.S.P.L., 1869, p. 2), o qual integrou a comissão em todas as edições da revista.

A partir de julho de 1872 a março de 1873, surgiu a denominação dos diretores da revista, que foi composta por Achylles Porto Alegre e Hilario Ribeiro d'Andrade e Silva, sem substituições. Contudo, após 1873, esta página é suprimida.

No ano de 1875, ao final da revista, constam os valores para a assinatura, sendo “para a capital o trimestre 3\$000 (três mil réis) e para fora da capital o semestre 6\$000 (seis mil réis)” (R.P.L., 1875, p. s/n). Esses valores deveriam ter o pagamento adiantado. Ainda orientou-se que a revista seria mensal, com dezoito páginas e uma gravura e, nesse exemplar, consta uma lista denominada “agentes da revista”, com vinte seis cidades e os nomes dos

³⁷ A partir de 1873, esta folha com a denominação da comissão de redação e redator do mês não aparece mais, não se sabe se a cópia está incompleta ou foi uma escolha editorial.

homens que seriam estes agentes (R.P.L., 1875). Com esta publicação, pode-se observar que a divulgação da revista teve uma significativa difusão na Província, alcançando vinte e cinco cidades do interior e a cidade do Rio de Janeiro.

Além de compor a organização da revista, os irmãos Porto Alegre contribuíram com uma vasta publicação, que se dividiu em novelas, contos, poemas, romances, textos diversos relacionados às mulheres, estudos filosóficos, opiniões e pronunciamentos. Apolinário foi quem mais textos publicou ao longo da circulação da revista, somando-se oitenta e duas publicações, seguido por Achylles, que teve quarenta e nove textos publicados. E, por sua vez, Apelles, que aparece em quinto lugar, teve vinte e nove textos publicados, ficando atrás de José Bernardino dos Santos, que aparece em terceiro lugar, com trinta e dois textos e de Hilario Ribeiro, em quarto lugar, que teve trinta publicações (SILVEIRA, 2008, p. 170-172).

Nas páginas da revista do Parthenon Literário, não se pretende observar a revista como um todo e, sim, focar nos escritos de Apelles e destes, principalmente os que abordam a educação. Com os impressos, esta pesquisa quer entender as ideias de um homem das letras, sul rio-grandense, elitista, que viveu em período bem definido e, em nenhum momento, procurou se deslocar do seu tempo e das suas escolhas.

A rede de sociabilidade que circunda o professor Apelles teve um papel importante na sua formação de intelectual mediador. Além das atividades culturais que envolveram os irmãos Porto Alegre, a participação no movimento político republicano também tem um papel formador na vida e na trajetória de Apelles Porto Alegre e estas ideias serão discutidas a seguir.

3.4 As Ideias Republicanas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: o Partido Republicano Rio-grandense (PRR)

Desde meados da década de 60 do século XIX em Porto Alegre, já se via um movimento republicano, segundo Spalding (1967), resquícios dos

ideários da Guerra dos Farrapos. Neste sentido, para Piccolo (1992), a Guerra dos Farrapos foi o marco inicial do ideário republicano na província. Da mesma forma, na Convenção Republicana (23/02/1882), remonta-se ao início do movimento ainda em meados de 1830, porém reforça que, durante este período, existiram momentos de sufocamento.

O movimento republicano foi-se fortalecendo, seus membros foram unindo-se e mobilizando-se assumindo uma posição contrária a ordem vigente. Lutava contra a escravidão e pelo fim da monarquia não apenas na capital da província, como em todo o território nacional. Entretanto, para este momento, o que interessa é a província de São Pedro, atual Estado do Rio Grande do Sul.

Segundo aponta Ribeiro (1943), a Guerra do Paraguai (1864-1870), em que Brasil, Uruguai e a Argentina se uniram para derrotar o Paraguai, aumentou este movimento contra a monarquia e impulsionou as ações em prol da República e da abolição da escravatura. A imagem do Imperador foi afetada por tamanha crueldade e gastos desnecessários em uma guerra que deveria ter chegado ao fim anteriormente. Contudo, Dom Pedro II tinha, com Francisco Solano López, o presidente do Paraguai, uma disputa que só terminou com a morte de seu adversário (SCHWARCZ e STARLING, 2018).

Segundo as mesmas autoras, “não por acaso, de suas fileiras [Guerra do Paraguai] logo saíam simpatizantes da causa da República e da Abolição” (SCHWARCZ e STARLING, 2018, p. 298). Foram os horrores da guerra que fortaleceram os movimentos contrários à monarquia. E por sua vez, para Ribeiro (1943), o Partido Republicano foi o representante de uma transição da Monarquia para a República. Foi a união de esforços e mobilizações que, no ano de 1889, venceu, derrubando a coroa brasileira.

A década de 80 do século XIX foi decisiva para a Nação, “em 1880 foi fundada a Sociedade Brasileira contra a escravidão e em 1883 a Confederação Abolicionista” (SCHWARCZ e STARLING, 2018, p. 305). Dom Pedro II, ciente dos movimentos republicanos e abolicionistas, tentou algumas formas para acalmar os ânimos como a Lei Eusébio de Queirós (1850), a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885). Contudo, essas atitudes eram muito tímidas e não transformavam efetivamente o cenário existente, nem representavam as reivindicações das lutas.

De acordo com Fortini (1953), na cidade de Porto Alegre, no ano de 1868, foi criado o primeiro clube republicano denominado Clube 20 de Setembro, fundado pelos irmãos Apelles e Apolinário. Piccolo (1992) concorda, afirmando que Apolinário e outros nomes, em 1868, uniram-se e mobilizaram a propaganda na província, contudo não a ponto de se tornarem uma força política naquele momento, apesar de, com a intensificação da propaganda e a criação do Manifesto de 1870, o movimento foi-se fortalecendo.

O Clube 20 de Setembro transformou-se no “A. D. F. (Associação dos Federados) criado em outubro de 1874 por Francisco Cunha” (FORTINI, 1953, p. 177), com a aderência dos participantes do Clube 20 de Setembro, inclusive do professor Apelles e de seu irmão Apolinário. Ao entrar para o A. D. F., o associado escolhia um nome fictício, pois a instituição foi secreta por algum tempo, fazia um juramento de fidelidade, além de pagar uma quantia de 10\$000 réis (dez mil réis) (FORTINI, 1953). Este clube se encerrou quando alguns participantes, incluindo Francisco Cunha, aderiram ao Partido Liberal, liderado por Gaspar Silveira Martins. (FORTINI, 1953).

Francisco Xavier da Cunha foi um dos propagandistas do movimento republicano. Além de escrever artigos em jornais como *A Reforma*, órgão do partido liberal, fundou *A Democracia*, periódico que durou pouco tempo, de 5 de fevereiro a 17 de julho de 1872, mas é considerado órgão republicano ligado à A. D. F (Associação dos Federados) (PICCOLO, 1992). No entanto, existe uma divergência de datas entre Fortini (1953), que afirma que o clube A. D. F. foi fundado em 1874 e teve o jornal *A Democracia* como seu meio de divulgação das ideias republicanas, e Piccolo (1992), que afirma que o jornal foi fundado em 1872 para com o mesmo fim propagandista. Diante das incertezas, os autores concordam que a propaganda foi um fator importante para o movimento e o periódico reverberou estas ideias.

Foi em 28 de julho de 1878 que o terceiro clube do movimento foi criado em Porto Alegre, denominado de “Club Republicano”. A primeira reunião foi realizada na casa de Apelles, com a participação de seu irmão Apolinário e de nomes como: “Gaspar Mena Barreto, [...] João da Costa Ferreira, João José Rodrigues da Silva, Francisco Antônio Borges Lima, Pedro Tude da Costa

Ferreira, Valério da Costa Ferreira, José Antônio Rodrigues Ferreira Filho e mais alguns cidadãos [...]” (FORTINI, 1953, p.178).

Nesta reunião de fundação ficou definida uma diretoria provisória e alguns nomes para efetuarem tarefas importantes, como a procura por uma casa e móveis para o Clube, que ficou por conta de Borges Lima e Mena Barreto. A criação de um manifesto para o partido ficou por conta de Apolinário e a criação do estatuto, de responsabilidade de Apelles (FORTINI, 1953). Segundo Fortini (1953), os associados deveriam pagar um título de entrada no valor de 5\$000 (cinco mil réis) e, mensalmente, o valor de 2\$000 (dois mil réis).

Por sua vez, Spalding (1967) aponta o primeiro Clube Republicano como sendo criado no ano de 1880, na cidade de Porto Alegre, e tendo como fundador Orlando Coelho, além de

[...] Dr. Ramiro Barcelos, Felicíssimo Manoel de Azevedo e outros republicanos, aos quais se incorporaram, estando inscritos como fundadores, os estudantes de Direito da Academia de Direito de São Paulo, Júlio de Castilhos, Assis Brasil, Ernesto Alves de Oliveira, João Jacinto de Mendonça que seria um dos fundadores do Clube de Pelotas, Manuel Campos Cartier, Vitorino José Carneiro Monteiro e outros, e os de Recife, Germano Hasslocher, Borges de Medeiros, Homero Batista, João de Barros Cassal e mais uns poucos (SPALDING, 1967, p.131).

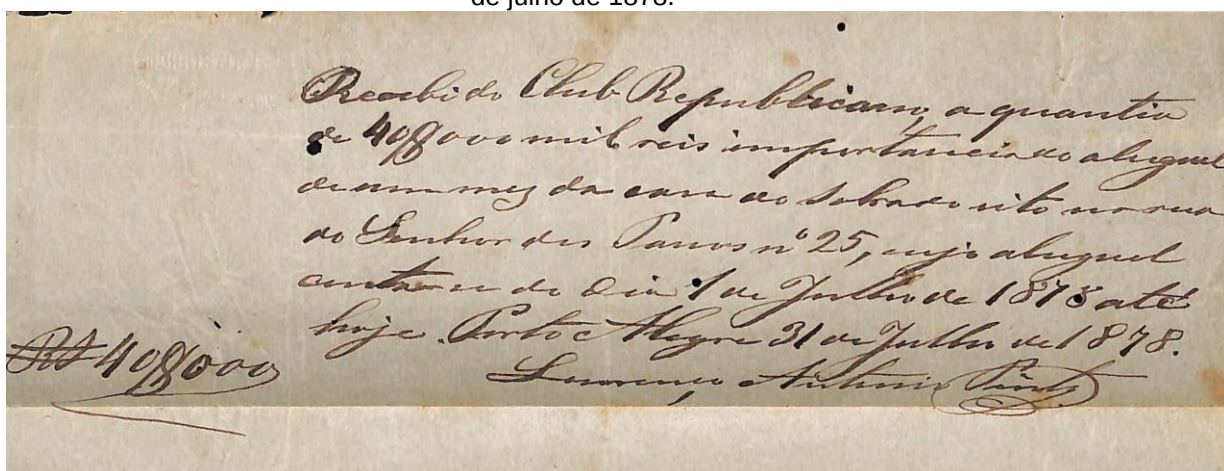
Apesar de Spalding (1967, p. 131) repetidamente usar as expressões “e outros republicanos [...] e mais uns poucos”, não mencionou os irmãos Porto Alegre como fundadores, justamente eles que estiveram à frente do movimento e da propaganda republicana na Província. Contudo, este fato pode ser uma indicação da tentativa de um apagamento da memória, pois existiu um descontentamento ao movimento que mais adiante levou os irmãos a uma dissidência e à perseguição por parte de Júlio de Castilhos.

De posse das fontes, pode-se observar, no arquivo pessoal de Apelles, nove recibos do Club Republicano, do ano de 1878, o que indica que nesse ano a associação estava em funcionamento. Os recibos não possuem a assinatura de Apelles, mas são parte integrante do seu acervo.

Nos recibos do Club Republicano, uma assinatura coincide com nomes citados por Fortini (1953): Valério da Costa Ferreira. Dois recibos são referentes ao pagamento do aluguel de uma casa e o outro, de móveis. O

recibo do aluguel dos móveis não especifica quais são, apenas a quantia de 25\$500 (vinte e cinco mil e quinhentos réis), referente ao mês de agosto de 1878, e a assinatura como recebedores de Egídio Reis e Maria Luiza Reis. Outro recibo é referente ao pagamento do aluguel de 1º a 31 de julho de 1878, da casa sobrado na rua Senhor dos Passos, nº 25, no valor de 40\$000 (quarenta mil réis). Provavelmente, este fosse o endereço em que o grupo se reunia. A seguir pode se observar o recibo:

Figura 16 - Imagem do recibo do aluguel de uma casa pelo Club Republicano referente ao mês de julho de 1878.



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre.
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

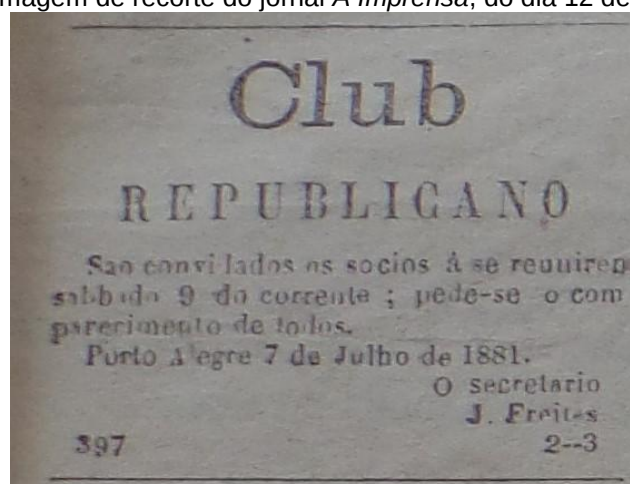
Quadro 14 - Transcrição da figura 14

- 1-Recebi do Club Republicano a quantia
- 2-de 40\$000 mil reis importancia do aluguel
- 3-de um mez da casa do sobrado sito na rua
- 4-do Senhor dos Passos nº 25, cujo aluguel
- 5-contou se(?) do dia 1 de julho de 1878 até
- 6-hoje. Porto Alegre 31 de julho de 1878.
- 7-Lourenço Antonio Pôrto.
- 8-40\$000

Sete recibos são referentes ao pagamento de anúncios que circulavam nos diferentes periódicos da cidade, como *Jornal do Comércio*, *Mercantil*, *Reforma* e *Rio-Grandense*, nos meses de julho a agosto de 1878. Os valores por anúncio rondavam aproximadamente por volta de 1\$000 (mil réis), sendo que, em alguns periódicos, circulou por mais de uma vez.

No jornal *A Imprensa*, foram publicados vários anúncios convocando para reuniões do Club Republicano, além de trazer acontecimentos como a visita de três correligionários que chegaram à cidade e poderiam assistir à reunião, “Dr. Eduardo Lima, que discursou, Alfredo Gama e Antônio Augusto Borges de Medeiros” (*A IMPRENSA*, 1/12/1881, p. 1). A seguir, um recorte de anúncio do Club Republicano convidando seus correligionários para reunião.

Figura 17 - Imagem de recorte do jornal *A Imprensa*, do dia 12 de julho de 1881



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Quadro 15 - Transcrição da figura 15

- | |
|---|
| 1-CLUB
2-REPUBLICANO
3-Sao convidados os socios á se reunirem
4-sabbado 9 do corrente; pede-se o com-
5-parecimento de todos.
6-Porto Alegre 7 de Julho de 1881.
7-O secretario
8-J. Freitas(?)
9-397/2--3. |
|---|

O jornal *A Imprensa*, de propriedade de Apelles, circulou de 1880 a 1882. Ao final de 1881, o jornal se autodeclarou republicano. *A Imprensa*, segundo Fortini (1953), é o primeiro jornal diário republicano do Rio Grande do Sul. Entretanto, não estampou em sua casa esse ideário republicano explícito desde o início. Apenas em 1º de dezembro de 1881, mais de um ano após o início da sua circulação, o jornal se autodeclara “órgão republicano”. A seguir, o cabeçalho da primeira capa em que o jornal assume ser um órgão republicano:

Figura 18 - Imagem do cabeçalho da capa do jornal *A Imprensa*, do dia 1º de dezembro de 1881



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Quadro 16 - Transcrição da figura 16

Anno II - Porto Alegre, Quinta-feira 1 de Dezembro de 1881 - N.270
A IMPRENSA
 PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL – BRAZIL
ASSIGNATURAS:-
 PARA A CAPITAL:
 Por um anno: 12\$000
 Semestre: 7\$000
 Trimestre: 4\$000
 PARA FÔRA:
 Por um anno: 16\$000
 Semestre: 9\$000
ORGÃO REPUBLICANO
PROPRIETARIO E DIRECTOR DA REDACÇÃO
 APELLES PORTO ALEGRE
 A “Imprensa” publica-se todos os dias a exceção do posterior aos domingos e dias santos.
 Annuncios e publicações pelo que se ajustar.
 PAGAMENTO ADIANTADO
 Typographia – À rua do General Andrade Neves n. 46.
 Numero avulso 200 réis

Apelles Porto Alegre, desde muito cedo, possuía os ideários republicanos. Em publicação de 1º de dezembro, o artigo afirma que, anteriormente, já havia demonstrado, em suas publicações, apoio ao movimento republicano. Mas, naquele momento, se autodeclarava o veículo de comunicação oficial de tal ideologia, e afirmou que o jornal entrava em nova fase, evidenciando as novas convicções do impresso:

Entra a “Imprensa” em nova fase.
 Durante uma existencia de mais de anno, deu a sua redacção evidentes provas de adesões às ideias republicanas. São exatamente nessas manifestações, e só nelas que se acha o elo que prende as

duas phases da “Imprensa” – a que termina, e a que hoje começa (A IMPRENSA, 1/12/1881, p. 1).

O jornal *A Imprensa*, com este novo posicionamento, pretendia assumir um lado, e possuía por lei este direito, já que, desde 1850, a imprensa era livre no Brasil. O jornal apenas vislumbra as ideias de um movimento que vinha se fortalecendo e seguia uma tendência nacional.

Com o movimento fortalecido e o posicionamento do jornal *A Imprensa*, os correligionários republicanos reuniram-se em 16 de abril de 1881 e foi publicada uma circular do partido, que ainda não havia sido criado formalmente, mas as mediações para esta criação vinham sendo elaboradas (CONVENÇÃO REPUBLICANA, 23/02/1882). Nesta circular, alguns temas foram definidos: “Adesão ao manifesto republicano de 3 de dezembro de 1870 [...]”; a independência do Club Republicano frente aos novos clubes e núcleos criados na província; a união das forças de todos que acreditam na democracia para a criação do partido republicano; a criação de uma imprensa republicana; “[...] as comunicações, avisos indicações ou conselhos que se tornem necessários entre os clubs, sejam feitos por meio de escriptos e circulares, enquanto não forem possíveis os congressos [...]” e por fim que todos estejam prontos para o pleito eleitoral quando necessário (CONVENÇÃO REPUBLICANA, 23/02/1882, p.53-54).

A circular de abril de 1881 buscava esclarecer alguns pontos ainda obscuros e reforçar a importância da criação do Partido Republicano e da propaganda, principalmente na imprensa, além de incentivar a criação de mais clubes republicanos nas cidades do interior. Sem a criação do partido, alguns simpatizantes se aproximavam do Partido Liberal por achar semelhanças, e outros ainda do conservadorismo, por não confiar nos liberais, o que de fato evidenciava a necessária união de todos em prol da criação partidária democrática.

E, neste mesmo sentido, foi elaborado o documento de fevereiro de 1882, reforçando os pontos apresentados nos anos anteriores. Com isso, pode-se evidenciar que existiu uma preparação. Foram muitos anos amadurecendo um ideal político, republicano, em que os irmãos Porto Alegre estiveram inseridos desde muito cedo.

- 1º Bases para organização do futuro Congresso republicano rio-grandense.
- 2º Homogeneidade de vistas na fundação de Clubs.
- 3º Candidaturas - modo de apresentá-las.
- 4º Bases para o programa dos candidatos à próxima legislatura da Assembléa Provincial.
- 5º Procedimento dos republicanos nos pleitos eleitoraes.
- 6º Imprensa do partido.
- 7º Programa republicano (CONVENÇÃO REPUBLICANA, 23/02/1882, p. 10-11).

Estas bases são fruto de um projeto republicano que buscava o reconhecimento político para o movimento, que começou com encontros secretos, às escondidas, que foram ganhando simpatizantes e se fortalecendo. Para que não exista dúvida, os republicanos afirmam: “Não somos *revolucionarios*, pelo contrário, somos *evolucionarios*” (CONVENÇÃO REPUBLICANA, 23/02/1882, p. 8 grifos do autor). O republicanismo era motivo de boatos e difamações quanto às suas ideias e este documento elaborado na convenção também teve o objetivo de esclarecer os seus posicionamentos.

A circular de 16 de abril de 1881 foi assinada pelos senhores: “M. Servulo de Almeida, negociante; Silvestre Gonçalves Carvalho, proprietário; Luiz Leisegneur, relojoeiro; José Narcizo Monteiro, ourives; Sebastião Pereira de Barros, negociante; Gonçalo Henrique de Carvalho, negociante; Apelles Porto Alegre, professor; M. Candido Teixeira, guarda-livros; Demetrio Nunes Ribeiro, engenheiro” (CONVENÇÃO REPUBLICANA, 23/02/1882, p. 58).

Outra orientação se refere aos integrantes do Club Republicano de Porto Alegre que deveriam buscar simpatizantes ao movimento e aos outros clubes de toda a província, que se unissem e enviassem um representante ou denominassem alguém da capital para representá-los. Somente assim, todos poderiam ser ouvidos (CONVENÇÃO REPUBLICANA, 23/02/1882). Ainda no mesmo documento, a memória do movimento de 1835 é exaltada, e os ideais republicanos são ressaltados.

Pretender ser o Messias das idéas livres nesta terra é uma pretensão ridícula, mas systematisal-as, ou antes concretisal-as na organização de um partido que as represente, é o dever de todos e é o motivo do convite que agora vos dirigimos em nome do club republicano da capital (CONVENÇÃO REPUBLICANA, 23/02/1882, p. 62).

Com isso, pode-se entender que a criação do partido foi mais um passo que o movimento republicano deu para alcançar o objetivo de implantar um novo regime para a nação, e este objetivo se concretizou no ano de 1889, com a queda do regime monárquico e fim do reinado de D. Pedro II.

Conforme Osorio (1930), foi na Convenção Republicana de 1883 que ficou decidida a criação de um periódico oficial para a divulgação dos ideários do movimento e do novo partido. Sendo assim, em 1 de janeiro de 1884, começou a circular o importante veículo de comunicação e divulgação do Partido Republicano Riograndense, o jornal *A Federação* (1884-1937). E foi eleito o primeiro deputado republicano à Assembleia Provincial, Joaquim Francisco de Assis Brasil (1885-86 e 1887-88) (PICCOLO, p. 1992).

Conforme Fortini (1953), novos clubes republicanos surgiram mesmo com a criação do partido e, em 22 de novembro de 1885, outro clube foi fundado na capital, denominado Bento Gonçalves, que teve na sua primeira diretoria: Apolinário Porto Alegre (presidente), Antão Gonçalves de Faria (secretário), Jaime André Faceiro (secretário) e Gaspar Guimarães (tesoureiro). E ainda, existiu mais um clube, chamado União Republicana, que teve como primeiro presidente Apolinário Porto Alegre. Este ultrapassou a República (1889), entretanto, as datas de início e encerramento não foram encontradas até o momento.

Um dos objetivos dos clubes republicanos era a propaganda, que buscava o fim da monarquia e da escravidão. Os clubes tinham a função de discutir e divulgar estas ideias, assim como incentivar a criação de clubes no interior da Província (FORTINI, 1953).

Em comemoração ao dia 20 de setembro, em 1886 ocorreu, no Teatro São Pedro, uma conferência republicana da qual participaram comissões do Partido Republicano Riograndense, do Club Bento Gonçalves e do Club 20 de Setembro. Um dos oradores foi Apelles Porto Alegre, representando o Club Bento Gonçalves. Segundo o jornal:

Fallou o intelligente cidadão com a sua costumada eloquencia, fazendo um rapido histórico de algumas commoções sociais e politicas em vários paizes e demonstrando o direito da revolução. Tratou depois do facto historico que se commemorava, exaltando os feitos que tanto renome deram aos heroicos combatentes do periodo glorioso da revolução do 35.

O auditorio applaudio calorosamente o orador, tributando-lhe assim as devidas homenagens (A *FEDERAÇÃO*, 21/09/1886, p. 1).

Apelles foi um destacado orador. Alguns de seus discursos foram publicados e serão analisados no capítulo três. Seus discursos tiveram como pressuposto o contexto histórico para abordar as temáticas definidas, pois ministrava a disciplina de História. Os clubes tiveram a finalidade de fortalecer os movimentos republicanos, de divulgar as ideias e recrutar simpatizantes.

Com a implantação da República, talvez os clubes tenham perdido um pouco a sua finalidade e outros meios foram usados para este fortalecimento, como o partido político. Segundo Pezat (2007a, p. 37), as insatisfações iniciaram antes da Proclamação da República, ainda na criação do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), no ano de 1882. A ala jovem do Partido Republicano entrou em confronto com um grupo de velhos partidários, estes precursores do movimento. Os jovens possuíam novos projetos para o republicanismo Rio-grandense, mas, após o partido assumir o poder, houve um descontrole que teve graves consequências: “Sem técnica administrativa, a mocidade republicana via crescer o *abalo econômico*, a *desorganização social*, o desrespeito à lei, o desprestígio dos homens públicos” (REVERBEL, 2014, p. 75, grifos do autor).

Após a Proclamação da República, uma ala mais experiente do partido, republicanos que construíram o movimento no Rio Grande do Sul, afastou-se por desacordos com o grupo jovem liderado por Júlio de Castilhos, causando rupturas e dissidências. Entre eles, estavam o professor Apelles e seus irmãos Apolinário e Achylles, os irmãos Porto Alegre.

Mas a República ‘proclamada’ a 15 de novembro, muito cedo deixou ‘cair a máscara’, mostrando a sua ‘cara’ conservadora. O discurso liberal e/ou democrático cedeu lugar a práticas excludentes. E o povo – em nome do qual os republicanos tanto falaram na fase da propaganda – seria mais espectador do que ‘sócio na empresa’.” (PICCOLO, 1992, p. 75-76).

Estes conflitos afetaram os irmãos, que foram perseguidos. Apolinário, com a Revolução Federalista, precisou fugir para o exílio no Uruguai. Achylles foi transferido para outra província, conseguindo reverter a situação. Suas imagens foram atacadas na imprensa da época.

Em 1899, o jornal *A Federação* defende-se da acusação de agressão, em que a vítima foi o professor Apolinário. Segundo *A Federação* (15/09/1899, p. 1), Apolinário foi levado à prisão por ter sido encontrado em uma vala desacordado e bêbado. Entretanto, seus defensores acusaram Júlio de Castilhos e o sr. Capitão Louzada como os mandantes da tentativa de homicídio. Na tentativa de se defender, o editor do jornal *A Federação* procura desqualificar Apolinário, chamando-o de alcoólatra e apelidando-o de Alcoolinario Porto Alegre. Nesse dia, Apolinário foi preso e a ele foi imputada uma multa de 50\$000 (cinquenta mil réis) pela embriaguez.

Este fato repercutiu e, segundo o próprio jornal *A Federação* (22/09/1899), o jornal *Echo do Sul*, da cidade do Rio Grande, publicou a agressão ocorrida ao professor Apolinário e acusou o governo do fato. E, ainda recebeu notícias enviadas do Rio de Janeiro de que Pedro Moacyr procurou o presidente Campos Salles para contar que Apolinário estava sendo ameaçado aqui na Província.

Seguindo o projeto de desqualificação, o jornal *A Federação* acusa o jornal *Reforma* de ser uma folha de oposição do Partido Federalista. Na tentativa de difamar a imagens dos irmãos Porto Alegre, *A Federação* (22/09/1899) usa palavras como “o pobre velho” referente a Apolinário e, ao se referir a Apelles, chama-o de “Petit” e “Manapelles”.

A dissidência dos irmãos Porto Alegre, contrários à ala jovem que assumiu o movimento republicano, liderada por Júlio de Castilhos, causou muitos conflitos e perseguições. Observar a rede de sociabilidade que circula o professor Apelles auxilia no entendimento da sua trajetória, como o envolvimento com a cultura e com a educação, além das disputas e acirramentos que ocorrem na política, após a Proclamação da República e os direcionamentos do Partido Republicano. Por sua vez, Júlio de Castilhos governava seguindo os ideais positivistas e esta forma de pensamento será discutida na próxima seção.

3.5 O Positivismo no Rio Grande do Sul

O positivismo é um método, uma doutrina criada por Auguste Comte, que nasceu na França e viveu de 1798 a 1857. Segundo Gardiner (1969, p. 89), Comte escreveu uma densa “impressão sobre o pensamento do século dezanove”. E, por sua vez, Alonso (2007, p. 148) afirma que o positivismo foi criado para ser “uma atitude epistemológica que tinha por características a realidade”. Contudo, este método era mais que uma “explicação da realidade”, era a “constituição da ciência”, o que significa o “desenvolvimento da razão na história”.

De acordo com Alonso (2007, p. 148), para Comte, as sociedades possuem variados graus de desenvolvimento e, com isso, varia também o seu conhecimento. A ciência somente progride quando existe a junção “da razão com a realidade”. Contudo, ao entender que o método positivo era muito racional e não poderia constituir “uma nova sociedade, Comte propõe a sua política positiva, instituindo a Religião da Humanidade” e assim o método se modificou do social “para a moral” (ALONSO, 2007, p. 148). Estas novas diretrizes ocasionam uma reestruturação do sistema positivista:

A democracia é, então, apresentada como uma das ilusões metafísicas condenadas ao desaparecimento; o regime político da humanidade futura deve ser uma ditadura positiva, comandada por uma ‘classe de sábios’. O positivismo tinha deixado de ser uma filosofia social estrito senso, para apresentar-se como um projeto político-científico de civilização (ALONSO, 2007, p. 149).

Neste sentido, Paulo Pezat (2007b, p. 271) argumenta que Comte buscou “criar uma religião natural, racional e científica, baseada não em crenças sobrenaturais, mas sim no culto ao conjunto da humanidade presente, passada e futura”. Este fato ocasionou dissidências entre seus discípulos, que não concordaram com certas mudanças, entre elas, a “política ditatorial, e número ainda menor aderiu a esta vertente religiosa do positivismo” (PEZAT, 2007b, p. 271).

Ainda segundo o autor, pode-se dizer que, no Brasil, houve uma divisão de ideias: uns seguiram uma parte do positivismo e outros, a sua totalidade.

Neste mesmo sentido, Tambara (1998) aponta que, no século XIX, na Província de São Pedro, o número de adeptos era muito pequeno e formado por intelectuais. O país vivia uma monarquia, ainda existia a escravidão e a religião oficial era o catolicismo. Com a fundação da Igreja Positivista do Brasil, iniciou-se uma divulgação dos pressupostos em publicações que influenciaram o momento político (PEZAT, 2007b).

Segundo Pezat (2007b, p. 285), “o projeto político defendido pela instituição [...]” era “republicano e antiparlamentar [...] devendo ser exercido por um ‘ditador republicano’”. O projeto defendia a abolição da escravatura, pois pregava o desenvolvimento industrial e, mesmo sendo uma ditadura, incentivava “às liberdades de pensamento, organização e expressão” (PEZAT, 2007b, p. 286). As ideias positivistas eram consideradas progressistas e seus adeptos foram oriundos, na sua maioria, das classes médias urbanas (PEZAT, 2007b).

Para adaptar o positivismo ao estilo brasileiro, os precursores do movimento no Brasil trocam símbolos criados por Comte por outros representativos para o país, homenageando progressivamente: Tiradentes, José Bonifácio, Benjamin Constant, Floriano Peixoto, Júlio de Castilhos, além da criação de uma bandeira nacional com o lema “ordem e progresso” (PEZAT, 2007b, p. 286). A Igreja Positivista do Brasil buscava, com isso, uma aproximação à nação brasileira. Seus membros estavam envolvidos com a política do período, numa tentativa de convencimento das normas da doutrina.

Os ideais positivistas se disseminaram da cidade do Rio de Janeiro, com os estudos de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, para várias regiões do país. Contudo, foi no Rio Grande do Sul³⁸ que houve uma adesão mais sistemática, com o apoio de políticos republicanos e simpatizantes (PEZAT, 2007b).

Segundo Pezat (2007b), em carta enviada em 10 de agosto de 1889 a Miguel Lemos, Demétrio Ribeiro declara que o Partido Republicano Rio-Grandense seguia as ideais positivistas, e cada vez estava mais próximo de concordar com a ditadura parlamentar, sendo que a proposta de uma república parlamentar não seria aceita pelos líderes do partido e ainda ataca alguns de

³⁸ No Rio Grande do Sul, em 1928, foi inaugurada a Capela Positivista, vinculada à Igreja Positivista do Brasil. Disponível em: <http://templodahumanidade.org.br/a-religiao-da-humanidade/a-igreja-positivista-do-brasil/> Acessado em: 23/10/2021.

seus participantes. Atualmente, sabe-se que a cisão do Partido Republicano Rio-Grandense se deu com a ala “velha” do movimento, entre eles, os irmãos Porto Alegre e outros nomes, que não concordavam com a ditadura republicana e simpatizavam com o parlamentarismo. Pode-se supor que Miguel Lemos atacava esta ala que não aceitou o radicalismo republicano.

Raul Pilla foi um político de destaque no Rio Grande do Sul e no ensino secundário, tendo sido aluno do professor Apelles Porto Alegre. Em um de seus livros, Pilla (1949) afirma que, após entrar para a maioria, se filiou ao parlamentarismo e este fato é atribuído às aulas de história onde Apelles explicava os acontecimentos do mundo. Mesmo mantendo um distanciamento dos seus interesses pessoais, o professor, de certa maneira, influenciou o aluno:

[...] Apeles Pôrto Alegre foi meu professor de história. Em tal função, cabia-lhe expor-nos a origem e o desenvolvimento das várias instituições políticas e sociais. Assim foi que, ouvindo-lhe as aulas, assistimos, por assim dizer, à formação da democracia moderna. Tinha o mestre perfeita isenção e imparcialidade. A sua tarefa era expor o passado e não analisar o presente. [...] Tornei-me parlamentarista e, ao alcançar a maioria, inscrevi-me no partido [...] Sem o querer, sem o saber sequer, foi o velho Apeles, como o chamávamos, o meu iniciador na vida política, ele foi quem me deu a orientação fundamental, de que até hoje não me apartei (PILLA, 1949, p. 56).

Os irmãos Porto Alegre continuaram republicanos mesmo após o rompimento com Júlio de Castilhos, mas discordaram da política imposta por esta nova ala do partido. Com isso, os irmãos Porto Alegre simpatizavam com o parlamentarismo, mas isso não significava uma adesão plena. Júlio de Castilhos criou uma forma de governo unindo as suas ideias, com ideais positivistas e a realidade da Província, formando com isso o “castilhismo” (TAMBARA, 1998, p. 172).

Para Tambara (1998), nem a população, nem mesmo parte dos membros do Partido Republicano entendia a doutrina positivista, mas o autoritarismo de Júlio de Castilhos não permitia contestações e, mesmo sem entender, seus correligionários defendiam os ideais. Este desconhecimento pode ser chamado de “positivismo difuso” (TAMBARA, 1998, p. 173). Para

definir o papel de Júlio de Castilhos à frente do Partido Republicano, Tambara argumenta:

[...] no Rio Grande do Sul, a partir do final do século passado até a revolução de 30, um partido foi sempre hegemônico - PRR. Sua característica ideológica era a adoção explícita da postura positivista. [...] foi o positivismo 'à gaúcha'. E o principal responsável por este processo foi Júlio de Castilhos, senhor absoluto do partido enquanto viveu. Mesmo depois de sua morte, as grandes decisões do partido eram legitimadas tendo suas idéias como referenciais. [...] é incontestável a implantação de um modelo político-administrativo no Rio Grande do Sul, o castilhismo, distinto dos governos estaduais estabelecidos no resto da nação (TAMBARA, 1998, p. 174).

Tanto a forte personalidade de Júlio de Castilhos quanto as ideologias positivistas seguidas pelo PRR deram esta hegemonia ao partido após a Proclamação da República. Porém, foi este temperamento que afastou do partido nomes como de Apelles, Achylles e Apolinário. Os irmãos Porto Alegre estiveram na luta pela consolidação do movimento e, ao alcançar o objetivo – o fim da monarquia, foram desprezados por uma dita “nova geração”.

No Rio Grande do Sul, a política positivista foi declarada, diferente de outros estados brasileiros que preferiam esconder suas ideologias. Desta forma, o positivismo interferiu em toda a sociedade e a política do país (TAMBARA, 1998). No Rio Grande do Sul, a educação foi muito influenciada pelo positivismo. Na Constituição de 1891, um dos pilares da ideologia, que era “a educação livre”, havia sido incluída (TAMBARA, 1998).

Esta não era uma discussão isolada ou que surgiu com o Partido Republicano. No ano de 1875, o professor Apelles publicou, na Revista do Parthenon Literário, um discurso defendendo o livre ensino. Neste texto, ele defendia a liberdade das famílias de enviarem seus filhos para a escola, devido à dificuldade imposta pela falta de infraestrutura na Província. Os positivistas gaúchos defendiam que o ensino deveria ser uma iniciativa particular e que fosse direito de todos, e a qualidade do ensino seria avaliada pelos próprios estudantes (TAMBARA, 1998). Para o mesmo autor, os políticos do Rio Grande do Sul acreditavam que:

[...] nem ao governo estadual cabia competência em agir sobre a esfera da educação, uma vez que isso seria interferir na 'liberdade espiritual', na liberdade de consciência. Cabia, portanto, à iniciativa particular, agir de forma que melhor lhe conviesse nesta área. Era a assunção da máxima positivista, tão cara aos republicanos gaúchos: *'ensine quem quiser, onde quiser e como puder'*" (TAMBARA, 1998, p. 179 grifos do autor)

Apesar de os positivistas priorizarem um ensino particular, para o ensino elementar foi dada uma atenção especial. A educação elementar deveria começar em casa com ensinamentos maternos e somente na puberdade aos 14 anos que o estudante teria uma aprendizagem externa ao lar (TAMBARA, 1995).

O ensino era visto como um investimento para formar bons cidadãos que, de alguma forma, trariam resultados para o Estado. Sendo assim, caberia ao próprio Estado dispor da infraestrutura necessária para que os alunos tivessem o melhor aproveitamento possível, direcionando-os para as áreas de maior necessidade da sociedade. Entretanto, tudo foi feito no sentido de diminuir a participação do Estado na educação (TAMBARA, 1995).

Entender o contexto em que viveu o pesquisado foi de grande relevância para compreender sua forma de pensamento. Apelles viveu em um período onde as ideias positivistas estavam em alta, os Movimentos Republicanos e culturais estavam se estruturando, a cidade passava por uma reorganização com a instalação de recursos que vieram para melhorar a infraestrutura da cidade, e foi nessa efervescência de ideias que Apelles viveu com seus irmãos. No próximo capítulo, serão trabalhadas as fontes referentes à atuação do professor Apelles na educação como docente, diretor e proprietário do Colégio Rio-Grandense e na imprensa com a Revista do Parthenon Literário e com o jornal *A Imprensa*.

4 Anos de Atuação: Apelles Porto Alegre panfletário e polemista

A vida de professor está intrínseca a própria vida pessoal do professor, não se pode separar o profissional do indivíduo (NÓVOA, 2013 p. 17). Da mesma forma, entende-se que as ações do pesquisado enquanto docente, escritor e editor também não podem ser dissociadas do seu “eu” pessoal. Ao estudar o indivíduo Apelles Porto Alegre, pode-se perceber o quanto sua vida estava envolta em seu ofício de professor.

Segundo Chartier (2014, p. 104-111), o editor, após a invenção da imprensa realizada por Gutemberg, interferia na escrita do autor, a tal ponto que poderia modificar a obra, acrescentava e retirar, da história do escritor, “adulterando o sentido”. O professor Apelles, como editor do jornal *A Imprensa* tinha este “poder” as notícias identificam seu posicionamento e refletem suas ideias.

Este capítulo apresenta a vida de professor, assim como os textos publicados por ele na Revista do Parthenon Literário, além de algumas publicações ligadas à educação, que circularam no editorial do jornal *A Imprensa*. Para tanto, busca-se compreender as ideias expostas pelo professor Apelles no jornal *A Imprensa* e na Revista do Parthenon Literário e as pistas deixadas pela sua trajetória no seu arquivo pessoal.

Apelles José Gomes Porto Alegre nasceu na cidade de Rio Grande em 24 de outubro de 1850 e morreu na cidade de Porto Alegre em 6 de julho de 1917, aos sessenta e sete anos de idade. Ele era filho de Antônio José Gomes Porto Alegre e Delfina da Costa Campelo³⁹, e o caçula de quatro irmãos,

³⁹ Dados retirados da genealogia da família Martins Costa. Disponível em: <http://www.martinscosta.org/pgv/individual.php?pid=l288>. Acessado em: 29/10/2017.

Achylles, Apolinário e Lucio. A seguir, a única imagem do professor Apelles encontrada até o momento:

Figura 19 - Imagem de Apelles Porto Alegre (Foto: Candace Bauer/CMPA)



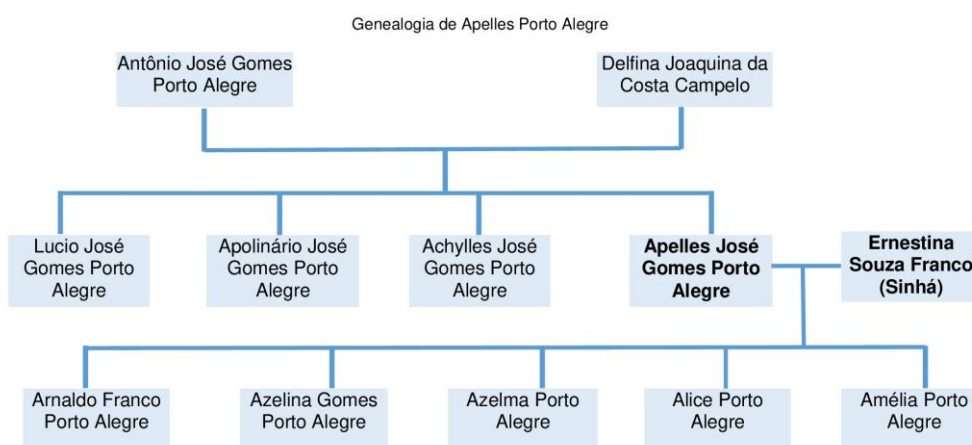
Foto: Candace Bauer/CMPA

Fonte: BARCELLOS, 2017. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/apeles-porto-alegre-e-luciana-de-abreu-sao-lembrados>. Acessado em: 25/07/2022.

Apelles casou-se, no ano de 1871, com Ernestina Souza Franco, conhecida pelo apelido de Sinhá. Na lápide de Ernestina no cemitério da Santa Casa, consta a mensagem: “A colaboradora inteligente, Sonho... e formosa realidade sua companheira na vida.” Sobre a mãe, Amélia, a filha caçula escreveu: foi “[...] companheira e colaboradora ideal, cheia de compreensão, carinho e ternura, sempre a mesma, nas horas boas e nas más...” (TORELLY;

CARVALHO, 1944, p. s/n). Apelles e Sinhá tiveram cinco filhos⁴⁰: Arnaldo Franco Porto Alegre, que nasceu em 1879 e faleceu em 1936, Azelina Gomes Porto Alegre e Azelma Porto Alegre, nascidas em 1880, Alice Porto Alegre, nascida em 1882 e Amélia Porto Alegre, que nasceu em 1890 e faleceu em 1970. A seguir uma imagem de parte da genealogia de Apelles com seus pais, irmãos, esposa e filhos.

Figura 20 - Parte da genealogia de Apelles Porto Alegre



Fonte: Family Search. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/person/details/L1HM-CHB>. Acessado em: 27/09/2022.
Elaborado pela autora.

Dos cinco filhos do casal, Amélia é de quem encontrou-se mais informações. No arquivo pessoal de Apelles, existem algumas correspondências endereçadas ou escritas por ela. Sobre Alice, encontrou-se a participação para o casamento com Ildefonso Carlos de Figueiró no ano de 1921.

Amélia, a filha caçula, exerceu a docência e, em cartas escritas para a mãe, consta que lecionou na cidade de São Jerônimo, da qual pedia

⁴⁰ A primeira busca pela genealogia da família foi feita em 2020. Depois desta data, houve uma alteração nos anos de nascimento dos filhos. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/descendancy/L1HM-CHB>. Acessado em: 28/01/2022.

transferência desde 1923 para a cidade de Porto Alegre. Na última carta para a sua mãe, datada de 25 de fevereiro de 1929, conta das despedidas pela sua transferência e das mudanças no Grupo Escolar após sua saída:

D. Flora esclareceu tudo, a cousa de 3 dias mais ou menos, o Coronel esteve na Secretaria e soube da minha transferencia (mostrou-se sentida de eu ter tratado disso caladinha), o Mario Sica vem p^a. Grupo como professor e não diretor, Dr. Oswaldo⁴¹ disse-lhe que ele mandaria de lá outra diretora e prometeu elevar o Grupo a Collegio (PORTO ALEGRE, 25/2/1929, carta relatando as despedidas e novidades do Grupo Escolar).

Nas cartas, Amélia relatou alguns episódios da prática escolar como o que ocorreu no ano de 1924, em que uma nova professora chegou ao Grupo Escolar de São Jeronimo e lhe deram parte de seus alunos, dividindo a turma. As duas davam aula na mesma sala. Amélia ainda afirmou que a nova professora era “casada, pequeninha, feia e protegida” (PORTO ALEGRE, 9/5/1924, carta de Amélia a sua mãe enviando notícias). Amélia referia-se a uma notícia de jornal que trazia a participação do casamento da nova professora, que contou como padrinho o Coronel Cipriano Ferreira, dando lhe a possível proteção para o cargo.

Amélia também escrevia contando para sua mãe certas boatarias que corriam pelas vizinhanças, disputas com professores, e conversas casuais dos vizinhos. Amélia conta que todos irão sentir sua falta, e alerta que foi ela quem pediu transferência e não foi retirada do Grupo Escolar, apontando que existiam disputas entre os professores.

Ontem estivemos na D. Nena que nós disse correr muitas novidades que eu estou transferida para P[orto]. Alegre para um lugar m[uito] bom na Complementar e que vai ficar com a directoria o Mario Sica. [...] D. Elvira também me disse que todos que vão lá lastimam muito minha sahida, que quando estava tudo se endireitando, o Grupo pronto para passar a Collegio, eu sair para voltar tudo para tras (PORTO ALEGRE, [192?], carta enviando notícias, grifos da autora).

Em outro momento, Amélia relata que o professor Mario Sica queria o seu lugar. Apesar de há muito tempo vir pedindo sua transferência, pois queria ficar perto de sua mãe, também existia uma preocupação de Amélia e dos seus

⁴¹ Provavelmente Oswaldo Aranha.

amigos com a criação do colégio que estava encaminhada. Pelos direcionamentos deste trabalho, ainda não foi possível afirmar quando o Grupo Escolar se transformou em colégio e nem se isso foi possível.

Na cidade de Porto Alegre, Amélia, no ano de 1930, recebeu uma correspondência da amiga Cecília Vargas endereçada ao Colégio Paula Soares⁴², agradecendo o envio dos exercícios de ginástica para o ensino das meninas. Amélia possui uma rua com seu nome na cidade de Porto Alegre. Contudo, as informações sobre ela ainda são muito restritas.

O apagamento da história dos professores é algo corriqueiro, pois muitos não costumam guardar seus utensílios de trabalho, como: diários de aulas, provas, livros didáticos, etc. A busca dos vestígios da história dos professores é árdua e demorada, muitas vezes escassa, esparsa, o que dificulta o trabalho dos pesquisadores.

Por muito tempo, o professor Apelles foi esquecido em notas de rodapé dos trabalhos realizados sobre os seus irmãos. Mas também pode ser um apagamento que ainda venha da sua contemporaneidade, pois o jornal *A Federação* iniciou esse movimento com notícias que queriam destruir com a imagem do seu irmão Apolinário e diminuir a sua existência.

Com o advento da República, o professor Apelles e seus irmãos, descontentes com os novos rumos do Partido Republicano e as ideias de Julio de Castilhos, resolveram abandonar o partido. Este fato criou muitos problemas para os irmãos, mas especialmente a Apolinário que, em 1899, sofreu um atentado contra sua vida (*A FEDERAÇÃO*, 15/09/1899).

Para desqualificar a imagem do Apelles, alguns apelidos eram usados nas páginas do jornal *A Federação* como: Petit – provavelmente em alusão ao irmão mais novo, pois Apelles era o caçula da família; Manapelles – em referência a ser o irmão, que estava sempre próximo e auxiliando o Apolinário (*A FEDERAÇÃO*, 22/09/1899).

Mesmo com essas tentativas de manchar a imagem do professor Apelles, em alguns relatos deixados por seus alunos pode-se perceber, nas

⁴² O Colégio Estadual Paula Soares foi fundado em 1927, na cidade de Porto Alegre, localizada próxima ao Palácio Piratini na Rua General Auto, nº. 68 – Centro Histórico (MELCHIORS, 2014). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115410/000963839.pdf?sequence=1>. Acessado em: 7/7/2022.

descrições, a dedicação e o carinho dos discentes com o mestre: “Verdadeiro educador, não se limitou a instruir, mas procurou também plasmar o caráter dos jovens nos moldes da mais rija moral cívica e privada. Para tal, nenhum modelo melhor do que o próprio Mestre – protótipo do bom cidadão, honrado e digno” (TORELLY; CARVALHO, 1944, s/p).

Para o levantamento de fontes e a sua análise, foi adotada uma divisão de frentes de atuação do professor Apelles Porto Alegre. Sabendo de antemão que tudo no fundo são momentos ativos de sua trajetória, mas no intuito de facilitar a compreensão, dividiu-se por seções. O primeiro foi o colégio Rio-Grandense, onde Apelles desempenhou durante praticamente toda sua vida a docência e esteve à frente como diretor. O segundo, a Revista do Parthenon Literário, onde atou como escritor e orador. Na revista, encontramos um escritor literário, de poemas, contos e crônicas. Como orador, pode-se acompanhar os seus discursos publicados. E, por fim, na terceira seção do Jornal *A Imprensa*, onde se encontra um ativista político, que defendia causas como a educação, a moral e denunciava os baixos salários dos professores, os gastos desnecessários com atividades que não iriam reverter em benfeitorias para a comunidade.

4.1 Vida de professor: o Colégio Rio-Grandense

O professor Apelles Porto Alegre teve uma vida dedicada à profissão e, neste sentido, esta seção pretende compreender como se deram as suas práticas, observando as fontes e o papel do professor no século XIX. São raros os relatos de como o professor Apelles atuou em sala de aula. Contudo, nas palavras de Raul Pilla, encontra-se uma pequena descrição do seu método de ensino: “[...] o professor de História, [...] em vez de narrar batalhas e desfiar séries de monarcas, nos fazia acompanhar o desenvolvimento da civilização, tendo sido, talvez, o primeiro professor a adotar semelhante orientação em nosso meio” (PILLA, 1949, p. 55).

Apelles lecionou em vários colégios, como: o “[...] ‘Instituto Brasileiro’, ‘Souza Lobo’ e ‘Luis Kraemer’ [...]”. (ARRIADA, 2011, p. 102). No ano de 1885, o professor Apelles ministrava a disciplina de História no Instituto Brasileiro (jornal *A Federação*). No jornal *A Imprensa*, há uma propaganda do Colégio União, a qual divulga Apelles como professor do ensino secundário na instituição (CARVALHO; CARVALHO, 6/7/1881). “Em 1890 [...] foi nomeado diretor da Instrução Pública e da Escola Normal” (PÔRTO ALEGRE, 1917, p.196). Lecionou no Ginásio Júlio de Castilhos (TORELLY; CARVALHO, 1944). E, ainda, servia de examinador para os exames gerais de preparatórios, sendo que no ano de 1879, solicitou dispensa do Ateneu Rio-Grandense nas provas de História e Retórica, por ter alunos do Colégio Rio-Grandense entre os examinados na seleção.

No Ginásio Júlio de Castilhos, foi professor de História e paraninfo da turma de Raul Pilla, no curso de bacharelado de Ciências e Letras (PILLA, 1949). Pilla escreve,

[...] O que avulta na complexa personalidade de Apeles Pôrto Alegre é, justamente, o professor. Foi poeta inspirado, jornalista de pulso, orador de fôlego. Qualquer destas manifestações do seu espírito bastaria para lhe dar a notoriedade do talento. Foi, porém, como professor que ele se impôs, mais do que à nossa admiração, ao nosso reconhecimento (PILLA, 1949, p. 53).

Até o momento, temos dois textos escritos por seus alunos que nos ajudam a compreender como foi o professor Apelles: um de Torelly; Carvalho (1944) e outro de Pilla (1949). Em 1944, setenta e seis alunos se uniram para realizar uma homenagem ao professor Apelles, na qual foi publicado um livro organizado por Torelly e Carvalho e confeccionada uma estátua, um busto instalado na praça Conde de Porto Alegre, local em frente onde o Colégio Rio-Grandense funcionou (TORELLY; CARVALHO, 1944 e PILLA, 1949). A arte do busto foi elaborada por Luiz Sanguin e à técnica a firma Keller & Santos. Segundo Till (2002), o busto⁴³ foi retirado da praça Conde de Porto Alegre, assim como o pedestal de granito.

⁴³ Segundo o Blog “ArquivoPOA – A Memória de Porto Alegre”, o monumento foi transferido para a Praça Professor Saint-Pastous, e atualmente está desaparecido, possivelmente tenha sido roubado. Disponível em: <http://arquivopoa.blogspot.com/2014/04/antigo-busto-de-apeles-porto-alegre.html>. Acessado em: 15/08/2021.

Figura 21 - Imagem do busto erguido em homenagem ao professor Apelles Porto Alegre



Fonte: TORELLY; CARVALHO, 1944, p. s/n.

No dia 27 de novembro de 1944, aconteceu a inauguração do monumento, com os discursos de Raul Pilla e Amélia Porto Alegre, filha do professor Apelles. Amélia Porto Alegre falou sobre o seu pai e a homenagem recebida:

[...] dignos discípulos de Apeles, que o homenageiam, perpetuando no bronze sua admiração ao velho mestre [...]
 E aí está a sua maior glorificação! Sua e de vós! [...]
 E Apeles [...] tendo militado sempre nas hostes contrárias aos governos constituídos.
 Republicano, em plena monarquia, criando clubes republicanos, diretor-proprietário da 'Imprensa', primeira fôlha diária de propaganda republicana em Pôrto Alegre, batalhando ardorosamente, quando ainda os decantados 'patriarcas' da República, descansadamente, usufruíam as prerrogativas do regimen monárquico.

Com o advento da República, foi oposicionista intemerato, porque aquele não satisfazia os seus ideais democráticos (PORTO ALEGRE, 1944, p. s/n).

Amélia refere-se à alegria do reconhecimento dos alunos frente ao professor Apelles, tendo a iniciativa de homenageá-lo, sendo ele uma figura polêmica, que se posicionou contrário à situação política em muitos momentos. Além de alunos dedicados ao seu mestre, Apelles também possuía grandes amigos, o que fez com que o Colégio Rio-Grandense permanecesse em funcionamento após o seu falecimento, no ano de 1917, por aproximadamente dois anos, com os docentes da própria instituição e do Ginásio Júlio de Castilhos, que auxiliaram dona Sinhá, sua esposa, a manter a escola aberta, e só veio a fechar pelo agravamento de sua saúde (PORTO ALEGRE, 1944).

Raul Pilla (1949) homenageou o professor Apelles em um texto intitulado “Pelo preceito e pelo exemplo”⁴⁴ (PILLA, 1949, p. 54). O título do artigo queria expressar um pouco das características do mestre. Apelles ensinava pelo exemplo em primeiro lugar, com uma conduta firme, (PILLA, 1949). Nas palavras do autor,

[...] se Apeles Pôrto Alegre foi um grande professor, deve-o não somente à sua inteligência, cultura e devotamento ao ensino, mas também a ter sido um homem e um cidadão.

[...] Foi Apeles Pôrto Alegre um grande cidadão. Nunca se desviou do cumprimento do dever, nem nas mais opressivas situações. Nunca traiu a verdade, nem apostatou a sua fé. Tolerante, como todo homem verdadeiramente culto, mas firme sempre.

Foi certamente o homem e o professor o que mais nos impressionou [...] não faltava um só dia (PILLA, 1949, p. 55).

Apelles procurava, em suas aulas, ensinar os alunos a pensar e não apenas decorar fatos, conforme Pilla (1949), mesmo tendo posição bem definida politicamente, pois era republicano. Não buscava incutir suas ideias, mas formar pensadores que compreendessem o passado e pudessem fazer suas escolhas futuramente.

O Colégio Rio-Grandense foi fundado na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1870, por Apolinário Porto Alegre, seu irmão Apelles Porto Alegre e Vasco de Araujo e Silva (ARRIADA,

⁴⁴ Raul Pilla (1949) afirmou que o biógrafo do professor Apelles foi Zeferino Brasil, porém, não referência o documento e até o momento não foi encontrado.

2011). Apelles assumiu a direção do Colégio Rio-Grandense “em 1875, já no final do ano” (PÔRTO ALEGRE, 1954, p. 10) e dirigiu o colégio até o seu falecimento em 1917.

Para Kraemer Neto (1969, p. 113), “rapidamente o novel estabelecimento educacional, grangeando a simpatia e confiança de seus coestaduanos. Prova tal, a frequência, em seu colégio, de filhos de seus próprios adversários políticos”. O Colégio Rio-Grandense esteve localizado, por muitos anos, na casa do professor Apelles na Rua Duque de Caxias nº: 303. Atualmente, não se tem nenhuma foto da casa onde foi a escola, nem a localização exata⁴⁵. Contudo, em homenagem prestada a Apelles, seus alunos afirmam que o busto ficará localizado “à Praça Conde de Pôrto Alegre⁴⁶, no ângulo fronteiro ao sobrado em que funcionou, por longos anos, o Colégio Riograndense” (TORELLY; CARVALHO, 1944, p. s/n).

Dentre a documentação pessoal do professor Apelles, constam recibos de pagamento de mensalidades com datas de 1894 e 1906 e de impostos de imóveis com o endereço da Rua Duque de Caxias, que variam de 1892 a 1894, estes em nome de Delfina da Costa Campelo e de Flora da Costa Campelo, mãe e tia, respectivamente, do professor Apelles. Com esses dados, não podemos precisar quanto tempo a escola permaneceu no endereço da Rua Duque de Caxias, nem se antes esteve em outro endereço, mas presume-se que, dentre a primeira década do século XX, o colégio tenha mudado de endereço. A seguir, uma imagem de um cartão postal retratando a rua Duque de Caxias.

⁴⁵ A numeração das ruas do período não existe mais, foi modificada e muitas construções destruídas no entorno da Praça Conde de Porto Alegre.

⁴⁶ A Praça Conde de Porto Alegre tem formato triangular e localiza-se entre as Ruas Duque de Caxias e Riachuelo. Também foi conhecida como Praça do Portão, nos primórdios da cidade. Em 1873, mudaram o nome da praça para General Marques em homenagem ao Tenente-General Manoel Marques de Souza, o Conde de Porto Alegre. No ano de 1912, a praça mudou novamente. Passou a se chamar Conde de Porto Alegre, como é atualmente (FRANCO, 1992).

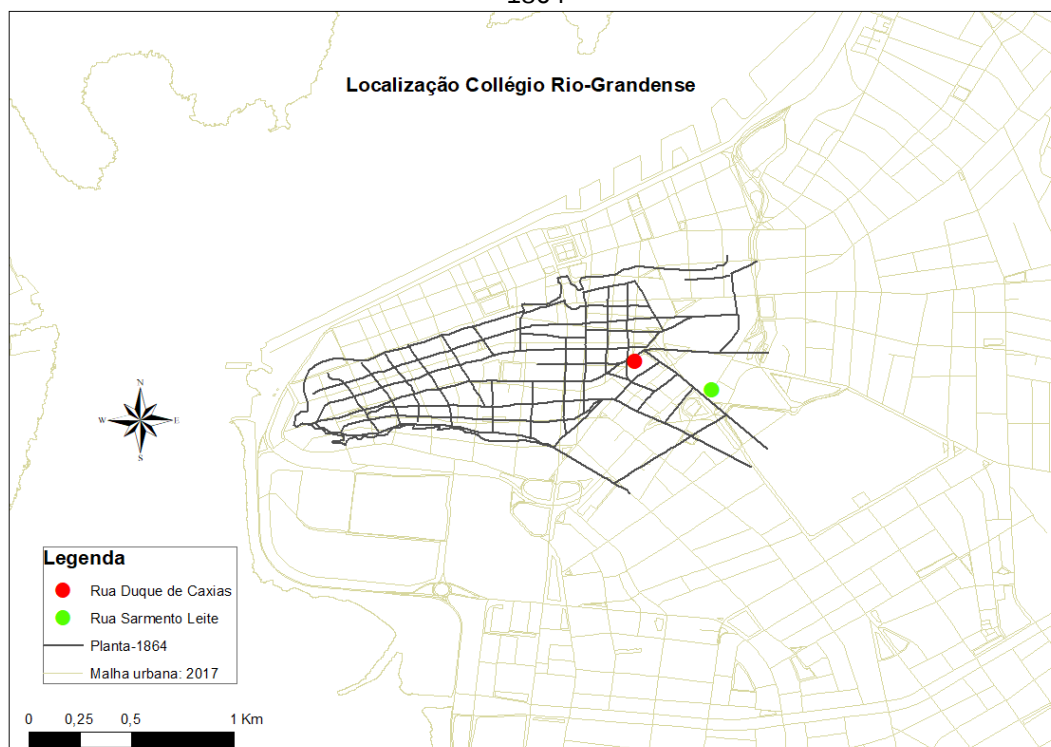
Figura 22 - Imagem de um cartão postal da rua Duque de Caxias da cidade de Porto Alegre



Fonte: Cartão Postal Edição da casa A. Electrica – S. Leonetti.
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

A imagem acima busca representar como era a rua em que, por tantos anos, o colégio esteve funcionando. A mudança pode ser observada pela impressão de três boletins que se encontram em branco, porém trazem o endereço do colégio na Travessa Primeiro de Março nº: 28. Na documentação existente, consta o pagamento do imposto em nome de Apelles dos anos de 1919, 1920 e 1925, além de um recibo da Intendência Municipal do ano de 1928, com as custas da ligação de água e esgoto. Como os colégios costumavam funcionar na casa dos professores, o Colégio Rio-Grandense não foi diferente e, quando encerrou as atividades, por volta de 1920, a família seguiu morando neste mesmo endereço. A seguir, o mapa de Porto Alegre com os dois endereços: a Rua Duque de Caxias e a Rua Sarmiento Leite, conhecida, no período, por Travessa Primeiro de Março, onde o Colégio Rio-Grandense se localizou:

Figura 23 - Mapa da cidade de Porto Alegre, com sobreposição de planta do centro histórico de 1864



Base Cartográfica: Sistema de Coordenadas Datum Sirgas 2000. IBGE, 2020. Observatório Poa.

Elaborado por: ALMEIDA, J. C. de 2022.

Autora do Projeto: Chéli Nunes Meira – Doutoranda em Educação (UFPEL).

No Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, existe uma foto que, possivelmente, tenha sido a residência de propriedade do professor Apelles e onde o Colégio Rio-Grandense funcionou, localizada na Rua Sarmento Leite. A fotografia a seguir auxilia o imaginário de como teria sido o Colégio Rio-Grandense:

Figura 24 - Fotografia da casa que possivelmente tenha pertencido a Apelles Porto Alegre e onde se localizou o Colégio Rio-Grandense após a virada do século XX



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo (sem datação e autoria desconhecida).

Apesar de não se ter uma imagem da casa na Rua Duque de Caxias, sabe-se que foi um sobrado, e assim, ao observar a foto acima, percebe-se que era um edifício confortável, um imóvel pertencente a uma elite, reforçando esta condição ao professor Apelles Porto Alegre. Esses colégios, provavelmente, optavam por sobrados, pois dois aspectos são relevantes: um, a família deveria ocupar o andar de cima e embaixo funcionavam as aulas; dois, como ter alunos internos, sem um espaço adequado.

O Colégio Rio-Grandense oferecia o curso primário, preparatório e facultativo, dividido em alunos internos e externos. No ano de 1892, contava com dez docentes: “Agostinho de Menezes Freitas, Apelles Porto Alegre, Diedrich Schroder, Marcos Avelino de Andrade, José Luiz Ferreira, Dr. José

Gonçalves Vianna, Ricardo Albertazzi, Dr. Francisco Sergio d'Oliveira, Verissimo da Roza, Arioaldo Pinheiro". (PROGRAMA DE ESTUDOS E REGULAMENTO DO COLÉGIO RIO-GRANDENSE, 1892, s/p.).

O curso preparatório⁴⁷ era dividido por cinco secções: a "1ª Portuguez, latim, francez, arithmetica pratica, chorographia e história do Brazil. 2ª Portuguez, latim, francez, inglez, arithmetica, teoria e geografia geral. 3ª Latim, inglez, alemão, álgebra. 4ª Allemão, historia geral, geometria e trigonometria rectilinea. 5ª Sciencias physicas e naturaes" (PROGRAMA DE ESTUDOS E REGULAMENTO DO COLÉGIO RIO-GRANDENSE, 1892, s/p.). Ainda eram oferecidos cursos facultativos de escrituração mercantil, desenho e música, etc. Cada matéria dos cursos facultativos custava 18\$000 o trimestre (PROGRAMA DE ESTUDOS E REGULAMENTO DO COLÉGIO RIO-GRANDENSE, 1892).

Os alunos internos deveriam pagar uma quantia de 40\$000 réis, ao iniciar seus estudos, para custear objetos que eram utilizados na instituição como: cama, travesseiro, etc. O pensionista, quando adoecia, seus custos eram pagos pela família. Nas férias, o pensionista poderia retornar para sua casa ou de familiares. O ano letivo iniciava no dia 10 de janeiro e terminava no dia 10 de dezembro e o mês de férias deveria ser pago (PROGRAMA DE ESTUDOS E REGULAMENTO DO COLÉGIO RIO-GRANDENSE, 1892). O Colégio Rio-Grandense era particular e seus valores foram descritos no Programa de Estudos e Regulamento de 1892:

Quadro 17 - Descrição dos valores cobrados no Colégio Rio-Grandense

Nível de ensino	Valores
Interno primário	150\$000
Interno secundário	180\$000
Meio-pensionista primário	60\$000
Meio-pensionista secundário	90\$000
Externo primário de 1ª secção	18\$000

⁴⁷ Os cursos preparatórios eram "atribuídos aos estudos secundários, no século XIX, vistos quase que exclusivamente [...] para o ingresso nos cursos superiores" (ARRIADA, 2011, p. 219). Os colégios de ensino secundário montavam seus programas com as matérias exigidas nos cursos superiores as quais seriam cobradas dos alunos nos exames preparatórios (ARRIADA, 2011). Para conhecer mais sobre os colégios secundários na Província de São Pedro, ver: Arriada (2011).

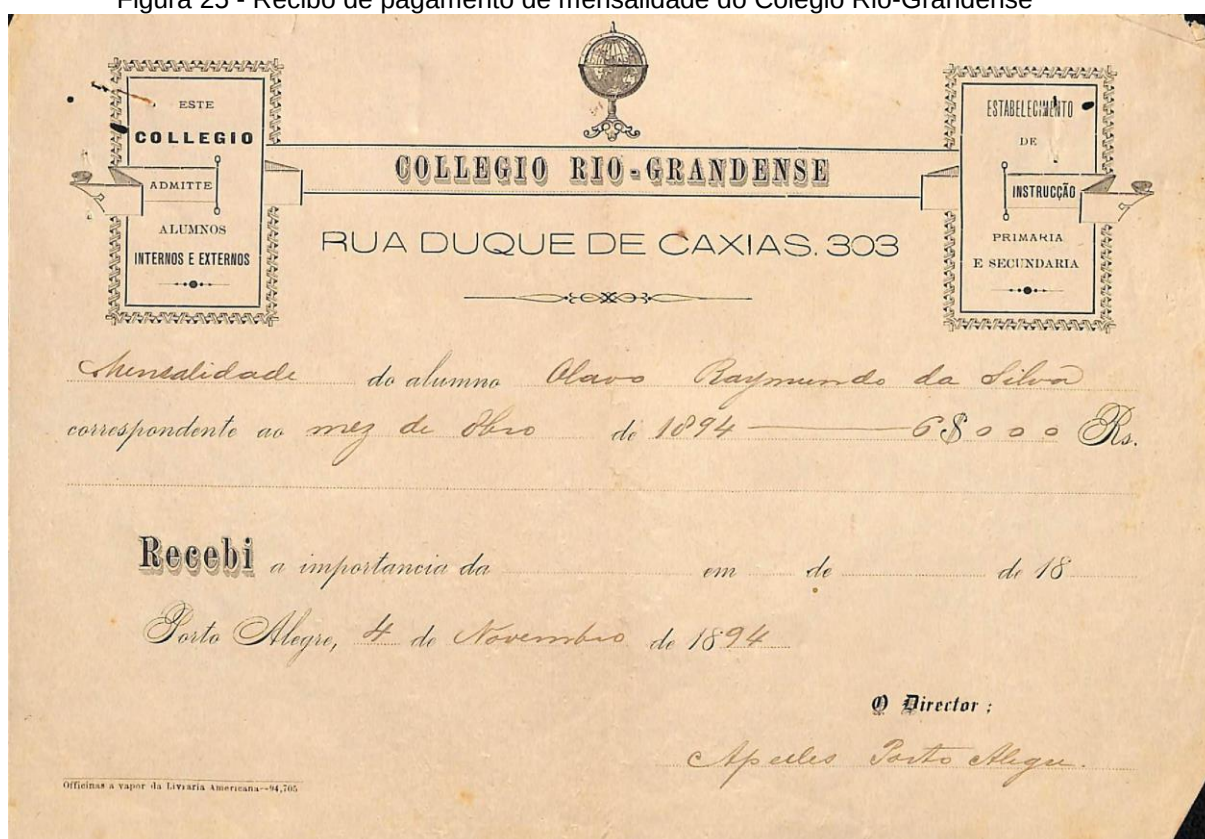
Externo primário de 2ª secção	24\$000
Externo primário de 3ª secção	30\$000
Externo secundário de 1ª e 2ª secção	36\$000
Externo secundário de 3ª e 4ª secção	54\$000
Externo secundário de 5ª secção	72\$000

Fonte: Programa de Estudos e Regulamento do Colégio Rio-Grandense, 1892.

Os valores estão de acordo, se comparados a outros colégios do período. Contudo, não era em todos os colégios que se vê uma descrição minuciosa de cada classe, como foi o caso do Colégio União, onde o pensionista pagaria 100\$000, o meio-pensionista, 60\$000 e o externo, 30\$000 (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 1866 *apud* ARRIADA, 2011, p.104). Os valores no Colégio União possuíam apenas três categorias de ensino, diferentemente do Colégio Rio-Grandense, que possuía mais níveis de ensino, quem sabe devido a sua infraestrutura que suportava mais alunos e, desta forma, outras possibilidades de nivelamento.

No ano de 1894, sem definir o nível de ensino, há um recibo referente à mensalidade do mês de novembro, do quarto trimestre no valor de 30\$000 do aluno Arthur Maximiano Monteiro. Levando em conta o quadro 17 referente à mensalidade do ano de 1892, Arthur seria um aluno externo de ensino primário. Entretanto, de posse de outro recibo de 1894, do aluno Olavo Raymundo da Silva, o valor pago pelo mês de outubro foi de 6\$000. Este valor não contempla nenhuma das mensalidades descritas. A seguir, a imagem do recibo de pagamento da mensalidade do aluno Olavo Raymundo da Silva:

Figura 25 - Recibo de pagamento de mensalidade do Colégio Rio-Grandense



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 18 - Transcrição da figura 22

Este **COLLEGIO** admite alumnos internos e externos
COLLEGIO RIO-GRANDENSE
 RUA DUQUE DE CAXIAS, 303
 Estabelecimento de instrução primaria e secundaria
 Mensalidade do alumno Olavo Raymundo da Silva
 correspondente ao mez de o[utu]bro de 1894 6\$000 Rs.
Recebi a importancia da..... emde.....de 18....
 Porto Alegre, 4 de Novembro de 1894
O Director;
 Apelles Porto Alegre
 Officinas a vapor da Livraria Americana—94,705

Outro recibo do colégio, de 19 de julho de 1906, no valor de 97\$500 réis, foi cobrado por lições prestadas e as notas entregues, do aluno José Vieira do Amaral, indicando que outros tipos de atendimentos eram prestados. No mesmo dia e ano, outro recibo de Percilio Pauperio com a importância de 45\$000 sobre as lições particulares, tendo novamente as notas entregues.

Dentre a documentação pessoal do professor Apelles, encontram-se várias correspondências recebidas, escritas em formato de carta, ou mais informais, como bilhetes de assuntos referentes à educação e sobre alunos, como: comunicação de quitação dos pagamentos em atraso, a retirada de alunos ou explicando os motivos das faltas, doença e a reclamação por um castigo severo. Com esta documentação, o que se pretende é entender o funcionamento do Colégio Rio-Grandense, sua estrutura, professores e alunos.

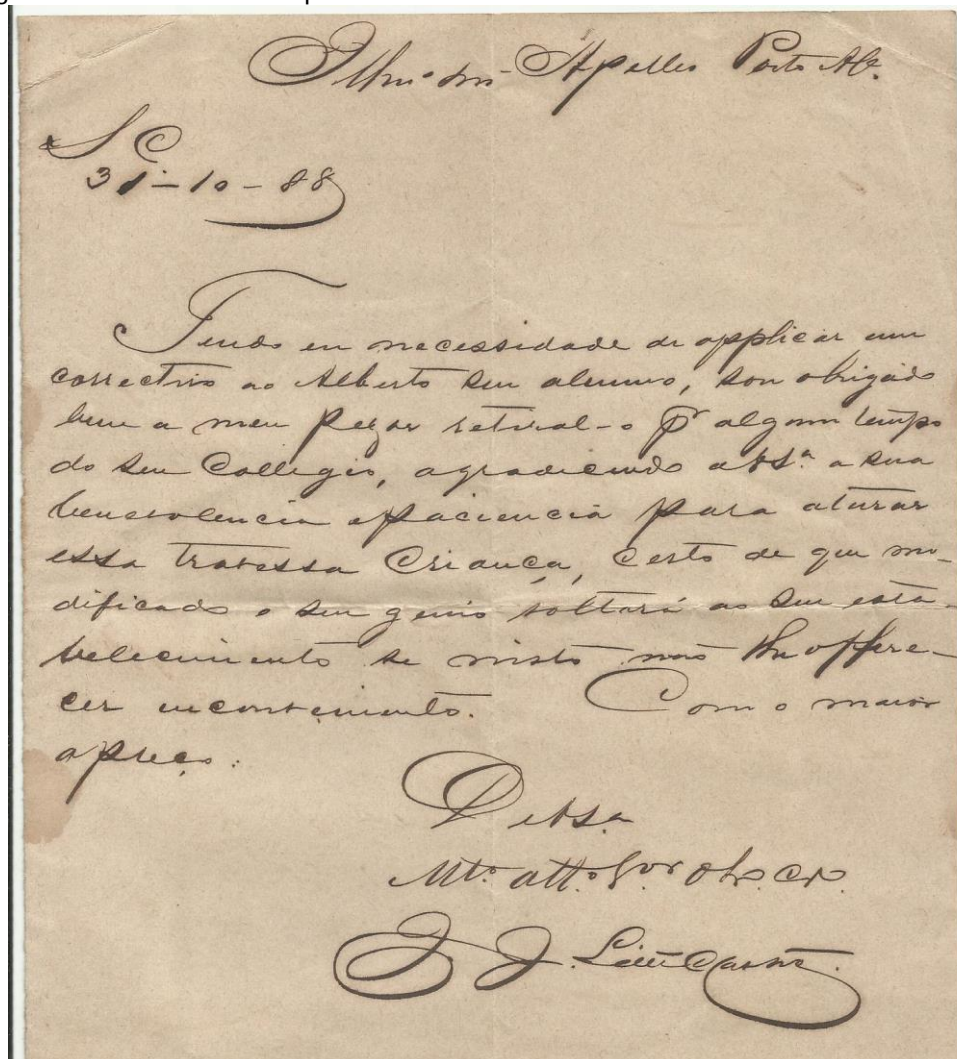
Deste modo, considera-se o professor Apelles um intelectual mediador, como um homem da “produção do conhecimento” vinculado “à intervenção político-social” (GOMES E HANSEN, 2016, p. 10). Foram quase cinquenta anos dedicados à educação e, para as autoras, na educação tem-se uma referência importante para o conceito, pois, a sala de aula permite que haja uma troca. O mediador cria estratégias para atingir seu objetivo de compartilhar conhecimento (GOMES E HANSEN, 2016).

O arquivo pessoal do professor Apelles permite que se possam notar os problemas enfrentados naquele período. Nas correspondências recebidas, pode-se perceber o extra classe, que também é um desafio na educação. No ano de 1916, em carta enviada de Taquari, Antonio Rodrigues de Castro comunicou que o aluno Alfredo só retornará às aulas em setembro devido a fraqueza, pois estava doente, e ainda solicitou a conta das despesas com médico e com medicamentos para efetuar o pagamento (CASTRO, 27/08/1916. Carta). Na documentação encontrada, pode-se observar recibos de compras de remédios. Provavelmente, estes eram efetuados para atender os alunos pensionistas.

Segundo o regulamento do colégio, quando um aluno adoecesse, seria tratado na escola caso seus pais morassem fora da cidade ou não pudessem recebê-los em suas casas. As despesas com médico e remédios eram de responsabilidade dos pais (PROGRAMA DE ESTUDOS E REGULAMENTO DO COLÉGIO RIO-GRANDENSE, 1892). Na documentação, encontram-se treze recibos referentes a saúde, da Farmácia Alemã, da Farmácia Esperança e prescrições médicas, na sua maioria do Dr. Saturnino. Alguns dos recibos possuem nomes que podem ser dos alunos ou de seus pais.

Em uma das correspondências, a família de um aluno comunicou a retirada deste da escola, com a justificativa de lhe dar uma lição. Para a família, o melhor castigo era retirá-lo do ambiente escolar, para que o aluno Alberto aprendesse a se comportar. Por carta, o familiar comunicou a sua decisão ao professor Apelles, no ano de 1888 (CASTRO, 31/10/1988. Carta). A seguir, o documento:

Figura 26 - Carta avisando que um aluno será retirado da escola como forma de castigo



M.º Dr. Apelles Porto Al.

31-10-88

Findo em necessidade de applicar um
castigo ao Alberto seu alumno, sou obrigado
sem a meu pesar natural - o pº algum tempo
do seu Collegio, agradecendo a V.ª a sua
benévola e paciencia para aturar
esta travessa Criança, Certo de que me-
dificadas o seu genio voltará ao seu esta-
belecimento de estudo, não lhe offere-
cer inconveniente. Com o maior
apuro.

M.º att. v.º o.º e.º

J. J. Lencinas

Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 19 - Transcrição da figura 23

1-Il[ustríssi]mo S[e]n[ho]r Apelles Porto Ale[gre]
 2-[??]
 3-31-10-88
 4-Tendo em necessidade de aplicar um
 5-correctivo ao Alberto seu alunno, sou obrigado
 6-bem a meu pezar retiral-o p[o]r algum tempo
 7-do seu Collegio, agradecendo a v[ossa] s[enhor]ia a sua
 8-benevolencia e paciencia para aturar
 9-essa travessa criança, certo de que mo-
 10-dificado o seu genio voltará ao seu esta-
 11-belecimento se nisto não the offere-
 12-cer inconveniente. Com o maior
 13-apreço.
 14-[?]
 15-M[ui]to att[enci]o[samente] [?]
 16-[?] Leite Castro

Ainda sobre castigos, em uma correspondência enviada no ano de 1887, o familiar pedia explicações pelo castigo severo aplicado no aluno Carlos Dias. Nesta carta, José Dias (16/11/1887. Carta.) perguntou o motivo do castigo, e completa que este procedimento não era comum na conduta do professor Apelles. Mesmo desaprovando a atitude do professor Apelles, afirmou que, dependendo do motivo, também iria castigá-lo. Ao final da carta, pede desculpa se o fato de querer saber o motivo poderia ofendê-lo.

Os castigos eram regulados pela legislação, segundo Peres (2002)

As normas eram cuidadosamente previstas. Em alguns casos desde como portar-se na escola ou sala de aula, até a organização da sala de aula, tempo de trabalho, ocupação do espaço, regras de higiene, **castigos**, distribuição dos trabalhos, recompensas, o que deixa **transparecer o interesse de disciplinamento**, de 'moralização do povo', de normatização da vida dos indivíduos (PERES, 2002, p.92-93 grifos meus).

Entende-se que os castigos físicos eram aprovados por parte da sociedade e conduta comum aos professores, mas, após o andamento desta pesquisa, percebeu-se que esta prática não era tão aceita: muitos pais trocavam seus filhos de escolas ou pediam explicações, como no caso de José Dias. A seguir, a imagem da carta:

Figura 27 - Carta enviada a Apelles por José Francisco Dias em 16 de novembro de 1887

Ilm^o Sr. Apelles Porto Alegre.
 Há dias que tenho estado doente eis o motivo porque não tenho ido
 fallar com o Sr. a respeito do seu alumno Carlos Dias.
 Consta-me que o Sr. lhe deu um castigo que não é de seu
 costume apesar de ser este castigo demasiado forte; mas, nem por
 isso deixo de approvar o seu procedimento, se o motivo foi tão justo
 como foi severo o castigo.
 Peço-lhe o obsequio de mandar-me dizer a falta que commetteu o
 seu alumno Carlos para assim eu poder castigal-o, para não tornar
 a faltar ao respeito com os seus professores.
 Se n'estas linhas V. S. achar alguma offensa, peço-lhe desde já
 desculpa por qualquer falta que involuntariamente possa ferir, os seus
 scrupulos de bom professor.
 Porto Alegre 16 de Novembro de 1887
 José Francisco Dias

Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
 Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 20 - Transcrição da figura 24

- 1-III[ustríssi]mo S[enho]r Apelles Porto Alegre
- 2-Há dias que tenho estado doente eis o motivo porque não tenho ido
- 3-fallar com o S[enho]r, a respeito do seu alumno Carlos Dias.
- 4-Consta-me que o S[enho]r lhe deu um castigo que não é de seu
- 5-costume apesar de ser este castigo demasiado forte; mas, nem por
- 6-isso deixo de approvar o seu procedimento, se o motivo foi tão justo
- 7-como foi severo o castigo.
- 8-Peço-lhe o obsequio de mandar-me dizer a falta que commetteu o
- 9-seu alumno Carlos para assim eu poder castigal-o, para não tornar
- 10-a faltar ao respeito com os seus professores.
- 11-Se n'estas linhas V[ossa] S[enhoria] achar alguma offensa, peço-lhe desde já
- 12-desculpa por qualquer falta que involuntariamente possa ferir, os seus
- 13-escrupulos de bom professor.
- 14-Porto Alegre 16 de Novembro de 1887
- 15-José Francisco Dias

Existem muitos relatos orais de castigos aplicados neste período, como a palmatória, ajoelhar no milho, chapéu de burro, ficar de castigo olhando para a parede, bater com a régua na mão, não permitir que as pessoas canhotas escrevessem com a mão esquerda. Alguns relatos destes castigos podem ser encontrados em livros considerados autobiográficos⁴⁸, como no livro Cazuza, de Viriato Correa. O personagem principal queria muito ir à escola, estava animado e muito contente, mas ao entrar,

[...] num casebre de palha com biqueiras de telha, caiado por fora. Dentro – unicamente um grande salão, com casas de maribondos no teto, o chão batido, sem tijolo. De mobiliário, apenas os bancos e as mesas estreitas dos alunos, a grande mesa do professor e o quadro-negro arrimado ao cavalete. A minha decepção começou logo que entrei. [...] as paredes nuas, cor de barro, sem coisa alguma que me alegrasse a vista. [...] As paredes sem caiação, a mobília polida de preto – tudo grave, sombrio e feio, como se a intenção ali fosse entristecer a gente (CORREA, 1992, p. 26)

Ao iniciar o primeiro dia de aula, os meninos estavam apavorados e o professor pegou um pela orelha, bateu com a régua na cabeça de três. Nos dias que se seguiram, o professor continuou. “Tudo era motivo para castigo: uma lição mal sabida, uma escrita mal feita, uma palavra errada, um cochicho, um ar distraído, até um sorriso” (CORREA, 1992, p. 32). Por qualquer motivo, “ficava-se de pé, no centro da sala ou à porta da rua [...] punha-se a criança de joelhos no meio da sala [...] de joelhos sobre grãos de milho [...] colocava-se duas enormes orelhas de papelão e fazia-se [...] passear pelas ruas” (CORREA, 1992, p. 32-33).

Dois anos e meio após iniciar seus estudos, chegou o dia de Cazuza passar pela sabatina da tabuada. Estava muito nervoso e errou a atividade, levando tantos bolos de palmatória que chegou em casa com sua mão inchada e os pais ficaram indignados (CORREA, 1992, p. 32-33). Os pais de Cazuza não acreditavam neste ensino com agressividade. Viriato Correa nasceu no

⁴⁸ Outros livros relatam as experiências vividas nas escolas ou no ensino como: Amar, verbo intransitivo, de Mário de Andrade (c1980), A Hora da Estrela, de Clarice Lispector (2019), Um menino vai para o colégio, de Cyro Martins (2008), Infância, de Graciliano Ramos (1986) e O Ateneu, de Raul Pompéia (1997). Estes são apenas alguns exemplos de leituras para um conhecimento melhor das relações sociais no ambiente escolar.

ano de 1884 e este livro teve sua primeira edição em 1938. Viriato nasce em um período em que o professor Apelles estava em atividade.

Desta forma, o pai do menino Carlos, aluno do professor Apelles, também demonstrou alguma reprovação ao castigo rigoroso e pediu explicações sobre a sua conduta. Afirmando na carta “Consta-me que o Sr. Ihe deu um castigo que não é de seu costume apesar de ser este castigo demasiado forte; mas, **nem por isso deixo de aprovar** o seu procedimento, **se o motivo foi tão justo como foi severo o castigo**” (DIAS, 16/11/1887. Carta, grifos meus). A mãe de Cazuzza, no romance de Viriato Correa, retira o seu filho do colégio, mudando-se de vilarejo. Quanto a Carlos, a documentação não nos permite conjecturar os motivos da punição, nem a resposta do professor Apelles. É possível que Apelles tenha escrito para o pai do aluno. Mas volta-se a questão das correspondências ativas e passivas. Aquelas enviadas, em muitos casos, se perdem.

Em carta de 1890, o pai de três alunos, João, Otávio e Adalberto, solicita que Otávio tenha as aulas de música todos os dias da semana, e mais atenção na aritmética e escrituração mercantil. Quanto ao João, gosta mesmo do trabalho no campo e por isso não retornará ao colégio, mas argumenta que esta foi uma escolha do aluno, que ficou muito feliz (JORGE, 7/1/1890. Carta).

E, por sua vez, no ano de 1905, a irmã de um aluno, Teodoro, escreve para pedir desculpas pelas faltas do irmão, que abandonou o colégio no final do ano. A irmã, Diamantina, explica as razões, dizendo que precisaram se mudar para o Menino Deus, e ficou muito distante para o irmão vir para o colégio. Estando em janeiro de 1905 e, voltando a morar próximo à escola, gostaria que o aluno Teodoro retornasse ao colégio e quera acertar a dívida existente (SILVA, 8/1/1905. Carta).

Outro irmão, Antônio, escreve afirmando que Lourenço, que carregava o bilhete, chegava ao colégio para estudar e, por fim, solicitava que se esforçasse, para o seu aprendizado (RAMOS, 4/4/1890. Bilhete). Em 1895, o pai de dois alunos reclama as aulas e lições a mais que o seu filho tem feito, achando desnecessário (FOGAÇA, 9/7/1895. Carta).

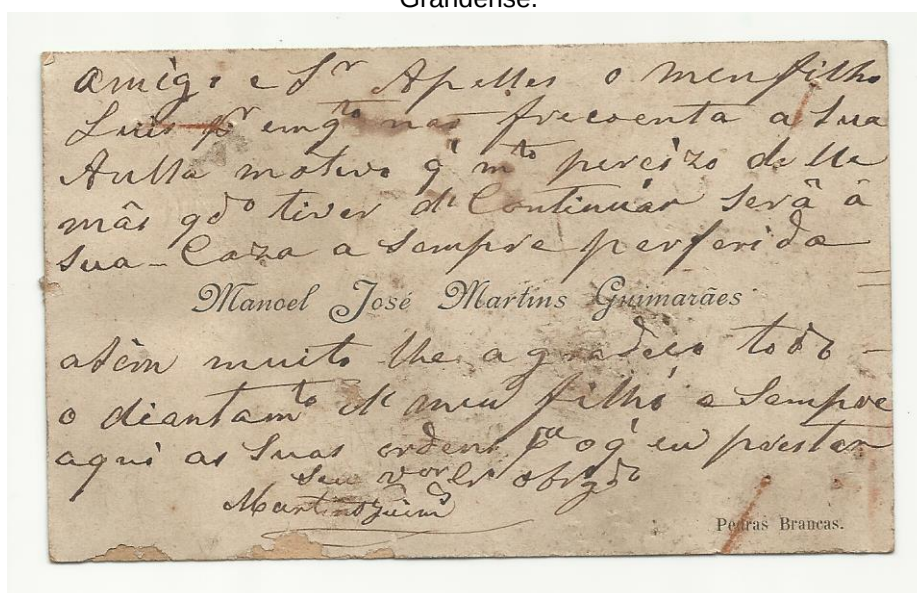
Angelina e Maria do Carmo assinam a carta vinda da cidade do Rio Grande no ano de 1897, explicando os motivos pelos quais enviaram um

telegrama solicitando que o aluno Luiz José voltasse para casa. Luiz teve uma oferta de emprego na Fábrica Italiana de tecidos e não poderia esperar, era entrada imediata (REIS; PEDRÓZA, 3/4/1897. Carta).

Uma subdivisão dada às correspondências foram os Cartões de visita. Eles diferem das cartas, pela espessura do papel, que é um cartonado, pela escrita mais informal e ligeira e devido ao tamanho: 10 cm de largura por 6 de comprimento, aproximadamente. Dos cartões analisados, três referem-se ao colégio ou a alunos e possuem data, e seis não têm datação.

Manoel José Martins Magalhães (18--?. Bilhete) avisou que o aluno Luis não retornaria para o colégio por enquanto, pois a família precisava dele em casa. Contudo, afirmou Manoel, quando retornar aos estudos, será para o Colégio Rio-Grandense, e por fim agradece o desenvolvimento do filho. Este motivo de comunicação também foi visto acima, nas cartas: por vezes, as famílias necessitavam da mão masculina nas casas e seus filhos precisavam retornar. A seguir, a imagem do cartão de visita de Manoel José Martins Guimarães:

Figura 28 - Bilhete avisando que um aluno temporariamente não retornará para o Colégio Rio-Grandense.



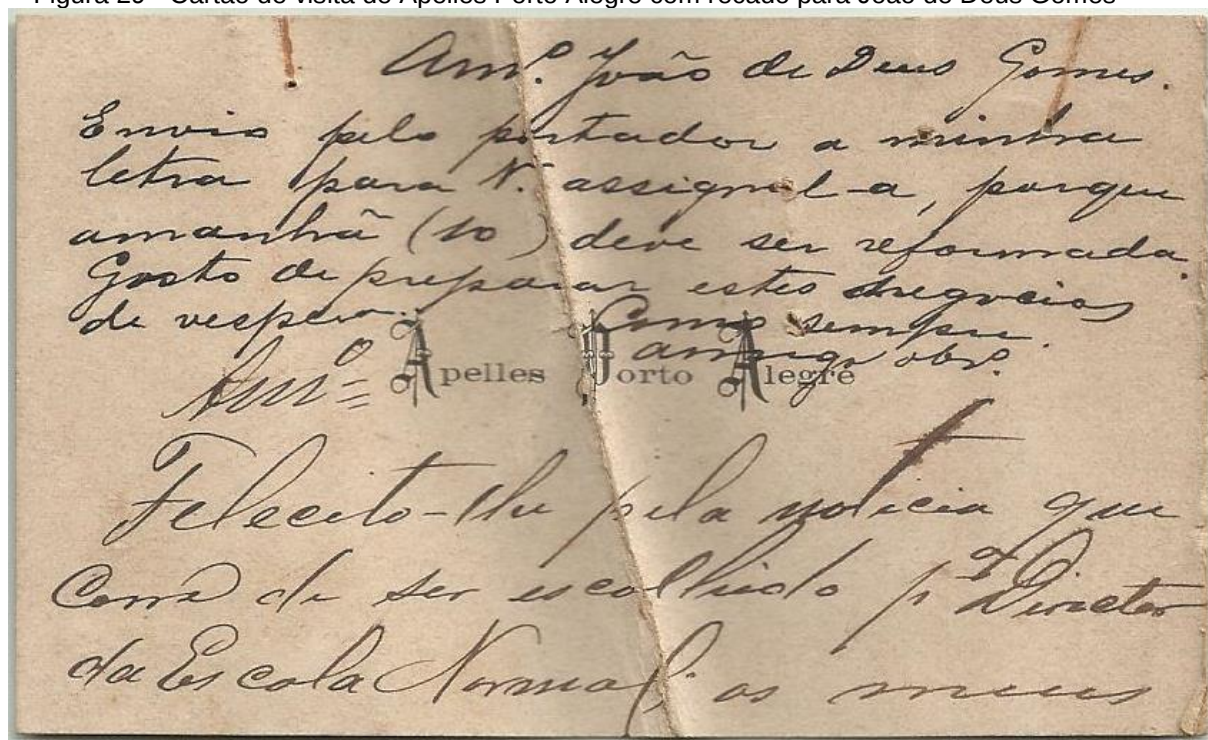
Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

1-Amigo e S[enho]r Apelles o meu filho
 2-Luis p[o]r enq[uan]to não frecoenta a sua
 3-Aulla motivo q[u]e m[ui]to preciso delle
 4-mas quando tiver de continuar será à
 5-sua-Caza a sempre perferida
 6-Manoel José Martins Guimarães
 7-além muito lhe agradeço todo
 8-o adiantam[em]to de meu filho e sempre
 9-aqui as suas ordens p[ar]a o q[ue] eu prestar
 10-Seu [?]
 11-Martins Guim[arã]es
 Pedras Brancas

A retirada dos alunos do colégio era uma constante. Outro bilhete de Antônio José Vieira Guimarães, de 4 de novembro de 1895, avisa a retirada do filho da escola, pois conseguiu uma “arrumação” para ele. Agradece a instrução despendida até aquele momento (GUIMARÃES, 4/11/1895. Bilhete).

A seguir, um exemplo de comunicação enviada pelo professor Apelles para o professor João de Deos Gomes, pedindo que assinasse um documento da sua letra.

Figura 29 - Cartão de visita de Apelles Porto Alegre com recado para João de Deus Gomes



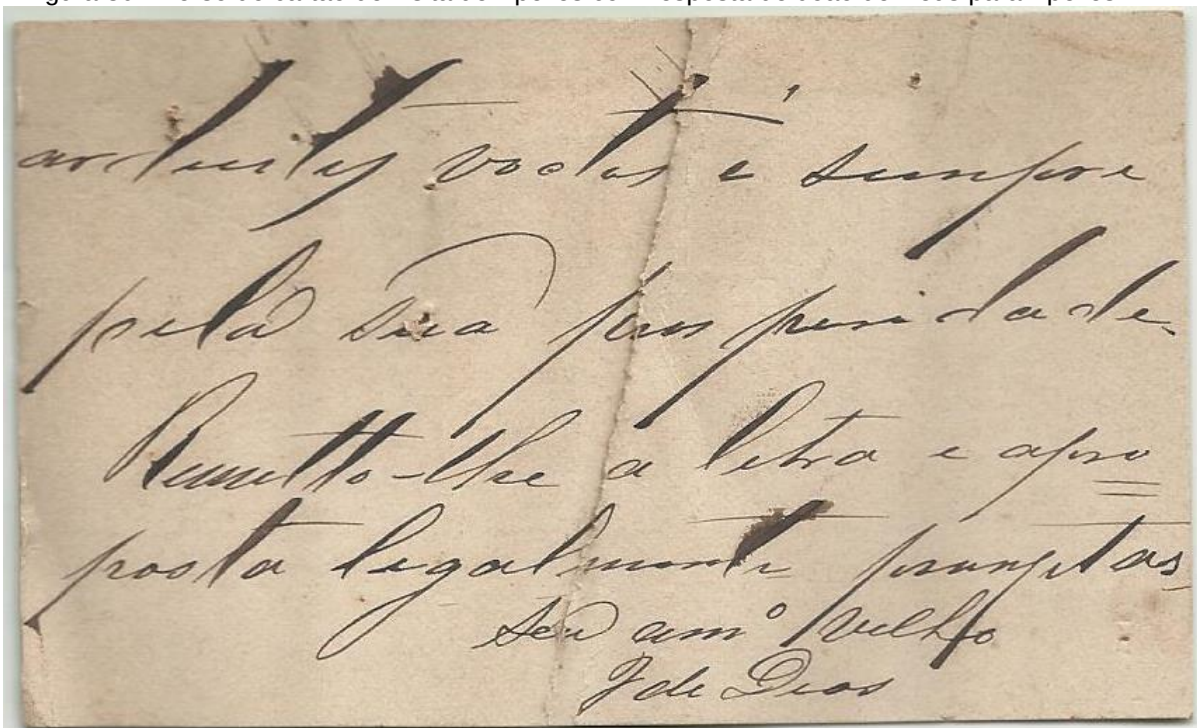
Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
 Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 22 - Transcrição da figura 26

- 1-Am[ig]o João de Deus Gomes
- 2-Envio pelo portador a minha
- 3- letra para v[ocê] assignal-a, porque
- 4-amanhã (10)? Deve ser reformada
- 5-Gosto de preparar estes negócios
- 6-de vespera. Como sempre
- 7-amigo obr[igad]o
- 8-S[e]n[h]or Apelles Porto Alegre
- 9-Felicito-lhe pela noticia que
- 10-corre de ser escolhido p[ar]a Director
- 11-da Escola Normal; os meus

No verso, a resposta à correspondência: João de Deus responde felicitando o professor Apelles por ser escolhido para assumir o cargo de diretor da Escola Normal. Esta comunicação entre os professores não possui data, mas sabe-se que Apelles assumiu como diretor na escola normal no ano de 1890.

Figura 30 - Verso do cartão de visita de Apelles com resposta de João de Deus para Apelles



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 23 - Transcrição da figura 27

1-muitos votos é sempre
2-pela sua prosperidade
3-Remetto-lhe a letra e a pro-
4-posta legalmente promptas
5-seu am[ig]o velho
6-J[oa]o de Deos

Seu aluno Ariovaldo Alves pede o agasalho que ficou no colégio. Outro bilhete, sem data e sem assinatura, apenas diz que o filho será aluno na escola, como já haviam combinado e que pode exigir dele, pois não gosta de estudar. De Amâncio Fagundes de Freitas, o bilhete acompanhava dez mil réis (10\$000) enviados juntamente com seus filhos e afirma que logo enviará a quantia de catorze mil réis (14\$000) que faltaram. Apesar de Amâncio falar em filhos no plural, não denomina quantos são, nem se mais de um estuda no colégio. Contudo, o valor de vinte quatro mil réis (24\$000) paga a mensalidade apenas de um estudante externo primário da segunda seção, como mostra o quadro 17.

Em outro momento, um amigo do professor Apelles, Orlando, escreve-lhe pedindo que ajude a outro amigo, sem indicar o nome, que está em Porto Alegre para realizar uma prova para um ofício na justiça. Estes pedidos de ajuda eram muito comuns, a recomendação de um amigo que estaria na cidade. Neste sentido, o professor Apelles retratou, na sua novela Georgina, (PORTO ALEGRE, 1873b) um caso deste, onde um morador de Porto Alegre recebe a carta de um amigo da cidade do Rio Grande pedindo ajuda ao filho, que estaria na cidade.

Apesar de a escola ter um telefone, número 398, que aparece em um recibo do ano de 1906, a forma de comunicação era muito mais difundida via correspondências. Além de a ligação telefônica, para nossos dias, não deixar um registro histórico, a beleza da correspondência está na forma de escrita, na caligrafia, nas assinaturas e no conteúdo.

Para Cox (2017), a invenção do telefone colocou em risco a troca de correspondências. Muitos previram o fim dos correios e das cartas. “[...] um século atrás, as pessoas dedicavam tempo à leitura e à resposta de cartas

peçoais, em parte porque não havia muita alternativa para quem desejasse manter contato com os amigos e parentes” (COX, 2017, p. 193).

Para entender a história da escola e suas avaliações, uma fonte importante são os boletins. Sendo assim, na documentação, encontra-se um total de quatro boletins de três modelos diferentes, três estão em branco e possuem o mesmo endereço no cabeçalho, a Travessa Primeiro de Março. Destes três, que se encontram em branco, dois são iguais e são boletins para o curso primário, onde constam mês e ano, o nome do aluno, e um espaço para anotações do professor de forma geral: aproveitamento, conduta, faltas e observações, por fim, a data.

O outro modelo que também se encontra em branco é mais completo, com um formato de tamanho maior e um cabeçalho mais completo com o nome da escola, a cidade e a descrição “externato e internato curso completo de instrução primaria e secundaria” dados que não aparecem nos outros boletins. Depois do cabeçalho, vem o nome do aluno, conduta, mês e ano. E, então, um espaço maior para ser preenchido pela “Aplicação, Faltas, Médias e Observações” e sendo específico para cada disciplina, denominada de “aulas: Portuguez, Francez, Inglez, Allemão, Italiano, Latim, Geographia, Corographia do Brasil, Historia Universal, Historia do Brasil, Arithmetica, Algebra, Geometria, Trigonometria, Phisica e Chimica, Historia Natural, Desenho, Musica e Escrituração mercantil”, por fim, a data e a assinatura do diretor.

O verso do boletim tem as classificações das notas que deveriam ser atribuídas conforme o desempenho dos alunos, como atualmente se conhece por parecer, grau 10 seria ótimo, 9-8-7-6 boa, 5-4 regular, 3-2 sofrível, 1 má e 0 péssimo.

Na documentação, existe um boletim preenchido e provavelmente ele esteja junto ao material, porque, após receber as notas do aluno Arlindo d’Oliveira Porto, o seu pai escreveu para o professor Apelles reclamando das notas de seu filho. Neste boletim, de janeiro de 1896, o aluno teve uma boa conduta, somente faltou um dia, contudo o aproveitamento foi em português, redação, alemão e aritmética “sofrível” e em geografia, mau. E, na observação, consta o seguinte apontamento: “Está pouco estudioso, as notas confirmão esta verdade”. A seguir, a imagem do boletim preenchido:

Figura 31 - Imagem do boletim do aluno Alindo d'Oliveira Porto de janeiro de 1896

COLLEGIO
Rio-Grandense
EM PORTO ALEGRE

CURSO SECUNDARIO

Alumno *Alindo d'Oliveira Porto*
no mez de *Janeiro* de *1896*

Liv. Americana - 95.604

Aproveitamento	Conducta	Faltas	Observações
<i>Portuguez-Soffivel</i>	<i>Boa</i>	<i>Dia-20</i>	<i>Está pouco estudioso, as notas confirmam esta verdade.</i> <i>Ant. da S. Porto</i>
<i>Redacção - "</i>	<i>"</i>		
<i>Allemão - "</i>	<i>"</i>		
<i>Geographia-Mau</i>	<i>"</i>		
<i>Arithmetica-Soffivel</i>	<i>"</i>		

O DIRECTOR:
Apelles Porto Alegre

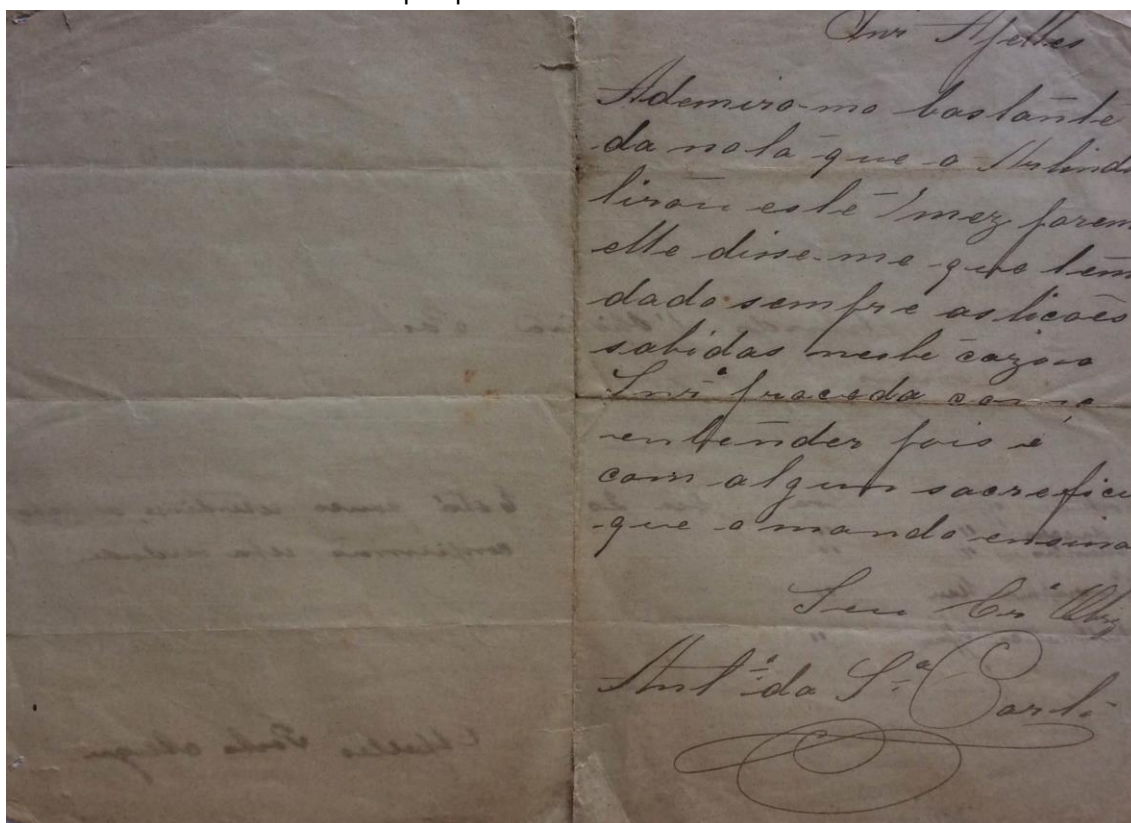
Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 24 - Transcrição da figura 28

- 1-COLLEGIO
- 2-**RIO-GRANDENSE**
- 3-EM PORTO ALEGRE
- 4-CURSO SECUNDARIO
- 5-O alumno Arlindo d'Oliveira Porto
- 6-no mez de janeiro de 1896
- 7-Liv[raria] Americana-95.604
- 8-Aproveitamento/Conducta/Faltas/Observações
- 9-Portuguez-Soffivel/Boa/Dia-20/Está pouco estudioso, as notas
- 10-Redacção-[Soffivel]/[Boa]/confirmação esta verdade.
- 11-Allemão-[Soffivel]/[Boa]
- 12-Geographia-Mau/[Boa]
- 13-Arithmetica-Soffivel/[Boa]/Ant[oni]o da S? Porto
- 14-O Director:
- 15-Apelles Porto Alegre

Entretanto, contrariando o senso comum de que os pais no século XIX não contestavam os professores, as fontes documentais apontam para outra realidade. Os familiares dos alunos do Colégio Rio-Grandense reivindicavam o valor das mensalidades, o castigo aplicado e a nota final. Antônio Porto reclamou que o filho entregou as atividades, que então a nota não pode ser tão baixa, que mantém o colégio com muito sacrifício e que o professor Apelles faz o que achar melhor. A seguir, o verso do boletim com a reclamação de Antônio Porto, pai de um aluno do Colégio Rio-Grandense:

Figura 32 - Imagem do verso do boletim do aluno Arlindo d'Oliveira Porto com a reclamação do seu pai quanto às notas do seu filho.



Fonte: Arquivo pessoal Prof. Apelles Porto Alegre
Acervo particular Prof. Dr. Eduardo Arriada.

Quadro 25 - Transcrição da figura 29

1-S[e]n[ho]r Apelles
2-Ademiro-mo bastante
3-da nota que o Arlindo
4-tirou este mez pore
5-elle disse-me que tem
6-dado sempre as lições
7-sabidas neste cazo o
8-S[e]n[h]or proceda como
9-entender pois é
10-com algum sacrificio
11-que o mando ensinar.
12-Seu [?]
13-Antonio da S? Porto

Ao realizar a pesquisa e buscar por outras escolas em que o professor Apelles atuou, a dificuldade de encontrar os vestígios deixados pelo ensino surgiram, alertando-nos para a importância do acesso a esta documentação. Entender questões do dia a dia do colégio, das insatisfações e necessidades das famílias é o que torna este estudo relevante não apenas para a educação, mas também para a história.

O arquivo pessoal é cheio de nuances, porque não fala apenas de um indivíduo, mas também de acontecimentos ligados à história da sociedade. Para Cox (2017), as cartas auxiliam os pesquisadores em geral, aqueles que estudam uma pessoa específica, mas também os que pesquisam eventos e acontecimentos históricos, além de aguçar a curiosidade das famílias que possuem estes documentos escritos pelos pais e avôs.

Compreender as práticas escolares e as relações professor-aluno do passado também pode ajudar a se entender a trajetória de Apelles, que foi um professor imbricado no seu tempo com os métodos e atuação que não fugiu à regra, mesmo que, de alguma maneira, ele tentasse estar à frente das práticas impostas pelo período, como afirmou Pilla (1949). Em algum momento, o docente do século XIX pode ser observado, como no castigo ao aluno Carlos (DIAS, 16/11/1887. Carta).

O Colégio Rio-Grandense tem uma relevância na história de Porto Alegre pois esteve em funcionamento durante, aproximadamente, cinquenta anos e teve o professor Apelles à frente da direção e como docente da

instituição. A história dessa instituição pode ser escrita devido à documentação rara existente do arquivo pessoal do pesquisado. No papel de professor e diretor Apelles conseguia transmitir suas ideias e conhecimentos, mobilizando assim o seu entorno como sugere o conceito de intelectual mediador. Ao longo dos anos problemas são identificados, como as reclamações de pais, atrasos de pagamentos das mensalidades, retiradas dos alunos no andamento dos estudos, porém estes fatos apenas reforçam o papel condutor do professor Apelles frente as adversidades no percurso da docência. A seguir será apresentados os textos publicados pelo Apelles na Revista do Parthenon Literário.

4.2 A Revista do Parthenon Literário: na escrita do professor Apelles Porto Alegre

Apelles Porto Alegre teve uma importante participação na Associação do Parthenon Literário. As publicações na revista do Parthenon Literário são de grande importância pela escassez de textos de sua autoria, já que ele não teve livros publicados e, no jornal *A Imprensa*, não encontramos textos com sua assinatura. Contudo, era o editor. Sendo assim, os textos passavam pela sua aprovação.

Deste modo, os textos publicados na revista do Parthenon Literário são de grande relevância para se entender como o professor Apelles se expressava e ainda ressalta o seu papel como orador de destaque. Apelles, como um intelectual mediador, de alguma forma, transmitiu o seu pensamento e os seus posicionamentos e estes textos vêm reforçar a sua dedicação ao ensino e, em particular ao ensino de História.

Apelles, no período de abril a setembro de 1879, esteve na comissão de redação, e participou da presidência da instituição como 2º orador, cargo que já havia assumido em 1876 e 1877. No ano de 1879, Apelles chegou a pedir a exoneração do cargo de orador, pois não se achava isento para possíveis

votações, sendo o seu irmão, Achylles, o presidente da instituição. Aparentemente, a exoneração não foi aceita.

Nas revistas do Parthenon Literário, Apelles teve vinte e nove publicações, entre novela, crônica, conto, poema, discurso e parecer. Destes, alguns, devido ao tamanho, foram publicados em várias edições, sendo que foi um total de dezenove textos completos, conforme Pilla (1949),

Múltiplas foram as facetas em que se manifestou o seu talento literário. Nas páginas da 'Revista do Partenon' encontram-se variadas produções: contos, narrativas, ensaios, estudos críticos, crônicas e poesias. 'O seu verso – diz Zeferino Brasil com sua excepcional autoridade – brota espontâneo e límpido, como a linfa cristalina de uma fonte. Não se lhe nota um esforço. Não se lhe encontra um vestígio de martelo. O verso é inteiro e sonoro. Não tem um *enjambement*, uma interrupção de período ou de sentença. É uma estrofe natural, reveladora do verdadeiro poeta' (PILLA, 1949, p. 57 grifo do autor).

Entre suas publicações, três foram poemas: Aurora (1869), Em vão (1875) e, no ano de 1876, o poema não possui título. Os textos escritos por Apelles possuem características do romantismo, trazendo a ligação entre o amor e a natureza, como no excerto a seguir: “[...] *E a flor do coração dentro em meu peito/Abre ao luar as pétalas vermelhas*” (PORTO ALEGRE, 1876b, p. 96 grifos do autor); outra característica marcante do romantismo era a saudade “[...] Em vão, em vão procuro/Volver á fantasia/Memorias de uma vida/Que lampejou... morreu! [...]” (PORTO ALEGRE, 1875e, p. 232) e ainda o nacionalismo “[...] Eu amo a aurora dos vergeis do sul/Que a flor desbrocha d’infantis amores [...]” (PORTO ALEGRE, 1869b, p. 26). Segundo Hessel (1976), Apelles se destacou como professor e na produção da poesia lírica. O autor ainda reforça as características da escrita do professor e a proximidade com o romantismo:

[...] a natureza e a idealização dos personagens, especialmente a das heroínas, quase sempre uma donzela virgem, encerrada no recesso dos lares, ingênua, suspirosa, romântica, uma espécie de mulher-anjo.

A intriga também não varia muito: os ingredientes mais constantes são, além dessa reclusão, o afastamento prolongado dos jovens que vão para longe a estudar, as vocações contrariadas, os contatos entre jovens quase só no círculo dos parentes ou de pessoas muito chegadas à casa (HESSEL, 1976, p. 21).

Apelles teve duas novelas publicadas nas revistas: Tancredo e Georgina, seguindo o mesmo estilo dos poemas, o romantismo. Para Hessel (1976), o romantismo já havia sido abandonado em outros lugares, no Brasil e no mundo, mas isso não significa que havia sido extinto, ainda era muito encontrado.

A novela Tancredo foi publicada em vinte e sete páginas, distribuídas em quatro edições, de agosto a novembro de 1872. Tancredo também foi utilizado como seu pseudônimo.

Este texto é uma novela em que o personagem principal, Tancredo, sofre de um amor platônico por Marina e sua timidez não permite uma aproximação. Tancredo, um “moreno claro [...]” (PORTO ALEGRE, 1872a, p. 9) de vinte anos, que perdeu o pai aos treze, cresceu na presença de sua mãe.

Conforme Apelles, Tancredo não fugia à regra: era um homem comum pobre, simpático, trabalhador, nem feio, nem bonito, porém não se deixava humilhar, conhecia o seu valor,

Tancredo tinha alma altiva; não era essa altivez enfiada que é sempre filha da ignorância, mas sim a altivez que nobilita e que é irmã gêmea do carácter independente.

[...]

Jamais sua fronte juvenil abaixava-se para pedir, era pobre mas não julgava a pobreza incompatível com a honra; pertencia à essa classe de homens que o mundo vulgar aponta como orgulhosos, retemperados no cadinho do trabalho, que ensina a religião do dever, d'esses que passam obscuros por entre as multidões, mas que têm e conservam a realeza de seu valor perante Deus que é a – consciencia.

Era o typo original para o mundo positivista por calculo, que prefere os pomposos trens e venera as fitas e os braços. (PORTO ALEGRE, 1872a, p. 10 grifos meus).

Tancredo era um daqueles homens necessários ao estado positivista. Para Tambara (1995, p. 87), com a doutrina positivista, “estaria aparecendo um novo tipo de civilização cuja característica principal seria seu caráter científico-industrial”. Esta transformação se daria pela sociedade, um novo modo de viver e governar, cada indivíduo possui um papel importante neste sistema, como uma engrenagem para se viver em harmonia (TAMBARA, 1995, p. 87-89).

Tancredo, o protagonista da novela, tinha esta função social bem delimitada pelo autor, um homem que vem de uma classe social baixa, mas trabalha para melhorar sua condição e é em torno deste personagem que tudo

acontece. Na escrita, também encontra-se o culto à natureza e ao nacionalismo, neste caso, referindo-se ao rio Guaíba, “a pérola Rio-Grandense” quando queria direcionar-se à cidade, ao pampa gaúcho, suas montanhas e primaveras.

Como toda a escrita ligada ao romantismo, Tancredo possuía uma musa inspiradora, linda, Marina. Marina possuía dezesseis anos e debruçava-se à soleira da janela para olhar o movimento da rua, “fórmulas voluptuosas e teus olhos negros desmaiavam de amores entre supercílios avelludados” (PORTO ALEGRE, 1872a, p. 13). Tancredo teve por Marina um amor à primeira vista, não conversa com ela, apenas a cumprimenta e a moça lhe respondia com educação. Marina muito cedo ficou órfã de pai e logo depois de mãe, sendo criada por uma amiga de sua mãe, d. Margarida a qual chamava de madrinha (PORTO ALEGRE, 1872b, p. 25-26).

A diferença entre Tancredo e Marina estava na modéstia, que sobrava ao protagonista e faltava a sua amada, a qual teve uma infância cheia de caprichos realizados por d. Margarida. Tancredo, um sonhador, muito tímido, não se achava merecedor do amor de Marina e sonhava ter melhores condições financeiras para então se declarar. O tempo passava e Tancredo não deixava um só dia de ver Marina na sua janela. Entretanto, muito tempo se passou, até que apareceu um outro moço, Jorge, disposto a firmar um compromisso com Marina (PORTO ALEGRE, 1872c, p. 29-31).

Marina aceitou o pedido de compromisso de Jorge, com o incentivo de sua madrinha. Tancredo adoece e acaba morrendo, desiludido. Jorge era um capitão nascido na cidade de Ouro Preto e, após um período em Porto Alegre, foi transferido para o Rio de Janeiro, deixando Marina com o compromisso de voltar em quatro meses para o casamento. Após este período, no dia marcado para o seu retorno, Marina recebe uma carta, liberando-a do compromisso. Mais tarde, Marina fica sabendo que Jorge se casou no Rio de Janeiro. Após a morte do filho, a mãe de Tancredo foi morar com o médico que cuidou dele.

A novela Tancredo passa-se em um tempo de escrita muito rápido, atrapalhando, em alguns momentos, a fluidez do texto. Para Hessel (1976, p. 22), a novela não possui: “[...] maiores méritos como ficcionista, de vez que a intriga é singela e esmaece entre a ramagem das considerações do autor, das

descrições alongadas, dos diálogos eruditos, etc”. O autor ainda critica o ritmo da escrita que, por vezes, é muito lenta e descritiva e, por vezes, é muito rápida e atropela o andamento da trama (HESSEL, 1976). Sendo assim, a novela

[...] Tancredo, além da abundante adjetivação e de certo descontrole do ritmo: os dois terços iniciais desfilam quase em câmara lenta, ao passo que o terço final corre demasiadamente depressa, prejudicando a tensão dramática que, a certa altura, começava a esboçar-se [...] (HESSEL, 1976, p. 22).

Com muitas semelhanças na forma de escrever, Apelles tem outra novela publicada na Revista do Parthenon Literário, intitulada Georgina, que totalizou sessenta e três páginas e que circulou durante sete meses, de setembro a dezembro de 1873 e em janeiro, fevereiro e abril de 1874. Esta publicação tem um tempo mais lento. Tudo acontece mais lentamente, sendo melhor a compreensão e a evolução dos personagens. Contudo, a escrita permanece a mesma, tem a desilusão e morte, a orfandade, a timidez. Segue o romantismo, o mesmo estilo de escrita.

A novela se passa a partir de 1859. O comerciante Sr. Alfredo Magalhães tem uma filha chamada Georgina, a protagonista desta história. Magalhães era casado e criou um afilhado, chamado Leôncio, que ficou órfão muito cedo, aos seis anos. A família morava na cidade de Rio Grande e, com a morte da esposa prematuramente, o Sr. Magalhães mudou-se para uma ilha nos arredores de Porto Alegre, com seus dois filhos e uma “velha mucama”, Angélica. Esta foi alforriada e era considerada como uma mãe para Georgina, pois a cuidava desde o nascimento.

Ao chegar a Porto Alegre, Leôncio já havia terminado os estudos preparatórios e o Sr. Magalhães lhe perguntou que carreira queria seguir, afirmando que, como seu filho, poderia escolher qualquer profissão. Contudo, Leôncio escolheu a profissão de guarda-livros no comércio da família. O Sr. Magalhães aconselhou o filho a repensar sua escolha modesta. Porém, após a tomada de decisão, respeitou o seu desejo e o rapaz iniciou os trabalhos na capital, retornando à ilha aos finais de semana.

Leôncio escondia um amor por sua irmã adotiva Georgina, da qual não era correspondido, pois sua irmã nutria por ele um amor fraternal. Porém ninguém suspeitava de seus sentimentos. O autor compara o amor de Leôncio

por Georgina como a mitologia grega de Prometeu, acorrentado ao monte Cáucaso, em que todos os dias seu fígado era picado por uma águia, se regenerava e no outro dia novamente tudo se repetia.

Um dia, chega uma carta ao Sr. Magalhães de um amigo da cidade do Rio Grande, pedindo ajuda ao seu filho que se encontrava em Porto Alegre, Júlio Aguiar, que há muitos anos viajava pelo mundo. Magalhães pede ao filho que encontre o moço na cidade, e o convide para visitar a ilha, e assim ocorreu. Leôncio encontrou Júlio, ficaram amigos, iam para a ilha juntos aos finais de semana. Contudo, um belo dia Júlio se declarou a Georgina, que retribui a admiração. Os dois namoram e marcam o casamento.

Após decidirem pelo casamento, aguardando apenas a chegada do pai do noivo. Leôncio tem uma crise de choro e o Sr. Magalhães, ao interrogá-lo, descobre os seus sentimentos, porém promete guardar segredo. No dia em que deveria chegar o pai do noivo, Júlio recebeu uma carta dizendo que seu pai estava muito doente, no leito de morte, e esperavam sua chegada ao Rio Grande.

Júlio parte sozinho. Seu pai morre e, passados vários meses, ele não retorna, nem manda notícias. Diante de muita espera, chega a Porto Alegre um jornal da cidade do Rio Grande, acusando Júlio de rapto de uma menor e a fuga para Montevideu. Georgina desmaia de sofrimento e, como já se encontrava fraca e deprimida, seu quadro piorava a cada dia. No desespero de ajudar a filha, o Sr. Magalhães lhe contou dos sentimentos de Leôncio. Contudo, foi tarde, Georgina não consegue reagir e acaba morrendo.

O Sr. Magalhães não suportou a dor de perder a filha e acaba enlouquecendo. Para ajudar o padrinho, Leôncio, depois de muitas tentativas de tratamento em Porto Alegre, embarcou à procura de ajuda para a cidade do Rio de Janeiro. Na capital, existiam mais recursos, porém foi em vão: o Sr. Magalhães foi internado no Hospício D. Pedro II e não obteve melhora.

Leôncio deixou o Sr. Magalhães, Angélica e os bens que pertenciam a eles, aos cuidados do médico que o atendeu, partindo para Montevideu à procura de Júlio. Quando chegou ao porto, ouviu uns gritos. O pai da jovem que fugiu com Júlio matou o casal. Por carta, Leôncio doou sua herança ao

médico que ficou responsável pelo seu padrinho e por Angélica, alistou-se nos Voluntários da Pátria e nunca mais foi visto.

A novela Georgina teve mais fluidez se comparada a Tancredo, porém, novamente, ao final, vê-se um tempo de escrita mais acelerada, o que prejudica o andamento da leitura. Este fato pode indicar uma pressa para terminar a escrita.

Seguindo o mesmo perfil das novelas, os contos escritos por Apelles também possuem uma escrita ligada à natureza. Foram publicados quatro contos intitulados Recordações (1869), Therezina (1875), Ignez (1876) e Folha Solta (1876).

A primeira publicação do professor Apelles na revista do Parthenon Literário foi o conto Recordações, publicado no ano de 1869. Foi o relato de uma paixão de infância por Emma, que tinha onze anos. O personagem masculino tem treze anos e foi escrito em primeira pessoa. São as lembranças de um jovem que dialoga com Emma, que não parece muito interessada, e o ignora (PORTO ALEGRE, 1869a).

Outro conto foi redigido na cidade de Rio Grande em 1875 e publicado em outubro desse mesmo ano, chamado de Therezina – Á Caio Graccho. Este conto possui cinco páginas e foi assinado pelo pseudônimo de Tancredo.

Apelles escreve como se estivesse conversando com alguém, fala de Therezina e das lembranças que deixou em uma terceira pessoa que não aparece. Therezina tinha quinze anos quando foi seduzida por um homem. A sociedade apoiou a conduta do conquistador. Fica subtendido que Therezina e seu filho teriam morrido, sem esclarecer as causas. E o homem segue sua vida normalmente (PORTO ALEGRE, 1875d).

Seguindo a mesma tendência, Apelles utilizava-se de nomes próprios para suas novelas e contos. Em 1876, ele escreveu o conto Ignez, que foi publicado no mês de janeiro, possuindo sete páginas.

Inez foi apresentada como uma menina de quinze anos, morena de olhos pretos. O autor a compara à poesia e, segundo ele, “poesia viva, ardente, entusiástica, fóco de luz e expressão, seiva de vida que arrebenta, filtros de amor fataes” (PORTO ALEGRE, 1876a, p. 31). Inez morava distante da cidade

à beira de uma estrada, em uma casinha branca com seus pais, sossegados e felizes.

Um dia, um moço chamado Álvaro, rico e entediado de não ter o que fazer na cidade, sai sem destino e encontra Inez. Álvaro passa a encontrá-la e se apaixona pela primeira vez. Algum tempo depois, o pai de Inez adoece e, no seu leito de morte, pediu a Álvaro que cuide da sua filha. Um ano depois, Álvaro e Inez se casam, cumprindo o juramento realizado (PORTO ALEGRE, 1876a). O conto Ignez termina novamente de forma apressada. Após o encontro dos personagens principais, percebe-se, na escrita, um atropelo, o ritmo se acelera.

O próximo conto foi denominado “Folha Solta”, escrito e publicado em abril de 1876. Contém três páginas. Inicialmente, o autor relata a despedida de uma aldeia em Soledade e a tristeza de ter que partir. Utiliza-se de expressões ligadas à natureza, porém, em seguida, usa palavras fortes que expressam mentira, repulsa, desagrado.

O autor se refere a um amor que não pode existir, a um sofrimento, sem relatar quem o ama, porque a todo momento ele deixa claro que não retribui este amor. “Não chores, infeliz.... Não vês que tuas lágrimas me queimão, que teus soluções me espedação? [...] Meu coração é gelo, meu peito é um deserto [...] este amor é uma desgraça, uma fatalidade dos céus ou dos infernos [...]” (PORTO ALEGRE, 1876a, p. 166).

Além de contos, novelas e poemas, Apelles escreveu crônicas que foram publicadas em três edições, com textos curtos sobre o cotidiano e propagandas das atividades culturais da cidade, assim como uma ligada ao sentimento e à natureza.

A crônica “Phantasia” foi publicada na edição de julho de 1873, totalizando quatro páginas. Inicia-se em uma noite de outono, em que o autor relata ter encontrado o amor. Apelles ressalta o silêncio da noite, “o roxo do crepusculo”, utiliza-se da natureza e da imaginação para levar o leitor ao desconhecido (PORTO ALEGRE, 1873a, p. 281).

Ao final da escrita, como chegando a primavera, revela que estava descrevendo o amor. “Foi assim que a vi pela primeira vez [...] senti o sangue

gallop-ar-me nas arterias com louca vehemencia [...] Pobre coração! ... Já não era o mesmo [...] mocidade, mocidade!” (PORTO ALEGRE, 1873a, p. 283-284).

O autor ainda compara a felicidade encontrada no amor a uma caravana no deserto quando encontra um oásis. E, mais, relaciona o amor à religião, “tu foste o evangelho, e teu olhar o eloquente doutrinário que imprimio em meu coração os mandamentos de tua lei” (PORTO ALEGRE, 1873a, p. 283-284).

A escrita inicial lembra a escuridão, o luto o desfecho desta crônica surpreendeu. Na edição de agosto do mesmo ano, C. Kraemer escreve o que seria uma resenha, ou talvez uma homenagem ao escritor. Inicialmente Kraemer, cita Tancredo, o sonhador e afirma que está sendo guiado pelo coração assim como Apelles também foi quando escreveu (KRAEMER, 1873, p. 361).

Kraemer, ao longo do texto, procurou reforçar a escrita de Apelles utilizando-se, para isso, de termos como fantasia, morena, borboleta, mocidade, sonho, natureza. O autor aconselha que este coração de primeiros amores aproveite e jogue-se, mesmo que mais adiante sofra alguma desilusão, que futuramente encontrará quem o console (KRAEMER, 1873, p. 362).

Continuando a escrita do professor Apelles, tem-se outro texto denominado Chronica, publicado em 15 de agosto de 1877. A intenção foi explicar o que significa uma crônica e segundo ele,

O que é uma chronica? Uma autoridade scientifica affirma que é a narração dos successos de uma epocha; a chronica de uma revista dedicada ás letras deve por conseguinte ser a narração; dos acontecimentos litterarios de sua epocha; até aqui nada de novo: mas escrever uma chronica sobre successos litterarios em uma terra como Porto Alegre, onde a litteratura arrasta uma existencia como a das plantas exóticas [...] (PORTO ALEGRE, 1877a, p. 22).

Neste sentido, crônica era uma escrita do período, mas Apelles aproveita a explicação para fazer uma crítica às letras da cidade de Porto Alegre, onde a literatura era muito escassa. A criação da Sociedade do Parthenon Literário e a publicação da sua revista são consideradas um marco para a cultura na cidade de Porto Alegre e para a Província de São Pedro.

Na primeira metade do século XIX, a instrução pública era muito precária e, por vezes, foi inexistente na Província, consequência dos diversos conflitos que ocorriam na região (ARRIADA, 2011). Conforme o mesmo autor, outro

ponto para o lento desenvolvimento da cidade de Porto Alegre foi o predomínio nas primeiras décadas do século XIX, do eixo econômico de Pelotas e Rio Grande, nesse contexto a economia alicerçada no binômio pecuária/charqueada era hegemônica.

Foi a partir da segunda metade do século XIX que a capital teve uma aceleração no seu desenvolvimento e assumiu papel de destaque, tanto política como economicamente, frente às outras cidades da Província. Na cidade de Porto Alegre “[...] entre 1858 e 1872 o crescimento demográfico foi cinco vezes maior do que o período anterior de 1848/1858 e quatro vezes ao do período 1820/1848” (Arriada, 2011, p. 54).

Neste sentido de desenvolvimento literário que a Sociedade do Parthenon Literário se funda. Seus associados tinham a intenção de promover as artes, o ensino, as discussões políticas e culturais na cidade (PIVA, 2002). Contudo, a proporção foi além da cidade e se difundiu por toda a Província e até além dela, segundo Piva:

A Sociedade surgiu em um período de efervescência, em que o ambiente social e político apresentava diversos fatores de inquietação: a Guerra do Paraguai ainda não findava, havia uma crescente tensão política em torno do regime governamental brasileiro, marcada, por exemplo, pelo manifesto republicano em 1870, e, ainda, ocorria uma forte retomada da campanha abolicionista. O Partenon não se isentou de participar dos grandes debates, nem de atuar de maneira concreta com vistas a mudanças sociais. Assim, ele não se limitou a ser apenas uma agremiação literária, mas procurou servir tanto como um promotor cultural, quanto como um difusor de idéias políticas, literárias e educacionais (PIVA, 2002, p. 19).

Sendo assim, Apelles (PORTO ALEGRE, 1877a) buscava ressaltar a necessidade da Sociedade do Parthenon Literário e de sua revista, pois a imprensa que circulava não dava conta das escritas literárias e a Província ainda era muito carente no que se refere à cultura.

Seguindo a escrita da crônica, Apelles ainda se refere a Pedro Américo, Homero e Camões e aponta como seus contemporâneos não os reconheciam como talentosos e, por isso, sofreram com ingratidão. Continuando, Apelles relatou as atividades culturais da cidade: um concerto, uma peça teatral, o sarau literário que ocorreria no Parthenon Literário, e a revista que estava sendo editada, além de um artigo chamado Lulucha de Apolinário Porto Alegre.

Na próxima edição, quinze dias após, em 30 de agosto de 1877, também intitulada *Chronica*, Apelles continuou publicando notícias sobre os eventos da cidade. No teatro, a peça foi “Ghigi”, mas o autor afirma não ter assistido, então não poderia tecer opinião (PORTO ALEGRE, 1877b). Nessa mesma edição, antecipa dois espetáculos que estavam sendo ensaiados para a estreia em breve, na “União” um drama militar em comemoração ao Sete de Setembro e no “Luso Brasileiro”, o drama de Castelo Branco intitulado “Purgatorio e Paraizo” (PORTO ALEGRE, 1877b, p. 47). Contudo, Apelles, apesar de elogiar, tece uma crítica ao sistema que não privilegia as peças nacionais.

Desculpem-nos a franqueza; essa indiferença para o que é da patria, esse desprezo atirado á face da musa nacional é imperdoavel, quando parte d'aquelles em quem o fogo sagrado do patriotismo deve ser mais intenso, quando parte da juventude, da mocidade, em cuja dedicação, em cujo civismo palpita o futuro esplendido d'esta terra brasileira.

Essa indiferença calla fortemente em nosso animo, por isso fallamos hoje e insistiremos sempre, sobre esse facto, porque esse desprezo anti-patriotico é uma verdade que encerra um mundo de descrença, cujas consequencias trarão em tempo, não mui remoto, a completa mudez da musa dramatica do brazil (PORTO ALEGRE, 1877b, p. 47).

Ainda sobre o teatro, Apelles cita a fundação da “União Escolar”, uma sociedade dramática que vai estreiar com duas peças e tem o objetivo de beneficiar a aula de música do curso noturno. Outro assunto polêmico foi a defesa da tese intitulada “A missão da mulher” realizada pelo Sr. Frederico Villeroy em sessão do Parthenon Literário (PORTO ALEGRE, 1877b, p. 48).

Villeroy teve seu discurso publicado em duas edições da Revista no mês de setembro de 1877 e foi proferido no sarau da instituição em 14 de agosto deste mesmo ano. Ao analisar o texto de Villeroy (1877a), compreende-se que ele buscou na natureza a introdução para respaldar o seu raciocínio. O autor utilizou-se da física com a lei da atração e repulsão, da moral quando cita a harmonia e dependência, para então, chegar no tema da sua fala, “A missão da mulher” (VILLEROY, 1877a).

Na segunda publicação, Villeroy (1877b) foi mais específico na construção do seu raciocínio, e iniciou afirmando que para existir uma igualdade entre homens e mulheres, para que eles tivessem os mesmos deveres, teriam que ser iguais e isso não ocorre. Segundo seu argumento, é na

diferença e no esforço dos dois seres que o processo físico e moral acontece (VILLEROY, 1877b).

Para Villeroy (1877b), a mulher é o sexo frágil e precisa ser protegida. O homem é forte e deve prover e proteger a mulher e a sua família. E, para tanto, ele argumenta sobre a infância da menina com a boneca, do menino com os soldados e o carrinho. Cita ainda a juventude, quando o homem e a mulher então formados se encontram, apoiando-se novamente na natureza, nos processos físicos (VILLEROY, 1877b). Para o autor, a dependência da mulher ao homem é também física, científica, além de moral, e ele faz a diferenciação de um para o outro:

Ella sente tambem que é fraca como a flor, que uma força irresistivel a separa da haste e que portanto ella necessita de um olhar que a acaricie e anime, de um forte braço que ampare e proteja, [...] de uma intelligencia robusta e vontade firme que a dirijão, de uma vida emfim que com a sua de identifique [...]

Por seu lado, o mancebo, zombando já dos foguedos e entretenimentos dos passados tempos busca no estudo uma sciencia ou arte para professar, e no seu afan de progresso, nas suas ambições de futuro e gloria, ele só vê, no altar mór do templo, o anjo faceiro [...]

Ella, a livre e ligeira borboleta [...]

Elle, o pequeno travesso [...]

Nella [...] arredondamento de fórmãs, essa suavidade de contornos [...]

Sua pelle é mais branda, mais tenue [...] menos resistente, mais sensivel [...]

A substancia seus nervos é menos densa; menos consistente que no homem; [...] mais sujeita á excitabilidade, suas impressões são mais violentas, mais vehementes as suas sensações, mais melindrosa a sua susceptibilidade.

Na mulher, são mais que no homem desenvolvidas as partes posteriores do craneo e menos as anteriores; correspondendo estas ás faculdades intellectuaes e aquellas ás qualidades affectivas, é claro que predomina no homem a intelligencia, na mulher o sentimento (VILLEROY, 1877b, p. 76-78).

O autor, a todo momento, citava características que apontavam a superioridade masculina e a fragilidade feminina, formando uma dependência, que a mulher não poderia viver sem o homem. Isso na tentativa de “provar” sua tese de que a missão da mulher é o lar, que ser esposa e mãe é a sua natureza e ninguém deve se opor ou tentar mudar esta lógica. Para tanto,

Villeroy ainda diminui capacidade intelectual da mulher⁴⁹ e pergunta quem cuidará do lar, dos filhos e do marido se não for a mulher? Terá que contratar uma ou designar este cuidado a uma escrava?

Após o discurso de Villeroy, Apelles faz um resumo em poucas linhas do que foi defendido pelo autor. Segundo Apelles, Villeroy defendeu a família e combateu a emancipação da mulher, porém não é contra a instrução das mulheres porque assim teriam melhores subsídios para sua “missão” de cuidar do lar. Para a doutrina positivista, o casamento e a família eram pilares fundamentais para a sociedade e a mulher estava no centro destas estruturas, como um alicerce para a moral (LEAL, 1998).

Auguste Comte defendia a ideia de que a mulher deveria ter instrução para que pudesse instruir seus filhos, no lar. Contudo, esta instrução não deveria ser prática e científica, mas sim social, “desenvolvendo a aptidão artística e contemplativa” (LEAL, 1998, p.154). Sobre o discurso proferido por Villeroy, Apelles acrescenta: “O orador foi ouvido com muita atenção e suas idéias bem aceitas pela maioria do auditorio” (PORTO ALEGRE, 1877b, p. 48). O Parthenon Literário foi uma instituição que deu espaço para mulheres e o discurso de Villeroy (1877a/b) vem contra ao que os partenonistas defendiam, talvez esta falta de unanimidade tenha sido gerada por aqueles e aquelas que não concordavam com este discurso opressor.

Ao analisar os discursos, pôde-se observar uma escrita mais histórica, pois, além do tema ao discursar, fatos históricos vão surgindo como uma forma explicativa. Apelles foi um orador de destaque, dado que se reflete nas publicações da revista do Parthenon Literário. Foram seis discursos proferidos em sessões solenes na instituição e estas originaram sete publicações, pois uma teve sua publicação dividida em duas edições.

Destes, o ano de 1875 foi o mais produtivo, iniciando com o discurso no 17º Sarau da instituição em defesa do “Ensino Livre”, no mês de junho o discurso foi no 7º aniversário do Parthenon. No mesmo ano, houve dois

⁴⁹ Na segunda metade do século XIX chegaram ao Brasil as teorias de inferioridade racial, como o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo. O pensamento de que existiam “diferenças básicas [...] entre os homens [...] estabelecendo-se correlações rígidas entre patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais” (SCHWARCZ, 1993, p. 62) se difundia. Os estudos dos comportamentos humanos como criminal e a loucura passam a ser desenvolvidos pela análise dos crânios, unindo a biologia a moral. Com os estudos dos crânios, pretendia-se provar a inferioridade física e mental dos indivíduos (SCHWARCZ, 1993).

discursos preferidos em funerais: de Manuel Pereira da Silva Ubatuba e de João da Cunha Lobo Barreto. Adiante, no ano de 1876, foi um discurso no funeral do Dr. Caldre e Fião. E, por fim, no ano de 1877, em sessão magna, discurso proferido um ano antes, em 1876.

Segundo Pilla (1949), Apelles tinha o dom da oratória, e se sobressaía diante dos irmãos Achylles e Apolinário. Para o mesmo autor, Apelles era “um artista da palavra” (PILLA, 1949, p. 57) e segue afirmando,

Apeles Pôrto Alegre era também orador, sobretudo orador e, nisto, se destacava de seus ilustres irmãos, Apolinário e Aquiles, que não haviam recebido o dom da oratória. ‘O seu gesto e dição na tribuna eram naturais e precisos – diz ainda o seu biógrafo – como que marcamos a compasso de música. Nada nêle era afetado. Não lhe notava um exagêro. A sua palavra e gesticulação obedeciam a um ritmo perfeito. Ademais, os seus pensamentos eram sempre elevados. Profundo conhecedor da História, de que foi mestre admirável, os seus discursos encerravam sempre lições profundas’ (PILLA, 1949, p. 57-58).

Os discursos de Apelles na Revista do Parthenon Literário fazem uma retrospectiva histórica coerente com o assunto. Dessa forma, pode-se perceber muito marcadamente o professor de História, o docente conhecedor da história mundial. Com isso, fica saliente o intelectual mediador que, mesmo diante de seus pares, difundia o conhecimento histórico, não reservando este conhecimento apenas para seus alunos.

Não foi possível localizar alguns de seus discursos. Contudo, Raul Pilla mencionou três que para ele foram grandiosos:

Entre as suas notáveis peças oratórias, citam-se: o discurso preferido em 1880, para solenizar o centenário de Camões; a oração dedicada, em 1901, à memória de Silveira Martins, recentemente falecido; o discurso pronunciado no Congresso Federalista de 1896, para defender a república parlamentar. De tal maneira se houve êle naquela histórica e brilhante assembléia, que Silveira Martins, o titã da tribuna, ‘o estreitou nos braços e lhe manifestou a sua admiração e reconhecimento’ (PILLA, 1949, p. 58).

O ofício de orador se perde no tempo. Contudo, as descrições de seus ouvintes e o texto escrito permanecem na atualidade. E este também é o papel do intelectual mediador: transpor em palavras, seja oralmente ou por escrito, nos discursos, na sala de aula, ou mesmo com seus textos publicados nas

revistas ou em jornais, expondo o seu pensamento, suas opiniões, e mesmo o sentimento.

Dos textos fúnebres publicados em homenagem a homens ilustres, o primeiro, Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, o segundo, João da Cunha Lobo Barreto e o terceiro, Dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião. Estes indivíduos faziam parte da rede de sociabilidade do professor Apelles, e pode-se supor que pertenciam ao seu grupo de amizade. Estes discursos tinham também o objetivo de exaltar oralmente estes indivíduos nos seus velórios, apontando suas qualidades e reforçando as suas trajetórias.

Sobre o Dr. Ubatuba, Apelles diz: “[...] temo não poder desempenhar a missão patriótica que me trouxe junto ao esquife do ilustre morto, temo que minha voz desfaleça pela emoção e minha palavra suffocada pela dor não interprete n’este momento o doloroso dever, do qual sou órgão [...]” (PORTO ALEGRE, 1875c, p. 79). Neste trecho, observa-se o tom emocionado, no qual considerava Ubatuba um amigo estimado. Sobre o sentimento referente ao Dr. Ubatuba, Apelles segue:

Se no desempenho d’esse dever minha palavra destoar pelo recinto do tempo, agreste como o harpejo de um bandolim sem harmonia, rude como o desespero que fere, selvagem como a dor que mata, se ella, senhores, não poder traduzir em sons o que o coração transborda em sentimentos, se tal acontecer, não condemneis ao orador por não ter atingido á altura da sua missão, porque, senhores, confesso, que se minha intelligencia até hoje foi obscura, ficou ainda mais, com a impressão do acontecimento doloroso que nos reúne n’este momento á beira do tumulo do inditoso cidadão Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba (PORTO ALEGRE, 1875c, p. 79).

Poucos são os textos em que se percebe na escrita transcender o indivíduo, o ser humano. Neste texto, fica evidente a relação de amizade que existia com Ubatuba. A rede de sociabilidade que circunda o professor Apelles teve um papel importante na sua formação de intelectual mediador. Contudo, esta rede é de difícil apreensão, as relações são subentendidas, tem-se uma lista de nomes contemporâneos ao pesquisado, mas de forma concreta as amizades mais estreitas tem-se dificuldade em serem alcançadas.

Outro amigo foi João da Cunha Lobo Barreto; Apelles, em seu discurso, conta como foi sua curta vida, pois ele morreu aos vinte e dois anos. Desde

muito cedo foi o amparo da família, com a morte de seu pai, e deixa a sua mãe e irmã desprotegidas. Neste discurso, Apelles fala em religião. Segundo ele,

A morte, senhores, não é uma violencia imposta pelo Creador á creatura, não é um attentado da onnipotencia(?) divina contra a fragilidade do ser humano, a intelligencia repelle semelhantes principios offensivos á justiça de Deus, a razão recusa aceitar tão falsos raciocinios, tanto é verdade que, assim como a ordem nasceu do chãos, a harmonia da confusão, a luz das trevas, assim também é preciso que conheçamos como uma necessidade essa lei da morte e consideremol-a como principio intuitivo da nossa propria conservação essa lei que obriga o homem a viver pelo aniquilamento de seu semelhante, que manda a geração que nasce tirar os elementos de sua existencia da geração que morre e que faz a estabilidade da humanidade depender de sua divisão em dois campos oppostos, onde uma parte tomba arrebatada na voragem da morte, enquanto a outra levanta-se cheia de vida até chegar a hora suprema em que por sua vez como complemento de sua missão cumpra o seu destino, entregando á terra o que é da terra e, restituindo a Deus o que é de Deus (PORTO ALEGRE, 1875f, p. 258-159).

Neste discurso, Apelles buscou na religião o que não tem explicação. Preocupado com a família e os amigos, buscou uma explicação onde não se encontram respostas. Utilizou-se da filosofia e das crenças para tentar acalantar os corações. Porém argumenta que faltam palavras e razão para entender e mesmo consolar o sofrimento. Apelles ainda segue: “Lobo Barreto morreu! Verdade terrível que a razão aceita resignada, mas que o coração repelle indignado [...]” (PORTO ALEGRE, 1875f, p. 259).

Em todos os discursos, Apelles representava o Parthenon Literário, do qual o Dr. Caldre e Fião foi presidente honorário. Segundo Hessel (1976), Caldre e Fião, em 1874, tinha 64 anos e havia publicado vinte e nove textos na revista da instituição. Em seu discurso, Apelles afirma que o Dr. Caldre e Fião foi patriota, sempre lutou pelo povo e pelo fim da escravidão, demonstrando suas ideias na imprensa, e por anos guiou a “mocidade parthenonista” (PORTO ALEGRE, 1876, p. 152).

No discurso do Dr. Caldre e Fião, não se nota tanta emoção quanto nos proferidos ao Dr. Ubatuba e ao Lobo Barreto, apesar de se perceber um tom de respeito e admiração. Supõe-se que este distanciamento possa ser ocasionado pela idade do Dr. Caldre e Fião, que estava entre os mais experientes do grupo. O grupo que publicou na Revista do Parthenon Literário “[...] excetuando

Caldre e Fião, todos os autores estavam na faixa de idade entre 21 e 32 anos, com média de 26 anos” (MACEDO; XAVIER; LEITE, 1976, p. 18).

O professor Apelles era responsável, entre outras, pela disciplina de História e este conhecimento era demonstrado nos discursos comemorativos. Em comemoração ao sétimo aniversário do Parthenon Literário, conforme descrição, as salas estavam lotadas, o professor foi aplaudido por diversas vezes (PORTO ALEGRE, 1875b). Na construção do seu discurso, o professor Apelles remonta à Índia, à Pérsia e ao Egito, refere-se à África e à barbárie da escravidão, e a desfaçatez de um povo branco, europeu, que, amparado pelo cristianismo, escraviza e mata uma população livre que vive no continente africano (PORTO ALEGRE, 1875b).

Apelles ainda fala de uma mocidade que revolucionou o mundo, dando exemplos como: a revolta de Lutero, e aqui, no território nacional, a Inconfidência Mineira e o sacrifício de Tiradentes. Apelles utiliza-se destes exemplos para reforçar como jovens têm atitude e quando se mobilizam em torno de uma ideia se fortalecem, como no caso do Parthenon Literário do qual denominavam-se a mocidade Parthenonista (PORTO ALEGRE, 1875b).

No oitavo aniversário do Parthenon Literário, novamente o professor Apelles faz o discurso em homenagem à instituição. Apelles inicia afirmando da sua boa vontade, porém se considera “fraco de talento” (PORTO ALEGRE, 1877, p. 18). O professor, outra vez, faz um apanhado histórico, dando uma aula de história mundial, iniciando pela Índia, Pérsia, China, Arábia, seguindo por diversas civilizações, até chegar à Idade Média e, depois, à Renascença. Após este grande apanhado histórico, ressalta a importância do Parthenon Literário para a cultura da Província, “nas páginas de sua *Revista*, na palavra de sua tribuna, [...] na formação de uma biblioteca que satisfaça a necessidade intelectual de nossa cidade, na instituição das Aulas Nocturnas⁵⁰ que espalha

⁵⁰ No ano de 1854, iniciou-se o primeiro movimento oficial para o ensino de adultos no município da Corte. Em 1878, o Decreto conhecido como Leônicio de Carvalho criou escolas noturnas no município da Corte, contudo, foi além e serviu como modelo para os cursos noturnos em todo o território nacional. Neste período o Brasil passou por diversas transformações tanto culturais, como econômicas e políticas. Ao longo da segunda metade do século XIX os movimentos republicano e abolicionista se intensificaram. Novas teorias eram apreendidas pelos intelectuais como o positivismo. Houve a troca de regime político e o fortalecimento das lavouras de café. As escolas noturnas queriam instruir uma população de analfabetos, para prepará-los para o trabalho, principalmente homens libertos. Algumas instituições foram criadas por iniciativa do governo, outras foram particulares de associações e

gratuitamente o ensino entre as classes pobres, e na criação de um Museu [...]” (PORTO ALEGRE, 1877, p. 41 grifos do autor).

Apelles sempre reforça o patriotismo do grupo que faz um sacrifício pelo bem maior, que era a sociedade, e o trabalho no Parthenon Literário foi “[...] a inspiração de todos os nossos triumphos, que tem sido o pharol que tem guiado a caravana da **mocidade** atravez os desertos [...]” (PORTO ALEGRE, 1877, p. 41 grifos meus). Os partenonistas tinham, na instituição, a idealização de um sonho, e dedicaram-se para que este feito se tornasse realidade e, por dezessete anos, o objetivo foi alcançado.

No 17º sarau da Associação do Parthenon Literário, Apelles proferiu um discurso sobre a instrução do povo, intitulado “O Ensino Livre” (PORTO ALEGRE, 1875a, p. 72), o qual defendia a ideia de que as famílias é que deveriam decidir o futuro de seus filhos, que levar as crianças ao colégio não deveria ser uma imposição do Estado. O texto relata o descontentamento do professor Apelles por uma possível obrigação do ensino, que ele defendia ser livre e opcional a cada família, que deveria ter o poder de decisão.

Os defensores do ensino obrigatorio buscão justificar a violencia de seus expedientes, com o facto de haverem pais, que descurão seus deveres não mandando os filhos a escola receber a instrucção que não eleva só o individuo, como tambem a sociedade da qual faz parte. [...] porque não acredito que exista um pai, a não ser elle uma aberração da natureza humana, que não se interesse pela felicidade presente e futura do deposito sagrado que a natureza lhe confiou (PORTO ALEGRE, 1875a, p. 79).

Apelles argumenta que, em alguns estados democráticos, o ensino é obrigatório e que, no Brasil, vem sendo discutido. Contudo, aqui falta estrutura para que esta obrigatoriedade não sacrifique as famílias. Seguindo a argumentação, o autor afirma que o Estado não pode obrigar as famílias a colocar seus filhos na escola, porém, na sua teoria, existia uma explicação: na província, havia “304 escolas públicas”, sendo “186” para meninos e “118” para meninas. Com isso, a estrutura escolar não comportava tal legislação (PORTO ALEGRE, 1875a, p. 80).

entidades literárias, como o Parthenon Literário na cidade de Porto Alegre, a Bibliotheca Rio-Grandense na cidade do Rio Grande e, na cidade de Pelotas, a Biblioteca Pública Pelotense. Estes cursos não foram apenas uma iniciativa econômica e política, mas também uma demanda das classes populares que não tiveram a oportunidade de ensino (PERES, 2002).

Ainda, segundo ele, como os pais que moram distantes das escolas poderiam cumprir a lei? “Impor o ensino n’estas condições, não é conduzir o povo a civilização é leval-o ao desespero [...]” (PORTO ALEGRE, 1875a, p. 80). Apelles ainda continua:

Se me disserem que a criação d’esta lei trará em consequencia a criação de mais escolas, admirarei a grandeza de uma idéa tão patriótica, mas duvidarei sempre de sua possibilidade, porque se compararmos a depeza com a receita da provincia, reconheceremos que ella não comporta um acrescimo de escolas que satisfaça as necessidades da população e do territorio (PORTO ALEGRE, 1875a, p. 80).

Apelles afirma que, antes de se falar em obrigatoriedade do ensino, outro problema deve ser resolvido, referindo-se ao salário dos professores. Em 1875, o professor Apelles afirmou que os docentes da Província viviam “na indigência”, que só não passavam fome porque, nas horas de folga, tinham outros afazeres para compensar a baixa remuneração (PORTO ALEGRE, 1875a, p. 80). Em pleno 1875, Apelles denunciou a falta de remuneração e o adoecimento dos professores devido ao excesso de trabalho. Assim também alertou para a falta de receita da Província, para a melhoria dos salários, temas tão atuais ainda nos dias de hoje.

E, por sua vez, o texto publicado em 1874 foi um parecer sobre a tese histórica denominado: “A Invasão Paraguaya na Provincia – É justificavel?”. Possuindo sete páginas e escrito no ano de 1873, neste texto, Apelles analisa a Guerra do Paraguai, afirmando que foi a história mais sangrenta envolvendo a Província. A união dos três países – Brasil, Uruguai e Argentina – contra o Paraguai foi ocasionada pela honra ferida dos participantes. O Paraguai tinha um governante despótico; contudo, o país ficou em ruínas.

Primeiramente, Apelles apontou quais as motivações para o início da guerra do Paraguai: Existia um conflito entre a fronteira com o Brasil e o Uruguai. Estancieiros brasileiros reclamavam de ataques sofridos pelos uruguaios. O governo brasileiro interferiu, pedindo explicações e uma indenização ao governo uruguaio, que não concordou com os argumentos. O Brasil e a Argentina reforçaram a assinatura de um tratado dando à República Oriental autonomia, para desfazer boatos de que os brasileiros queriam dominar os vizinhos uruguaios. Solano Lopes reagiu negativamente e se

manifestou na tentativa de se manter na liderança dos três países do Rio do Prata. Ainda nesse ano, Solano Lopes aprisionou um vapor brasileiro, que passava em suas águas. Neste mesmo dia, Lopes invade Mato Grosso com seus homens (PORTO ALEGRE, 1874d).

Somente no final de janeiro de 1865 que o governo brasileiro declarou guerra ao Paraguai. O ano de 1864 foi decisivo para a Guerra do Paraguai e vários acontecimentos foram ocorrendo e agravaram uma crise já existente. Em seu texto, o professor Apelles preferiu apontar, inicialmente, estes fatores que antecederam a guerra do Paraguai.

A fronteira entre o Brasil e a Argentina tinha sido reconhecida como uma das fragilidades para o país. Não existiam fortificações, mas alguns governos mantinham ali um contingente suficiente para retardar a invasão inimiga. Contudo, em 1864, este contingente havia sido extinto, a fronteira de São Borja estava desprotegida e o exército brasileiro se encontrava desmantelado. O Brasil estava com exército sucateado, sem equipamentos, como vestuário e armamentos. Diferente do Paraguai, que possuía um exército equipado, treinado e bem armado.

Referindo-se à pergunta que Apelles pretendia responder, se foi justificável a invasão paraguaia? Para o autor, o Brasil possuía um território reconhecidamente delimitado. A Argentina não autorizou a nenhum dos dois países que utilizasse seu território, mantendo-se neutra. Sem declarar guerra à Argentina, os paraguaios invadem o seu território e apoderam-se de dois vapores, sacrificando os seus marinheiros. Este fato foi o estopim para a Argentina entrar na guerra, onde até então não participava. O Uruguai se junta ao grupo após a queda de Aguirre, que era um apoiador de Lopes. O Paraguai possuía 10.000 soldados bem treinados, armados e “fanáticos”. Com a união dos países, o Paraguai precisou retroceder. Segundo o autor:

O numero devia suffocar a bravura, e esta recuar vencida deixando o inimigo passar.

Impedir a passagem estava escripto ser um impossivel, não se detem com frageis obstaculos a torrente impetuosa que desmorona o que encontra em sua passagem devastadora (PORTO ALEGRE, 1874d, p. 761).

O professor Apelles encerra sua arguição sem delimitar a sua opinião, mas atualmente se sabe que nenhuma guerra é justificável e a união do Brasil, Uruguai e a Argentina foi devastadora para a população paraguaia. Este tipo de texto e os debates que originavam destas escritas eram direcionadas para “análises histórico-políticas sobre regimes de governo, questão inquietante e empolgante para o ânimo dos jovens republicanos da Sociedade” (PIVA, 2002, p. 20) na busca por aprofundar os seus conhecimentos.

Pode-se observar uma versatilidade na escrita de Apelles, que se utiliza de diferentes gêneros literários, como a novela, o conto, a crônica, a poesia, o discurso e o parecer histórico. Desempenhando a função de orador, buscava estar dentro das discussões do período republicano e abolicionista. Dentro do possível, procurava acompanhar os debates culturais, buscava estar atualizado, podendo assim desempenhar um papel ativo na vida social da Província.

Ter a posse destes textos permite entender as suas opiniões, as ideias, os posicionamentos e as causas que ele defendia. Apelles não vivia em uma “bolha” provinciana. Ao contrário, com seus escritos, compreende-se que era um homem atualizado com o mundo ao seu redor e conhecedor profundo dos acontecimentos históricos. O papel de intelectual mediador defendido nesta tese busca entender quem foi este homem, dedicado à educação, preocupado com a cultura e zeloso por sua família. Os textos publicados na Revista do Pathenon Literário de alguma forma apresentam um Apelles mais poético e literário, amigo de seus amigos quando apresenta os discursos e romântico na escrita de suas novelas. A seguir vamos encontrar outro Apelles, envolvido mais com a política, com posições sociais e na defesa da educação.

4.3 Criando um jornal e divulgando seu ideário: o jornal *A Imprensa*

O *Jornal A Imprensa* era de propriedade e dirigido por Apelles Porto Alegre. A tipografia foi comprada em junho de 1880 com a intenção de ser um periódico semanal chamado *Revista do Sul*. Inicialmente, o projeto era um

jornal literário voltado às letras. No entanto, após o conhecimento da aquisição da tipografia por parte dos correligionários republicanos, houve uma proposta de que a folha fosse diária e representasse os ideários políticos. Diante dos fatos, foi realizada uma conferência pelo Partido Republicano com a escolha do nome, *Republicano*, e um manifesto que deveria ser publicado no jornal com a assinatura dos correligionários. Porém, com medo de perseguições e prisões, os integrantes do partido não aceitaram assinar o documento e expor-se publicamente (*A IMPRENSA*, 5/3/1882).

Apesar de os movimentos republicanos terem-se intensificado, o regime ainda era monárquico, os clubes republicanos eram secretos. No início da década de 80 do século XIX, os debates e resistências estavam aflorando. Atualmente, sabe-se que foi uma década decisiva, mas, para quem vivia aquele período, ainda havia muitas incertezas.

Em 19 de agosto de 1880, entrou em circulação o jornal *A Imprensa*, um periódico diário da cidade de Porto Alegre, publicado de terça-feira a domingo, e um dia após os feriados, não havia distribuição. Contudo, diferente do idealizado inicialmente, *A Imprensa* torna-se um jornal mais ligado às questões políticas, mesmo sem que houvesse uma declaração pública de pertencer ao partido republicano. Após um ano de sua fundação, o editor afirma:

[...] É possível que não tenhamos bem cumprido a missão que nos impusemos; o jornalismo é difícil para aqueles que fazem dele um sacerdócio e colocam acima de quaisquer considerações a verdade que deve sempre fulgir, difundindo benéficos raios. [...]
Luta, portanto, a imprensa independente, e se não sucumbe, é porque a alimentam ainda o **patriotismo** e a boa vontade de poucos. A fundação deste jornal presidiu a ideia do bem público; foi nosso intento, como é ainda, tudo fazermos no sentido de cooperar para o maior desenvolvimento moral, intelectual e material da pátria. Temos tratado na medida de nossas forças [...] ao **bem-estar social**, e [...] o **progresso geral do país**.
A 'Imprensa' continuará a trilhar a senda que encetou, e pugnando por todas as causas nobres, procurará nunca afastar-se da **verdade** e da **justiça** (*A IMPRENSA*, 19/8/1881, grifos meus).

Palavras como patriotismo, bem-estar social, progresso, verdade e justiça, ou seus sinônimos, são recorrentes na escrita do professor Apelles. Não obstante, era um tempo em que as ideias positivistas povoavam os seus discursos e as letras, período em que a imprensa de forma geral era o veículo de maior destaque para disseminar estas ideias.

A partir de 5 de março de 1882, o diário *A Imprensa* passou a ser bissemanal, circulando às quintas-feiras e aos domingos (*A IMPRENSA*, 5/3/1882). Nessa fase, publicamente, o professor Apelles declara uma insatisfação aos membros do Partido Republicano. Segundo ele: “Continua a ‘Imprensa’ como órgão republicano, mas representando unicamente os princípios políticos de seu proprietário” (*A IMPRENSA*, 5/3/1882, p. 1). Provavelmente, esses fatos tenham sido o estopim para a crise que estava se instalando entre os membros do Partido Republicano, causando a dissidência dos irmãos Porto Alegre, que depois foram perseguidos e difamados pelo jornal *A Federação*. Sobre a sua trajetória no movimento republicano, o professor Apelles argumenta:

Sobre o ponto de vista politica cremos não ser preciso dizer mais a nossa profissão – fomos, somos e seremos republicanos, batemo-nos sempre na vanguarda; na tribuna como na imprensa o nosso posto foi sempre na frente; não receíamos pois, garantir que o futuro não saberá desmentir o passado (*A IMPRENSA*, 5/3/1882, p. 1).

Em 25 de maio de 1882, o jornal encerrou suas atividades, sendo vendido ao Srs. Firmino Rodrigues & Comp., proprietários do *Diário Popular*⁵¹, que deveria circular na cidade de Porto Alegre a partir de 1º de julho de 1882, assumindo a responsabilidade de entregar aos assinantes os seus periódicos correspondentes até o final dos contratos (*A IMPRENSA*, 25/5/1882).

O jornal *A Imprensa* possuía quatro páginas em todos os números encontrados, medindo 35cm de largura por 51cm de comprimento, com folha de papel jornal. A sua produção era efetuada em tipografia localizada em uma das principais ruas da cidade, a rua General Andrade Neves⁵², nº 46. O jornal custava 80r\$ o exemplar, mas existiam outras modalidade de pagamento: na capital poderia ser assinado por ano que custava 12\$000; por semestre, 7\$000

⁵¹ Em comemoração ao Bicentenário de Porto Alegre, foi realizada, pelo professor Rivadávia Coelho, uma relação de jornais publicados na cidade no século XIX, com base em pesquisa feita no Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul. Neste trabalho, foi citado o jornal *A Imprensa* e o *Diário Popular*, publicado a partir de 1º de julho de 1882 (COELHO, 1940).

⁵² É uma das ruas mais antigas da cidade de Porto Alegre, aparecendo pela primeira em reunião do Senado da Câmara datada de 7 de janeiro de 1777, quando foi alugada uma casa nesta rua para as suas sessões. Inicialmente foi denominada rua Nova. No ano de 1843, a Câmara determinou o seu calçamento. Em 1869, para homenagear o General José Joaquim de Andrade Neves, morto em combate na Guerra do Paraguai, a rua passou a se chamar rua Andrade Neves (FRANCO, 1992).

e, por trimestre, 4\$000. Contudo, ainda poderia ser enviado para fora da cidade ao custo de 16\$000 por ano e 9\$000 por semestre.

Quadro 26 - Descrição das modalidades de valores cobrados pelos exemplares do jornal *A Imprensa*.

Custo	Modalidade de assinatura
80r\$	O exemplar unitário
4\$000	Assinatura por três meses
7\$000	Assinatura por seis meses
12\$000	Assinatura anual
9\$000	Assinatura por seis meses, enviado para fora da cidade de Porto Alegre
16\$000	Assinatura anual, enviado para fora da cidade de Porto Alegre

Fonte: Jornal *A Imprensa*

Quadro elaborado pela autora.

A partir do dia 1º de dezembro de 1881, o valor do número avulso passou a ser de 200\$ (duzentos réis), porém as outras modalidades de assinatura não alteraram os valores, até o momento em que o jornal passa a ser bissemanal. O jornal *A Federação*, que foi o impresso com ideias republicanas de maior visibilidade e órgão oficial do partido republicano, fundado em 1884, cobrava 80r\$ (oitenta réis) a sua unidade, o mesmo valor que cobrava o jornal *A Imprensa* inicialmente. O jornal *A Federação* tinha um formato que se assemelhava ao de *A Imprensa*.

A Imprensa trazia, em sua primeira página, textos variados, sobre o Rio Grande do Sul, Brasil e assuntos do mundo. Geralmente, na primeira página, encontra-se o i) editorial; ii) folhetim e iii) noticiário. No editorial, os assuntos são diversos e, por vezes, continuam nas edições seguintes, os impressos, eventualmente, eram usados para responder a acusações, desavenças, e geravam muitas rixas. O folhetim é uma escrita literária, como uma peça de teatro, um conto. Por muitos meses, foram publicadas partes do conto “Noites Amenas – O Violino do Diabo” de Henrique Perez Escrich. E o noticiário apresentava notícias que circularam em outros jornais no mundo, que chegavam a Porto Alegre por meio de exemplares de jornais diversos, ou pela forma de telegrama e são publicados. Também são destaques desta seção notícias da própria cidade, como “**Vapor Estrela.** – Este vapor segue hoje com destino a S. Gabriel” (*A IMPRENSA*, 20/7/1881, grifos do autor).

Na segunda página, continuam alguns assuntos que não se esgotaram na página anterior, e ainda duas divisões i) a pedido e ii) anúncios, eram publicações de compra, venda e aluguel de diversos produtos. O jornal *A Imprensa*, mesmo seguindo os ideários republicanos, era independente e possuía os anúncios comerciais para manter-se.

Nas páginas três e quatro, predominam os anúncios de venda ou propaganda de diversos produtos e estabelecimentos, como de remédios, aulas particulares, tradutor público juramentado, livraria, charutos, vinhos, alfaiataria e mesmo anúncios de aluguéis. Um exemplo de aluguel pode ser observado no dia 6 de julho de 1881, em que são anunciados os serviços de uma escrava para serviço de casa (*A IMPRENSA*, 6/7/1881, p. 2). Este tipo de anúncio era raro de ser visto nas páginas do jornal, provavelmente devido ao perfil abolicionista do diário.

Baumgarten (1982, p. 29), em seu estudo sobre a imprensa no Rio Grande do Sul, denomina este tipo de jornal editado pelo professor Apelles como “noticioso”. Muitos dos jornais em circulação na segunda metade do século XIX, segundo o autor, eram ligados a partidos políticos. Contudo, os anúncios comerciais já estavam sendo usados para manter o periódico. Esses diários noticiavam a política, os acontecimentos estrangeiros, mas também destinavam um espaço à literatura e, assim, incentivam a divulgação e a criação de associações literárias (BAUMGARTEN, 1982).

A Imprensa é considerado o primeiro jornal republicano do estado. Porém, não teve este papel republicano explicitado desde o início, apenas em 1º de dezembro de 1881, mais de um ano após o início da sua circulação, o jornal se auto-declarou “órgão republicano”. Mesmo assim, não recebeu financiamento do partido, o periódico seguiu sendo independente.

O professor Apelles, proprietário e diretor do jornal, na publicação de 5 de março de 1882, esclarece a razão pela qual o periódico somente em dezembro de 1881 se declarou órgão republicano, mesmo ele sendo um dos idealizadores do movimento republicano na Província. Após seus correligionários tomarem conhecimento da aquisição da tipografia, ele foi procurado pelo Sr. Julio Teixeira, que propôs a criação de um jornal diário e político representante do movimento republicano. Depois de refletir, foi aceito o

convite e a oferta de apoio pelo movimento. Uma condição seria a publicação de um manifesto na primeira edição, redigido pelo professor Apolinário, lido e aprovado em reunião e teriam as assinaturas dos membros. Contudo, ao se buscarem as assinaturas, os membros recusaram-se, por temerem prejuízos legais.

Sendo assim, somente em 1º de dezembro de 1881, a pedido do Club Republicano da Capital, que *A Imprensa* se torna um órgão oficial do partido. Para explicar estes novos ideais, foi publicado, no editorial do jornal, intitulado “A Imprensa”, um artigo afirmando que, anteriormente, vinha demonstrando em suas publicações as ideias republicanas, mas agora então, se considerava seguidor de tal ideologia, que o jornal entraria em nova fase.

O jornal *A Imprensa*, com este novo posicionamento, pretendia assumir um lado, já que, desde 1850, a imprensa era livre no Brasil. A década de 80 do século XIX foi decisiva para a Nação, conforme Schwarcz e Starling (2018, p. 305): “em 1880 foi fundada a Sociedade Brasileira contra a escravidão e em 1883 a Confederação Abolicionista”. Estes movimentos vinham-se fortalecendo, unindo-se em mobilizações, assumindo uma posição e declarando-as, lutavam contra a escravidão e contra a monarquia. Dom Pedro II, em uma tentativa de acalmar os ânimos, fazia pequenas reformas, como a Lei Eusébio de Queirós (1850), Lei do Ventre Livre (1871), Lei dos Sexagenários (1885).

Foram duas décadas de intensa mobilização. Em 1870, foi publicado o manifesto republicano brasileiro, que originou, em 1872, a fundação do Partido Republicano. Os movimentos republicanos e abolicionistas, impulsionados por homens e mulheres livres, reivindicavam a abolição da escravidão no Brasil. Mesmo que tardiamente, a princesa Isabel, enfrentando grande pressão, e a contrariedade de apoiadores contrários ao fim da escravidão, na sua maioria cafeicultores, assinou a Lei Áurea em 1888. Neste período, D. Pedro II estava em uma viagem pelo mundo e, após ter conhecimento da assinatura da Lei Áurea, retorna ao Brasil (SCHWARCZ e STARLING, 2018).

Ao retornar ao Império, D. Pedro II estava enfermo e foi recebido melhor do que se esperava. Contudo, os movimentos republicanos se intensificavam, e assim seguiu o ano de 1889, que iniciou tranquilo, porém, no mês de junho, D.

Pedro II sofreu um atentado ao sair do teatro. O exército criou o clube Militar da corte e vinha se organizando numa oposição ao regime monárquico. Por outro lado, foi criada a Guarda Negra, para proteger a corte (SCHWARCZ e STARLING, 2018).

A imprensa explorava as tensões existentes, publicando o desejo de D. Pedro de abdicar do trono em prol de sua filha Isabel e, enaltecia os movimentos contrários ao império. Existia uma disputa partidária acontecendo na Câmara e os militares, agora organizados, exigiam maior participação no cenário político da nação. Os debates sobre a manutenção da monarquia ou a implantação da República passaram a fazer parte das discussões na Câmara (SCHWARCZ e STARLING, 2018).

Conforme Schwarcz e Starling (2018, p. 313), “o Partido Republicano Paulista começou a frequentar os quartéis”. Esta aproximação tinha como intenção garantir a permanência das estruturas sociais e planejar o golpe militar, convencendo os contrários ao ato. A monarquia já havia se afastado da Igreja ainda na década de 70. Os monarcas estavam isolados e os preparativos para o golpe se intensificavam. No dia do golpe, à tarde, houve o anúncio oficial na Câmara Municipal do Rio de Janeiro e, no dia 16 de novembro, foi publicado, no Diário Oficial, a Proclamação da República e o Governo provisório. Ainda na madrugada, temendo uma revolta, o governo provisório comunicou à família real e a embarcou para o exílio (SCHWARCZ e STARLING, 2018).

No jornal *A Imprensa*, Apelles vislumbrava as ideias que, naquele momento, poderiam ser expressadas, seguindo uma tendência nacional. E é esta escrita que se reflete nas páginas do jornal, contra o sistema monárquico e pautado por melhores condições de vida para as pessoas da comunidade, apoiados pelo republicanismo e o patriotismo e em defesa da educação e da moral.

Para entender como foi o Apelles editor, optou-se por analisar os textos publicados no editorial do jornal *A Imprensa*. Muitos textos foram publicados nesta seção, mas, ao ler estes textos, foram selecionados alguns que poderiam evidenciar, de alguma forma, os posicionamentos do professor Apelles.

Uma longa discussão foi protagonizada entre o professor Apelles e Graciano Alves de Azambuja. O organizador da exposição⁵³ entre o Brasil e a Alemanha ocorrida no ano de 1881 foi Karl von Koseritz⁵⁴, que era também seu idealizador e Apelles era contrário a essa ideia. Graciano queria defender Koseritz e a discussão se estendeu por meses e houve trocas de farpas nas páginas dos jornais da cidade. Entretanto, para este estudo, foram analisados apenas os textos publicados no jornal *A Imprensa*.

Em 6 de julho de 1881, no editorial do jornal, um artigo intitulado “A exposição brasileira-alemã – A primeira carta do Sr. Dr. Graciano” afirmou terem saído críticas ao seu jornal no dia 26 do mês passado, no *Jornal do Commercio*, o qual ele não tinha o hábito de ler. No artigo, o autor afirmou ser contra a exposição brasileira-alemã, pois a verdadeira intenção era privilegiar poucos e promover as indústrias alemãs no Brasil, o que prejudicaria a pátria, que as exposições são educativas, que não era contra; porém, uma exposição para beneficiar apenas uma nação estrangeira não poderia ser aceitável (*A IMPRENSA*, 8/7/1881, p. 1). Ainda completa:

O nosso jornal franqueia suas columnas a toda e qualquer causa nobre que se pleiteie em prol da grandeza e prosperidade nacional, assim como jamais se prestará a ser pregoeira da especulação de quem quer que seja, embora traga o dourado rotulo de exposição, embora venha acompanhada da fhrase bem publico roupagem ostentosa com que se enfeita aspirações immensas [...] (*A IMPRENSA*, 6/7/1881, p. 1)

Pelo que indica, o Sr. Graciano enviou, para publicação no jornal *A Imprensa*, uma carta de apoio ou propaganda sobre a exposição Brasil-

⁵³ As exposições universais ocorreram em diversos lugares do mundo e tinham como objetivo divulgar os produtos na maioria industrializados para as diversas nações. “A dimensão de universalidade seria dada pela abrangência dos itens expostos, englobando tudo que concerne à atividade humana, e também pela internacionalização do evento, dada a participação ativa das nações estrangeiras além da que promovia e sediava a exposição. Tais exposições estariam associadas, basicamente, ao desenvolvimento industrial, exibindo máquinas e produtos resultantes desta atividade. Mesmo que reunissem entre os itens expostos elementos que nada tinham a ver com esta atividade produtiva, [...] as [...] *vedettes* [...] foram sempre as máquinas [...] Todavia, o caráter de feira de mercadorias e a manifesta intenção de realizar o lucro são apenas um dos fatores pelos quais as exposições podem ser apreciadas (PESAVENTO, 1997, p. 43 grifos da autora).

⁵⁴ Estas discussões contrárias à exposição Brasil-Alemanha não ocorreram apenas com o professor Apelles, outros jornais e personalidades também discordavam do evento. Contudo, a exposição ocorreu em Porto Alegre, de 4 de outubro de 1881 a 5 de fevereiro de 1882, na propriedade de Carlos Trein Filho. Para saber mais sobre a exposição Brasil-Alemanha e sobre a biografia do Karl von Koseritz, ver Weizenmann (2015).

Alemanha, que não foi publicada, pois o professor Apelles era contrário à ideia. O ato de não publicar a notícia irritou os propagandistas, que se manifestaram contra o jornal em outro diário da cidade. Cada artigo era rebatido pelo seu adversário, e esta discussão seguiu sempre com um tom de agressividade nos dias 8, 10, 12, 25, 29 e 30 de julho; e 3, 5, 24 e 27 de agosto e 4 de outubro de 1881. Na tentativa de discutir sobre assuntos importantes para a exposição, após receber outra carta do Sr. Graciano, Apelles faz algumas perguntas:

Questão de oportunidade.

Questão de localidade não só do edifício como do paiz em que a exposição deveria ser feita.

O benefício dessa exposição em favor de quem reverte do Brazil ou da Allemanha? (*A IMPRENSA*, 8/7/1881, p. 1).

Estas questões ficam sem respostas, pois o Sr. Graciano não tem a intenção de responder às perguntas do editor do jornal *A Imprensa*, apenas acusá-lo de ser contra a uma proposta que iria trazer visibilidade para a indústria brasileira. E, por sua vez, o editor buscou argumentar sobre a sua opinião contrária à exposição alemã, Apelles procurou apontar que a nossa indústria ainda era muito inicial, não tendo como concorrer com a potência alemã. Para Apelles, a Alemanha apenas teria um interesse na fatia da economia brasileira que estava se estruturando.

Como de costume, nos escritos de Apelles, a história mundial é ressaltada para explicar questões locais. Esse fato ocorre em seus discursos publicados na revista do Parthenon Literário e aparece na explicação deste caso, onde ele aponta para o caso de Portugal, dependente comercial da Inglaterra e de Pombal, que não conseguiu salvar sua economia. Para o autor, o Rio Grande do Sul não pode concorrer com a Alemanha e, por isso, não deve-se gastar o pouco dinheiro que tem investindo em promover a Alemanha (*A IMPRENSA*, 10/7/1881, p. 1).

A discussão, após algumas publicações, passa para uma etapa mais pessoal e o Sr. Graciano acusa o professor Apelles de ser contra a exposição por rivalidade com o Sr. Karl von Koseritz, ficando evidente a inimizade entre eles. Mas Apelles, após longo artigo, escreve:

Pedimos que combata-nos com a lealdade e a franqueza com que fazemos; a *intriga* não é um campo de lucta digno de homens que se prezão; e agora finalizando este artigo diremos ao sr. Graciano, que, embora não tenhamos combatido a exposição por causa do sr. Koseritz, não deixa de ser verdade e opinião geral que a mais triste recommendação desse certamen industrial é o nome desse homem, que tornou-se novamente da individualidade mais repugnante de toda provincia (A *IMPrensa*, 12/7/1881, p. 1 grifos do autor).

Em torno destas discussões, o professor Apelles citou, no seu artigo, outros senhores que reivindicaram retratação pelo uso de seus nomes, o que foi feito de imediato e, segundo ele: “É com prazer que rectificamos as considerações feitas no artigo de terça-feira, em resposta ao sr. Dr. Graciano, onde este sr., incidentemente fez-nos envolver o nome do sr. Dr. Trajano” (A *IMPrensa*, 14/7/1881, p. 1).

Apelles reclamou que a exposição foi montada em lugar inapropriado, na intenção de beneficiar um comerciante de restaurante, em lugar particular, tendo tantos lugares públicos, e apontou para os problemas financeiros da Província. Ainda segundo a resposta, o valor gasto seria de 30 contos de réis que o Sr. Graciano não considerava exorbitante nem a Província se achava em condições financeiras tão desfavoráveis. Apelles argumenta que a Província não quita dívidas de valores menores, e que se houvesse retorno ao dinheiro aplicado ele seria de acordo, mas este não era o caso. (A *IMPrensa*, 25/7/1881, p. 1).

Seguindo as publicações, o professor Apelles acreditava que esta exposição deveria acontecer na Alemanha para mostrar aos alemães a mão de obra brasileira, o que se oferece aos imigrantes. Contudo, uma exposição no Brasil, e sem verba alemã, seria apenas uma propaganda para atrair e beneficiar a Alemanha e não o Brasil. Apelles exemplifica uma exposição semelhante que ocorreu na Filadélfia, Estados Unidos, e foi bancada por eles, o que beneficiou o Brasil com investimentos e apresentação do seu potencial. Apelles segue argumentando que, para esta exposição, foram selecionados em cada província os melhores produtos para representarem o Brasil e a sua diversidade (A *IMPrensa*, 29/7/1881, p. 1).

Para Apelles, quem viesse da Alemanha para a exposição no Brasil viria defender os interesses alemães e não brasileiros e, se o público fosse de milhões, como sonha o Sr. Graciano, talvez algum benefício o Brasil usufruiria

(*A IMPRENSA*, 29/7/1881, p. 1). Após o envio do convite para o Imperador D. Pedro II, houve o comunicado de que ele não poderia comparecer. Segundo o jornal *A Imprensa*, este é mais uma indicação de que esta exposição não é válida (*A IMPRENSA*, 30/7/1881, p. 1).

Na seção – Noticiário – o jornal vem esclarecer um equívoco cometido pelo sr. Graciano em outro jornal, afirmando que o professor Apelles, em conversa particular, teria afirmado que a exposição que foi projetada para acontecer em um terreno particular tem por objetivo favorecer o proprietário do terreno ou o seu arrendatário, Sr. Trein. O prof. Apelles afirma não ser isso verdade, e explica que nem sabe quem é o proprietário do terreno e os nomes não importam; o que interessa é o bem da nação (*A IMPRENSA*, 30/7/1881, p. 1).

Após dias de discussões nas páginas do jornal *A Imprensa*, fica evidente que “A exposição brasileira-alemã tem produzido uma verdadeira revolução nos hábitos pacíficos de nossa cidade” (*A IMPRENSA*, 31/7/1881, p. 1). Saiu, no jornal *Gazeta*, um trecho do artigo publicado pelo jornal do *Commercio*, acusando o jornal *A Imprensa* de ser contra a exposição brasileira-alemã. Contudo, em diversas publicações, os motivos são apresentados e a opinião pública está a favor deste editor, que apenas quer proteger a província. Segundo o artigo, “[...] não temos sido o echo de nossa opinião individual mas sim o da maioria de nosso povo que felizmente tem compreendido o que é a exposição brasileira-alemã” (*A IMPRENSA*, 3/8/1881, p. 1).

Segundo Apelles, os ataques que vem sofrendo, ele e o seu jornal, são mentiras publicadas para desqualificar sua imagem, e a todo custo querem dizer que ele era contra as exposições, o que não corresponde à verdade, porque ele apenas é contra desfavorecer a nação e seu povo em prol de uma outra estrangeira (*A IMPRENSA*, 3/8/1881, p. 1). Este argumento procurava ferir Apelles quanto ao seu papel de docente: como um professor estaria contra a uma exposição que poderia ser educativa? Desta forma, seus adversários pretendiam diminuir a sua figura. De acordo com o conceito de intelectual mediador, identifica-se, neste sentido, um ponto de relevância, já que

[...] são homens da produção de conhecimento e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-

social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social (GOMES, HANSEN, 2016, p. 10).

O intelectual mediador não necessariamente foi reconhecido no tempo em que viveu, ou teve unanimidade. Este papel de editor do jornal *A Imprensa* deu a Apelles um perfil diferente dos encontrados nos arquivos pessoais e nas páginas da Revista do Parthenon Literário. Neste periódico, pode-se conhecer os seus posicionamentos mais contundentes, exemplificando um indivíduo que não foge de polêmicas.

Por ter aplaudido a recusa de D. Pedro II de vir à inauguração da exposição, Apelles foi acusado de não ser republicano como quer demonstrar, mas o editor argumenta que “[...] ser republicano, é ser acima de tudo amigo da verdade, da justiça e da virtude” (*A IMPRENSA*, 3/8/1881, p. 1). O teor das críticas vai ficando mais intenso e agressivo. Para defender o seu jornal, o editor afirma:

A ‘Imprensa’ nasceu hontem, tem apenas um anno de existencia e não só tem maior circulação do que a ‘Gazeta’, como também não é inferior ás folhas de maior circulação da capital.
 Porque a ‘Imprensa’ que não possui proteção official, que não recebe auxilio de partido algum, que não goza de outros favores senão os que a sympathia popular lhe concede expontaneamente, tornou-se em menos de um anno um dos jornaes de maior circulação não só na capital como na província?
 [...] porque temos batalhado pelo que é grande, licito e nobre perante o reconhecido patriotismo do povo rio-grandense?
 [...] a ‘Imprensa’ é que tem direito de dizer com orgulho: Eu sou a opinião publica (*A IMPRENSA*, 3/8/1881, p. 1).

Conforme o editor, o seu jornal representava a opinião pública, tinha visibilidade não apenas na cidade de Porto Alegre, como em parte da província. O alcance do jornal é de difícil conhecimento. De fato, temos o quadro 26, com a disponibilidade de valores para o envio do jornal para fora da capital⁵⁵. Contudo, pode-se supor que um jornal com perfil republicano, e dirigido por um dos irmãos Porto Alegre, poderia ter um bom alcance, já que eles tinham uma rede de sociabilidade importante. E, mais ainda, se o período

⁵⁵ Na Biblioteca Rio-Grandense, encontram-se três exemplares do jornal *A Imprensa* (14/01/1881, 29/10/1881, 30/11/1881).

de circulação do jornal for considerado. A década de oitenta do século XIX foi um momento de efervescência republicana e abolicionista onde existiu uma organização mais consistente, dos simpatizantes e do partido político. (SCHWARCZ, STARLING, 2018).

Neste momento, o jornal *A Imprensa* ainda não se autodeclarava órgão republicano. Com isso, Apelles afirma não depender de nenhum órgão oficial ou partido político. Como foi mencionado, esta discussão sobre a validade da exposição não ficou somente entre o Sr. Graciano Alves de Azambuja e o professor Apelles. A comunidade se envolveu e, mais ainda, a Corte opinou a respeito, alguns a favor, outros contrários.

O jornal *A Imprensa* abriu o espaço para publicação de várias cartas de um assinante que pediu a palavra e, durante dias, escreveu em apoio à exposição e ao Sr. Graciano. O autor, que assinou como Josima, utilizou-se dos artigos publicados nos variados jornais para escrever suas cartas. Após argumentar a respeito dos prós e contras envolvendo a exposição, conclui uma de suas missivas afirmando que “[...] Só existe a má vontade como a do Sr. Redactor da ‘Imprensa’” (JOSIMA, 14/8/1881, p. 1). Desta forma, o colaborador queria transpor para o Apelles e o jornal *A Imprensa* toda aquela confusão gerada em torno da exposição.

Após estas longas discussões públicas, Apelles escreveu um artigo afirmando que ficou alguns dias sem responder às cartas enviadas pelo Sr. Graciano, que totalizaram vinte e, ao invés de dar-lhe respostas, desviou o assunto passando a ofendê-lo e a seu jornal. Para encerrar o assunto, recebeu uma carta de um leitor da cidade do Rio Grande, contando que, no início, era a favor da exposição, mas, depois das publicações do Sr. Graciano, acabou se tornando contra e também acha que a exposição somente vai beneficiar os alemães (*A IMPRENSA*, 24/8/1881, p. 1).

Com artigo intitulado “Ainda a exposição”, Apelles continua o mesmo assunto, apontando notícia publicada no *Jornal do Commercio* da Província de Santa Catarina, no qual relatam que foram convidados a expor produtos regionais na Exposição Brasileira-Allema. Contudo, recusaram pelo adiantado dos dias para o início do evento. O *Jornal do Commercio* aproveitou a oportunidade para publicar trechos dos artigos que saíram no Jornal *A*

Imprensa (A IMPRENSA, 27/8/1881, p. 1). Este fato pode ser um indicativo do alcance do jornal e da repercussão do assunto.

A exposição foi inaugurada com muito protesto do editor do jornal *A Imprensa*, no dia 4 de outubro de 1881 e, lembra que esta data deveria ser respeitada, pois neste dia se recorda a morte do marquês de Herval. Segundo Apelles, se este evento fosse mesmo Rio-Grandense, esta data seria reverenciada, e ainda “para os bons patriotas a causa da pátria está acima da de todos os outros paizes” (A IMPRENSA, 27/8/1881, p. 1).

Em 4 de outubro de 1881, dia da inauguração da exposição, Apelles escreveu outro artigo, criticando novamente, reforçando todos os argumentos que defendeu ao longo dos meses, contrários à abertura do evento. E, ainda, os ataques que recebeu de seus opositores, reafirmando as injustiças que cometeram com tais calúnias, que agora com a abertura da exposição o que disse *A Imprensa* poderá ser confirmado (A IMPRENSA, 4/10/1881, p. 1).

Ainda no mesmo ano no mês de dezembro, um artigo sobre a exposição afirmava que havia muitos apoiadores e expectadores que acompanharam a sua oposição; contudo, também houve muitas pessoas contra as suas ideias que o acusaram de ser contrário ao progresso e à pátria. Porém, o resultado da exposição foi a resposta às suas queixas: um fracasso que não beneficiou a nação, nem teve o público esperado pelos organizadores (A IMPRENSA, 16/12/1881, p. 1).

Apelles queria, com seus escritos, denunciar, alertar, ensinar, informar – estes são os objetivos que se podem encontrar nos artigos publicados no jornal *A Imprensa*. Questões relacionadas ao patriotismo, à nação, à república, à verdade, à ética são recorrentes na escrita dos editoriais, como se pode observar no apêndice A. Em alguns de seus artigos, ele abordou a família e a educação dos filhos como uma série chamada de “Seção científica”.

Neste artigo, o editor procura apresentar orientações às famílias em uma série de publicações. A escrita alerta para uma harmonia entre o casal e esta harmonia é transmitida para o filho e transmitida entre os irmãos. A figura da mãe é muito importante na base familiar, por ter uma ligação fraternal com seus os filhos, fortalecendo a sua educação, o que reflete na fase adulta, na formação do cidadão (A IMPRENSA, 7/7/1881, p. 1).

A mulher tinha função relevante nessa sociedade, assim como na formação do indivíduo, e “a questão do ensino no positivismo, como vimos, está profundamente associada ao papel desempenhado pela mulher na sociedade. A esta cabia designar os caminhos pelos quais, na área de instrução/educação, deviam trilhar as famílias” (TAMBARA, 1995, p. 126).

E segue neste mesmo sentido, falando dos ensinamentos no seio da família, no respeito entre os irmãos e pais e nas aprendizagem com esta convivência. Respeitar o lugar de cada indivíduo e não privilegiar um filho ao invés do outro (*A IMPRENSA*, 16/7/1881, p. 1).

Continuando, o autor fala da educação das crianças, do cuidado com os pais na velhice, das tias solteiras, que educam os sobrinhos com amor, dos órfãos, que deveriam ser adotados para serem cidadãos bons, do cuidado com os animais das famílias, estes são um resumo de ter uma vida ética seguindo os bons costumes (*A IMPRENSA*, 16/7/1881, p. 1).

E, por fim, o texto ainda se refere às pessoas que não casam, mas que têm renda. Estas devem adotar um órfão, para o bem da sociedade e das famílias. Em uma família, deve existir a criança, a mulher, o adulto e o velho para que exista equilíbrio e a formação moral do indivíduo (*A IMPRENSA*, 19/7/1881, p. 1).

O texto afirma que, no seminário, que ensina as pessoas a abdicarem de suas famílias, da ciência em prol da religião; no quartel, que ensina as pessoas a armarem estratégias contra a pátria; no hospício, que faz com que o jovem tenha ódio da sociedade e, no liceu, que ensina às crianças que existem diferenças e que eles são privilegiados. Com isso, nenhum lugar substitui a família, o contato entre pai, mãe e filhos (*A IMPRENSA*, 19/7/1881, p. 1).

[...] os sentimentos nascidos das relações do pai, da mãe e do filho são para a educação social, o que a leitura e a escriptura são para a instucção scientifica; e do mesmo modo que o sábio nada produz, se não dispôr do livro e da penna, assim também o cidadão não póde obter as qualidades moraes que lhe são proprias, se a paternidade e a fraternidade não tiver aberto em sua consciência o caminho para as affeições e obrigações da da vida social (*A IMPRENSA*, 19/7/1881, p. 1).

Neste sentido, entende-se que, para o autor, o indivíduo forma-se, primeiramente, em família. É o convívio com os parentes que formam o caráter

da pessoa, com as diferenças entre o pai e a mãe, os irmãos e os avôs, sem esquecer das tias solteiras: no século XIX, era muito comum famílias grandes onde alguns membros, homens ou mulheres, optaram pela solteirice.

Em 30 de agosto de 1881, o artigo escrito por André Rebouças, denominado “Pai, Mãe e Filhos”, trata da importância da família, o papel do pai, da mãe e dos filhos. Inicialmente, a família precisa cuidar dos filhos e, com a idade dos pais, quem os cuida são os filhos (*A IMPRENSA*, 30/8/1881, p. 1).

Nesse mesmo sentido, em 4 de setembro, um texto escrito por E. Pelletan encerrou esta leva de artigos referindo-se à importância das famílias e como devem se comportar pais, mães e filhos (*A IMPRENSA*, 4/9/1881, p. 1). Com esses textos, fica evidente a ideia do editor de formar uma identidade familiar, e atribuir a formação do cidadão às suas famílias.

Para o autor deste texto denominado “Mãe de família”, a independência das famílias ajuda a reduzir a dependência da pátria de governos despóticos. Quando um pai consegue sustentar a sua família, trabalha e traz o sustento para casa, libertando a sua família da miséria, toda a sociedade ganha também. A mãe, por sua vez, tem uma tarefa contínua de gerar fisicamente o filho e criá-lo moralmente, isso tudo com instrução e carinho. A mãe também educa pela prática e, seu afeto é parte dessa educação (*A IMPRENSA*, 4/9/1881, p. 1).

Para além, das reflexões sobre família, ensino e a pátria, no diário também eram publicadas questões de saúde, como o artigo intitulado “O vinho como agente higienico” (*A IMPRENSA*, 23/7/1881, p. 1). O texto fala sobre saúde, que uma taça de vinho é bom para a digestão e para saúde do corpo, principalmente do estômago. Deve-se tomar durante e após as refeições uma taça para auxiliar na digestão dos alimentos.

O jornal é um diário político de denúncia, já que relatou crimes, investigações mal feitas, a precária situação do exército após a Guerra do Paraguai, mas também tinha uma preocupação com a saúde das pessoas. Em alguns, o editor procurou escrever sobre como as famílias deveriam se comportar, apontando questões da convivência familiar. A instrução foi outro assunto que esteve em pauta e, em agosto de 1881, os artigos a esse respeito denunciavam extinção dos cargos de professores contratados da província, com

exceção das colônias. Na educação, as verbas não podem ser cortadas, como justificam os políticos liberais. Segundo a opinião do editor, “os paizes que buscão rápido progresso as aulas abundão mesmo nos mais afastados lugares, aqui nega-se o ensino a que o povo tem direito!” (A *IMPRENSA*, 4/8/1881, p. 1).

Desde muito tempo, a educação já é tema debatido na Província de São Pedro. Em 1829, foi proposta a abertura de vinte e oito cadeiras de primeiras letras; em 1835, seis aulas estavam funcionando, e quarenta aguardando serem criadas e, dessas, poucas foram concretizadas. Isso se deve “a falta de professores habilitados e a remuneração desencorajadora” (SOARES, 2007, p. 359). Por sua vez, em 1881, foi um ato da assembleia, que, segundo o texto, era representada pelo partido liberal. O jornal trouxe dados relevantes para esta discussão, que demonstram o impacto dessa medida para a Província:

Existem creadas na província 479 escolas, sendo 345 para o sexo masculino e 134(?) Para o feminino.

Estão providas 156 das primeiras e 131(?) das segundas, ao todo 287.

As aulas regidas por contracto erão 77 que deixão agora de funcionar em virtude da lei e às quaes devemos juntar 115(?) que estão vagas, o que prefaz o numero de 192 aulas sem professores.

É por conseguinte o ensino publico fornecido na província por 287 aulas e em geral mal collocadas⁵⁶ (A *IMPRENSA*, 4/8/1881, p. 1).

Após apresentar estes dados, o autor faz uma série de indagações sobre o futuro e o passado do ensino, aponta os diversos problemas enfrentados pelo estudantes da província, e aponta como sendo esta crise falta de vontade política. A justificativa da retirada dos professores contratados foi que eles não tinham habilitação para lecionar, não possuíam o ensino normal, porém o autor questiona por que contrataram professores que não estavam aptos para o ensino? Esta política deixou exercendo as funções os professores que estavam ensinando nas colônias. Outra indagação foi então se as crianças das colônias merecem estes professores sem formação?⁵⁷ (A *IMPRENSA*, 4/8/1881, p. 1).

⁵⁶ Pode haver um engano nos números publicados no jornal. Utilizou-se da soma e diminuição para se chegar em valores aproximados.

⁵⁷ Sobre a formação de professores, Catani (2000) tem um estudo interessante apresentando alguns autores que possuem abordagens diferentes para o assunto. Por sua vez, Nóvoa (1991)

O município mais afetado foi Cruz Alta, mas toda a região foi atingida, sendo fechadas as aulas públicas que, na sua maioria, possuíam professores contratados. A instrução é a base mais sólida do progresso e das liberdades públicas. Como um governo preocupado com a população pôde agir dessa forma com a comunidade? (*A IMPRENSA*, 6/8/1881, p. 1).

Com a criação da lei que proibia a contratação de professores sem formação comprovada, o governo deveria ter previsto essa situação, devido à falta de profissionais no mercado, e autorizado a realização de uma prova que medisse o conhecimento específico das matérias que os docentes iriam lecionar. Conforme Apelles lembra: “em outros tempos ninguém contratava a regência de uma cadeira sem que primeiro fizesse exame, e assim é que o pessoal contratado era mais ou **menos idôneo**” (*A IMPRENSA*, 6/8/1881, p. 1 grifos meus).

O autor admite que muitos professores não tinham condições de exercer a atividade. Na ocasião, o que precisava um professor era apenas apresentar um atestado; nem sua conduta moral⁵⁸ era investigada. Contudo, o que se questiona com esta lei foi que muitas escolas ficaram sem professores, prejudicando o ensino dos alunos. Entretanto, o autor reforça que muitos professores atendiam a contento as suas atividades e esta lei, além de deixar as pessoas sem serviço, nega ao aluno o direito de estudar. E mais, não se pensou em uma solução para o problema que viria com a legislação. A denúncia atinge a Escola Normal que, segundo o texto, não forma número significativo de professores por ser desorganizada (*A IMPRENSA*, 6/8/1881, p.1).

Seguindo, no dia 10 de agosto, o assunto da instrução pública, o professor Apelles analisa o projeto apresentado pelo diretor da Escola Normal para que, na província, tenham aulas mistas⁵⁹. Esse projeto foi vetado pela

buscou de forma geral trabalhar o a formação de professores, trazendo a história, desde a Antiguidade e Idade Média até chegar aos nossos dias.

⁵⁸ A conduta moral dos professores foi negligenciada pelo governo, devido à baixa remuneração oferecida aos docentes, por vezes quem possuía atributos morais não tinha interesse ao cargo devido ao baixo salário. E assim, para preencher as vagas abertas alguns maus comportamentos eram tolerados (TAMBARA, 1998, p. 45-46).

⁵⁹ As aulas mistas foram muito discutidas e geravam divergências de opiniões em âmbito nacional, sendo discutidas nas “‘Conferências Pedagógicas’ realizadas no Rio de Janeiro”. Na província o aumento das aulas mistas deu de forma gradual e conforme a inserção das professoras no ensino (TAMBARA, 1998, p. 48).

Câmara, devido à província não possuir verbas para os altos custos e aponta alguns fatores para que isso não pudesse acontecer naquele momento, como a falta de estrada, os baixos salários dos professores, a falta de estrutura (*A IMPRENSA*, 10/8/1881, p. 1).

Desde a fundação da Escola Normal, diversas mudanças acontecem na sua estrutura, com trocas na direção e as reformas do regulamento, fatos atribuídos à má gestão administrativa. Os mais prejudicados pelas reestruturações da Escola Normal são os professores públicos. Há algum tempo, o ensino obrigatório vem sendo proposto, sem que seus problemas sejam resolvidos, estando ele facultativo (*A IMPRENSA*, 10/8/1881, p. 1).

Conforme Tambara (1998, p. 43), “[...] a Escola Normal [...] desde o início, foi um foco de conflitos, tanto de cunho político como de cunho propriamente técnico”. E estas também são denúncias feitas pelo professor Apelles ainda no século XIX, nas páginas do seu jornal.

Novamente, o diretor da instrução pública apresentou o mesmo projeto, sem entender as dificuldades de implantação do ensino obrigatório. O mesmo cidadão propõe fechar algumas escolas e tornar outras, mistas. Por que, ao invés disso, não se propõe a melhoria do salário dos professores, oferece gratificação pelo grau de ensino, pelo tempo de trabalho, pela conduta e desempenho na profissão, pelo conhecimento, pela distância das localidades? “Nomeiem inspetores de cidades, vilas, freguesias e distritos com vencimentos para que melhor possam ocupar o cargo” (*A IMPRENSA*, 10/8/1881, p. 1).

Retirem a perseguição atroz que de annos se tem feito ao magisterio da província, porque se entende que os professores devem ser escravos submissos dos directores da instrucção, dos chefes de partidos, das camaras municipaes e dos juizes de paz!
Tudo isso porque entendem que os professores devem votar com elles e serem sempre transfugas de um e outro partido politico. [...]
Sejão escrupulosos e sinceros nos exames do curso normal, deixem para sempre o escandaloso patronato, que terão um magisterio digno de si e da provincia (*A IMPRENSA*, 10/8/1881, p. 1).

Com esta publicação do professor Apelles, pode-se entender as críticas feita à Escola Normal. A instituição era um conchavo político e servia aos partidos. E os problemas enfrentados pela Escola Normal seguem sendo

divulgados pelas páginas de *A Imprensa*, havendo boatos de que o ensino é muito fraco. Mesmo assim, Apelles elogia os professores, pois considera alguns “hábeis” (*A IMPRENSA*, 2/9/1881, p. 1).

Para Apelles, paira uma dúvida na Escola Normal: Será que existem muitas matérias, o que torna a aprendizagem muito difícil, ou são os professores que não cumprem com suas obrigações? Decerto que o primeiro ano é extremamente fácil, porém,

O 2º anno comprehende as seguintes disciplinas: portuguez, geometria, mechanica, historia universal, pedagogia, francez ou allemão e desenho.

Além disso estão os actuaes alunos, em consequencia do novo regulamento, obrigados(?) ao estudo de arithmetica e algebra, materias do 1º anno que vierão pesar sobre os alumnos do 2º (*A IMPRENSA*, 2/9/1881, p. 1).

O segundo ano, com a reforma, gerou uma sobrecarga aos alunos e aos professores, que precisam aligeirar-se para vencer o conteúdo. “O 3º anno comprehende pedagogia, direito natural, historia patria, e economia política, direito constitucional, cosmographia, historia natural, agricultura e desenho” (*A IMPRENSA*, 2/9/1881, p. 1). Apelles completa afirmando que a carga ao terceiro ano também está muito pesada e os alunos ainda precisam aprender o “francez, geometria, mechanica, etc em virtude do referido regulamento” (*A IMPRENSA*, 2/9/1881, p. 1).

O estudo para esta carga pesada de matérias prejudica o ensino e aprendizagem. Para o professor Apelles, este acúmulo de matérias também atropela a ordem natural do aprendizado, já que, para aprender alguns conteúdos, o aluno precisa da base de outros, como é o caso da aritmética, da geometria e da álgebra, que devem ser estudadas nessa ordem. Se faz necessário uma boa formação para que existam bons professores primários (*A IMPRENSA*, 2/9/1881, p. 1).

Seguindo uma tendência mundial, a profissionalização do magistério era necessária para responder a uma demanda do mercado econômico, que exigia uma mão de obra qualificada e para tanto, critérios baseados na “ciência pedagógica” (TAMBARA, 1998, p. 40). No entanto, o curso de formação de professores da Província não conseguia manter as disciplinas pedagógicas, aproximando-se muito do ensino das escolas técnicas (TAMBARA, 1998).

Sobre a formação de professores, Tambara (1998, p. 36) afirma “[...] a profissionalização da escola normal significou a consolidação do magistério primário como atividade de segundo nível”. Com a criação da Escola Normal, também houve a feminização do magistério. E, com isso, surgiu a ideia de que o magistério era uma função vocacional, “a junção de vocação com profissão” (TAMBARA, 1998, p. 41).

Contudo, o cientificismo da profissão e a feminização do magistério não foram alcançados de forma positiva, e esta ligação do feminino à vocação, levou a distorções.

Esta abertura ideológica, além de atender à demandas do processo produtivo, possui um caráter conservador subjacente que vai contaminar a atividade do magistério – é a ideia de que à mulher cabe o papel de educadora por sua própria natureza social e psíquica. [...] a profissão passou a ser vista como uma vocação, tanto quanto a mulher era vocacionada à maternidade [...] (TAMBARA, 1998, p. 42).

Esse discurso vocacional também tinha como objetivo referendar os baixos salários do magistério. A profissional feminina não contribuía anteriormente com a renda familiar. Estando inserida muitas vezes entre a burguesia, a profissão foi ligada a um complemento, quase um sacerdócio, que retificava os baixos salários (NÓVOA, 1991; TAMBARA, 1998).

Um leitor da cidade do Rio Grande escreve ao jornal em apoio às críticas efetuadas ao ensino na Província. Esse leitor aproveita a oportunidade e faz críticas duras ao sistema e à conduta de alguns professores. Ele afirma que:

O que entre nós se chama instrução publica, - é a capa de muitas vergonhas, de muita incuria e de muita in[ca]pacidade. Tu te referes, principalmente ao que se dá no interior da provincia e deixas de parte a capital, as cidades do Rio Grande e Pelotas e outras importantes povoações onde não existem senão simulacros de escolas. Ha professores que vendem os livros, que devem ser distribuidos aos alumnos pobres; outros, leccionão (?) de chapéo na cabeça e fumando charuto, outros, finalmente que se apresentam ebrios, aos alumnos, aquem devem ensinar moral e bons costumes, e que fazem dos alumnos de côr, criados de sua familia (A IMPRENSA, 11/9/1881, p. 1).

A acusação que esse leitor faz mostra uma realidade para o ensino da Província muito difícil de ser captada por outras fontes. O leitor manteve-se

anônimo, talvez devido ao rigoroso teor das suas acusações. Porém, denuncia a péssima qualidade dos professores aprovados para lecionar nas escolas. Muitos não sabiam nem sequer ler, não possuíam conduta adequada, trabalhando alcoolizados (*A IMPRENSA*, 11/9/1881, p. 1).

Outra questão levantada foi a variedade de livros que a todos os anos o governo substitui, sem que haja necessidade. Com isso, no próximo ano, não podem ser aproveitados. O leitor sugere que escolha o melhor compêndio e o mantenha por algum tempo (*A IMPRENSA*, 11/9/1881, p. 1).

Após descrever suas críticas, o leitor afirma que um professor contratado não terá interesse em ser avaliado na capital, realizando uma prova em que ele precisa arcar com as despesas de viagem, que talvez nem ao longo do ano de trabalho.

A assembléa resolveu supprimir as aulas que funcionavão por contrato [...] para reformar o ensino melhorando o pessoal docente; e pensão que isto se conseguirá desde que os pretendentes a uma das aulas até agora contratadas se queira dirigir à capital, para ali sujeitar se a exame perante a directoria geral da instrucção publica, etc. [...] os individuos que em lugares como Tahim e ilha de Turutama exercem o magisterio, tendo sido para isso contratados se sujeitarão a exame? E quererão ir a Porto Alegre, gastando o que não podem em viagens e demora ali, emolumentos etc. em fim, quase 200\$000 réis para depois de tudo isto, ser nomeado para um cargo que além de pouco ou nada garantido lhes renderá annualmente o que pouco mais ou menos despende para obter tal nomeação? (*A IMPRENSA*, 11/9/1881, p. 1).

O leitor ainda afirma que os contratados prestavam bons serviços, ensinavam a ler, escrever e contar, mas, pelos baixos salários, pessoas com maior formação não aceitariam o emprego. Os normalistas teriam maior conhecimento, mas são minoria. O leitor trouxe um exemplo do qual pode-se entender a situação precária de muitas localidades. No Tahim, onde a realidade da população é de extrema pobreza, cerca de quinze léguas da cidade do Rio Grande, sem comércio próximo, se o professor não for morador do vilarejo como vai-se manter com um salário de 50\$ réis por trinta dias (*A IMPRENSA*, 11/9/1881, p. 1).

Dessa forma, pode-se entender os diversos contextos do ensino na província, a precariedade das aulas públicas, e grande disparidade do interior e da capital. Mesmo que a instrução pública tenha problemas nas cidades

maiores, nada pode se comparar às localidades distantes, onde o professor normalista não chega. O governo consciente destes desafios, quando demite os professores contratados sem formação comprovada, mantém os professores da colônia, provavelmente por entender que outro não iria substituir aquele docente (*A IMPRENSA*, 11/9/1881, p. 1).

Em 15 de setembro de 1881, volta às páginas do jornal a pauta da instrução pública, relatando a sua precária situação na província, onde falta material básico para que as crianças estudem. A denúncia relata falta de livros de leitura, de papel para que as crianças possam escrever e número insuficiente de bancos para sentarem, o que afeta o aprendizado e o desempenho do professor. Um regulamento foi aprovado visando a diminuição de custos o que tornou o processo de compra de material muito burocrático e causando esta alta demanda por utensílios (*A IMPRENSA*, 15/9/1881, p. 1).

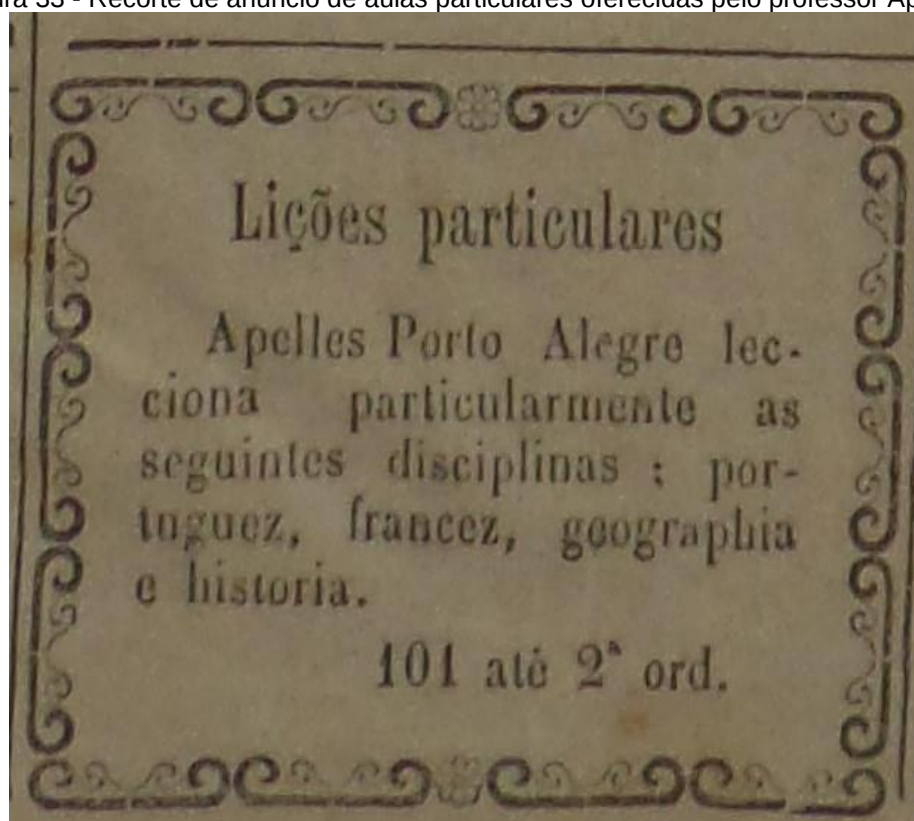
Bem temos dito que entre nós tudo conspira-se para que a instrução peore em vez de melhorar. Não bastava a supressão das cadeiras regidas por contrato que tantos clamores levantou e que não foram atendidos, era preciso que uma questão surgisse para que até o fornecimento de livros fosse demorado, com grave prejuízo do ensino público.
[...] o ensino público é um direito do povo garantido pela constituição do país; não lhe neguem pois esse direito (*A IMPRENSA*, 15/9/1881, p. 1).

As irregularidades no governo geravam um sucateamento na educação pública, afetando tanto o ensino como a aprendizagem. As denúncias nas páginas de *A Imprensa* apontam para um problema que ia além dos baixos salários, mas também a má formação dos professores e a falta de material nas escolas. No ano de 1882, uma notícia publicada no *Mercantil* é replicada no *A Imprensa*, sobre a redução dos salários dos professores públicos da Província. O editor ressalta “[...] que a assembleia, no caso de não poder aumentar os vencimentos dos professores, não deve diminuí-los; é preciso que o professor seja considerado de maneira que eleve-se, porque está isso nas conveniências do ensino” (*A IMPRENSA*, 21/5/1882, p. 1).

Durante toda a existência do jornal, o professor Apelles procurou trazer o tema da educação, mesmo que de forma menos explícita, quando escrevia sobre o comportamento, a formação do bom cidadão. A defesa à educação

também pode ser observada nos anúncios publicados em todas as edições, com propagandas de colégios, relatórios de aprovação e aulas particulares. Um exemplo foi o caso do Instituto Brasileiro, que publicava um demonstrativo contendo a matéria, o nome do aluno e como foi o seu desempenho, se aprovado, se com distinção ou se plenamente (*A IMPRENSA*, 17/12/1881, p. 1). Por sua vez, o Colégio União, onde o professor Apelles trabalhou, apenas demonstrava o número de alunos por disciplina e o seus desempenhos. Totalizou 655, mas isso não significa o número final de alunos e sim o total de aprovações somadas, um aluno poderia ser aprovado em diversas disciplinas (*A IMPRENSA*, 10/9/1881, p. 1). A seguir, um recorte do jornal *A Imprensa*, onde o professor Apelles oferece os seus serviços particulares como professor das disciplinas de português, francês, geografia e história. Ao longo das publicações, outros professores também oferecem seus serviços.

Figura 33 - Recorte de anúncio de aulas particulares oferecidas pelo professor Apelles.



Fonte: Jornal *A Imprensa* 21/5/1882.
Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Quadro 27 - Transcrição da figura 30

1-Lições Particulares
2-Apelles Porto Alegre lec-
3-ciona particularmente as
4-seguintes disciplinas: por-
5-tuguez, francez, geographia
6-e historia.
7-101 até 2ª ord.

Outro anúncio recorrente foi a oferta de venda do discurso proferido pelo professor Apelles em comemoração ao tricentenário de Luiz de Camões. O discurso foi realizado no dia 9 de junho de 1880 e depois impresso na tipografia de *A Imprensa* na Rua Andrade Neves, nº46, e disponibilizado à venda no valor de 500\$ (quinhentos réis). A publicação em formato de livreto possui dezenove páginas.

Inicialmente, Apelles ofereceu o texto a um amigo português, chamado Gaspar Guimarães, como demonstração de carinho e faz menção ao seu caráter, inteligência e a amizade de longa data. A seguir, dirige-se ao leitor e conta que, após pronunciar o discurso em homenagem a Camões, comprou a tipografia que originou a publicação do jornal *A Imprensa*. Apelles ainda afirma que, aconselhado a publicar o discurso, hesitou, à espera da promessa de uma publicação coletiva oferecida pela comissão das festas do tricentenário. Como essa publicação não se concretizou, resolveu atender às solicitações dos amigos (PORTO ALEGRE, 1881).

Ao iniciar o discurso, o professor Apelles, como é de seu costume, faz um apanhado histórico, neste caso, sobre a nação portuguesa, com seus feitos e conquistas de guerras, além das marítimas nos séculos XV e XVI. O professor Apelles buscou comparar Portugal ao Pigmeu e o mar, a Golias, uma luta desleal, onde Portugal foi o grande percursor e desbravador dos mares (PORTO ALEGRE, 1881).

Ao falar sobre Luís de Camões, Apelles aponta o seu grande talento como seu maior feito, o poema *Os Lusíadas*, que retratou as conquistas das navegações portuguesas. Em suas palavras, *Os Lusíadas* foi um:

[...] poema que consubstancia n'um mesmo crisol o genio de um talento privilegiado e a grandeza imperecível de uma nação, poema que é o espirito de uma nacionalidade vazada na prodigiosa

intelligencia de um homem, poema que é um ramalhete de floras civicas, harpa de melodias infindas, musa de inspirações sublimes, historia de verdades profundas, que o patriotismo de um genio transformou em bela corôa de louros [...] (PORTO ALEGRE, 1881, p.15).

Em seus discursos, Apelles procurava enaltecer a figura de seus homenageados, e dessa forma não apenas Camões foi exaltado, mas o poema épico escrito por ele, *Os Lusíadas*. Apesar de este discurso não ter sido publicado pelo jornal *A Imprensa*, ele foi editado pela tipografia do diário e os anúncios de sua venda foram uma publicação recorrente ao longo dos dias.

O jornal *A Imprensa* trouxe, ao longo das suas publicações, muitos anúncios de colégios de Porto Alegre, aulas particulares e, nas suas colunas, muitos temas, direta ou indiretamente, foram sendo tratados sobre educação, ensino, os costumes, a moral, numa tentativa de criar um perfil do bom cidadão. O jornal foi político também, denunciando as irregularidades cometidas na cidade, o descaso com os professores e os alunos.

Com o jornal *A Imprensa*, pode-se conhecer outro Apelles, o professor, o editor e escritor mais ativo nos debates da cidade, com opiniões fortes sem se deixar intimidar, como no caso da polêmica envolvendo a exposição Brasileira-Alemã, que repercutiu em jornais nacionais e teve o apoio até mesmo de alemães.

Ao longo de diversos textos utilizando o reconhecimento de sua pessoa, o periódico *A Imprensa* oportunizava que, por meio desse veículo de comunicação, Apelles ampliasse a sua atuação de intelectual mediador. Com uma linguagem polemista, erudita, buscava externar suas opiniões, versando sobre diversos temas da sua realidade, em muitos casos, as questões pertinentes ao ensino.

A concepção de intelectual mediador defendida por Gomes e Hansen (2016) envolve vários profissionais que atuam em muitas áreas do conhecimento. O que interessa é a transmissão do conhecimento, como o agente mobiliza as estruturas do conhecimento para atender à comunidade que estiver inserido. Nesta perspectiva, o professor, o jornalista e o escritor, como foi o caso de Apelles, tem grande relevância no seu papel de divulgador de uma ideia.

Como orador e professor, Apelles usou a palavra para mobilizar seus alunos e uma rede de amigos e conhecidos que frequentavam os saraus da Sociedade do Parthenon Literário. Como editor do jornal e escritor, Apelles pôde difundir seus textos e divulgar as ideias nas páginas da *A Imprensa*. O alcance do seu jornal, de suas aulas é algo difícil de dimensionar, mas provavelmente as suas palavras venceram barreiras, em um período em que o jornal circulava por meios ainda muito rudimentares, como as embarcações marítimas.

Em uma época em que se iniciavam as discussões sobre formação de professor, e com um baixo poder cultural da grande maioria da população, ser docente tinha um destaque na sociedade. A rede de amizade à qual pertenceu Apelles, a sua inserção em associações culturais e ao movimento republicano, assim como na educação, fazem do pesquisado um personagem singular.

Ao observar as edições do jornal *A Imprensa* podemos encontrar um Apelles mais político, envolvido com causas do dia-a-dia da cidade, como o desperdício de verbas governamentais mesmo existindo tantas demandas. Outro problema a ser denunciado foi a educação, com a falta de estrutura e de salários, além da orientação a conduta a ser tomada pelas famílias para que seus filhos se tornassem bons cidadãos. Todas estas questões somente foram encontradas nas páginas do jornal *A Imprensa*, são nestes textos que podemos perceber um Apelles mais polêmico, político, que denunciou as dificuldades do período. A seguir conclui-se este estudo, mesmo que muito ainda tenha a se entender sobre o professor Apelles.

5 Conclusão

O “sabor dos arquivos” apontado por Farge (2009) localiza-se na sala gelada de uma instituição que guarda os vestígios de um passado, do qual apenas podemos encontrar um fragmento. O passado propriamente dito, como ocorreu, é apenas uma pretensão, ele jamais poderá ser alcançado (LE GOFF, 2013).

A documentação encontrada sobre o passado é fundamental para se entender os acontecimentos vividos pela sociedade. A pesquisa em arquivos possui muitas limitações, às vezes de acesso às instituições, mas também no contato com o documento, a grafia e a ortografia. A transcrição pode ser um desafio para o pesquisador. Esse trabalho é árduo, ao mesmo tempo que prazeroso quando se consegue descobrir aquela palavra de difícil interpretação.

O arquivo pessoal do professor Apelles, contendo aproximadamente duzentos documentos, é formado pela documentação do dia a dia, correspondências recebidas, recibos de pagamentos, impostos, documentação do Colégio Rio-Grandense. Esses documentos inicialmente guardados pelo próprio indivíduo, conta uma história não apenas pessoal, mas também coletiva quando observado o cotidiano da época.

Nesta perspectiva, a preservação da documentação pessoal do professor Apelles permitiu que melhor conhecêssemos o indivíduo, ao analisar as cartas de seus familiares e alunos. Sua trajetória se torna mais humana. Estando de posse do arquivo pessoal do professor Apelles, era necessário uma busca na tentativa de esgotar as possibilidades de que outros documentos

pudessem ser consultados. E, para tanto, foi realizada uma pesquisa nos arquivos e bibliotecas da cidade de Porto Alegre e a documentação encontrada refere-se mais a sua profissão, como foi o caso do jornal *A Imprensa* e dos textos publicados na Revista do Parthenon Literário. Além desses documentos, ainda foram encontrados processos de inventários e testamentos, e outros documentos esparsos nas instituições, que completaram esta pesquisa.

O corpus documental encontrado enriqueceu a escrita deste trabalho e permitiu que pudéssemos conhecer várias fases do professor Apelles. O estudo sobre o indivíduo auxilia no entendimento da sociedade de forma geral, assim como as redes de sociabilidade formada pela família e pelos amigos que o circundam. Além das disputas e alianças que o tornam um ser único e permite entender a sua trajetória individual.

O papel de intelectual mediador atribuído a Apelles sustenta-se alicerçado na sua profissão de professor, diretor, escritor, jornalista, articulador. Como professor, Apelles formou um grande número de alunos, com os quais compartilhou o seu conhecimento, assim como nos textos publicados no jornal *A Imprensa* e da Revista do Parthenon Literário. O intelectual mediador procura modificar a comunidade em que atua, envolvendo-se com a política, a cultura ou a educação. Ao mesmo tempo que pode sofrer pressões e não receber reconhecimento do seu trabalho, esses indivíduos criam estratégias para divulgar o seu conhecimento.

Desta forma, os estudos sobre intelectuais mediadores vão ao encontro das pesquisas sobre trajetórias e, nesse caso, a trajetória individual do professor Apelles. Ao estudar uma trajetória individual, compreende-se também o coletivo, o contexto em que aquele indivíduo viveu, as suas escolhas e mesmo as tensões.

Neste sentido, a micro-história se faz uma boa ferramenta metodológica. A micro-história não é uma metodologia fácil de ser aplicada, exige do pesquisador muito esforço. Contudo, quando utilizada de forma satisfatória, traz visibilidade a indivíduos muitas vezes esquecidos ou incompreendidos pela História.

A metodologia prioriza um olhar aguçado para as fontes. Variando a escala, o pesquisador pode observar algo que em outros momentos não poderia se visualizar. A escrita detalhada, contextualizando questões que até então eram consideradas banais, quando reduzida a escala, “saltam” aos olhos.

Esse foi o caso do professor Apelles, um homem comum, para muitos, apenas uma nota de rodapé quando as pesquisas eram sobre os seus irmãos. Existiu uma desvalorização da sua imagem, ainda perpetuada em vida quando o jornal *A Federação* o reduzia ao irmão de Apolinário. Contudo, possivelmente, este desprestígio tenha sido atribuído ao ofício de professor, historicamente desvalorizado, pois Apelles não teve livros publicados e, por vezes, seus textos são atribuídos à autoria de Apolinário.

As fontes encontradas sobre o professor Apelles apontam para um homem dedicado ao ensino, como professor, fundador e diretor de colégio e da instrução pública, além de escritor, pois publicou artigos na Revista do Parthenon Literário, e ainda editor, como proprietário do jornal *A Imprensa*. Diante disso, entender o contexto em que nasceu, cresceu e viveu Apelles foi importante para compreender suas escolhas e atitudes. E, para isso, investigou-se a cidade de Porto Alegre, para onde o pesquisado mudou-se com sua família ainda na infância, no ano de 1859, aos nove anos.

A cidade de Porto Alegre tinha muitos problemas estruturais e de administração no Império, o que era denunciado na imprensa do período. Contudo, com o advento da República, as mudanças ocorreram muito lentamente. E a instabilidade política existente na Província contribuía para que as reformas necessárias não fossem realizadas e algumas ainda pioram com a Proclamação da República.

A educação na Província foi considerada precária e, por anos, insatisfatória. A Escola Normal na Província foi instalada em 1869. No entanto, muitas críticas foram dispensadas a seu ensino, currículo e dedicação dos professores. A falta de estrutura era a principal crítica, não apenas da Escola Normal, mas dos colégios de forma geral no interior da Província. Existia uma má formação dos professores, mas também faltava material adequada, falta de

espaço e instrumentos para o ensino, além da péssima remuneração. Entretanto, frente a todas estas críticas pode-se ver Apelles como sendo um professor dedicado ao seu ofício, atuando em várias escolas, como diretor no colégio Rio-Grandense, da Instrução Pública e da Escola Normal, examinador para os exames preparatórios e ainda ministrava aulas particulares.

A trajetória de professor que Apelles constituiu ao longo de sua existência iniciou muito jovem, aproximadamente aos vinte anos. Vindo de uma família diferenciada, para o período, sua história está vinculada à dos seus irmãos Lucio, Apolinário e Achylles. Ao longo de suas trajetórias, a influência de um e de outro é constante, tanto que ficaram conhecidos como os irmãos Porto Alegre.

O pai, Antônio José Gomes Porto Alegre, tinha intenções de um futuro de estudos para os seus filhos. Contudo, o seu falecimento prematuro não permitiu ver seus filhos formados. Deste modo nenhum dos irmãos Porto Alegre conseguiu concluir uma formação acadêmica, o que não desmereceu o seu futuro diante de livros e do conhecimento.

Apolinário foi professor, jornalista, escritor. Dos irmãos, pode ser considerado o mais ilustre. Teve papel importante no Movimento Republicano, foi perseguido e esteve exilado devido às dissidências políticas. E, por sua vez, Achylles foi militar, funcionário público, jornalista, professor, escritor. Achylles viveu 78 anos. Ao longo da sua vida, deixou uma publicação significativa de livros sobre a cidade de Porto Alegre e as suas memórias. Dos quatro irmãos, Lucio é do qual menos se sabe. Participou da fundação de algumas instituições culturais, mas as fontes sobre sua trajetória são muito escassas. Lucio, pelo que se sabe até o momento, diferente dos irmãos, não exerceu o magistério, nem atuou como jornalista ou escritor.

A Associação do Parthenon Literário foi um órgão de cuja fundação os quatro irmãos Porto Alegre participaram. Somente o Lucio não teve textos publicados, mas estava presente em reuniões e compôs a organização da revista. O Parthenon Literário foi criado em um momento de necessidade de organização cultural/literária na Província e a dedicação dos seus integrantes fez com que a instituição prosperasse, com a publicação de uma revista; a

constituição de uma importante biblioteca e um museu e a implementação de uma escola noturna. Os integrantes ainda encenavam peças de teatro, realizavam saraus literários e divulgavam os ideais republicanos e abolicionistas, alforriando escravizados.

A Revista do Parthenon Literário circulou de março de 1869 a setembro de 1879 e teve um papel importante na divulgação da literatura, da história e dos ideais reivindicados no período. Nas páginas da revista eram publicadas biografias, discussões históricas e filosóficas, romances, novelas, contos, crônicas, poemas, os discursos proferidos nos saraus, as atas de algumas reuniões e tudo que consideravam importante para circular naquele momento. Ainda hoje, a revista é muito estudada, pois nela se pode entender o pensamento do grupo e dos autores que assinam as publicações.

Outro grupo importante na formação de Apelles foi o do Movimento Republicano, que inicialmente constituía-se de encontros secretos. Foi um longo período de constituição em que os irmãos Porto Alegre estiveram envolvidos. Segundo Fortini (1953), o primeiro Club Republicano, denominado 20 de Setembro, foi criado no ano de 1868 e foi fundado pelos irmãos Apelles e Apolinário. O que chama atenção na fundação do Club 20 de Setembro é a idade de Apelles, que possuía dezoito anos. Desta forma, entende-se que ele, apoiado pelo seu irmão Apolinário, iniciou-se cedo no mundo da política, da educação e da cultura. A partir de 1868, foram sendo encerrados e criados outros Clubes. Outro fator importante para a constituição do Movimento foi a Convenção Republicana, a fundação do jornal *A Imprensa* (1880-1882), o primeiro periódico republicano, a criação Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e, no ano de 1884, o início da circulação do principal veículo de divulgação das ideias, o jornal *A Federação*.

Apesar de os irmãos Porto Alegre estarem à frente do Movimento Republicano na sua gênese, com a criação do Partido Republicano Rio-Grandense e a ascensão de Júlio de Castilhos, houve descontentamentos e cisões entre a ala mais antiga. Júlio de Castilhos governou de forma autoritária, com inspiração positivista, transformando o governo numa ditadura republicana e perseguindo seus adversários políticos.

A trajetória do professor Apelles pode ser contada através de suas profissões, como a docência, o jornalismo e a escrita, o que fica evidente com as fontes encontradas atualmente. O hábito de guardar os arquivos pessoais do dia a dia proporciona o que se encontra nesta pesquisa, a oportunidade de contar a trajetória de um indivíduo (COX, 2017). Sem a primeira iniciativa de guarda do professor Apelles, e depois da sua família mantendo esta documentação, talvez este estudo não fosse realizado.

O Colégio Rio-Grandense foi uma escola particular, onde as fontes apontam para a existência de um controle, e admiração dos seus alunos, mas também não deixam de reivindicar notas e castigos quando se achavam injustiçados. Apelles manteve o colégio por quase cinquenta anos. Até o momento, sabe-se que esteve localizado em dois endereços o primeiro na rua Duque de Caxias e o segundo, na rua Sarmento Leite.

E, ainda, atuou em muitos outros colégios como professor, formando com isso uma série de alunos que de alguma forma absorviam o seu conhecimento. Segundo alguns alunos relatam, Apelles foi um professor especial, que não obrigava a seguirem suas ideias, mas explicava a História, fato novo para a época. Apelles exerceu o ofício de professor até seus últimos dias de vida. O papel de intelectual mediador pode-se identificar ligado ao ofício da docência, já que foi com ela que Apelles se popularizou.

Apelles recebeu uma homenagem de seus alunos no ano de 1944, com a publicação de um livro (TORELLY; CARVALHO, 1944) e a inauguração de um monumento que foi erguido na Praça Conde de Porto Alegre de frente ao antigo prédio onde havia sido o Colégio Rio-Grandense. Esta estátua foi retirada do local e, atualmente, não se tem notícias do seu paradeiro.

Apelles, além da docência, teve uma importante participação na fundação de várias instituições e principalmente do Parthenon Literário, onde dá-se a ele destaque diante de um grupo formado por intelectuais de reconhecimento ainda na sua contemporaneidade. Na revista do Parthenon Literário, Apelles teve vinte e nove textos publicados, sendo o quinto autor com mais publicações na revista (HESSEL et al, 1979). Entre sua publicações estiveram contos, crônicas, discursos, novelas, poemas e parecer histórico.

Apelles também compôs a diretoria da associação, atuando como orador e na comissão da redação da revista.

No jornal *A Imprensa*, pode-se observar um indivíduo com a escrita mais contundente, posicionado diante das muitas discussões envolvendo a educação, a política e a comunidade de modo geral. Nas páginas do periódico, surgiram muitas denúncias contra a postura do governo imperial, como o descaso com a educação, a destinação de verbas para a exposição brasileira-alemã, mas também orientação para os leitores de melhores hábitos de saúde e como as famílias deveriam manter a harmonia do lar para que seus filhos fossem bons cidadãos no futuro.

Esta pesquisa não busca encerrar os estudos sobre o professor Apelles. Ao contrário, no seu arquivo, aqui apresentado, ainda podem ser encontradas várias versões do pesquisado. Com este trabalho, apenas se teve a pretensão de, com os “óculos” da micro-história e a união das fontes encontradas, apresentar um indivíduo dedicado à família, à educação e aos ideários republicanos.

Fontes de Pesquisa

ARCADIA: Jornal Litterario, n. 15, 3ª serie, 15 fev. 1869, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/809365/per809365_1869_00015.pdf
Acessado em: 02/03/2021.

CARVALHO, Baptista de; CARVALHO, Maria Adelaide de. Colégio União. **A IMPRENSA**, Porto Alegre, 6 jul. 1881, p. 3.

CASTRO, Antonio Rodrigues de. **Amigo e Senhor. Apelles Porto Alegre**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. Taquary, 27 ago. 1916. Carta. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

CASTRO, [?] Leite. **Ilustríssimo Apelles Porto Alegre**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. 31 out. 1988. Carta. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

CONVENÇÃO REPUBLICANA. Porto Alegre: Typographia de Gundlach & Comp. 23 fev. 1882. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

DIAS, José Francisco. **Ilustríssimo Senhor Apelles Porto Alegre**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. Porto Alegre, 16 nov. 1887. Carta. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

FEDERAÇÃO [A], Conferencia republicana. 21 set. 1886, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=apelles&pqfis>
Acessado em: 26 ago. 2020.

FEDERAÇÃO [A], Para esmagar. 15 set. 1899, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=apelles&pqfis>
Acessado em: 26 ago. 2020.

FEDERAÇÃO [A], Jornalzinho. 22 set. 1899, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=apelles&pqfis>
Acessado em: 26 ago. 2020.

FOGAÇA(?), Epifanio. **Ilustre cidadão Apelles Porto Alegre**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. São Leopoldo, 9 jul. 1895. Carta. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

GUIMARÃES, Antonio José Vieira. **Ilustríssimo Senhor Apeeles Porto Alegre**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. 4 nov. 1895. Bilhete. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

Imprensa [A], [C]ollegio União. Porto Alegre, ano 2, n 147, 5 jul. 1881. Anuncios, p. 3. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Imprensa [A]. Porto Alegre, ano 2, n 148, 6 jul. 1881. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Seção Scientifica. Porto Alegre, ano 2, n 149, 7 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Exposição Brasileira Allemã. Porto Alegre, ano 2, n 150, 8 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Exposição brasileira-alemã. Porto Alegre, ano 2, n 151, 10 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A]. Porto Alegre, ano 2, n 152, 12 jul. 1881. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Carta. Porto Alegre, ano 2, n 155, 14 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Seção Scientifica. Porto Alegre, ano 2, n 157, 16 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Seção Scientifica. Porto Alegre, ano 2, n 159, 19 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Vapor Estrella. Porto Alegre, ano 2, n 160, 20 jul. 1881. Noticiario, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Hygiene: O vinho como agente hygienico. Porto Alegre, ano 2, n 163, 23 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Exposição brasileira-alemã V. Porto Alegre, ano 2, n 165, 25 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Exposição brasileira-alemã VI. Porto Alegre, ano 2, n 168, 29 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Porto Alegre, ano 2, n 169, 30 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Porto Alegre, ano 2, n 170, 31 jul. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A] Exposição brasileira-alemã VII. Porto Alegre, ano 2, n 172, 3 ago. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A]. Porto Alegre, ano 2, n 173, 4 ago. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Instrução publica. Porto Alegre, ano 2, n 175, 6 ago. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Instrução publica. Porto Alegre, ano 2, n 178, 10 ago. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Ao Publico. Porto Alegre, ano 2, n 185, 19 ago. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Exposição brasileira-alemã. Porto Alegre, ano 2, n 189, 24 ago. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Ainda a exposição. Porto Alegre, ano 2, n 192, 27 ago. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Variedade: Pai, Mãe e Filhos. Porto Alegre, ano 2, n 194, 30 ago. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Ensino normal. Porto Alegre, ano 2, n 197, 2 set. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Variedade: A mãe de família. Porto Alegre, ano 2, n 199, 4 set. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Collegio Souza Lobo. Porto Alegre, ano 2, n 202, 10 set. 1881, p. 3. Annuncios. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Collaboração. Porto Alegre, ano 2, n 203, 11 set. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Fornecimento de livros. Porto Alegre, ano 2, n 206, 15 set. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Exposição brasileira-alemã. Porto Alegre, ano 2, n 222, 4 out. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Porto Alegre, ano 2, n 270, 1 dez. 1881. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Exposição brasileira-alemã. Porto Alegre, ano 2, n 281, 16 dez. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Porto Alegre, ano 2, n 282, 17 dez. 1881. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

Imprensa [A], Porto Alegre, ano 3, n 73, 21 mai. 1882, p. 1. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

JORGE, [ILEGÍVEL]. Ilustríssimo Senhor Apelles Porto Alegre. Destinatário: Apelles Porto Alegre. Lago[a] Vermelha, 7 jan. 1890. Carta. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

JOSIMA. Cartas publicas á redacção da Imprensa III. **A Imprensa**, Porto Alegre, ano 2, n 182, 14 ago. 1881, p. 1. Acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

KRAEMER, C. Phantasia – Á Apelles Porto Alegre. **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia do Constitucional, ano 2, n. 8, 2ª Série p.361-363, ago. 1873. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

MAGALHÃES. Manoel José Martins. Amigo e S[enho]r Apelles. Destinatário: Apelles Porto Alegre. [18--?]. Bilhete. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

MAIA, João. Achylles Porto Alegre. **Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Typographia do Centro, ano 6, I e II Trimestres, p. 4-8, 1926. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihrgs/article/view/108611/58914>. Acessada em: 30 out. 2021.

PEDRO, [?]. **Cidadão Appelles**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. 22 maio 1890. Bilhete. (Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre).

PILLA, Raul. **Palavras de um Professor**: discursos e escritos. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

PORTO ALEGRE, Achylles. **Palavras ao Vento**: Chronicas. Porto Alegre: Livraria Selbach de J. R. da Fonseca & CIA., 1925.

PÔRTO ALEGRE, Alvaro. **Apolinário Pôrto Alegre**. Pôrto Alegre: Editora Thurmman, 1954.

PORTO ALEGRE, Amélia. **Minha querida mamãe**. Destinatário: Ernestina Souza Franco. São Jeronimo, [192?]. Carta enviando notícias. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

PORTO ALEGRE, Amelia. **Minha querida mamãe**. Destinatário: Ernestina Souza Franco. São Jeronimo, 9 mai. 1924. Carta relatando a chegada de outra

professora e reclamando da demora da sua transferência de São Gerônimo. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

PORTO ALEGRE, Amelia. **Minha querida mamãe**. Destinatário: Ernestina Souza Franco. São Jerônimo, 25 fev. 1929. Carta relatando as despedidas e novidades do Grupo Escolar. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

PORTO ALEGRE, Amelia. O agradecimento de D^a Amelia Porto Alegre. In: TORELLY, Tilly Pinto; CARVALHO, Adel (org.). **Á memória do professor Apeles Porto-Alegre**: Homenagem promovida por seus admiradores e antigos alunos. Porto Alegre, 1944, p. s/n.

PORTO ALEGRE, Apelles. Recordações. **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia do Jornal do Commercio, ano 1, n. 8, p.8-10, ago. 1869a. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. A Aurora. **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia do Jornal do Commercio, ano 1, n. 9, p. 26, nov. 1869b. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Tancredo. **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia da Reforma, n. 2, 2^a série p. 9-13, ago. 1872a. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Tancredo. **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia da Reforma, n. 3, 2^a série p.22-26, set. 1872b. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Tancredo. **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia da Reforma, n. 4, 2^a série p.26-31, out. 1872c. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Tancredo. **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia do Constitucional, n. 5, 2^a série p.30-40, nov. 1872d. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Phantasia. **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia do Constitucional, ano 2, n. 7, 2ª Série p. 281-284, jul. 1873a. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Georgina (romance). **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia do Constitucional, ano 2, n. 9, 2ª Série p. 403-412, set. 1873b. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Georgina (romance). **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia do Constitucional, ano 2, n. 10, 2ª Série, p.429-440, out. 1873c. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Georgina (romance). **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia do Constitucional, ano 2, n. 11, 2ª Série, p.493-501, nov. 1873d. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Georgina (romance). **Revista Mensal da Sociedade Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Typographia do Constitucional, ano 2, n. 12, 2ª Série, p.512-519, dez. 1873e. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Georgina (romance). **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 3, n. 1, p.566-579, jan. 1874a. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Georgina (romance). **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 3, n. 2, p.637-642, fev. 1874b. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Georgina (romance). **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 3, p.700-703, abr. 1874c. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Parecer: Sobre a These Historica – A invasão Paraguaya na Província – É justificável? **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 3, p.755-761, mai. 1874d. Disponível em:

<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Discurso: Pronunciado no 17º sarão do Parthenon Litterario pelo Sr. Apelles Porto Alehre – Ensino Livre. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 4, p. 72-82, fev. 1875a. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Discurso: Pronunciado pelo Sr. Apelles Porto Alegre na 7ª sessão anniversaria do Parthenon Litterario. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 4, p. 235-242, jun. 1875b. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Discurso: Pronunciado pelo Sr. Apelles Porto Alegre no funeral do Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 4, n. 2, p. 79-81, ago. 1875c. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Therezina – À Caio Graccho. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 4, n. 4, p. 146-150, out. 1875d. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Em vão. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 4, n. 5, p. 232, nov. 1875e. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Discurso proferido no funeral de João da Cunha Lobo Barreto pelo 2º orador do Parthenon Litterario Apelles Porto Alegre. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 4, n. 6, p. 258-260, dez. 1875f. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Ignez. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 5, n. 1, p. 31-37, jan. 1876a. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Poesia. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 5, n. 2, p. 95-96, fev. 1876b. Disponível em:

<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Discurso: Pronunciado pelo 2º orador do Parthenon Litterario o Sr. Apelles Porto Alegre na sessão funebre em memória do Dr. Caldre e Fião. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 5, n. 4, p. 150-152, abr. 1876c. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Folha Solta – fragmento. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 5, n. 4, p. 164-166, abr. 1876d. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Chronica. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 1, n. 1, 3ª série, p. 22-24, 15 ago. 1877a. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Chronica. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 1, n. 2, 3ª série, p. 47-48, 30 ago. 1877b. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Tribuna do Parthenon: Discurso pronunciado pelo 2º orador Apelles Porto Alegre na sessão magna de 18 de junho de 1876. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 1, n. 1, 3ª série, p. 18-21, 15 ago. 1877c. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. Tribuna do Parthenon: Discurso pronunciado pelo 2º orador Apelles Porto Alegre na sessão magna de 18 de junho de 1876. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 1, n. 2, 3ª série, p. 33-43, 30 ago. 1877d. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

PORTO ALEGRE, Apelles. **Centenario de Camões**: Discurso pronunciado em 9 de Julho de 1880 na festa comemorativa do tricentenário do grande epico portuguez Luiz de Camões pelo Segundo orador do Parthenon Litterario Apelles Porto Alegre. Porto Alegre: Typ. da Imprensa 1881.

PORTO ALEGRE, Apelles. Ao publico. **Imprensa [A]**, Porto Alegre, ano 3, n. 52, 5 mar. 1882, p. 1. Acervo do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE, Apelles. Ao publico. **Imprensa [A]**, Porto Alegre, ano 3, n 74, 25 mai. 1882, p. 1. Acervo do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE, Apollinario. Instituto Brasileiro. **A Federação**, Porto Alegre, 1 jan. 1885, p. 4. Biblioteca Nacional digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=apelles&p=agfis> Acesso em: 26 ago. 2020.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens Ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Erus, [19--].

PROGRAMMA DOS ESTUDOS E REGULAMENTOS DO COLÉGIO RIO-GRANDENSE. Apelles Porto Alegre. Porto Alegre: Typographia da Agencia Litteraria, 1892. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

RAMOS, Antonio. **Ilustríssimo Senhor Apelles Porto Alegre**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. 4 abr. 1890. Bilhete. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

REIS, Angelina Maria dos; PEDRÓZA, Maria dos Santos. **Ilustríssimo Senhor Apelles Porto Alegre**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. 3 abr. 1897. Carta. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

RELATÓRIO, apresentado ao sr. Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros – Presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo Dr. João Abbott – Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior em 30 de agosto de 1900. Porto Alegre: Officinas Typographicas da Livraria Americana, 1900.

RELATÓRIO, apresentado ao sr. Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros – Presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo Dr. João Abbott – Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior em 31 de agosto de 1904. Porto Alegre: Officinas Typographicas de Emilio Wikdemaxx & Filhos, 1904.

RELATÓRIO, apresentado ao sr. Dr. Carlos Barbosa Gonçalves – Presidente do Estado do Rio Grande do Sul pelo Dr. Protasio Alves – Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior em 8 de setembro de 1909. Porto Alegre: Officina Typographica da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909.

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE PARTHENON LITTERARIO. Porto Alegre: Typ. do Jornal do Commercio, ano 1, n. 1, mar. 1869. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

REVISTA DO PARTHENON LITTERARIO. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 4, n. 1, Jan. 1875. Disponível em:

<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Chronica – 1901. **Almanak Litterario e Estatístico**, Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre: Editores – Pintos & C. Successores de Carlos Pinto & C. Succs., 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=829447&pagfis=4845>. Acessado em 10 jun. 2022.

SILVA, Diamantina. **Ilustríssimo Senhor Appelles Porto Alegre**. Destinatário: Apelles Porto Alegre. Porto Alegre, 8 jan. 1905. Carta. Arquivo pessoal Apelles Porto Alegre.

VILLEROY, Frederico E. E de. Tribuna do Parthenon – Missão da Mulher: Prelecção pelo socio Frederico E. E. de Villeroy no sarão de 14 de agosto. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 1, n. 3, 3ª série, p. 51-57, 15 set. 1877a. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

TORELLY, Tilly Pinto; CARVALHO, Adel (org.). **Á memória do professor Apeles Porto-Alegre**: Homenagem promovida por seus admiradores e antigos alunos. Porto Alegre, 1944.

VILLEROY, Frederico E. E de. Tribuna do Parthenon – Missão da Mulher: Prelecção pelo socio Frederico E. E. de Villeroy, no sarão de 14 de agosto. **Revista do Parthenon Litterario**. Porto Alegre: Imprensa Litteraria, ano 1, n. 4, 3ª série, p. 75-85, 30 set. 1877b. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/revistas.html#1874>. Acessada em: 5 abr. 2019.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Alguém sabe quem foi Zilah Mattos Totta? In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (Orgs.). **Invenções de Vidas, Compreensão de Itinerários e Alternativas de Formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p.45-82.

AGUIAR, Laísa Teixeira de. **A poesia de Apolinário José Gomes Porto Alegre**: recuperação e estabelecimento de texto. Orientadora: Maria Eunice Moreira. Coorientadora Alice Therezinha Campos Moreira. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <http://meriva.pucrs.br:8080/dspace/handle/10923/4004> acessado em: 28 out. 2017.

ALVES, Jéssica Santana de Assis. Possibilidades no estudo de indivíduos: a micro-história como aparato para analisar trajetórias. **Temporalidades** – Revista de História, Edição 29, v. 11, n. 2, p. 31-49, jan/abr, 2019.

ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. São Paulo: Círculo do Livro, c1980.

ANTONIOELLI, Juliano Francesco. **“Através do Passado”: crônica, biografia e memória na série pedagógica de Achylles Porto Alegre (1916-1920)**. Orientadora: Maria Cristina de Matos Rodrigues. 2011. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

ARAUJO, Naira Hofmeister de. **Estudo sobre a vida e a obra de Apolinário Porto Alegre**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ARRIADA, Eduardo; COSTA, Camila Gamino da. Desnudando o Século XIX: Escola Normal, Feminização e Sexualidade. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (Org.). Pelotas: Ed. da Universidade UFPel, 2009, p. 31-57.

ARRIADA, Eduardo. **A Educação Secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: a desoficialização do ensino público**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar Antonio Callegato; TEIXEIRA, Vanessa Barrozo. CEDOC e CEIHE: espaços de preservação da memória escolar. **História da Educação**, Santa Maria, v. 19, n. 47, p. 313-317, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/kxZZBSfb4M3G3YnLmp5BbSF/?lang=pt> Acessado em: 21 out. 2022.

BARBOSA, Marco Aurélio Gomes; OTT, Ernani. **A origem da contabilidade no Rio Grande do Sul: primeiras evidências, fortalecimento e consolidação**. Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/5516/A%20Origem%20da%20Contabilidade%20no%20Rio%20Grande%20do%20Sul%20primeiras%20evid%C3%A2ncias,%20fortalecimento%20e%20consolida%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1>. Acessado em: 28 out. 2017.

BARCELLOS, Claudete. Apeles Porto Alegre e Luciana de Abreu são lembrados: duas mostras do Memorial da Câmara homenageiam os escritores e professores do século XIX. **Camarapoa**. 18 jul. de 2017. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/apelles-porto-alegre-e-luciana-de-abreu-sao-lembrados>. Acessado em: 25/07/2022.

BARROS, José D' Assunção. Sobre a feitura da Micro-Hitória. **OPSIS**, v. 7, n. 9, p.167-185, jul./dez. 2007.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul 1868 a 1880**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BECKER, Gisele. **Uma História Polifônica: Mulheres e laços de família em Porto Alegre (1858-1908)**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BERTUSSI, Lisana Teresinha. **Regionalismo e Romantismo no Rio Grande do Sul**. 1991. Tese (doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de Paleografia e de Diplomática**. 3. ed. rev. ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

BOBBIO, Norberto. Teoria das Elites. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992, p. 385-391.

BOEIRA, Luciana Fernandes. **Entre História e Literatura: a Formação do Panteão Rio-Grandense e os Primórdios da Escrita da História do Rio Grande do Sul no século XIX**. Orientador: Temístocles Cezar. 2009. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAMPOS, Antonio Evaristo Zanchin de. **De Andarilho a Herói dos Pampas: História e Literatura na criação do gaúcho herói**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2008.

CATANI, Denice Barbara. Estudos de História da Profissão Docente. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA,

Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 585-600.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

COELHO, Rivadavia. A imprensa de Pôrto Alegre, durante o século XIX, no Serviço de Arquivo Histórico do Estado. **Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia**: comemorativo ao bi-centenário da colonização de Pôrto Alegre. Edição da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. 2 vol. Porto Alegre: Of. Gráf. Da Livraria do Globo – Barcellos, Bertaso & Cia, 1940.

CORRÊA, Viriato. **Cazuza**. 37ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1992. Disponível em: <https://lelivros.love/book/download-cazuza-viriato-correa-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 28 nov. 2020.

COX, Richard Jr. **Arquivos pessoais**: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Motivos pessoais e espaço de pesquisa. Ensaio de uma biografia de pesquisadora. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna (Org.). **A nova aventura (auto)biográfica**: [Recurso eletrônico] Tomo II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018, p.137-200. ISBN 978-85-397-1103-1. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs> Acessado em: 26 fev. 2020.

DOSSE, François. **O desafio Biográfico**: Escrever uma vida. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2015.

ESPADA LIMA, Henrique. **A micro-história italiana**: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ESPADA LIMA, Henrique. Micro-História. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 207-223.

ESPIG, Márcia Janete. “Uma poeira de acontecimentos minúsculos”: algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história. **História Unisinos**. v. 10, n. 2, p. 201-213, maio/ago, 2006.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERRER, Francisca Carla Santos. Ao “Rés-do chão”: Análise das crônicas de Aquiles Porto Alegre. **Periódico Científico Outras Palavras**. v.11, n.1, p.46-51, jun. 2015.

FORTINI, Archymedes. **Revivendo o Passado**: novos fatos da vida gaúcha sob vários aspectos antigos. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1953.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre**: guia histórico. 2. ed. Ampl. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

FRETTA, Cristiano. Em busca de Apolinário Porto Alegre (Parte II). **Matinal**. Porto Alegre, 29 out. 2020. Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/ensaio-parentese/em-busca-de-apolinario-porto-alegre-parte-ii/> Acessado em: 26 jun. 2022.

FUÃO, Juarez José Rodrigues. **Monumento-túmulo ao General Bento Gonçalves da Silva**: da fundação à materialização do mito da sociedade sul-rio-grandense. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

FUÃO, Juarez José Rodrigues. **A construção da memória**: os monumentos a Bento Gonçalves e José Artigas. 2009. 376f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

GARDINER, Patrick. Comte (1798-1857). In: **Teorias da História**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. Micro-História: duas ou três coisas que sei a respeito. In: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 249-279.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Apresentação – Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

GOMES, Angela de Castro. O lugar dos “Intelectuais mediadores”: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de

Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020. ISSN: 2674-5917.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De Rio-Grandense a Gaúcho: O triunfo do avesso um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

HESSEL, Lothar F *et al.* **O Partenon literário e sua obra**. Porto Alegre: Edições FLAMA/SEC/RS, 1976.

HOBBS, Catherine. O caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre o valor dos documentos de indivíduos. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, p. 261-274.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis Augusto. **Micro história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: OIKOS, 2015. p. 32-52.

KRAEMER NETO. **Nos tempos da velha escola...** Porto Alegre: Editora Sulina, 1969.

LAZZARI, Alexandre. **Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LEAL, Elisabete. O positivismo comtiano e os prazeres da dedicação feminina. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; LEAL, Elisabete. **Revisitando o Positivismo**. Canoas: Editora La Salle, 1998. p. 149-157.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 77-102.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter (org.). **Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.133-161.

LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a Micro-História. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (org.).

Ensaio de micro-história: trajetória e imigração. São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2016, p. 18-31.

LEVI, Giovanni. O pequeno, o grande e o pequeno: Entrevista com Giovanni Levi. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n. 74, p. 157-182, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LORIGA, Sabrina. **O pequeno X:** da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassannezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006, p.111-153.

LUCHESI, Terciane Ângela. Modos de Fazer História da Educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. **História Educação** [Online], Porto Alegre, v.18, n.43, p.145-161, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v18n43/09.pdf>. Acessado em: 18 set. 2015.

MACEDO, Francisco Riopardense; XAVIER, Paulo; LEITE, Thiago R. Sarmiento. Bases do critério para seu estudo. HESSEL, Lothar F *et al.* In: **O Partenon literário e sua obra**. Porto Alegre: Edições FLAMA/SEC/RS, 1976. p. 17-18.

MARLETTI, Carlo. Intelectuais. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992, p. 637-640.

MARTINI, Cyro. **A cidade risonha de Aquiles Porto Alegre**: Porto Alegre séc. XIX. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARTINS, Cyro. **Um menino vai para o Colégio**. 9. ed. Porto Alegre: CELP Cyro Martins: CORAG, 2008.

MAUCH, Claudia. Saneamento moral em Porto Alegre na década de 1890. MAUCH, Claudia [et. al.]. **Porto Alegre na virada do século 19:** cultura e sociedade. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. UNISINOS, 1994, p. 9-24.

MEEHAN, Jennifer. Novas considerações sobre a ordem original e documentos pessoais. *In*: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, p. 305-327.

MELCHIORS, Joel Luís. **Um novo olhar sobre as centralidades: a escola e os alunos no Colégio Paula Soares**. 2014. 34f. Monografia (Licenciatura em Geografia) Faculdade de Educação Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115410/000963839.pdf?sequence=1> acessado em: 7/7/2022.

MENEZ, Alexsandro R. **O “Inolvidável Polígrafo”: Regionalismo Literário Gaúcho e Nacionalismo Brasileiro em Apolinário Porto Alegre (1869-1879)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MENEZ, Alexsandro R. **Apolinário Porto Alegre e os partenonistas: Lendo os letrados do século XIX**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

MOREIRA, Maria Eunice. **Apolinário Porto Alegre**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.

MOREIRA, Maria Eunice. Narrando a História. MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Narradores do Partenon Literário**. Porto Alegre: IEL: Corag, 2002, p. 9-14.

NÓVOA, Antonio. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria & Educação** – Dossiê: Interpretando o trabalho docente, Porto Alegre, Pannonica Editora, n. 4, p. 109-139, 1991.

OSORIO, Joaquim Luis. **Partidos Políticos no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1930.

OTT, Ernani; BARBOSA, Marco Aurélio Gomes. Uma contribuição à historiografia do ensino contábil no estado do Rio Grande do Sul. **REPeC - Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, Edição Especial, art. 4, Brasília, v. 5, p. 77-99, set/dez, 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/4416/441642772005/>. Acessado em: 28 out. 2017.

PAUST, Maria Bernadete M. **O Gaúcho Platino – contexto histórico e ficcional**. 1997. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana) – Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1997.

PERES, Eliane Teresinha. **Templo de luz: os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1925)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PERIN, Henrique. **Roque Callage e os esquecidos d'a cidade: a exclusão social em Porto Alegre através do olhar de um cronista (1925-1930)**. Orientadora: Luciana Murari. Porto Alegre, 2017. Dissertação (Mestrado em História). Escola de Humanidades. Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. 2017. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7652>. Acessado em: 28 out. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (org.). **República Velha (1889-1930)**. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, v. 3, tomo 2, p. 163-227, 2007.

PEZAT, Paulo Ricardo. Leituras e Interpretações de Auguste Comte. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (org.). **República Velha (1889-1930)**. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, v. 3, tomo 2, 2007a, p. 29-78.

PEZAT, Paulo Ricardo. O positivismo religioso no Brasil: apóstolos, confrades e simpatizantes. In: TRINDADE, Hégio (org.). **O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte**. 2 ed. ampl. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Brasília, UNESCO, 2007b, p. 271-312.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. **Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago, 2006.

PIVA, Mairim Linck. A Sociedade Partenon Literário e sua Revista. MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Narradores do Partenon Literário**. Porto Alegre: IEL: Corag, 2002, p. 17-25.

POMPÉIA, Raul. **O ateneu**. 17. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. *In*: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escala**: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-38.

RIBEIRO, Celia. **Fernando Gomes um mestre no século XIX**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

RIBEIRO, Demétrio. O Republicanismo Gaúcho. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: p.195-204, II trimestre de 1943.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Circe Mary Silva da. Noções de Geometria Prática de Vasco de Araujo e Silva. **VIDYA**, Santa Maria, v. 39, n. 2, p. 477-493, jul./dez., 2019. Disponível: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/207311/NO%c3%87%c3%95ES%20DE%20GEOMETRIA%20PR%c3%81TICA%20DE%20VASCO%20DE%20ARAUJO%20E%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 05 jan. 2022.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX**. Orientador: Benito Bisso Schmidt. 2008. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.259-278.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In*: RÉNOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.231-270.

SOARES, Mozart Pereira. O positivismo no Rio Grande do Sul. *In*: TRINDADE, Hélio (org.). **O positivismo**: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte. 2. ed. ampl. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Brasília, UNESCO, 2007, p. 357-389.

SPADONI, Luis Zildo. Casa Branca. MORAES, Nilo da Silva. **Almanaque Cultural Brasileiro**, 14 out. 2016. Disponível em: <https://almanaquenilomoraes.blogspot.com/2016/10/casa-branca.html>. Acessado em: 29 fev. 2020.

SPALDING, Walter. **Pequena História de Pôrto Alegre**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1967.

TAMBARA, Elomar. **Positivismo e Educação**: a Educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1995.

TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal, e feminilização: Magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas: p. 35-57, abr. 1998.

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. Charla sobre o entrelaço de idéias pedagógicas no Rio Grande do Sul – Século XIX. **Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**, 22, 2016, Bagé. Anais de 22º Encontro da ASPHE. Bagé: UNIPAMPA, 2016, p.461-478.

TILL, Rodrigues. **Monumentos de Porto Alegre**: ensaio histórico e crítico. Fotografias de Raquel Pacheco Till. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

TORRES, Luiz Henrique. A GUERRA DO PARAGUAI NO ARCÁDIA. **Historiæ**, Rio Grande, 5 (1): 296-304, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?start=10&q=apelles+porto+alegre&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acessado em: 28 out. 2017.

WEIZENMANN, Tiago. **“Sou, como sabem...”**: Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864-1890). 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2524>. Acessado em: 24 abr. 2022.

WOLOSKI, Aline Rullian Germann. **A Academia Rio-Grandense de Letras: gênese e trajetória de um sistema literário**. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

ZICMAN, Renée. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, v.4, p.89-102, jun. 1985.

Apêndice

Apêndice A – Quadro com a descrição dos exemplares do jornal *A Imprensa* disponíveis no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul de 6 de julho de 1881 à 25 de maio de 1882. Do número 1 ao 183 os jornais pertencem a coleção do Museu da Comunicação José Hipólito da Costa. A partir do número 184 até o 191 os exemplares pertencem ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Quant.	Data	Dia da semana	Número	1ª página	2ª página	3ª página	4ª página	Valor
1	6 de julho de 1881	Quarta-feira	148	-Editorial (A exposição brasileira-alemã II) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Edital -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
2	7 de julho de 1881	Quinta-feira	149	-Editorial (Seção científica) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Parte Judiciaria -A pedido -Comercio -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
3	8 de julho de 1881	Sexta-feira	150	-Editorial (A exposição brasileira-alemã II) -Comunicado -Notícias da corte	-Noticiários -A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
4	9 de julho de 1881	Sábado	151	-Editorial (Ainda Antonio Cezar) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiários -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
5	10 de julho de 1881	Domingo	152	-Editorial (A exposição brasileira-alemã) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiários -Comercio -A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
6	12 de julho de 1881	Terça-feira	153	-Editorial (A exposição brasileira-alemã IV) -Mala da Corte -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiários -A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
7	13 de julho	Quarta-	154	-Editorial (Negócios Militares)	-Noticiário	Anúncios	Anúncios	80 rs

	de 1881	feira		-Variedades -Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios			
8	14 de julho de 1881	Quinta-feira	155	-Editorial (Carta) -Variedades -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiários -A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
9	15 de julho de 1881	Sexta-feira	156	-Editorial (O tribunal da relação) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Parte Jurídica -A pedido -Comercio -Anúncios	Ilegível	Anúncios	80 rs
10	16 de julho de 1881	Sábado	157	-Editorial (Sessão Científica) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
11	17 de julho de 1881	Domingo	158	-Editorial (Sessão Científica) -Variedades -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
12	19 de julho de 1881	Terça-feira	159	-Editorial (Sessão Científica-fim) -Variedades -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
13	20 de julho de 1881	Quarta-feira	160	-Editorial (Literatura- Página sem nome) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Comércio -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
14	21 de julho de 1881	Quinta-feira	161	-Editorial (Negócios Militares) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Comércio -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
15	22 de julho de 1881	Sexta-feira	162	-Mala da Corte -Rio da Prata	-Comércio -A pedido	Anúncios	Anúncios	80 rs

				-Noticiário	-Anúncios			
16	23 de julho de 1881	Sábado	163	-Editorial (Higiene – O vinho como agente higiênico) -Variedade -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Comércio -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
17	24 de julho de 1881	Domingo	164	-Variedade -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Comércio -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
18	25 de julho de 1881	Terça-feira	165	-Editorial (Exposição brasileira-alemã V) -Seção Livre (Negócios militares IV) -Noticiário	-A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
19	27 de julho de 1881	Quarta-feira	166	-Editorial (Questões graves) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
20	28 de julho de 1881	Quinta-feira	167	-Editorial (Colaboração – Carta de Bartholomeu Polar) - Seção Livre (Negócios militares IV) -Mala da Corte -Noticiário	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
21	29 de julho de 1881	Sexta-feira	168	-Editorial (A exposição brasileira-alemã VI) -Noticiário -Folhetim (O Baile do Congresso)	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
22	30 de julho de 1881	Sábado	169	-Editorial (Descalabro) -Variedade -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
23	31 de julho	Domingo	170	-Editorial (Interrogação)	-Noticiário	Anúncios	Anúncios	80 rs

	de 1881			-Variedade -Farpas -Folhetim (Cartas públicas a redação da imprensa I)	-A pedido -Anúncios			
24	2 de agosto de 1881	Terça-feira	171	-Editorial (Prado Rio-Grandense) -Variedade -Farpas -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
25	3 de agosto de 1881	Quarta-feira	172	-Editorial (Exposição brasileira-Alemã) -Variedade -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
26	4 de agosto de 1881	Quinta-feira	173	-Editorial (Instrução Publica) -Colaboração (Carta) -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
27	5 de agosto de 1881	Sexta-feira	174	-Editorial (Exposição brasileira-Alemã VIII) -Seção Livre (Negócios militares VI) -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
28	6 de agosto de 1881	Sábado	175	-Editorial (Instrução Publica) -Variedade (O balão Gabriel) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
29	7 de agosto de 1881	Domingo	176	-Variedade (Cinco dedos da mão – Conto Árabe) -Noticiário -Folhetim (Cartas públicas à redação da Imprensa)	-A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
30	9 de agosto	Terça-	177	-Editorial (A nossa municipalidade)	-Noticiário	Anúncios	Anúncios	80 rs

	de 1881	feira		-Mala da corte -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Anúncios			
31	10 de agosto de 1881	Quarta-feira	178	-Editorial (Colaboração - Instrução Publica) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
32	11 de agosto de 1881	Quinta-feira	179	-Editorial (Colaboração - Carta) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
33	12 de agosto de 1881	Sexta-feira	180	-Editorial (Mendicidade) -Literatura -Mala da Corte -Telegramas -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
34	13 de agosto de 1881	Sábado	181	-Editorial (Biblioteca pública) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
35	14 de agosto de 1881	Domingo	182	-Notícias da Europa -Variedade -Literatura -Folhetim (Cartas públicas à redação da Imprensa III)	-Noticiário -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
36	17 de agosto de 1881	Quarta-feira	183	-Editorial (Colaboração – Batalha de 16 de Agosto no Campo Grande) -Notícias da Europa -Variedade	-Noticiário -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
37	18 de agosto de 1881	Quinta-feira	184	-Editorial (O povo) -Literatura (Emigração e 23 de maio de 1881)	-Noticiário -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs

				-Variedade				
38	19 de agosto de 1881	Sexta-feira	185	-Editorial (Ao público) -Literatura e história (O marques de Pombal e sua administração política) -Variedade -Noticiário	-A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
39	20 de agosto de 1881	Sábado	186	-Editorial (Um candidato republicano) -Literatura -Variedade -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
40	21 de agosto de 1881	Domingo	187	- Variedade (O espelho) -Literatura -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
41	23 de agosto de 1881	Terça-feira	188	-Mala da corte -Rio da Prata -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
42	24 de agosto de 1881	Quarta-feira	189	-Editorial (Exposição brasileira-Alemã) -Rio da Prata -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
43	25 de agosto de 1881	Quinta-feira	190	-Editorial (O povo) -Mala da corte -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
44	26 de agosto de 1881	Sexta-feira	191	-Editorial (Colaboração – Também há grandes que são como os reis) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
45	27 de agosto	Sábado	192	-Editorial (Ainda a exposição)	-Edital	Anúncios	Anúncios	80 rs

	de 1881			-Higiene pratica -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios			
46	28 de agosto de 1881	Domingo	193	-Editorial (Variedade – O Agrião) -Literatura (Parnazo) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
47	30 de agosto de 1881	Terça-feira	194	-Editorial (Economia doméstica – Batata doce) -Variedade (Pai, mãe e filhos) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
48	31 de agosto de 1881	Quarta-feira	195	-Editorial (Colaboração – A colônia Silveira Marins) -Economia doméstica (O inhame) -Literatura (Tu és...) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
49	1 de setembro 1881	Quinta-feira	196	-Mala da corte -Telegramas -Pacífico -Rio da Prata -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
50	2 de setembro 1881	Sexta-feira	197	-Editorial (Ensino normal) -Literatura e História -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
51	3 de	Sábado	198	-Editorial (A nossa polícia)	-Edital	Anúncios	Anúncios	80 rs

	setembro 1881			-Variedade (A mãe de família) -Higiene geral (Crescimento) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios			
52	4 de setembro 1881	Domingo	199	-Editorial (Uma tradução) -Seção científica (Leis científicas do desenvolvimento das nações) -Variedade (A mãe de família) -Literatura (O leito nupcial) -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
53	6 de setembro 1881	Terça- feira	200	-Mala da corte -Notícias Estrangeiras – Situação política da Europa (Gazeta de Notícias) -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
54	7 de setembro 1881	Quarta- feira	201	-Editorial (Sete de Setembro) -Soneto (7 de Setembro) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
55	10 de setembro 1881	Sábado	202	-Editorial (A colonização Italiana 1) -Telegramas -Mala da corte -Rio da Prata	-Noticiário -A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
56	11 de setembro 1881	Domingo	203	-Editorial (Colaboração – Amigo Apelles Porto Alegre) -Variedade (Os cadáveres) -Higiene Prática (Como se deve aplicar o permanganato de potássio contra o veneno das cobras - circular)	-Noticiário -A pedido -Editais	Anúncios	Anúncios	80 rs

				-Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios			
57	13 de setembro 1881	Terça-feira	204	-Editorial (A colonização Italiana II) -Buarque de Macedo -Higiene Prática (Como se deve aplicar o permanganato de potássio contra o veneno das cobras – circular - conclusão) -Mala da corte	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
58	14 de setembro 1881	Quarta-feira	205	-Literatura (Cantiga para adormecer) -Mãe e Filho -Os perfumes -Mosaico -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
59	15 de setembro 1881	Quinta-feira	206	-Editorial (Fornecimento de Livros) -Correspondência (Cachoeira, 11 de Setembro de 1881) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Telegramas -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
60	16 de setembro 1881	Sexta-feira	207	-Editorial (A colonização Italiana III) -Literatura (O hospede) - Rio de Janeiro -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
61	17 de setembro 1881	Sábado	208	-Editorial (Um livro útil) -Variedade (Os anuncios) -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Editais	Anúncios	Anúncios	80 rs
62	18 de setembro	Domingo	209	-Editorial (Santa Casa de Misericórdia) -Literatura (Segredo) - (Sonetos) – (Modinha)	-Mosaico -Noticiário	Anúncios	Anúncios	80 rs

	1881			-Seção judiciaria -Variedade (Os anúncios) -Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios			
63	20 de setembro 1881	Terça-feira	210	-Editorial (Vinte de Setembro) -Declaração (Aos eleitores do 1º círculo) -Mala da corte -Noticiário	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
64	21 de setembro 1881	Quarta-feira	211	-Editorial - Colaboração (Rio Grande, 18(?) de Setembro de 1881 – Ilm.º. Sr. Appelles Porto Alegre) -Declaração (Aos eleitores do 1º círculo) -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
65	22 de setembro 1881	Quinta-feira	212	-Editorial - Declaração (Aos eleitores do 1º círculo) -Variedade (Preceito acerca de dormir) -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
66	23 de setembro 1881	Sexta-feira	213	-Editorial - Declaração (Aos eleitores do 1º círculo) -A Imprensa – Os republicanos de S. Paulo - O programa dos candidatos I -Folhetim (Noites Amenas)	-Telegramas -Noticiário -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
67	24 de setembro 1881	Sábado	214	-Editorial - Declaração (Aos eleitores do 1º círculo) -A Imprensa – Os republicanos de S. Paulo – Descentralização II -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
68	25 de	Domingo	215	-Editorial - Declaração (Aos eleitores do 1º	-Telegramas	Anúncios	Anúncios	80 rs

	setembro 1881			circulo) -A Imprensa – Os republicanos de S. Paulo – Descentralização II – Instrução Pública III -Mala da corte	-Noticiário -Editais -Anúncios			
69	27 de setembro 1881	Terça- feira	216	-Editorial - Declaração (Aos eleitores do 1º circulo) -Seção Judiciária audiência em 24 de setembro de 1881. -Noticiário -Folhetim (Do Baile do 'Congresso Familiar')	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
70	28 de setembro 1881	Quarta- feira	217	-Editorial - Declaração (Aos eleitores do 1º circulo) -A Imprensa – Os republicanos de S. Paulo – Liberdade de consciência e de cultos IV -Noticiário	-A pedido -Noticiário -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
71	29 de setembro 1881	Quinta- feira	218	-Editorial - Declaração (Aos eleitores do 1º circulo) -A Imprensa – Os republicanos de S. Paulo – A Transformação do Trabalho agrícola V -Mosaico -Folhetim (Cartas para a corte I – Meu caro e saudosos Franklin)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
72	30 de setembro 1881	Sexta- feira	219	-Editorial - Declaração (Aos eleitores do 1º circulo) -A Imprensa – Os republicanos de S. Paulo – Locação de serviços VI – Capitães para a lavoura VII -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -A pedido -Editais	Anúncios	Anúncios	80 rs

					-Anúncios			
73	1 de outubro de 1881	Sábado	220	-Editorial - Declaração (Aos eleitores do 1º círculo) -A Imprensa – Os republicanos de S. Paulo – Capitães para lavoura VII – continuação – Cidadão VIII -Rio da Prata -Pacífico	-Noticiário -A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
74	2 de outubro de 1881	Domingo	221	-Os republicanos de S. Paulo – Da naturalização e direito do cidadão VIII – continuação – A libertação dos escravos IX -Mala da corte -Seção Judiciária -Noticiário	-A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
75	4 de outubro de 1881	Terça-feira	222	-Editorial – Como se escreve a história! -Exposição brasileira-alemã -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
76	5 de outubro de 1881	Quarta-feira	223	-Editorial – O Sr. Henrique d'Avila e o 3º districto eleitoral -Os republicanos de S. Paulo – A Libertação dos Escravos IX -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
77	6 de outubro de 1881	Quinta-feira	224	- Editorial – Exposição alemã com dinheiro brasileiro -Mosaico -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
78	7 de outubro	Sexta-	225	- Editorial – Os republicanos de S. Paulo	-Editais	Anúncios	Anúncios	80 rs

	de 1881	feira		-Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios			
79	8 de outubro de 1881	Sábado	226	-Editorial – Política norte-americana -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
80	9 de outubro de 1881	Domingo	227	-Editorial – Colaboração – Resumo da philosophia positiva -Mala da Corte -Telegramas -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
81	11 de outubro de 1881	Terça-feira	228	-Editorial – Os republicanos de S. Paulo -Colaboração – Resumo da philosophia positiva -Secção teatral (Marianna eu a vivandeira) -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
82	12 de outubro de 1881	Quarta-feira	229	-Editorial – Colaboração – Resumo da philosophia positiva -Mala da Côrte -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
83	13 de outubro de 1881	Quinta-feira	230	-Editorial – Os republicanos de S. Paulo -Telegramas -Folhetim (Noites Amenas)	-Secção teatral -Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
84	14 de outubro de 1881	Sexta-feira	231	-Editorial – Os republicanos de S. Paulo -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
85	15 de	Sábado	232	-Editorial – Telegrama	-Noticiário	Anúncios	Anúncios	80 rs

	outubro de 1881			-Secção teatral -Secção livre -Folhetim (Noites Amenas)	-Anúncios			
86	16 de outubro de 1881	Domingo	233	-Editorial – Casa para a tesouraria -Secção Litteraria (O Sonno da Innocencia) – (Adeus) -Higiene prática (O café) -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
87	18 de outubro de 1881	Terça-feira	234	-Editorial – Telegramas -Secção teatral -Mala da corte -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
88	19 de outubro de 1881	Quarta-feira	235	-Editorial – Telegramas -Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
89	20 de outubro de 1881	Quinta-feira	236	-Editorial – Formas de governo -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
90	21 de outubro de 1881	Sexta-feira	237	-Editorial – Eleições I -Províncias do Norte -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
91	22 de outubro de 1881	Sábado	238	-Editorial – Eleições II -Higiene Geral -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
92	23 de outubro de 1881	Domingo	239	-Editorial – Eleições II -Secção Litteraria (Rosa Murcha) – (Adeus) – (Juras) -Higiene prática (O café)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs

					-Variedade -Folhetim (Noites Amenas)				
93	25 outubro 1881	de de	Terça- feira	240	-Editorial – Mala da corte -Secção teatral -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
94	26 outubro 1881	de de	Quarta- feira	241	-Editorial – Eleições – Aviso ao eleitorado -Secção teatral -Telegramas -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
95	27 outubro 1881	de de	Quinta- feira	242	-Editorial – Eleições – Aviso ao eleitorado -Eleições III -Mosaico -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
96	28 outubro 1881	de de	Sexta- feira	243	-Editorial – Eleições – Aviso ao eleitorado -Noticiário -Folhetim (O baile do Congresso)	-A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
97	29 outubro 1881	de de	Sábado	244	-Editorial – Eleições – Aviso ao eleitorado -De mal a pior -Secção teatral -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
98	30 outubro 1881	de de	Domingo	245	-Editorial – Eleições – Aviso ao eleitorado -O dia de amanhã -Eleições IV -A ideia marcha -Folhetim (Carta ao amigo Alvaro de Magalhães)	-Noticiário -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
99	1	de	Terça-	246	-Editorial –Noticiário	-A pedido	Anúncios	Anúncios	80 rs

	novembro de 1881	feira		-Folhetim (Noites Amenas)	-Editais -Anúncios			
100	4 de novembro de 1881	Sexta- feira	247	-Editorial – Baladronadas I -Telegrama -Mala da corte -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
101	5 de novembro de 1881	Sábado	248	-Editorial – Telegrama -Variedade -Secção teatral -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
102	6 de novembro de 1881	Domingo	249	-Editorial – Baladronadas II -Províncias do norte -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
103	7 de novembro de 1881	Terça- feira	250	-Editorial – Baladronadas III -Secção teatral -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
104	9 de novembro de 1881	Quarta- feira	251	-Editorial – Baladronadas IV -Rio da Prata -Telegramas	-Noticiário -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
105	10 de novembro de 1881	Quinta- feira	252	-Editorial – Coisas políticas I -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
106	11 de novembro de 1881	Sexta- feira	253	-Editorial – Transcrição – Tratado de limites entre o Chile e a República Argentina. -Mala da corte -Telegramas	-Noticiário -A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
107	12 de	Sábado	254	-Editorial – Coisas políticas II	-Edital	Anúncios	Anúncios	80 rs

	novembro de 1881			-Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedidos -Anúncios			
108	13 de novembro de 1881	Domingo	255	-Editorial – Transcrição – Higiene da primeira infância -Variedade -Noticiário	-Edital -A pedidos -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
109	15 de novembro de 1881	Terça- feira	256	-Editorial –Literatura e artes – O pó e o ar -Variedade -Secção Judiciaria -Noticiário	-A pedidos -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
110	16 de novembro de 1881	Quarta- feira	257	-Editorial – Asilo de mendigos -Rio da Prata -Telegramas -Noticiário	-A pedidos -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
111	17 de novembro de 1881	Quinta- feira	258	-Editorial – Telegramas -Mosaico -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedidos -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
112	18 de novembro de 1881	Sexta- feira	259	-Editorial – Salubridade -Mala da corte -Noticiário -Folhetim (Noites Amenas)	-A pedidos -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
113	19 de novembro de 1881	Sábado	260	-Editorial – Mala da corte -Secção teatral -Telegramas -Folhetim (Noites Amenas)	-Noticiário -A pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
114	20 de novembro	Domingo	261	-Editorial – Circular do partido republicano de S. Gabriel	-A pedido	Anúncios	Anúncios	80 rs

	de 1881			-Variedade -Literatura (A virgem) -Noticiário	-Edital -Anúncios			
115	22 de novembro de 1881	Terça-feira	262	-Editorial – Variedade -Mosaico -Secção judiciaria -Noticiário	-A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
116	23 de novembro de 1881	Quarta-feira	263	-Editorial – Variedade -Noticiário	-A pedidos -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
117	24 de novembro de 1881	Quinta-feira	264	-Editorial – Higiene geral – A fome e a sede -Noticiário	-A pedidos -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
118	25 de novembro de 1881	Sexta-feira	265	-Editorial –A cidade -Secção judiciaria -Noticiário -A pedidos	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
119	26 de novembro de 1881	Sábado	266	-Editorial – Mala da corte -Telegramas -Noticiário -A pedidos	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
120	27 de novembro de 1881	Domingo	267	-Editorial – Rio da Prata -Telegramas -Noticiário	-A pedidos -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
121	29 de novembro de 1881	Terça-feira	268	-Editorial – Colaboração – (Companhia de bondes) -Noticiário	-A pedidos -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs
122	30 de novembro	Quarta-feira	269	-Editorial – Secção judiciaria -Noticiário	-A pedidos -Anúncios	Anúncios	Anúncios	80 rs

	de 1881			-Folhetim (Noites Amenas)				
123	1 de dezembro de 1881	Quinta-feira	270	-Editorial – A Imprensa -Noticiário -A pedido	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
124	2 de dezembro de 1881	Sexta-feira	271	-Editorial – 2 de Dezembro -Mala de corte -Telegramas	-Secção judiciaria -Noticiário -A Pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
125	4 de dezembro de 1881	Domingo	272	-Editorial – A Imprensa -Noticiário -Folhetim – Minha Exma. comadre	-A Pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
126	6 de dezembro de 1881	Terça-feira	273	-Editorial – Miscelânea -Noticiário	-A Pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
127	7 de dezembro de 1881	Quarta-feira	274	-Editorial – Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
128	8 de dezembro de 1881	Quinta-feira	275	-Editorial – Transcrição – Perigos da eletricidade -Mosaico -Literatura (Ave Maria) – (Idyllio) -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
129	10 de dezembro de 1881	Sábado	276	-Editorial –Mala da corte -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
130	11 de dezembro de 1881	Domingo	277	-Editorial – Rio da prata -Mala de corte -Telegramas	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs

				-Secção judiciaria -Noticiário				
131	13 de dezembro de 1881	Terça-feira	278	-Editorial – O pleito eleitoral -Noticiário	-A Pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
132	14 de dezembro de 1881	Quarta-feira	279	-Editorial – Variedade (A má esposa) -Noticiário	-A Pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
133	15 de dezembro de 1881	Quinta-feira	280	-Editorial – Escola normal -Mala de corte -Rio da Prata	-Noticiário -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
134	16 de dezembro de 1881	Sexta-feira	281	-Editorial – Exposição brasileira-alemã -Variedade -Miscelânea -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
135	17 de dezembro de 1881	Sábado	282	-Editorial – Á Câmara -Correspondência	-Noticiário -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
136	18 de dezembro de 1881	Domingo	283	-Editorial – Colaboração (Banco Mauá e Comp.) -Mala da corte -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
137	20 de dezembro de 1881	Terça-feira	284	-Editorial – Ao Sr. Chefe de policia -Mala da corte -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
138	21 de dezembro	Quarta-feira	285	-Editorial – Reunião republicana -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs

	de 1881							
139	22 de dezembro de 1881	Quinta-feira	286	-Editorial – A monarquia -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
140	23 de dezembro de 1881	Sexta-feira	287	-Editorial – Congresso republicano -Noticiário	-Variedade -A Pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
141	24 de dezembro de 1881	Sábado	288	-Editorial – Congresso republicano (Circular) -Variedade -Noticiário	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
142	25 de dezembro de 1881	Domingo	289	-Editorial – Vinte e cinco de Dezembro -Correspondência -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
143	27 de dezembro de 1881	Terça-feira	289	-Editorial – Mala de corte -Telegramas -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
144	28 de dezembro de 1881	Quarta-feira	29[0]	-Editorial – A monarquia -Noticiário	-Miscelânea -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
145	29 de dezembro de 1881	Quinta-feira	292	-Editorial – Colonização I -Noticiário	-A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
146	30 de dezembro de 1881	Sexta-feira	293	-Editorial – A monarquia III -Variedade -Noticiário	-A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
147	31 de dezembro de 1881	Sábado	294	-Editorial – Educação -Noticiário	-Miscelânea -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
148	1 de janeiro	Domingo	1	-Editorial – O novo ano	-Noticiário	Anúncios	Anúncios	200rs

	de 1882			-Rio da Prata -Telegramas -Literatura -Folhetim (A pedido) Manythings	-Anúncios			
149	3 de janeiro de 1882	Terça-feira	2	-Editorial – Santa Casa -Mala da corte -Rio da Prata -Pacífico -Telegramas	-Noticiário -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
150	4 de janeiro de 1882	Quarta-feira	3	-Editorial – Seção útil (Higiene da primeira infância) -Variedade -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
151	5 de janeiro de 1882	Quinta-feira	4	-Editorial – A lavoura e o parlamento -Literatura -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
152	6 de janeiro de 1882	Sexta-feira	5	-Editorial – O desfrutável -Literatura -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
153	8 de janeiro de 1882	Domingo	6	-Editorial – A emigração -Colaboração – praça Azevedo -Noticiário	-A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
154	10 de janeiro de 1882	Terça-feira	7	-Editorial – Os colonos -Províncias do Norte -Noticiário	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
155	12 de janeiro de 1882	Quinta-feira	9	-Editorial – Telegramas -Mala da corte -Noticiário	-A Pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs

				-Miscelânea				
156	13 de janeiro de 1882	Sexta-feira	10	-Editorial – colaboração (A edilidade) -Correspondência -Noticiário	-A Pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
157	14 de janeiro de 1882	Sábado	11	-Editorial – Atualidade -França -Noticiário	-A Pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
158	15 de janeiro de 1882	Domingo	12	-Editorial – Literatura (Mozart e Maria Antonietta) -Noticiário	-A Pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
159	17 de janeiro de 1882	Terça-feira	14	-Editorial – Atualidade II -Variedade -Miscelânea -Noticiário	-A Pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
160	18 de janeiro de 1882	Quarta-feira	15	-Editorial – Correspondência -Telegramas -Rio da Prata -Noticiário	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
161	19 de janeiro de 1882	Sexta-feira	16	-Editorial – Parlamento (Falta do trono) -Literatura (O rio) -Noticiário	-Miscelânea -A Pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
162	20 de janeiro de 1882	Sexta-feira	17	-Editorial – Telegramas -Mala da corte -Noticiário	-Miscelânea -A Pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
163	21 de janeiro de 1882	Sábado	18	Editorial – colaboração (Emigração) -Noticiário	-A Pedido -Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
164	22 de janeiro	Domingo	19	-Editorial – Os republicanos de Itaqui	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs

	de 1882			-Noticiário -A Pedidos				
165	24 de janeiro de 1882	Terça-feira	20	-Editorial – Nas regiões polares (Novas explorações) -Variedade -Noticiário	-A Pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
166	25 de janeiro de 1882	Quarta-feira	21	-Editorial – Transcrição (Borneo – A nova colônia de Inglaterra) -Miscelânea -Noticiário	-A Pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
167	26 de janeiro de 1882	Quinta-feira	22	-Editorial – Transcrição (Venda de crianças) – (Nosso mercado monetário) -Noticiário	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
168	27 de janeiro de 1882	Sexta-feira	23	-Editorial – O ministério -Telegramas -Rio da Prata -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
169	28 de janeiro de 1882	Sábado	24	-Editorial –Transcrição -Noticiário	-Edital -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
170	29 de janeiro de 1882	Domingo	25	-Editorial – Colonização -Variedade -Noticiário	-Miscelânea -Comércio -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
171	31 de janeiro de 1882	Terça-feira	26	-Editorial – Correspondência -Noticiário	-A Pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
172	1 de fevereiro de 1882	Quarta-feira	27	-Editorial – A Imprensa -Variedade -Noticiário	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
173	2 de	Quinta-	28	-Editorial – A monarquia e a república	-Avisos			200rs

	fevereiro de 1882	feira		-Literatura (Íntima) -Noticiário	-A pedido -Anúncios			
174	4 de fevereiro de 1882	Sábado	29	-Editorial – Mala da corte -Europa -Telegramas	-Noticiário -A Pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
175	5 de fevereiro de 1882	Quinta-feira	30	-Editorial -Literatura – (Adeus) -Variedade -Noticiário	-A Pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
176	7 de fevereiro de 1882	Terça-feira	31	-Editorial – Banquete republicano -Noticiário	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
177	8 de fevereiro de 1882	Quarta-feira	32	-Editorial -Noticiário	-A Pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
178	9 de fevereiro de 1882	Quinta-feira	33	-Editorial – Questões sociais -Transcrição -Variedade -Noticiário	-Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
179	10 de fevereiro de 1882	Sexta-feira	34	-Editorial – Questões sociais II -Literatura -Seção judiciária -Noticiário	-A Pedido -Anúncios -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
180	11 de fevereiro de 1882	Sábado	35	-Editorial -Baquete republicano	-Noticiário -A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs

181	12 de fevereiro de 1882	Domingo	36	-Editorial – Baquete republicano -Literatura -Noticiário	-Variedade -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
182	14 de fevereiro de 1882	Terça-feira	37	-Editorial – Transcrição (O partido liberal) -Noticiário	-Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
183	15 de fevereiro de 1882	Quarta-feira	38	-Editorial – Correspondência -Noticiário	-A pedido -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
184	5 de julho de 1881	Terça-feira	147	-Editorial (Praça das carretas)	-Noticiário	Anúncios	Anúncios	80 rs
185	28 de fevereiro de 1882	Terça-feira	47	-Editorial – Venâncio Aires -Mala da corte -Noticiário -Folhetim (Distribuição de prêmios no palácio da indústria)	-A pedido -Editais -Anúncios	Anúncios	Anúncios	200rs
186	5 de março de 1882	Domingo	52	-Editorial – Ao público -Folhetim (Aventuras extraordinárias do Capitão Ilusino I)	-Noticiário -Editais -Seção poética -Anúncios -Folhetim (O crime de Mattos Lobo)			200rs
187	9 de abril de 1882	Domingo	61	-Editorial – A canoa como epílogo -Folhetim (Aventuras extraordinárias do Capitão Ilusino I)	-Colaboração - Correspondência -Noticiário			200rs
188	16 de abril	Domingo	63	-Editorial – [?] ao Exm. Sr. Presidente da	-Transcrição (Os			200rs

	de 1882			provincia -Rio da Prata -Literatura	partidos monárquicos e o republicano) -Noticiário			
189	8 de maio de 1882	Segunda-feira	69	-Editorial – Preito à memória do grande estadista português Marques de Pombal – primeiro centenário	-Noticiário			200rs
190	21 de maio de 1882	Domingo	73	-Editorial – Ordenados de professores -Transcrição (Congresso pedagógico de Buenos Aires) -Folhetim (O crime de Atos Lobo)	-Literatura -Variedade -Noticiário	A Pedidos Anúncios	Anúncios	200rs
191	25 de maio de 1882	Quinta-feira	74	-Editorial – Ao público -Centenário do Marques de Pombal (Discurso de Apelles Porto Alegre) -Folhetim (O crime de Atos Lobo)	-Literatura -Noticiário	A Pedidos Anúncios	Anúncios	200rs

Fonte: Jornal *A Imprensa*, acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
Quadro elaborado pela autora.

Anexo

Anexo A - Documento de solicitação de retirada do inventário de Apelles José Gomes Porto
Alegre do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

137F

MUNICÍPIO DE Torto Alegre **CADASTRADO**

AUTOS DE Inventário por falecimento de Apelles José Gomes Torto Alegre, sendo Inventariante:

CARTÓRIO DE 3º Civil e Comércio

N.º 350 M_{CO} 9 E_{te} 3 A_{NO} 1.9/7

Retirado em 17 de julho de 19 79

Pedido de Dr. Jansen Truin, Juiz de Dir. da 3ª Tam. Sue. (substituto)

Para o fim de ser devolvido remetido a 3ª Tam. Sue.

Aqui protocolado sob nº 1758.
Glacitrates.

Devolvido em de de 19

CX-004.139

137F

Mod. 24